

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Evandro Figueiredo Candido

A Memória não se rende: exílio, testemunho e sobrevivência em Herbert Daniel, Mónica
Echeverría e Carmen Castillo

Belo Horizonte

2023

Evandro Figueiredo Candido

A Memória não se rende: exílio, testemunho e sobrevivência em Herbert Daniel, Mónica Echeverría e Carmen Castillo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras: Estudos Literários

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora: Prof. Dra. Haydée Ribeiro Coelho

Belo Horizonte
2023

C217m

Cândido, Evandro Figueiredo.

A memória não se rende [manuscrito] : exílio, testemunho e sobrevivência em Herbert Daniel, Mónica Echeverría e Carmen Castillo / Evandro Figueiredo Cândido. – 2023.

1 recurso online (244 f. : il., p&b.) : pdf.

Orientadora: Haydée Ribeiro Coelho.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 237-244.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Daniel, Herbert, 1946-1992. – Passagem para o próximo sonho – Crítica e interpretação – Teses. 2. Echeverría, Mónica. – Santiago-Paris: el vuelo de la memória – Crítica e interpretação – Teses. 3. Castillo E., Carmen (Castillo Echeverría), 1945- – Santiago-Paris: el vuelo de la memória – Crítica e interpretação – Teses. 4. Literatura comparada – Brasileira e chilena – Teses. 5. Literatura comparada – Chilena e brasileira – Teses. 6. Memória na literatura – Teses. 7. Exílio na literatura – Teses. 8. Literatura e sociedade – Teses. 9. Política e literatura – Teses. 10. Mulheres e literatura – Teses. I. Coelho, Haydée Ribeiro, II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 809



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese intitulada *A Memória não se rende: exílio, testemunho e sobrevivência em Herbert Daniel, Mónica Echeverría e Carmen Castillo*, de autoria do Doutorando EVANDRO FIGUEIREDO CANDIDO, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Doutorado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Haydée Ribeiro Coelho - FALE/UFMG - Orientadora

Profa. Dra. Sara del Carmen Rojo de la Rosa - FALE/UFMG

Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre - FALE/UFMG

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira - UFU

Prof. Dr. João Barreto da Fonseca - UFSJ

Belo Horizonte, 1º de setembro de 2023



Documento assinado eletronicamente por **Haydee Ribeiro Coelho, Presidente de comissão**, em 02/09/2023, às 12:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Gustavo de Souza Oliveira, Usuário Externo**, em 03/09/2023, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Sara Del Carmen Rojo de La Rosa, Professora do Magistério Superior**, em 04/09/2023, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio Alexandre, Professor do Magistério Superior**, em 04/09/2023, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **João Barreto da Fonseca, Usuário Externo**, em 10/09/2023, às 22:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2589607** e o código CRC **53F64858**.

AGRADECIMENTOS

Ao programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, pela acolhida e oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

A minha orientadora, Haydée Ribeiro Coelho pelas leituras atentas e sugestões certeiras e, sobretudo, pelo carinho, que tornou todo esse processo muito mais ameno.

Aos meus professores da Universidade Federal de São João del-Rei, cujos incentivos e ensinamentos alimentaram meus estudos de Mestrado e me impulsionaram para o Doutorado. Em especial, agradeço à professora Suely Quintana, cujas indicações constituíram-se em diretrizes para essa pesquisa; aos professores João Barreto da Fonseca, Maria Ângela de Araújo Resende, Deborah Castro e Luiz Manoel, verdadeiras inspirações ao longo de minha trajetória.

Agradeço, ainda, aos meus pais, seu Kita e dona Zezé, pelo apoio incondicional; à Bia, companheira de todas as horas, cujos conselhos sempre me ajudaram a manter o máximo de equilíbrio; à Taciane, pelas conversas nas horas vagas do trabalho e partilha das angústias; à Christiane pela torcida e amizade; enfim, a todos e todas que, de uma forma ou de outra, participaram desse processo.

“Não há pior desterro do que aquele que se vive no meio
duma gente que fala uma língua que parece ser a nossa”

Herbert Daniel.

.....

“Não há um exílio a descrever, há tantos exílios quanto
exilados e dentro do exílio de cada um encontramos vários.

Carmen Castillo.

.....

“Costumo tentar elevar a voz, porque é preciso gritar para
não esquecer uma época na qual nosso povo tem ainda
pouca informação. Não quero ‘apagar’ nenhum passado.
Quero, pelo contrário, falar muito dele, para esclarecer um
dos mais terríveis momentos da história do país. Não sou eu
quem quer esquecer, são os torturadores”.

Herbert Daniel.

RESUMO

Esta tese fundamenta-se em *Passagem para o próximo sonho* (1982), de Herbert Daniel e em *Santiago-París: el vuelo de la memoria* (2002a; 2002b), de Mónica Echeverría e Carmen Castillo que remetem ao período das ditaduras brasileira e chilena, ocorridas, respectivamente, em meados dos anos sessenta e nos anos setenta. Tem como objetivo central estudar a memória, o testemunho e as sobrevivências no exílio e no pós-exílio. Para seu desenvolvimento, o texto foi organizado em cinco capítulos. No primeiro, trato de *Passagem para o próximo Sonho*, abordando o exílio e seus vários aspectos. Destaco a trajetória de Herbert Daniel, desde os tempos da clandestinidade, passando pelo exílio em Paris, até sua volta difícil, que aponta também para uma conturbada transição democrática no Brasil. Para o enfoque dos aspectos assinalados, valho-me das seguintes referências bibliográficas: Edward Said (2003); Denise Rollemberg (1999); Georges Didi-Huberman (2014); James Green (2018); e Paul Ricœur (2007). No segundo capítulo, com base em *Santiago-París: el vuelo de la memoria*, enfoco as experiências, desafios e resistências cotidianas de Mónica Echeverría e Carmen Castillo desde a infância até a fase adulta, em um itinerário de vida no qual elas deveriam figurar como “rainhas do lar”. As contribuições de Judith Butler (2012), Guacira Lopes Louro (2008), Richard Miskolci (2013), Tania Swain (2001), Marilda Ionta (2004), Mary del Priori (2011) e Fernando Ainsa (1997) foram importantes para o diálogo entre os temas estudados e as perspectivas teórico-críticas sobre eles. No capítulo seguinte, no contexto do golpe civil-militar e da implantação da ditadura chilena, estudo as estratégias de resistência de Mónica Echeverría e Carmen Castillo e suas contribuições em meio à clandestinidade. Heraldito Muñoz (2010); José Maria Rabêlo (2001); Darcy Ribeiro (2012), além de Grínor Rojo (2016) e Susel Oliveira da Rosa (2013) ajudaram-me a elucidar os caminhos percorridos nessa parte da tese. No quarto capítulo, ocupo-me da trajetória de Mónica Echeverría e Carmen Castillo fora do Chile e seus respectivos retornos difíceis, marcados pelas mudanças do país devido ao regime ditatorial. Para a compreensão do cenário do pós-exílio e da pertinência do testemunho para a construção democrática, recorro aos textos dos autores: Didi-Huberman (2002), Beatriz Sarlo (2006), Márcio Seligmann-Silva (2003) e Jeanne Marie Gagnebin (2003). No capítulo final da tese, confronto as narrativas estudadas, com vistas a promover um diálogo entre essas memórias e refletir sobre as reinterpretações da história. Serão considerados aspectos como a heterogeneidade da experiência do exílio, a solidão, os retornos difíceis, bem como o olhar dos autores em relação à política e à resistência.

Palavras-chave: exílio; memória; América latina; ditaduras; sobrevivência.

ABSTRACT

This research is based on *Passagem para o próximo Sonho* (1982), by Herbert Daniel, and *Santiago-París: el vuelo de la memoria* (2002a; 2002b), by Mónica Echeverría and Carmen Castillo. Both refer to Brazilian and Chilean dictatorships, respectively in the 60s and 70s. The main objective is to study the memory, the testimony and survival in both exile and post-exile. In order to develop this research, we organized this text in five chapters. The first chapter studies *Passagem para o próximo Sonho*, considering the exile and its several aspects. It highlights Herbert Daniel's trajectory, since the days of clandestinity, going through his exile in Paris, up to his difficult return, that also points to a troubled democratic transition in Brazil. Considering this approach, the chapter uses the following references: Edward Said (2003); Denise Rollemberg (1999); Georges Didi-Huberman (2014); James Green (2018); and Paul Ricœur (2007). The second chapter, based on *Santiago-París: el vuelo de la memoria*, focus on the experiences, challenges and daily resistances of Mónica Echeverría e Carmen Castillo since the childhood up to the adulthood, in a life path in which they should figure as "queens of the house". Contributions from Judith Butler (2012), Guacira Lopes Louro (2008), Richard Miskolci (2013), Tania Swain (2001), Marilda Ionta (2004), Mary del Priori (2011) and Fernando Ainsa (1997) were important for the dialog between the approached subjects and the theoretical and critical perspectives about them. The following chapter analyzes the context of the military coup in Chile and the implementation of the Chilean dictatorship. It studies Mónica Echeverría and Carmen Castillo's resistance strategies and their contributions in the scope of clandestinity. Heraldo Muñoz (2010); José Maria Rabêlo (2001); Darcy Ribeiro (2012), além de Grínor Rojo (2016) e Susel Oliveira da Rosa (2013) were important to clarify the paths followed in this thesis. In the fourth chapter, we focus on Mónica Echeverría and Carmen Castillo 's path out of Chile and their difficult returns, marked by the country' s changes due to the dictatorial regime. In order to understand the post-exile scenario, and the persistence of the testimony, to construct a democracy, the authors: Didi-Huberman (2002), Beatriz Sarlo (2006), Márcio Seligmann-Silva (2003) and Jeanne Marie Gagnebin (2003) were important. The final chapter confronts the narratives, aiming to promote a dialog between these memories and to reflect about reinterpretations of history. For this section, we regard aspects such as: heterogeneity of exile, the solitude, the difficult returns, as well as the author's views about politics and resistance.

Keywords: exile; memory; Latin america; dictatorships; survival.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 OS EXÍLIOS DE HERBERT DANIEL	22
1.1 Vingar, verbo intransitivo: o parto de um porvir	22
1.2 A dinâmica da sobrevivência: <i>aquilo que aparece apesar de tudo</i>	32
1.3 Os anos do psiu, pssuspeita: silenciamentos e solidões	50
1.4 Ser homossexual, um exílio	54
1.5 “Voagens” fora da terra do Brasil	67
1.6 “Voagem” para a terra do Brasil: a angústia do retorno	76
1.7 O acerto de contos nos intervalos do real: o espaço fabular	80
2 MÓNICA ECHEVERRÍA E CARMEN CASTILLO: ENTRE CORTES E EXÍLIOS ...	85
2.1 Tempos idos e narrados	85
2.1.1 Mónica Echeverría e a cordilheira da infância	85
2.1.2 Carmen Castillo e o espaço imaginário: “sou apenas melancolia”	93
2.2 O desafio das rainhas: entre interditos e resistências	98
2.2.1 Mónica Echeverría: as crônicas de um destino anunciado	98
2.2.2 Carmen Castillo e a amizade: entre transgressões e interditos	112
3 A DITADURA CHILENA: PERSPECTIVAS EM CONFRONTO	119
3.1 Um onze de setembro para se lembrar: “vá e conte nossa história ao mundo”	119
3.2 A trajetória de Alfonso: possível metáfora para o Chile	123
3.3 Vozes femininas: trânsitos e testemunhos	135
3.4 O “grito dos vencidos” e o caminho para o exílio	145
4 TRAGÉDIAS, EXÍLIOS E PÓS-EXÍLIO	156
4.1 A viúva heroica: silêncios, luto e protesto	156
4.2 Paris-Santiago: truncados retornos	171

4.3 Testemunhar é preciso... e apesar de tudo	180
5 ENTRE VOOS E PASSAGENS: EXÍLIOS E MEMÓRIAS QUE NÃO SE RENDEM	192
5.1 “Tintas carregadas”(?): entre diálogos e autocríticas	192
5.2 Passados e futuros: entre o individual e o coletivo	198
5.3 As dinâmicas da sobrevivência	201
5.4 Exílios heterogêneos	206
5.5 Solidão, política e silenciamentos	214
5.6 Os retornos difíceis	219
5.7 Passagens e voos da memória: entre encontros, decepções e possibilidades	226
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	233
REFERÊNCIAS	237

INTRODUÇÃO

Para situar o percurso desta tese, reporto-me, inicialmente, a alguns caminhos de minha trajetória acadêmica. Em 2018, defendi a dissertação de mestrado intitulada “Sobreviver ao próprio Espanto: escrita, memória e história em Isabel Allende”, na Faculdade de Letras, na Universidade Federal de São João del-Rei. O estudo teve como enfoque a ditadura chilena de Pinochet, com base em *La Casa de los espíritus* (2006). A proposta foi abordar, a partir da narrativa, tanto o olhar da narradora sobre as fontes históricas da família quanto o caráter testemunhal, posto que a protagonista foi encarcerada e torturada pelo regime vigente. Destaquei o testemunho escrito como elemento fundamental para a sobrevivência e as possibilidades de novas significações. Já em minha formação anterior, em História, pela Universidade Federal de Viçosa, abordei, no trabalho de conclusão de curso, a construção do mito dos bandeirantes e da ideia de uma democracia racial a partir do livro de poemas *Martim Cererê* (1928) do poeta Cassiano Ricardo. Demonstrei, ainda, a relação entre a obra e alguns elementos da ideologia política de Getúlio Vargas, no Brasil, entre 1930 e 1945. Sob certos aspectos, esta tese dá continuidade aos estudos anteriores, tendo em vista as relações entre política, memória, história e regimes de exceção.

A inserção das questões assinaladas, na área de Literatura Comparada, no Doutorado, no entanto, suscitou a necessidade de desenvolver confrontos entre textos literários que focalizaram momentos históricos semelhantes como aqueles relacionados às ditaduras no Brasil e no Chile, na segunda metade do século XX. Os acontecimentos, que desencadearam o exílio de brasileiros e chilenos, tiveram como origem o golpe civil-militar, ocorrido em 1964 no Brasil e, depois, no Chile, em 1973.

Contextualmente, nas décadas de sessenta e setenta, destacam-se tanto os avanços do socialismo quanto do capitalismo. Em *As Américas e a Civilização* (2007)¹, Darcy Ribeiro mostra que a experiência socialista funcionava em lugares em que o capitalismo fracassara, de forma que, para as nações em desenvolvimento, a velocidade do crescimento industrial dos países socialistas tornou-se um atrativo.

Ao analisar o exílio de Mário Pedrosa, no Chile, Luiza Mader Paladino (2021) assinalou que a Revolução cubana, ocorrida em 1959, levou os Estados Unidos a alterarem

¹ A primeira edição brasileira é de 1970, Civilização Brasileira. Para esta pesquisa, utilizo a edição de 2007.

sua política externa em relação aos países vizinhos, de forma a neutralizar incidências revolucionárias. A partir da eleição de Salvador Allende no Chile, com base no reforço do significado de soberania e a promoção da autonomia política no território nacional, a experiência chilena se tornou uma ameaça, pois seu efeito de imitação de Cuba poderia se espalhar para os demais países (PALADINO, 2021).

No cenário brasileiro, o historiador Caio Navarro de Toledo (2004) ressaltou que o golpe de 1964 foi contra as reformas de base e contra a democracia e que houve a interrupção de uma “incipiente democracia política burguesa nascida em 1945, com a derrubada da ditadura do Estado Novo” (TOLEDO, 2004, p. 14). Na mesma direção, Florestan Fernandes (1980), em *Brasil, em compasso de espera*, afirmou que o golpe civil-militar de 1964 buscou impedir a transição de uma democracia restrita para uma mais ampla, processo este que representava o aumento do espaço político para vários setores das classes trabalhadoras.

Tendo em vista o contexto descrito, nesta tese, abordarei aspectos atinentes ao exílio e respectivas memórias. Para tratar da memória, é preciso retomar o significado do exílio. De acordo com Edward Said, o exílio representa uma “dor separadora da mutilação” (SAID, 2003, p. 46), na qual os sujeitos, afastados de seu lugar de origem, assumem importantes posições. Atentar para as experiências de corte e separação e, ao mesmo tempo, para as posturas assumidas pelos exilados é fundamental para se compreender não apenas as ditaduras, mas a trajetória democrática.

Em um estudo sobre exílio brasileiro, sob uma perspectiva histórica, Denise Rollemberg, em *Raízes e Radares* (1999), demonstra que o exílio não representa apenas espaço de corte, perda ou dor, mas também a possibilidade de ressignificações e recomeços. Maria José de Queiroz, em *Os Males da ausência* (1998), ao abordar as mais diversas experiências de exilados, ao longo da história, evidencia o exílio como um evento diverso, no qual figuram tanto a punição, a separação, a perda e as angústias até a superação ou mesmo a glória.

Para Renato Franco (2003), em um estudo sobre as respostas da literatura à ditadura civil-militar nos anos 1970, há uma nova onda de catástrofes que, após a Segunda Guerra Mundial, atinge a América Latina em forma de ditaduras. Houve, no entanto, pessoas que procuraram resistir ao autoritarismo. Colocando suas próprias vidas em risco, muitos formaram grupos militantes, cujas vozes e ações faziam frente ao autoritarismo instaurado. Muitos desses sujeitos, no espaço do exílio ou mesmo após a volta, produziram memórias,

que, posteriormente, foram publicadas em livros. Tais memórias, a partir dessas experiências no exílio, são fundamentais.

Segundo Beatriz Sarlo (2007), memória e testemunho tornam-se um dever após a ditadura civil-militar. O testemunho, por exemplo, possibilitou a condenação do terrorismo de estado na Argentina; “a ideia do ‘nunca mais’ se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita” (SARLO, 2007, p. 20). Nota-se a importância das memórias de sujeitos cujas trajetórias foram marcadas pelo autoritarismo e para os quais uma das consequências foi o exílio. Nesse sentido, a retomada de memórias de autores latino-americanos permite revisar, por meio da leitura de seus textos, aspectos do passado que não podem ser abandonados, permitindo repensar a própria história.

Na atualidade, tais estudos mostram-se cada vez mais relevantes, conforme se constata no livro *Sobre o Autoritarismo brasileiro* (2018), de Lilia Moritz Schwarcz. A autora observa que o passado autoritário, escravocrata, colonialista e patriarcalista do Brasil não foi devidamente confrontado. Por esse motivo, tais elementos tendem a reaparecer de maneira mais incisiva: “sob a forma de governos autoritários, os quais, de tempos em tempos, comparecem na cena política brasileira” (SCHWARCZ, 2019, p. 224).

Tendo em vista a representação da ditadura brasileira na literatura, Eurídice Figueiredo, em *A Literatura como Arquivo da Ditadura* (2017) salienta que “o país se recusa e enfrentar o seu passado, a rever os crimes cometidos, a expor as atrocidades perpetradas por um regime de exceção” (FIGUEIREDO, 2017, p. 26). Um dos efeitos disso foi a recusa, em 2010, pelo Supremo Tribunal Federal, de revisar os crimes cometidos por agentes ditatoriais devido à anistia. A não confrontação com o passado deixa questões históricas em aberto mantendo aceso o sofrimento dos familiares das vítimas que convivem com a impunidade. Como essa questão não se limita ao Brasil, é relevante o confronto entre memórias que dialogam, de forma coletiva, em termos de América Latina e de maneira particular, considerando textos que narram trajetórias individuais.

As produções literárias de ex-exilados políticos, na América Latina, permanecem relevantes no cenário atual. A ascensão da extrema direita, as exclusões que aprofundam as desigualdades, episódios frequentes de machismo, homofobia, misoginia e racismo, o retorno de imagens de regimes ditatoriais, os negacionismos e relativizações da violência, além das solicitações por intervenção militar em 2022 e os ataques ao Congresso Nacional brasileiro, em oito de janeiro de 2023, são efeitos de um passado pouco confrontado. É por

isso que as vozes dos exilados que, apesar de tudo, não se renderam, continuam ecoando. Ouvi-las, interpretá-las e aproximá-las é fundamental não apenas para a necessária revisão do passado histórico, mas para o esboço de um futuro em que as catástrofes do passado não ganhem lugar. Nesse sentido, a proposta desta tese consiste em aproximar autores do Brasil e do Chile que tratam de experiências de exilados, tendo em vista tanto as dinâmicas da sobrevivência quanto às questões de gênero e sexualidade, fundamentais para o debate político, e histórias particulares frente ao cenário político dos anos 1960 e 1970.

Diante do exposto, tomo como objeto de estudo os livros *Passagem para o próximo sonho*, do brasileiro Herbert Daniel (1982), e *Santiago-París: el vuelo de la memoria* (na edição em francês: *Santiago-París: le vol de la mémoire*), das chilenas Mónica Echeverría e Carmen Castillo (2002a; 2002b)².

Passagem para o próximo sonho (1982) (de agora em diante referido como *Passagem*) foi publicado em 1982, pouco depois do retorno de Herbert Daniel do exílio em Paris. Entre sua partida do Brasil, em 1974, até seu conturbado retorno, há um longo caminho de experiências, dificuldades e aprendizados. Escrita no contexto do exílio, *Passagem* representa, acima de tudo, um gesto, nas palavras do próprio autor, “autocrítico”. Mais do que isso, o texto é colocado como um “possível romance autocrítico” e não se dedica apenas às vivências “fora das terras do Brasil”, mas também a passagens no âmbito da militância política em que imperam tensões, fugas e deslocamentos. Herbert Daniel, ex-estudante de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, atuou na luta armada no final dos anos 1960, integrando organizações como POLOP (Organização Revolucionária Marxista Política Operária), COLINA (Comando de Libertação Nacional), VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e a Var-Palmares – fusão do COLINA e VPR –, todos grupos de luta armada contra a ditadura civil-militar brasileira, fundamentados no marxismo e de viés revolucionário.

Exilado em Paris, em 1974, foi o último a retornar ao Brasil, em 1981, sendo sua condenação associada aos assaltos, roubos de carros e sequestros de embaixadores (QUINTANA, 2018). Ele pertence ao que Denise Rollemberg (1999) define como a “geração de 68” dos exilados, que se volta não mais para os ideais de um mundo pré-1964, mas para a construção de uma nova ordem mediante a luta armada. É no contexto de Paris,

² Os textos de Mónica Echeverría e Carmen Castillo foram, respectivamente, escritos em espanhol e francês. Por esse motivo, optei por utilizar duas edições, em ambas as línguas, voltando-me para os idiomas originais em que os textos foram produzidos. Traduzi as citações diretas, que estão presentes no corpo desta tese. Em notas de rodapé, aparecem os trechos de *Santiago-París* em seus idiomas originais.

trabalhando no vestiário de uma sauna masculina, que o jovem escreve boa parte de suas memórias. O livro *Passagem* é marcado por reflexões sobre seus tempos de clandestinidade no Brasil, as ações de sequestros de embaixadores e questões relativas à homossexualidade e sua estada na capital parisiense.

Santiago-París: el vuelo de la memoria (2002), publicado em 2002 por Mónica Echeverría e Carmen Castillo (respectivamente, mãe e filha), traz a trajetória de duas mulheres da elite chilena imersas nos conflitos de suas respectivas gerações. Ambas descrevem suas experiências como exiladas por conta da ditadura chilena de 1973. O livro é um esforço de reconstruir uma história familiar. Os capítulos trazem a fala de Mónica Echeverría, seguida pela palavra de Carmen Castillo, posta em itálico. As autoras narram eventos particulares, traduzidos na dinâmica de uma família aristocrática, e fatos de maior alcance, como a modernização do Chile e as sucessões presidenciais, bem como a Segunda Guerra Mundial, o golpe civil-militar em 11 de setembro de 1973 e suas consequências. Vê-se, portanto, trajetórias individuais e familiares paralelas às conjunturas do Chile e ao cenário internacional ao longo do século XX.

Especificamente sobre a obra de Herbert Daniel há, no Brasil, algumas produções críticas. Pode-se destacar a análise de Suely Quintana (2018), presente em *Modos de Arquivo* (RIBEIRO e AMORIM, 2018). A autora pensa o corpo como um arquivo que traz marcas de repressão sexual e política, advindas tanto da esquerda quanto da direita. O estudo abrange ainda as relações entre o poder ditatorial e o das militâncias no que tange à regulamentação da sexualidade, além dos embates envolvidos no entendimento de Herbert Daniel a respeito de sua homossexualidade, o que converge com meu estudo.

A tese de Leandro Soares da Silva, intitulada “A Ficção do eu e o outro na literatura da homossexualidade” (2016) estuda como o relato de si constitui uma estratégia ficcional por meio da qual os sujeitos procuram adquirir alguma agência sobre suas subjetividades. Aborda quatro autores e como seus escritos estiveram envolvidos com formas de identificação relacionadas à homossexualidade. Dentre os autores focalizados, está presente Herbert Daniel. Embora se refira ao exílio, o tema central da tese é a homossexualidade.

Por sua vez, o artigo de Israel Pechstein, “Passagem para o próximo sonho de Herbert Daniel e seu lugar na literatura brasileira pós-regime militar” (2015) apresenta brevemente a vida do autor e seu contexto histórico. Embora a abordagem de *Passagem*

trate da memória e da sexualidade, o artigo visa a refletir sobre o lugar de Daniel no cânone literário pós-regime militar.

Outra análise intitulada “A narrativa desarmada de Herbert Daniel” (2014), de Felipe Areda, propõe investigar *Meu Corpo daria um romance* (1984) e como o texto apresenta o corpo como um terreno tradutório por meio do qual se desconstroem mecanismos epistemológicos de homofobia. *Passagem para o próximo sonho* é também abordado por Denise Rollemberg, em *Exílio: raízes e radares* (1999). No entanto, a análise não se centra em Herbert Daniel, citando-o apenas a título de exemplificação, no âmbito das diversas dimensões do exílio.

Nesse sentido, as pesquisas, a respeito de Herbert Daniel, trazem como temas recorrentes a homossexualidade e o combate do autor à homofobia. A presente tese, embora considere as contribuições dos estudos supracitados, visa a focalizar, na escrita de *Passagem*, marcas de múltiplos exílios. A contribuição aqui pretendida diz respeito à análise dos jogos e deslocamentos de linguagem os quais são possibilitadores de experiências do exílio. Considerarei os vários exílios como enfoque e a homossexualidade como um de seus elementos determinantes.

No que tange à produção acerca do exílio chileno, considera-se *Crítica del exilio: ensayos sobre literatura latinoamericana actual* (1989), de Grínor Rojo. O livro compreende seis ensaios que examinam textos latino-americanos, tanto literários quanto historiográficos, em seus contextos históricos e políticos. Nesse sentido, a produção literária é concebida como um trabalho socialmente determinado, o que envolve tanto a produção em si quanto a reprodução, isto é, a reiteração da obra publicada por meio de outras análises.

Especificamente sobre Mónica Echeverría e Carmen Castillo, ressalta-se o trabalho de Diego Avaria (2015) que analisa a contribuição dos exilados para o retorno do Chile à democracia. De caráter histórico, apesar de se referir a *Santiago-París*, não se detém sobre o livro, atentando para o esforço dos exilados, em geral, na manutenção da vigilância para o cumprimento dos direitos humanos.

A pesquisa de Veronica Stange (2022) refere-se à Carmen Castillo e à produção do documentário “*Márcia Merino: vidas y muertes de una mujer chilena*”. O estudo se concentra na temática da traição de Márcia Merino abordando, a partir do escritor Primo Levi, o conceito de “zona paradoxal” sem, no entanto, refletir a respeito do exílio.

Por sua vez, o artigo *Testimonio, subjetividad y lenguajes femeninos en contextos de violencia política en América Latina* (2015), de Martha Herrera e Carol Bedoya, propõe compreender como a violência política e o terrorismo de Estado modularam a cultura política na América Latina. Para tanto, traz as produções da argentina Pilar Calvero, da colombiana Vera Grabe e da chilena Carmen Castillo, procurando elucidar como se configuram as subjetividades de mulheres pertencentes às organizações políticas de esquerda. O artigo se centra, sobretudo, no testemunho dessas mulheres a respeito da violência ditatorial, sem, no entanto, abordar o exílio, tema sobre o qual a presente tese se propõe a discutir. Embora cite *Santiago-París*, o faz apenas se referindo a Carmen Castillo, sem uma análise a respeito de Mónica Echeverría.

Já Sara Ross, em *La memoria intergeneracional dialogante en el relato de filiación chileno* (2016), traz um estudo sobre *Santiago-París* procurando contextualizar a memória intergeracional e o diálogo entre pais e filhos. Indaga como as memórias dos pais se mesclam com as dos filhos em um jogo de vozes narrativas distintas. A análise se centra na trajetória familiar no Chile sem, no entanto, um enfoque no exílio das autoras.

Os estudos mencionados têm como foco a ditadura chilena, a violência e o autoritarismo. Esta tese, por sua vez, abordará *Santiago-París*, na ótica dos múltiplos exílios existentes não somente no contexto ditatorial, mas antes dele, traduzido em questões de gênero. A partir do diálogo entre mãe e filha, focalizarei as várias percepções do exílio e seus diversos efeitos sobre as pessoas, a depender de suas trajetórias e condições. Destacarei também o jogo entre memória e esquecimento e os conflitos entre mãe e filha.

Além disso, colocarei em confronto as narrativas selecionadas, com base nos temas: ditadura, exílio, memória e o retorno aos respectivos países de origem. Na reinterpretação das vivências, os textos reforçam o debate político em um momento em que o passado parece esquecido, sobretudo no Brasil, tendo em vista os anos de bolsonarismo.

Assim sendo, o objetivo geral desta tese é estudar a memória, o testemunho e as sobrevivências no exílio e no pós-exílio. Com base nas interlocuções entre os autores, compreenderei as variadas facetas do exílio como fato político e histórico no Brasil e em outros países da América Latina como no Chile, na segunda metade do século XX.

Com base nas observações anteriores, esta tese será composta de cinco capítulos. No primeiro, abordarei *Passagem para o próximo sonho* (1982), de Herbert Daniel, seguindo o caminho trilhado pelos capítulos da obra. Para tanto, considero tanto a

efervescência política dos anos 1960 e a ideia do Brasil como país pronto para uma revolução socialista quanto a atuação de Herbert Daniel na clandestinidade. Chamarei atenção para a “dinâmica da sobrevivência” que delinea o cotidiano solitário da luta armada de alguns setores militantes no Brasil. Ao mesmo tempo, levarei em conta a própria trajetória pessoal de Herbert Daniel, marcada por solidão em decorrência da homossexualidade, na medida em que tal condição, sob determinada perspectiva, parecia ser incompatível com a militância.

Considerando que questões de gênero e sexualidade são fundamentais para o debate político, a marginalização de Herbert Daniel representa uma forma de exílio. Tal situação terá continuidade durante toda sua vivência em Paris, até mesmo em seu processo de volta do exílio, atrasada por entraves burocráticos. Um dos argumentos desta tese é que a forma da narrativa, na medida em que lança mão de diversos artifícios, nos remete, igualmente, às várias experiências de exílio.

Para este capítulo, tomarei como aporte teórico *Sobrevivência dos Vaga-lumes* (2014), de Georges Didi-Huberman. O autor entende a sobrevivência como ressurgência. Utilizarei também as contribuições de Jeanne Marie Gagnebin (2006), (sobre a noção de rastros), de Paul Ricœur (2007) (memória manipulada) e José Maria Rabelo (2001) (sobre a experiência do exílio). Em relação às questões de gênero e sexualidade, citem-se Judith Butler (2012) e Guacira Lopes Louro (2008), que enfocam gênero e sexualidade como construções culturais. Especificamente, a respeito de gênero e militância, mencione-se Susel Oliveira da Rosa (2013).

Para o contexto ditatorial brasileiro, considerarei os estudos de José Murilo de Carvalho (2012), Lilia Moritz Schwarcz (2018), Daniel Aarão Reis Filho (2010), Ruy Braga e Alvaro Bianchi (2018) e Renato Franco (2003). Para estabelecer contraponto entre as narrativas do exílio, no cenário brasileiro, terei como fundamento a publicação de *Memórias do exílio* (1978), coletânea de memórias de exilados, organizada por Pedro Celso Uchôa e Jocelino Ramos. De modo específico, no que diz respeito a Herbert Daniel, usarei a biografia escrita pelo historiador James Green (2018) que apresenta maiores detalhes sobre a trajetória do escritor brasileiro.

O segundo capítulo focalizará *Santiago-París: el vuelo de la memoria* (2002a) e *Santiago-París: le vol de la mémoire* (2002b), versão francesa. O tema, a ser abordado, incidirá sobre as trajetórias das autoras desde a infância, na primeira metade do século XX, até os anos 1970, em uma sociedade marcadamente construída para homens. O capítulo

examinará como ambas constroem, no cotidiano, possibilidades de resistência a um itinerário de vida previamente concebido em que elas deveriam figurar como rainhas do lar.

O campo de atuação das duas escritoras, no entanto, contraria o previsto, conforme se constata em respectivas atividades políticas. A noção de utopia, estudada por Fernando Ainsa (1997), permite mostrar que, em Mónica Echeverría, tem-se uma certa idealização do passado que reforça o corte, posteriormente representado pelo exílio. No que se refere aos papéis femininos, destacarei os estudos de Richard Miskolci (2013), Tania Swain (2001), Marilda Ionta (2004) e Mary del Priori (2011).

Ao dar sequência à abordagem de *Santiago-París*, no terceiro capítulo, colocarei em destaque os anos setenta e o processo da tomada do poder pelas forças de Pinochet. São identificadas estratégias de resistência em meio às sombras da clandestinidade, uma vez que Mónica e Carmen contribuíram com a resistência à ditadura instaurada. Mostrarei que “o grito dos vencidos”, título de um dos capítulos, não representa uma derrota absoluta, mas sim a possibilidade de subversão a partir do “grito”. Simbolicamente, este se dá por meio da escrita que possibilita repensar a história. Nesse sentido, leva-se em conta a importância do testemunho em momentos de exceção. Para melhor compreender esse cenário, lançarei mão das reflexões de Heraldo Muñoz, em *A Sombra do Ditador* (2010), que apontam para a importância de se testemunhar esses eventos trágicos para o mundo. Igualmente relevantes são as contribuições de José Maria Rabêlo (2001), Darcy Ribeiro, com *Ensaio insólitos* (2012) e Grínor Rojo (2016), cuja interpretação do romance *Noturno no Chile*, de Roberto Bolaño, oferece um interessante panorama do cenário ditatorial chileno.

No quarto capítulo, tratarei da saída de Mónica Echeverría e Carmen Castillo do Chile, em 1974, e suas vivências fora do Chile, processo marcado por angústias e percalços. Além disso, observarei o contexto do pós-exílio, traduzido pelo retorno difícil, tanto por conta do cenário ditatorial e o não reconhecimento do país (caso de Mónica) quanto pelos eventos traumáticos que inviabilizam a volta (caso de Carmen). Considerarei, ainda, o cenário da pós-ditadura e a relevância do testemunho para a construção democrática.

Para este capítulo, no sentido de refletir sobre a resistência feminina, tomarei como base as contribuições de Georges Didi-Huberman (2002). Para contemplar a abordagem do testemunho e do dever do mesmo, no século XX, tomarei como referências críticas os textos Beatriz Sarlo (2006), Márcio Seligmann-Silva (2003) e Jeanne Marie Gagnebin (2003).

No quinto capítulo, confrontarei as narrativas estudadas, com vistas a promover um diálogo entre essas memórias e refletir sobre as reinterpretações da história. Serão considerados aspectos como a heterogeneidade da experiência do exílio, a solidão, os retornos difíceis e o olhar dos autores em relação à política e à resistência.

Para compreender o contexto da ditadura chilena, reportar-me-ei aos estudos de Clécio Ferreira Mendes (2012); Ricardo Mendes (2013); Heraldo Muñoz (2010); Luiza Mader Paladino (2021) e Silvia Sônia Simões (2012). O Chile e o exílio chileno serão referenciados também em *Memórias das mulheres do exílio*, organizado por Albertina Costa e Maria Teresa Moraes (1980). Reflexões sobre o questionamento da História como um saber absoluto (Nietzsche) e a literatura como arquivo (Eurídice Figueiredo) servirão para iluminar alguns dos caminhos dessa parte da tese.

A exposição geral sobre os capítulos e respectivos percursos teóricos e críticos implicam uma explicação sobre o título da tese que contém a expressão “*a memória não se rende*”. Ela advém de um capítulo de *Santiago-París: el vuelo de la memoria*, de Mónica e Echeverría e Carmen Castillo. Tal escolha traduz bem um presente histórico no qual a memória, sobretudo referente ao período ditatorial, encontra-se preterida. Sua não rendição torna-se condição *sine qua non* para o fortalecimento da democracia.

1 OS EXÍLIOS DE HERBERT DANIEL

1.1 Vingar, verbo intransitivo: o parto de um porvir

No livro *A cidadania no Brasil: o longo caminho* (2012), o historiador José Murilo de Carvalho procura rastrear, partindo de 1822, cento e setenta e oito anos da trajetória da cidadania no Brasil. Sobre o período da ditadura civil-militar, destaca três fases. A primeira, entre 1964 e 1968, corresponde ao governo do general Castelo Branco e ao primeiro ano de Costa e Silva. Caracteriza-se por uma intensa atividade repressiva com sinais de abrandamento. A economia foi marcada pelo combate à inflação, forte queda do salário mínimo e um pequeno crescimento.

A segunda fase, entre os últimos meses de 1968 e 1974, compreende, para o historiador: “os anos mais sombrios da história do país, do ponto de vista dos direitos civis e políticos” (CARVALHO, 2012, p. 157). Isso porque estiveram no poder os militares mais truculentos reunidos em torno do general Garrastazu Médici. Foi uma combinação de repressão política violenta, altos índices de crescimento econômico e salário ainda decrescente.

Já a terceira fase tem início em 1974, com a posse do general Ernesto Geisel, e se encerra em 1985, com a eleição indireta de Tancredo Neves. Nesse período, as leis de repressão são, aos poucos, revogadas e a voz da oposição aparece com força crescente.

Ao longo dos vinte e um anos de ditadura civil-militar, foram criados instrumentos legais de repressão:

Os instrumentos legais da repressão foram os "atos institucionais" editados pelos presidentes militares. O primeiro foi introduzido logo em 9 de abril de 1964 pelo general Castelo Branco. Por ele foram cassados os direitos políticos, pelo período de dez anos, de grande número de líderes políticos, sindicais e intelectuais e de militares. Além das cassações, foram também usados outros mecanismos, como a aposentadoria forçada de funcionários públicos civis e militares (CARVALHO, 2012, p. 160).

Os “atos institucionais” constituíram-se em formas de cerceamento dos direitos políticos. Depondo o governo de João Goulart, o golpe civil-militar de 1964 interrompeu o andamento de reformas sociais relevantes. Para este capítulo, considera-se o período de maior repressão, situado entre 1969 e 1974, sobre o qual as primeiras reflexões de Herbert Daniel, em *Passagem* (1982), dizem respeito.

Apesar do cenário repressivo, havia, ainda no final dos anos 1960, uma euforia da juventude, que concebia a possibilidade de transformações: “os anos 1960, principalmente

os últimos da década, borbulhavam de plena euforia e muita juventude” (DANIEL, 1982, p. 82). Assim tem início o capítulo “S.Ó.S”, referente a um momento de mudanças no campo das ideias. O ano era 1968. Nele, novas ideias e a sensação de uma transformação em curso povoavam o cotidiano, processo em curso também a nível internacional.

Esse contexto se insere em uma tendência mundial marcada sobretudo pelo Maio de 68. Ocorrido na França, representou o protagonismo das lutas sociais em que grupos como os dos operários passaram a ocupar o epicentro do processo histórico. Ocorrido na França, o movimento procurava contestar a acumulação capitalista por meio da ocupação das fábricas, representando, para a esquerda mundial, a viabilidade das revoluções no Ocidente. Estima-se uma cifra de cinco milhões de trabalhadores envolvidos na grande mobilização. Esse episódio converteu-se em mote para protestos em outros países, a exemplo da luta estudantil em Berkeley, na Califórnia, contra a guerra do Vietnã, passando por movimentos dos negros estadunidenses em prol da igualdade, até os protestos em Londres que conferiram força ao partido comunista (VARELA e DELLA SANTA, 2018).

É nesse clima que Herbert Daniel, na época estudante de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, se envolveria na luta armada contra a ditadura instaurada desde 1964. Devido à repressão ditatorial, muito cedo ele entraria para a clandestinidade. Em um contexto em que se apregoava a necessidade de ação, a luta armada tornou-se *modus operandi* de grupos que criticavam a esquerda da geração anterior, de 1964, tida como apática demais e incapaz de levar adiante a revolução.

Em *Exílio: raízes e radares*, Denise Rollemberg (1999) apresenta a heterogeneidade das experiências do exílio brasileiro no contexto da ditadura civil-militar. Para tanto, acentua que a geração de 1968 no Brasil é ainda marcada pela ditadura de 1964. Composta por militantes mais jovens, essa geração levou a cabo a luta armada, assaltos a bancos e sequestros de embaixadores. Ela pretendia não a restauração de um mundo pré-64, mas a construção de *novos tempos*. Como exilados, os principais destinos de seus membros foram, a princípio, a cidade de Santiago do Chile e, por fim, Paris.

Um documento intitulado “Concepção da Luta Revolucionária”, cuja autoria James Green (2018) deduz ser de Ângelo e Herbert (mentes mais teóricas do movimento), ratificava o posicionamento de que o Brasil estaria preparado para a revolução socialista. Era muito importante para os membros da *O.* (nome dado à organização da qual Herbert Daniel fazia parte) ver consolidada uma estrutura de sustentação para o movimento

revolucionário. Tal organização produzia textos teóricos sobre política e oferecia cursos sobre marxismo.

Em abril, o grupo fez uma conferência em Contagem-MG, que colocou em pauta discussões sobre a política no mundo e as tarefas do futuro. Novos e antigos integrantes foram reunidos. Para além da luta contra a ditadura local, o movimento representaria um combate ao imperialismo estadunidense e às estruturas latifundiárias do interior do Brasil. Numa época de exceção, eram perspectivas utópicas, todas modeladas pelas estratégias dos revolucionários cubanos, conforme Régis Debray e Che Guevara as interpretaram (GREEN, 2018).

Ao mesmo tempo, alimentados pela experiência em Cuba, os pressupostos teóricos eram endossados por eventos internos inesperados. Em dezesseis de abril de 1968, mil e seiscentos operários da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, de Contagem, interromperam a produção, exigindo aumento salarial de 25%. Era a resposta a uma anterior redução de salário dos funcionários. Três dias após a rejeição dos 10% de aumento propostos pelos proprietários, funcionários da Companhia Nacional de Energia Elétrica também paralisaram o trabalho. No dia seguinte, quatro mil e quinhentos profissionais da Mannesman, maior fábrica da região, procederam da mesma forma. Num efeito cascata, outras paralisações se seguiram, atingindo a cifra de quinze mil trabalhadores aderidos (GREEN, 2018).

Não demorou muito para que a demanda de 25% dos grevistas causasse confrontos com empregadores e com o Estado. Em 20 de abril, Jarbas Passarinho, ministro do trabalho, foi a Belo Horizonte para negociar diretamente com os trabalhadores. Seu argumento de que o salário pago era suficiente para o sustento das famílias foi mal recebido. Sem um acordo satisfatório, o ministro deixou a reunião com ameaças de medidas drásticas, caso o trabalho não retornasse de imediato. No dia seguinte, novas greves ganharam corpo. A resposta do governo federal foi o fechamento do sindicato, a prisão de vinte líderes e o envio de mil e quinhentas tropas para ocupar a capital mineira. Era o fim do movimento dos grevistas, que, no receio do desemprego, retornaram ao trabalho.

James Green (2018) interpreta este evento de 1968 (aliado à posterior paralisação de Osasco) como a:

intensificação da militância trabalhista, que levou muitos a se agarrarem à esperança de finalmente haver uma *onda revolucionária*. Contudo, na realidade, o movimento sindical em Belo Horizonte se retraía, adquirindo uma posição defensiva (GREEN, 2018, p. 83, grifos meus).

Os líderes organizadores da greve temiam perda de legitimidade; por isso, organizaram um comício para o dia primeiro de maio. Num momento otimista, avaliaram a greve e pediram sua continuidade. O tom dos discursos dava a sensação de mobilização dos trabalhadores. O comício, no entanto, se deparou com tropas prontas para impedir qualquer manifestação. Acusado de distribuir “literatura subversiva”, um estudante de Engenharia da UFMG foi preso. O caso deu origem a uma série de movimentos de ocupação que se espalharam pela UFMG e pela PUC-Minas.

Num desses movimentos, Herbert Daniel foi preso. Não era, no entanto, de conhecimento da polícia seu pertencimento a um grupo de luta armada chamado *O*. Por esse motivo, foi liberado no dia seguinte. Para James Green, “é provável que a prisão tenha fortalecido a convicção de Herbert de que a situação do país havia se polarizado e que as ações dos militantes eram justificadas” (GREEN, 2018, p. 85).

Assim, os pressupostos teóricos da *O*., a respeito da iminência da revolução, as greves de Contagem-MG e os movimentos estudantis na UFMG e na PUC-Minas davam a sensação de um furor político a ponto de explodir. O movimento local de Belo Horizonte ocorria em um contexto de protestos estudantis em todo o país. Para os que adotavam a perspectiva de que o Brasil passava por um movimento revolucionário, os caminhos pareciam se delinear, deixando clara a maturidade das condições para o desencadeamento da luta armada. É compreensível o entusiasmo de elucubrações teóricas ganhando corpo em manchetes de jornais. Conforme James Green (2018), Herbert Daniel deveria ter dormido pouco naquela primeira metade de 1968. De fato, todos os acontecimentos alimentavam a sensação de uma marcha segura, um caminho trilhado de *mãos dadas*, no aconchego da união.

Esse sentimento aparece no prefácio de *Passagem*, com o verbo *vingar*, utilizado não em seu sentido transitivo – vingar-se *de* alguém ou *de* alguma coisa –, mas em sua forma intransitiva, na acepção de “dar certo”, “funcionar”, como “planta que vinga e viceja” (DANIEL, 1982, p. 11). Esse “vingar”, em sua acepção intransitiva, compunha, portanto, boa parte das expectativas da revolução socialista e da luta armada, alimentadas pelos eventos supracitados.

Em *Era dos Extremos* (1995), Eric Hobsbawm observa que os chamados países de “terceiro mundo” tornavam-se, na segunda metade do século XX, “pilar central da esperança e fé dos que ainda acreditavam na revolução social” (HOBSBAWM, 1995, p. 424). Representante da grande maioria dos seres humanos, essa parte do globo, na qual

Herbert Daniel vivia como estudante de Medicina da UFMG, era como um vulcão em ponto de erupção. Da parte da esquerda, havia demandas para além de seguridade social e salários reais crescentes. No caso específico do Brasil, imerso num regime autoritário desde 1964, os ânimos de grupos da estirpe de Herbert Daniel viam-se cada vez mais exaltados.

Tratava-se, segundo Denise Rollemberg (1999), da geração de 1968, identificada com militantes mais jovens, de origem estudantil e que valorizavam a luta armada. Para eles, as referências são os eventos posteriores a 1964. Se, por um lado, há um desejo de mudanças em prol de uma sociedade mais justa, por outro, há os impactos intensos de memórias muito recentes, marcadas pela violência política, pela cassação de direitos e a suspensão dos princípios básicos da democracia. Enquanto a geração de 1964 interessava-se pela restauração de um mundo anterior ao golpe de 1º de abril, a de 68 desprezava essa experiência, desejando algo além, construído por meio da luta armada, talvez um “próximo sonho”. Eram esperanças renovadas, representadas pelo ano de 1968.

No fundo, um mundo em polvorosa. A música circulava de Liverpool a Belo Horizonte. Minas Gerais, por ser uma "província", abrigava uma inquietação que parecia maior, dada a sensação de atraso. Fazer alguma coisa era preciso... "a juventude fazia do universo um lugar único, onde cada qual era si mesmo e igual aos outros". Havia vozes que pareciam cantar em uníssono: "as grandes auroras adiadas estalavam na boca das cordilheiras que uniam a América num único e latino coração de transbordamentos" (DANIEL, 1982, p. 85). Era a ideia de integração latino-americana.

Essa perspectiva de um mundo que vingaria (mais uma vez, verbo intransitivo), de fato não se restringe ao Brasil. Em um documentário de Carmen Castillo, intitulado *La flaca Alejandra: vidas y muertes de una mujer chilena*³, encontra-se Carmen em companhia de Márcia Merino, ex-militante chilena dos anos 1970. Juntas, veem imagens de repressão, além de jovens em passeatas com faixas e clamores de protesto. Ao mesmo tempo, ambas conversam, deixando aflorar memórias sobre o Chile de 1974, tomado pela ditadura de Pinochet. Evidentemente, havia medo, mas, sobretudo, sentia-se a possibilidade de transformação, esse mesmo “pilar de esperança e fé” salientado por Hobsbawm (1995). Ao longo da conversa, Márcia Merino fala do “parto de um porvir”, a criação de um mundo melhor e de uma sociedade justa.

³ Para maiores informações, ver: <https://www.youtube.com/results?search_query=la+flaca+alejandra>. O caso de Márcia Merino, referente à abordagem da delação e do testemunho, será melhor explorado.

No início do documentário supracitado, Carmen Castillo, referindo-se ao Chile de 1972, narra esse momento de possibilidades. Há, de fato, uma sensação de segurança. Naquele momento, o país da Cordilheira dos Andes se torna um refúgio para exilados políticos, espaço de uma democracia vista como sólida. Tanto que, em *La Casa de los Espíritus* (2006), Isabel Allende, refere-se ao onze de setembro de 1973 como um evento a princípio percebido como passageiro. Supunha-se uma tomada temporária de poder pelos militares como medida de segurança, mas este mesmo poder logo seria devolvido ao povo.

No Brasil de 1968, os ares eram semelhantes no sentido de supor uma mudança e um estado de opressão política passageira, uma vez que o governo da situação em breve seria suprimido pelas forças sociais. Não é de se estranhar que toda a América Latina respirasse ares utópicos. O início do primeiro capítulo de *Passagem*, “SÓ”, joga com a conotação sexual do número “69”, atribuindo-lhe um caráter igualitário, uma “partilha democrática do prazer”, sem dominadores e dominados, ativos e passivos, em suma: uma sociedade diferente do que era visto até então, marcada pelas desigualdades. É esse o mesmo desejo sobre o qual conversam Carmen Castillo e Márcia Merino referindo-se ao Chile: o de uma sociedade menos desigual.

Na ótica de Herbert Daniel, 1969 deveria ser um ano “engraçado”, “cheio de malemolência, sessenta e nove”. Um ano que, “pelo menos por metáfora”, deveria “estimular encaixes” e “organizar contatos” acabou marcado por “castrações” (DANIEL, 1982, p. 15).

Os capítulos de *Passagem* trazem, ao longo de sua construção, a presença daquilo que o autor denomina “contos”. O primeiro deles trata do contexto de crença na força da esquerda e sua posterior derrocada (no fundo, segundo Herbert, um “erro de julgamento” do movimento). O conto está presente no capítulo “S.Ó.S”, com o indicativo de “estórias de bichos”⁴.

A cena descrita é um circo pauperizado numa cidadezinha igualmente empobrecida de Minas Gerais. O nome do estabelecimento é “Circo internacional Irmãos Guarazzi”, um possível eco de *Garrastazu Médiçi*. A narrativa apresenta um leão que não fingia a dor da fome diante da plateia que o assistia. Sua hora de comer se dava após o esvaziamento do circo. O domador, no entanto, vivia também faminto e cogitava comer o leão, subestimando a capacidade defensiva da fera. Ao mesmo tempo, avaliava “as consequências de comer seu próprio instrumento de trabalho”. Um dia, aconteceu de o leão

⁴ O termo “estória” é utilizado por Herbert Daniel na construção de *Passagem*.

comer o domador em público, "no melhor espetáculo que o circo jamais dera em sua pacata carreira". Ao final do conto, o narrador conclui que o domador, embora partisse de princípios corretos, falsificava a conjuntura: "não contando com todas as forças políticas em jogo. Era uma análise unilateral e metafísica" (DANIEL, 1982, p. 131).

O conto cria uma imagem dos erros de julgamento da geração de 1968 que percebeu a ditadura como enfraquecida. Da mesma forma que o domador subestima as forças do leão, a esquerda subestima as forças do regime. Ao não contar com todas as forças políticas em jogo, ignora, por exemplo, o apoio internacional ao governo da situação. José Maria Rabêlo (2001), por exemplo, destaca as hostilidades de Washington a Brasília, em 1962. Havia receio de que o Brasil, governado por Goulart, fosse integrado ao bloco soviético. Num crescente, a imprensa estadunidense aumentava sua hostilidade ao Brasil, visto como um problema tão grave quanto Cuba. Uma semana antes de sua morte, John Kennedy, falando em Miami, reafirmou a política intervencionista estadunidense em qualquer país com o fim de "impedir o estabelecimento de um regime ligado ao comunismo internacional" (RABÊLO, 2001, p. 52).

Pouco tempo depois, Richard Nixon afirmaria a proximidade do Brasil das mãos dos comunistas. Tem-se, portanto, com o apoio internacional, o crescimento cada vez maior das forças conservadoras, sobretudo com a promulgação do AI-5⁵. Mesmo diante de tantas evidências, havia, da parte da esquerda, uma sensação de força na verdade inexistente.

Aliado a isso, mantinha-se a noção de que o governo não permaneceria por muito tempo. Esse erro de percepção é evidenciado pelo conto de Herbert Daniel na ideia de uma "condição de circo", na qual se crê no inacreditável. Nessa condição, o público aplaude o que desconhece: "o público, como é seu dever, aplaude a própria ignorância. Circo só tem graça se a gente aceita acreditar no inacreditável. Enganar e enganar-se é a condição do circo" (DANIEL, 1982, p. 131).

Engano que incorre a resistência tanto na crença em sua capacidade de vencer o regime quanto em não contar com as forças de que o mesmo dispunha. A condição de circo, portanto, diz respeito não apenas a uma população que aceita uma ditadura (engana-se), ou mesmo as enganações do próprio regime ao trazer, por exemplo, dados falsificados como

⁵ Ato institucional nº 5 (1968-1978), baixado no governo Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura brasileira, dando poder de exceção aos governantes, a partir de então capazes de punir os inimigos do governo. Para mais detalhes, acessar: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>.

suporte para o "milagre brasileiro"; diz respeito ao próprio âmbito da esquerda, que, tal como o domador, acredita no inacreditável.

Parte de *Passagem* discorre sobre esse momento de transformações no Brasil e no mundo. O que mais sobressai, no entanto, é a temática do exílio. O subtítulo “um possível romance autocrítico sobre os exílios: do desterro na militância clandestina, do asilo europeu, do degredo na homossexualidade” sumariza seus percursos, marcados não apenas por um, mas por vários exílios que se acumulam. Assim como há vários exílios na experiência de um sujeito, há vários sujeitos, em vários momentos, que também experimentaram essa situação.

Com efeito, não há uma época isenta de indivíduos deslocados. São experiências presentes em narrativas clássicas, como *A Odisseia* e *Eneida*, atingindo personalidades imortalizadas pelo tempo, como Dante. O estudo de Maria José de Queiroz, intitulado *Os Males da Ausência: ou a literatura do exílio* (1998) aborda essas tantas personalidades de tempos tão diversos, desde o renegado Ovídio e o Cid Campeador, passando por Joachim du Bellay, Victor Hugo, Joyce e Alberti, até Nabokov e Conrad. Dentro de suas individualidades, cada um atribui à experiência diferentes significados, indo da sensação de injustiça de Dante ao exílio glorioso de Victor Hugo. O livro permite entrever as tantas respostas dadas aos mais variados exílios, deixando claro seu caráter heterogêneo. Um dos argumentos, a serem desenvolvidos por esta tese é de que o exílio não se restringe ao caráter geográfico, à saída do território nacional; diz respeito às mais diversas exclusões, sejam elas políticas ou mesmo por questões de gênero e de etnia.

Por se tratar de uma experiência tão recorrente na história (uma das primeiras narrativas bíblicas – a expulsão de Adão e Eva do paraíso – diz respeito a um exílio), o que haveria de diverso na situação de Herbert Daniel? *As Reflexões sobre o Exílio* (2003), de Edward Said, oferecem um importante aporte teórico para se pensar na questão. Como refugiado palestino do final do século XX, considera que a diferença entre os exilados de outrora e os contemporâneos está na quantidade de pessoas, atualmente muito maior. No entanto, o mais relevante para a presente reflexão não é o fator quantitativo, mas sim um dos motivos de tantos deslocamentos: os regimes ditatoriais, presentes nos países latino-americanos, nos quais a fuga se tornou condição de sobrevivência.

Inserido no âmbito dessas ditaduras, Herbert Daniel experimenta o exílio e o traduz em *Passagem para o próximo sonho*. Em muitos momentos, é surpreendido escrevendo em seu local de trabalho: uma sauna parisiense. Boa parte de suas elaborações foram feitas ali,

fisicamente distante do Brasil, temporalmente muito próximo do momento de sua escrita – trata-se do final dos anos setenta.

O próprio Herbert compreende a impossibilidade de se fazer um relato completo, um testemunho de acontecimento findo. “Se tudo aquilo são pedaços de vida idos e vividos, nem por isso deixa de ser *presente e indicativo*” (DANIEL, 1982, p. 31). A essa altura, trata dos fracassos da esquerda armada como parte da história, porém não pertencente a um passado encerrado, de interpretações fechadas. Por isso, afirma que seria má política fazer dos fracassos recentes uma história de participios. Em outras palavras, o passado se encontra aberto a ressignificações. Herbert Daniel é um intelectual que reflete, no exílio, sobre um passado que, de certa forma, funciona como um *indicativo* de possíveis ações futuras.

Segundo Edward Said (2003), o exílio representa uma condição para o intelectual. Este se encontra distante de seu país e na posição daquele que fala de fora da centralidade. Segundo essa perspectiva, quem fica em seu espaço de origem o tem como “certo” e “natural”. Esse lugar nunca arrancado do sujeito traz uma vivência pela perspectiva do hábito que, com o tempo, se cristaliza. Por sua vez, o exilado, por ter saído, percebe as pátrias como provisórias; atravessa fronteiras, rompendo barreiras de pensamento e experiência. Por conhecer mais de um lugar, promove contrapontos entre a terra natal e as demais. É a perspectiva “contrapontística”, uma pluralidade na visão, condição que, segundo Said (2003), proporciona um olhar de originalidade do exilado. Na condição de deslocado, evidenciam-se as contradições do local de origem.

Será essa a situação de Herbert Daniel. Intelectual exilado em Paris (aliás, o último a retornar), sua percepção ganhará contornos de que não dispunha nos tempos de clandestinidade no Brasil. Em outro lugar, passa a dispor de uma pluralidade de pensamento, em que novas vozes entram em cena, numa multiplicidade de pensamentos.

Ao mesmo tempo em que considera a originalidade da visão contrapontística, Said (2003) enfatiza os riscos, dentre eles a redução dos contrapontos a julgamentos ortodoxos. Em outras palavras: ao considerar sua trajetória em uma terra estrangeira, o exilado corre o risco de reduzir seus julgamentos aos de sua terra de origem, o que implicaria preconceitos. Além disso, a obra dos exilados se vê permeada por “tintas carregadas”, que resulta numa intransigência, grandes exageros, no sentido de obrigar o mundo a aceitar sua visão. Dessa forma, “os artistas do exílio são decididamente desagradáveis, e a teimosia se insinua até mesmo em suas obras mais elevadas” (SAID, 2003, p. 55).

Avento a hipótese de que esse não é o caso das tintas de Herbert Daniel. O caráter de possibilidade de sua narrativa – “possível romance autocrítico” –, os constantes jogos de palavras, o formato dos títulos, as tantas passagens – no texto – que fundem suas experiências à narrativa deixam não ideias gravadas imutáveis, mas sim possibilidades, (auto)críticas, pistas de passagem para algo por ele percebido como não descortinado e, ousar-se-ia dizer, até hoje indevassado⁶.

O próprio Herbert Daniel deixa claro esse desejo de indefinição num micro capítulo intitulado “Curto circuito”, no qual afirma que:

a hora ainda não chegou de autobiografias; preparemos hipóteses para *autocríticas*. Sobretudo evitar escrever memórias artificiais onde se prova, mesmo sem querer, que se tinha razão. *Não quero ter razão. Quero conservar a lucidez* (DANIEL, 1982, p. 35, grifos meus).

O *curto circuito* se encontra na quebra de expectativa apresentada pelo capítulo, ou seja, onde se esperam ideias inflexíveis, tem-se cautela; onde se aguarda intransigência, veem-se hipóteses; onde se procura por teimosia, encontram-se autocríticas; onde se esquadrinham verdades particulares, emerge o oposto: “não quero ter razão”. Onde, por fim, se aguarda intransigência, esboça-se o desejo de conservação da lucidez. A ausência de “memórias artificiais”, do tom “autobiográfico” que poderia conferir ao autor “tintas carregadas”, marca uma postura avessa a verdades definitivas.

Tais interpretações são confirmadas pela tese de Leandro Soares da Silva, intitulada *A Ficção do eu e o Outro na literatura da Homossexualidade* (2016), para a qual *Passagem* é um livro consciente de seu estatuto ficcional. Percebe, por exemplo, que a capa, a orelha e a contracapa permitem, a princípio, perceber o texto de um exilado e membro da luta armada. No entanto, “a narrativa aborta essas expectativas porque se recusa a ser uma ordenação organizada com uma voz representante da verdade da experiência” (SILVA, 2016, p. 139). Isso afasta a expectativa de qualquer verdade definitiva no texto.

Da mesma forma, nada, de fato, era definitivo naquele 1969 que muito prometia. Se, por um lado, a efervescência de ideias estimulava desejos de mudança, por outro, a

⁶ Sobre esse tema (o não enfrentamento do Brasil de suas questões passadas, a saber: escravidão, racismo, autoritarismo etc.), é contundente o estudo de Lilia Moritz Schwarcz: *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2018). Nele, a historiadora aponta elementos remanescentes na história do país, como mandonismo, corrupção, violência, desigualdades sociais etc. como resultantes desse não enfrentamento. A conclusão deixa claro um fim que é também um começo: todo um passado não enfrentado retorna, em forma de fantasma, para assombrar o presente.

sensação de que a ditadura estertorava trazia seus traços cômicos. As percepções sentiam uma ditadura incapaz de iniciativas, despida de mobilidade, simples brutalidade risível de generais ignorantes e carrancudos; no fundo: “taciturnos, estúpidos, semianalfabetos, relativamente ingênuos, infelizes vacas sagradas investindo cegamente contra as bandeiras vermelhas da revolução” (DANIEL, 1982, p. 82). Para os revolucionários, a ditadura não ia além de mero joguete imperialista. Entendiam aquela violência organizada como associada aos recursos finais de algo em agonia e às verdadeiras táticas resultantes do medo que os militares tinham do povo. James Green observa que: “de maneira mais geral, havia uma sensação crescente entre oponentes do regime de que a ditadura se enfraquecia” (GREEN, 2018, p. 85).

Greves simultâneas em lugares diversos, novas ideias atravessando o mundo, violências arbitrárias de um regime digno de galhofa, população preparada e temida por seu governo, teorias acerca da revolução cada vez mais confirmadas, tudo, enfim, como uma perfeita receita, levava à certeza de uma sociedade que *vingaria*. Estava, portanto, prenhe de mudanças, e o parto viria pelas mãos de jovens seguros de seus ideais.

Conforme destacado por José Murilo de Carvalho (2012), a partir de 1969, a que já me referi, a ditadura brasileira entra em seu período mais repressivo, em que são criados mecanismos de cerceamento dos direitos políticos, além do acirramento da censura. É nesse momento que Herbert Daniel, tal como muitas outras pessoas, entram na clandestinidade, um verdadeiro *intervalo*, que, na acepção de *Passagem*, representa também uma forma de exílio. Assim, esse primeiro exílio na clandestinidade é um corte nas esperanças acumuladas.

Com 1969, vieram também o AI-5 e suas castrações; com elas, a “dinâmica da sobrevivência”, por si só sintoma de uma derrota anunciada e, a princípio, não acreditada. O tópico seguinte observará essa dinâmica.

1.2 A dinâmica da sobrevivência: *aquilo que aparece apesar de tudo*

A leitura do sumário de *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2014), de Georges Didi-Huberman, exhibe as palavras-capítulos “infernos” (capítulo 1), “apocalipses” (capítulo 3) e “destruições” (capítulo 5) acompanhadas de pontos de interrogação. Não por acaso, esses capítulos trazem perspectivas pessimistas, em meandros aparentemente sem saída. O primeiro capítulo, “Infernos?”, dedica-se a verificar o pensamento do cineasta italiano

Paolo Pasolini, que, em 1975, num verdadeiro desespero político, atestou a continuidade do fascismo italiano. Ele não se referia, no entanto, ao poder de um partido dos anos 1930, ou mesmo ao carisma de um indivíduo que arrasta toda uma geração, mas sim à dominação presente no cotidiano e capaz de atingir a mente e os corpos dos indivíduos; algo contra o qual não se pode lutar, uma assimilação à vida burguesa (para o cineasta, um genocídio), traduzida nos palcos de televisão, nos shows políticos e nos estádios de futebol.

O resultado é a existência não mais de seres humanos, mas de “engenhocas que se jogam umas contra as outras”, fazendo de si próprias, de seus corpos, espaços de exibição. “O que ele [Pasolini] descreve como sendo o reino fascista é, portanto, um inferno realizado do qual ninguém mais escapa, ao qual nós todos estamos doravante condenados” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 39). Esse modo de pensar e agir teria dado espaço para a exclusão de alguns grupos como aqueles dos ‘vaga-lumes’ que, diante da ferocidade dos refletores, teriam desaparecido. Portanto, mais do que a continuidade de um regime contra o qual se deve lutar, Pasolini confirmava o desaparecimento dos sujeitos em condições de luta.

No terceiro capítulo, “Apocalipses?”, Didi-Huberman (2014) se volta para Giorgio Agamben e seu olhar sobre a expropriação da experiência do homem contemporâneo. Para o filósofo italiano, esse é um dado de que não se pode escapar. Em *Infância e História: destruição da experiência e origem da história* (2008), Agamben, a partir da constatação de Walter Benjamin acerca da incapacidade de transmitir experiências da Primeira Guerra Mundial, estende essa condição para a contemporaneidade. Conclui que: “nós hoje sabemos que, para a destruição da experiência, uma catástrofe não é de modo algum necessária, e que a pacífica existência cotidiana em uma grande cidade é, para esse fim, perfeitamente suficiente” (AGAMBEN, 2008, p. 21). Trata-se, portanto, da constatação de uma destruição, um “apocalipse”. Por fim, no quinto capítulo “Destruições?”, Didi-Huberman (2014) retoma a desaparecimento da experiência em Agamben como algo que torna insuportável a existência cotidiana, o que confirma a reflexão acerca da destruição e do apocalipse.

No entanto, após cada um desses capítulos em números ímpares, Didi-Huberman contrapõe outros em números pares (2, 4 e 6) que podem ser lidos como possíveis respostas aos anteriores, marcados pelo pessimismo. Os capítulos pares surgem como lampejos intermitentes de esperança e sobrevivência frente aos tantos apagamentos.

Talvez possamos resumir o livro das sobrevivências de Georges Didi-Huberman à expressão "apesar de tudo". Sua leitura é um conjunto de respostas às reflexões que pressupõem aniquilação: aos infernos – em que os conselheiros perversos se elevam à glória dos holofotes – responde-se com sobrevivências; aos apocalipses – o fim da experiência atestado por Giorgio Agamben –, contrapõem-se povos; às destruições, propõem-se imagens. A sequência dos capítulos parece encenar uma experiência de luzes e sombras, pessimismos e esperanças, apagamentos e lampejos, próprio dos vaga-lumes. Apesar de seus momentos de apagamento e aparente destruição, os vaga-lumes sobrevivem. Assim, a sobrevivência se mantém como insurgência, existe *apesar de tudo*, apesar dos infernos, dos apocalipses e das destruições.

Diante do pessimismo apocalíptico do cineasta italiano, Didi-Huberman argumenta que a atestação de continuidade da máquina totalitária não significa sua vitória definitiva. Ao mesmo tempo, o não avistar os vaga-lumes não implica seu desaparecimento. Há qualquer coisa de perda da capacidade analítica de Pasolini, que Huberman não hesita em associar à própria biografia do cineasta, a saber: o pouco sucesso de seus últimos filmes. Trata-se, aqui, da posição do observador, no caso de Pasolini, desfavorável para se enxergar os remanescentes vaga-lumes.

Aos apocalipses propostos por Agamben, Didi-Huberman contesta que a queda da experiência discutida por Benjamin *não* representa um desaparecimento definitivo:

Trata-se, portanto, da questão do “declínio” e não de desaparecimento efetuada: a palavra *Niedergang*, empregada - aqui como, frequentemente, em outros lugares - por Benjamin, significa a *descida progressiva*, o pôr do sol, o ocidente (isto é, um estado do sol que desaparece de nossas vistas, mas nem por isso deixa de *existir em outro lugar*, sob nossos passos, nos antípodas, com a possibilidade, o “recurso” de que ele *reapareça do outro lado*, no oriente) (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 123).

A nuance, percebida por Didi-Huberman, é que o *declínio* não implica *desaparecimento efetuada*, mas sim *movimento*. Por mais que se trate de uma descida progressiva, algo que desaparece de nossas vistas, ainda continua seu movimento nos *antípodas*, com a possibilidade de ressurgir em outro lugar.

A ideia de descida progressiva e posterior desaparecimento, fixada pela imagem do sol a caminho do ocaso e que desaparece do olhar do espectador, é relevante para minha argumentação na medida em que este sol não está extinto, mas passa a existir em outro lugar. Trata-se da condição do exilado: distante de seu ambiente de origem, ele desaparece

para não ser atingido; continua, no entanto, a se movimentar, para, em algum momento, reaparecer *do outro lado*. Didi-Huberman lembra ainda a situação de Walter Benjamin, "a vida de um judeu alemão 'sem recursos', em fuga perpétua diante de um cerco que se fechava em torno dele" (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 129). Ao mesmo tempo, atesta sua capacidade de organizar o próprio pessimismo por meio de imagens de pensamento como resposta a uma experiência em queda.

O endurecimento da ditadura civil-militar, no final dos anos 1960, ressuscitava as "destruições", "infernos" e "apocalipses". Para José Murilo de Carvalho, o início dos anos 1970 foi o mais repressivo. O ato institucional nº 5 foi "o que mais fundo atingiu direitos políticos e civis" (CARVALHO, 2001, p. 161). Em 1969, com o fechamento do congresso, o General Costa e Silva passou a governar ditatorialmente. Mandatos foram cassados, com a suspensão de direitos políticos de deputados e vereadores e a demissão sumária de funcionários públicos.

Com o infarto do general, ainda naquele ano, os militares impediram que Pedro Aleixo, um civil da extinta UDN (União Democrática Nacional), assumisse a presidência. Para tanto, uma junta militar assumiu e escolheu o general Garrastazu Médici. Em outubro de 1969, ele tomou posse, promulgando uma nova Constituição que incorporava os atos institucionais. As medidas mais repressivas atingiram, nesse momento, o ponto máximo. A pena de morte por fuzilamento, abolida após a proclamação da república, foi introduzida pela lei de segurança nacional. No início de 1970, estabeleceu-se a censura: "isto significava que qualquer publicação ou programa de rádio e televisão tinha que ser submetido aos censores do governo antes de ser levado ao público" (CARVALHO, 2001, p. 162). Era, portanto, o fim da liberdade de expressão, em prol da manutenção do regime instaurado.

Sem alternativas de oposição legal, grupos de esquerda passaram a agir na clandestinidade, com táticas de guerrilha urbana e rural: "daí até o fim do governo Médici, em 1974, forças da repressão e da guerrilha se enfrentaram em batalha inglória e desigual" (CARVALHO, 2001, p. 163). A repressão agia com prisões, tortura de presos e assassinatos. Muitos opositores assassinados eram tidos como mortos ou desaparecidos em acidentes de carro. Por conta da censura, a imprensa era impedida de divulgar qualquer notícia. A força repressiva cresceu, tornando-se quase autônoma no governo. Entre serviços de inteligência, o Exército criou agências de repressão: Destacamento de

Operações de Informações e Centro de Operações de Defesa Interna, com a sigla DOI-CODI (CARVALHO, 2001).

Em *Passagem*, Herbert Daniel traz, inserida nesse contexto de repressão, silenciamentos e violências, a expressão “dinâmica da sobrevivência” : "de repente, naqueles dias, todo mundo deu de sobreviver" (DANIEL, 1982, p. 15). Uma maneira de resistir, numa vida quase impossível. Assim inicia o primeiro capítulo, intitulado “SÓ”. Nesta, não há parágrafos de preâmbulos que preparem o leitor. “De repente”, estão todos sobrevivendo, diante de riscos cotidianos e torturas noticiadas. A primeira palavra, “de repente”, se refere a uma surpresa, naquele ano de 1969. O que deveria ser um país rumo à justiça, de repente, se vê diante de violências e coerções.

A expressão “dinâmica da sobrevivência” aparece em *Passagem* como um artefato de fracasso. O que deveria ser uma vitória certa, se converte em gestos de sobrevivência. O exílio de Herbert Daniel encontra-se no contraste entre a utopia (a certeza de que o sonho não seria mais adiado) e a dinâmica instaurada pouco depois. Sendo o exílio, segundo Said (2003, p. 46), essa “dor mutiladora da separação”, a “dinâmica da sobrevivência” também representa esse corte fundamental. "De repente", a população supostamente preparada para pegar em armas se vê em silêncio; de repente, violências arbitrárias, antes tidas como estertores de um regime em decadência, se mostram regra que se estenderia indefinidamente; de repente, a morte de vários, o sumiço de muitos, o exílio. De repente, não mais que de repente... E a aurora de cores já avistadas de repente se vê estrangida pelas trevas de uma nova noite. As castrações de 1969 são esse corte que mutila, lançando na clandestinidade as esperanças de uma geração. A “dinâmica da sobrevivência” é a marca daquele ano de auroras adiadas, assim como a expressão “de repente” é a aurora de *Passagem*.

Com base no aporte teórico de Didi-Huberman (2014), defende-se que a ideia de “dinâmica da sobrevivência” (a princípio pensada para o contexto da luta armada, conforme se verá) vai muito além do âmbito da clandestinidade. Ela não representa apenas esse símbolo de derrota, mas sim a possibilidade de ressurgências, que se manifestam na narrativa de *Passagem*. Assim, essa dinâmica perpassa os exílios de Herbert Daniel.

A princípio, no entanto, essa dinâmica é circunscrita ao âmbito da clandestinidade, no qual uma parte da esquerda se arma. A luta política era também militar. Começa-se a fazer alguma coisa. A imagem do “parto de um porvir”, de Márcia Merino, é bastante cara a esta análise, na medida em que um parto é precedido por lentas formações, processos e

cuidados; elementos com os quais a esquerda armada não se importou. Deram de sobreviver, principalmente os que pegaram em armas “sem saber muito bem o que fazer delas” (DANIEL, 1982, p. 16).

Em seu romance “possivelmente autocrítico” (conforme atesta o subtítulo), Herbert Daniel percebe seus equívocos individuais que foram, de certa forma, os erros do movimento. Entendia-se que a disposição revolucionária seria suficiente para o sucesso e que o resto viria com o tempo. De forma anedótica, Herbert Daniel conta sua primeira (e única) lição de tiro. Um companheiro, ao saber que ele (Daniel), não sabia atirar, responde: “e daí? [...] o que é que você quer? Se tiver que atirar, aperte o gatilho aqui, e a bala sai aqui na frente”. Mais adiante, já na Ribeira, aprende a lidar com armas de fogo, sem, no entanto, se importar com o tema. Seu raciocínio era que tudo se tratava de uma revolução e não de faroeste; no entanto, arremata: “hoje em dia gostaria de ter tido razão” (DANIEL, 1982, p. 17). Tais posturas mostram pouca preparação prática.

A dinâmica da sobrevivência envolvia a necessidade de obtenção de recursos, a exemplo das expropriações de bancos. Herbert Daniel supõe que o primeiro assalto tenha sido realizado em Minas e reivindicado politicamente. Durante a ação, foram distribuídos panfletos com o nome do movimento: “Colina” – Comandos de Libertação Nacional. Foi durante as greves em Contagem. Já em janeiro de 1969, o comando começou a ser desmantelado. Muitos foram presos e outros se instalaram em cidades próximas. Eram, com efeito, grupos com “vícios de constituição” que logo se tornariam alvo fácil (DANIEL, 1982, p. 18). Muito cedo, já no final daquele ano, Herbert Daniel cairia na clandestinidade.

Sempre em estado de cerco e desprovidas de um lugar, as militâncias se veem diante de uma solidão: a ausência de apoio, que, resultante das expectativas revolucionárias da geração de 1968, representa um exílio. Exílio que se processa no contraste entre a utopia do “parto de um porvir” e as condições, posteriormente reveladas.

Por que, no entanto, a continuidade das ações? Talvez algo de quixotismo – no sentido de se desejar um mundo diferente do anterior – ainda mantivesse os movimentos. Entre as aquisições de dinheiro e armas, Herbert menciona a desapropriação de automóveis. Utiliza a imagem dos carros como “cavalarias urbanas” do século XX: “os carros foram nossos cidadãos rocinantes” (DANIEL, 1982, p. 18). Esses tantos “quixotes” urbanos, armados de boas intenções, veem a resposta da direita armada, cuja força logo desmantela uma revolução tida como certa. A opção revolucionária de Herbert Daniel, assim como a de todos os outros, vem inspirada por leituras de Marx. Embora as previsões fossem as

mesmas (um mundo sem opressões), havia, segundo Herbert Daniel, muitas discordâncias no interior das organizações quanto ao *modus operandi* para se atingir tal estado:

[...] uns diziam que a “preparação” era a formação de uma coluna guerrilheira no campo; outros que era a formação de destacamentos – armados ou não – junto às massas... Não importa que solução se propusesse. Havia um acordo tácito: estávamos na *preparação*. Um momento pré-político! Vivíamos um intervalo (DANIEL, 1982, p. 22).

Herbert Daniel enfatiza que, nesse intervalo, situa-se o verdadeiro início do exílio. Intervalo que pode ser traduzido pela impossibilidade de diálogo não só com a ditadura (combate previamente perdido), mas também no interior do próprio movimento. As tantas divergências provocavam aquilo que denominavam “rachas”, separações, cismas que enfraqueciam os grupos. Todas as organizações formadas entendiam a história do país como uma evolução que previa o surgimento de novas siglas que resolveriam todos os problemas. Herbert Daniel observa que a VPR nasceu criticando a VAR-Palmares. As discussões que provocaram o cisma não eram nem relevantes, nem muito claras; não iam além de meros princípios: “os que romperam, insatisfeitos, acusavam a VAR de burocratizar-se e trair os princípios da luta armada”. Evidencia-se, portanto, o fato de que “nenhuma organização conseguiu superar o espírito de seita”⁷ (DANIEL, 1982, p. 52). Quanto mais aconteciam os “rachas”, mais frequentes eram as ações de sobrevivência, no âmbito dessa solidão política. Nesse sentido, a solidão se traduz em três pontos: a *impossibilidade de diálogo* com uma ditadura estabelecida, a *não participação da população* e os *constantemente cismas* no interior da própria resistência. Sobre o segundo aspecto, Herbert Daniel percebe a passividade da maioria, ao mesmo tempo em que destaca o fracasso das ações da esquerda. Conclui que o “X da questão” não se encontra no fracasso dos poucos que tentaram algo (muitos com a vida perdida), mas sim na vida dos muitos que permaneceram na indiferença. Se houve rebeliões, houve também silêncios, muitas vezes resultados de escolhas.

⁷ O espírito de seita não representa novidade nos movimentos de intenções revolucionárias. No romance *Germinal*, Émile Zola traz as tentativas de união de associações contra a exploração dos trabalhadores. A narrativa descreve as greves de trabalhadores e seus conflitos com a companhia de carvão. As divisões internas, frutos de vaidades de ambições, acabam por enfraquecer os grupos: “L’Association, après avoir conquis les ouvriers du monde entier, dans un élan de propagande, dont la bourgeoisie frissonnait encore, était maintenant dévorée, détruite un peu chaque jour, par la bataille intérieure des vanités et des ambitions [...] tout craquait, le but primitif, la réforme du salariat, se noyait au milieu du tiraillement des sectes, les cadres savants se désorganisent dans la haine de la discipline (ZOLA, *Germinal*, p. 766-767, grifos meus).

Paul Ricœur (2007), ao tratar da “memória manipulada”, ou mesmo dos riscos de uma história oficial imposta, atenta para o recurso da narrativa como uma armadilha, na medida em que se dá tanto por intimidação quanto por sedução. Esse processo retira dos atores sociais seu “poder originário de narrarem a si mesmos” (RICOEUR, 2007, p. 455). No entanto, há também um comportamento semi-passivo, uma fuga traduzida na estratégia de “evitação”, com base na vontade de não se informar. Tal perspectiva se aproxima dessa indiferença, o “X da questão” referido por Herbert Daniel. Se, por um lado, há manipulação e discursos em forma de monólogo, por outro, há o ato de silenciamento de vários setores da sociedade, um comportamento semi-passivo, em outras palavras, estratégias de “evitação” fundamentadas no desejo de não se informar.

Esse desejo é também referido ao final de *La Casa de los Espíritus*, de Isabel Allende, em que a narradora discorre sobre a tortura e a necessidade de inteirar o mundo do horror ocorrido paralelamente “à existência aprazível e ordenada dos que *não queriam saber*, dos que podiam ter a ilusão de uma vida normal” (ALLENDE, 2006, p. 434, grifos meus).

A existência dos que “não querem saber” foi acompanhada, no caso brasileiro, por erros de julgamento da esquerda que “pressupôs exércitos onde não havia senão a arquitetura de sua solidão política” (DANIEL, 1982, p. 33). Os três itens (diálogo impossível com o regime, indiferença de muitos e cismas na própria esquerda) formam um espaço de solidão política irremediável. O estado de preparação da esquerda armada encontrava-se nesses intervalos, esses lugares sem definição ou direcionamento; lugares em que o imperativo de sobreviver demandava atitudes extraordinárias, para além do cotidiano. Essa solidão política (ausência de diálogos em vários sentidos) é a marca desse exílio com o qual Herbert Daniel se depara. A clandestinidade é consequência dessa solidão que o autor deixa evidente no título do capítulo “SÓ”. Os “rachas” ou cismas não eram apenas separações políticas de grupos armados; representavam também o rompimento com a família, o afastamento dos amigos, o abandono de seu curso de Medicina na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Viver clandestinamente significava estar em constante deslocamento, na busca de novos espaços para morar. “A clandestinidade custa caro. Muito mais do que se imagina. É preciso estar constantemente alugando aparelhos⁸, comprando carros, desfazendo-se deles,

⁸ Esse era o nome dado, na época, às casas e apartamentos alugados pelos membros dos movimentos.

viajando para um lado e para outro” (DANIEL, 1982, p. 20). Isso porque o atraso de um companheiro poderia representar sua queda e a sinalização para a mudança imediata dos demais. Por conta das torturas, um companheiro preso era um delator em potencial.

Herbert Daniel trata de um de seus sonhos mais recorrentes no período da clandestinidade: a tortura. Nele, via-se preso, numa sala nua, diante de uma mesa coberta de papéis burocráticos. Os policiais entravam e saíam, como se não o vissem. Ele esperava por sua vez que não chegava. Ouvia sons de tortura no interior de uma sala e esperava pelo momento em que um companheiro torturado fosse jogado aos seus pés. Certo de sua vez, via uma porta se abrir, para, em seguida, se fechar. Nesse momento, ele despertava. Esse pesadelo repetitivo levou-o a detestar relatos de tortura. Dia após dia, ele esperava pelo seu momento. Sua preparação consistia em “não imaginar nada que pudesse ocorrer, não figurar anteriormente nenhum suplício” (DANIEL, 1982, p. 40). Os riscos estavam em todos os lugares. Vivia-se um dia de cada vez, e a dinâmica da sobrevivência representava um artefato de derrota política, um viver no âmbito do extraordinário, em forma de deslocamento. Um exílio, enfim.

Elemento fundamental para essa dinâmica é a invenção. Nas constantes mudanças, criavam-se novos nomes, histórias e trajetórias, dada a necessidade de alugar outros “aparelhos”. Era um “método” de criação de “estórias”. A cada suspeita de perigo, a estória antiga era esquecida para que outros nomes e narrativas entrassem em cena. Dessa necessidade, dependia a sobrevivência. Para além das mudanças de espaço físico, os deslocamentos sazonais diziam respeito às identidades dos indivíduos, seus nomes e histórias. Herbert Daniel vai deixando para trás “coisas e nomes”. Aos poucos, vai perdendo contato consigo mesmo, numa vida “descontínua” (DANIEL, 1982, p. 36).

Ao mesmo tempo em que exigia boa memória, o exílio da clandestinidade demandava capacidade de esquecimento. Em *Lembrar, Escrever, Esquecer* (2006), Jeanne Marie Gagnebin retoma o trecho final do poema de Brecht: “Apague os rastros”, numa tradução de Paulo Cesar Souza:

o que você disser, não diga duas vezes.
Encontrando o seu pensamento em outra pessoa: negue-o.
Quem não escreveu sua assinatura, quem não deixou retrato
Quem não estava presente, quem nada falou
Como poderão apanhá-lo? Apague os rastros!

Cuide, quando pensar em morrer Para que não haja sepultura revelando onde jaz
Com uma clara inscrição a lhe denunciar E o ano de sua morte a lhe entregar
Mais uma vez: Apague os rastros!

(Assim me foi ensinado) (BRECHT *apud* GAGNEBIN, 2006, p. 52).

O trecho suscita diversas interpretações. Uma delas, de Walter Benjamin, presente em *Experiência e Pobreza* (1994), enfatiza um mundo pós Primeira Guerra Mundial, no qual qualquer experiência comum se vê esgotada. Não há mais sentido, portanto, em deixar rastros, pois o presente em questão não mais dialoga com um passado do qual foi cortado.

Outra interpretação, apontada por Gagnebin (2006), diz respeito às artes de vanguarda que tornam impossível qualquer retorno aos antigos valores tidos como seguros ou mesmo aos deuses já mortos. Estes rastros, antes tão valiosos (verdadeiros guias para a humanidade), encontram-se em falência.

Outra forma de leitura refere-se aos mecanismos de abandono de responsabilidade perpetrados pelo nazismo ao tentar fazer desaparecer os corpos dos judeus assassinados. Trata-se, nesse sentido, de uma dupla aniquilação, pois tem-se o aniquilamento dos corpos e a posterior negação da morte em massa ao se apagar as marcas do horror (GAGNEBIN, 2002).

Mais pertinente a esta análise é a interpretação do poema que dialoga com a condição dos grupos clandestinos nas ditaduras latino-americanas. A *queda* de alguém representava a queda potencial dos demais. Em *Diáspora: os longos caminhos do exílio* (2001), José Maria Rabelo lembra a angústia constante daqueles que "se sentiam ameaçados 24 horas por dia, de terem a liberdade e a vida permanentemente por um fio" (RABÊLO, 2001, p. 42). Liberdade e vida ainda mais ameaçadas com a notícia da queda de algum companheiro, que poderia desencadear novas quedas e dismantelar a resistência.

Em seu livro de memórias *Un Jour d'octobre à Santiago* (1988)⁹, Carmen Castillo, referindo-se ao Chile sob o mando de Pinochet, conta sobre a queda de Luisa, um dos membros do MIR (Movimento de esquerda revolucionário). Imediatamente, Miguel (marido de Carmen e líder da resistência) ordena a busca de todos os documentos pertencentes a ela e dos endereços e contatos dos agentes da resistência regional. Era preciso eliminar pistas, em ações mais rápidas que o inimigo. Na ausência de *qualquer assinatura* ou *retrato* de quem estava presente – um sujeito que *nada falou* – e mais: na ausência de dados que localizem outros sujeitos, como poderão ser apanhados? “apague os rastros” – insiste Brecht, em tom imperativo; "Assim me foi ensinado" – arremata, entre

⁹ A primeira edição é de 1980. Utilizo a versão de 1988, da Editora Barrault.

parênteses. Aprendizado que a dinâmica da sobrevivência importava todos os dias, em constante cautela.

No que se refere à memória e ao esquecimento, Andreas Huyssen, em *Resistência à Memória: usos e abusos do esquecimento público* (2014), chama atenção para uma estrutura binária muito favorável à primeira e displicente para com o segundo. Displícência documentada na Filosofia, “de Platão a Kant, de Descartes a Heidegger, Derrida e Umberto Eco” (HUYSSSEN, 2014, p. 155). Esquecer não é tema para metafísicos. Grandes poetas, de Homero a Goethe, indicam os “perigos” do esquecimento. Ao mesmo tempo, movimentos como o romantismo tiveram a memória como grande projeto.

Ao passo que a memória é atrelada à coesão social e cultural de uma sociedade (dependem dela as identidades), o esquecimento é alvo de uma “suspeita moral”, uma “falha evitável”. Mesmo as contribuições de Benjamin e Adorno no que tange à memória compõem uma longa história de descaso para com o esquecimento. Se o excesso de memória é tratado como o excesso de algo positivo, o esquecimento é associado a uma negligência crítica, uma falta a ser suprida. Assim, a memória continua central para o estabelecimento de identidades. Huyssen observa ainda que: “a memória parece exigir esforço de trabalho, enquanto o esquecimento, por outro lado, apenas acontece” (HUYSSSEN, 2014, p. 157).

Evidentemente, não há aqui a intenção de elaborar uma teorização sobre o esquecimento. Não se deve deixar de observar, no entanto, que o esquecimento ganha uma roupagem muito diversa no contexto estudado. Não há, nessa situação, uma censura moral, ou mesmo a ideia do esquecimento como falta ou deficiência. Muito diferente da noção do esquecimento como algo que “apenas acontece”, Herbert Daniel irá desenvolver seu próprio “método” de apagamento de rastros: um “método sofisticado de esquecimento”. Como militante, via fotos suas divulgadas com frequência. Vez ou outra, e pela queda de outros companheiros, a polícia se aproximava. O maior perigo, descreve, eram os *pontos caídos*: “como eu sempre tinha um número gigantesco de *contatos a fazer*, em várias cidades do país, multiplicava o risco da queda” (DANIEL, 1982, p. 41, grifos meus).

A quantidade de “contatos a fazer” representa os “rastros” sugeridos pelo poema de Brecht. Ciente de sua possibilidade de captura, Herbert Daniel evitava rastros escritos, memorizando-os. No entanto, mesmo os endereços memorizados poderiam ser extraídos em sessões de tortura. Sessões que o autor de *Passagem* entende como um método não apenas de investigação, mas de produção de verdades, sendo estas extorquidas com “rigor,

paciência e sangue” (DANIEL, 1982, p. 39). Os endereços memorizados constituíam-se em rastros ainda presentes no suporte da memória. Por esse motivo, ele passou a se esforçar para esquecer, a exemplo dos dados de seus pais. Com o tempo, compreende que os mesmos dados mnemônicos facilitadores da recordação poderiam apagar dados indesejados:

[...] assim, quando sabia, por exemplo, um número de telefone que queria esquecer, aplicava-me a confundi-lo, exatamente da mesma maneira como se decora. Por exemplo, associando entre os números operações matemáticas, ou similitudes encontradas ao azar. O resultado: acabava decorando vários números hipotéticos, inúteis. Depois de alguns dias esquecia mesmo, irremediavelmente (DANIEL, 1982, p. 42).

A técnica, sugerida por Herbert Daniel, refere-se a uma necessidade em um momento de ameaça à sobrevivência. Aqui ecoam os versos de Brecht, da mesma forma que ecoava, naquele momento, a necessidade do esquecimento.

Ao final dessa reflexão, Herbert Daniel menciona “outro” tipo de esquecimento do qual ele próprio não domina a técnica: o da “História em geral”. Utilizado pelo autor, o termo diz respeito à apropriação da história por governos autoritários. A crítica é direcionada à manipulação da história, de forma que prevalece a exclusão de fatos relevantes e a manutenção de narrativas favoráveis a uma lógica autoritária: “[...] Outros esquecimentos, como o da História em geral, não sei fazer. Mas se quiserem a receita, perguntem aos nossos tecnocráticos ditadores. São especialistas no assunto” (DANIEL, 1982, p. 42).

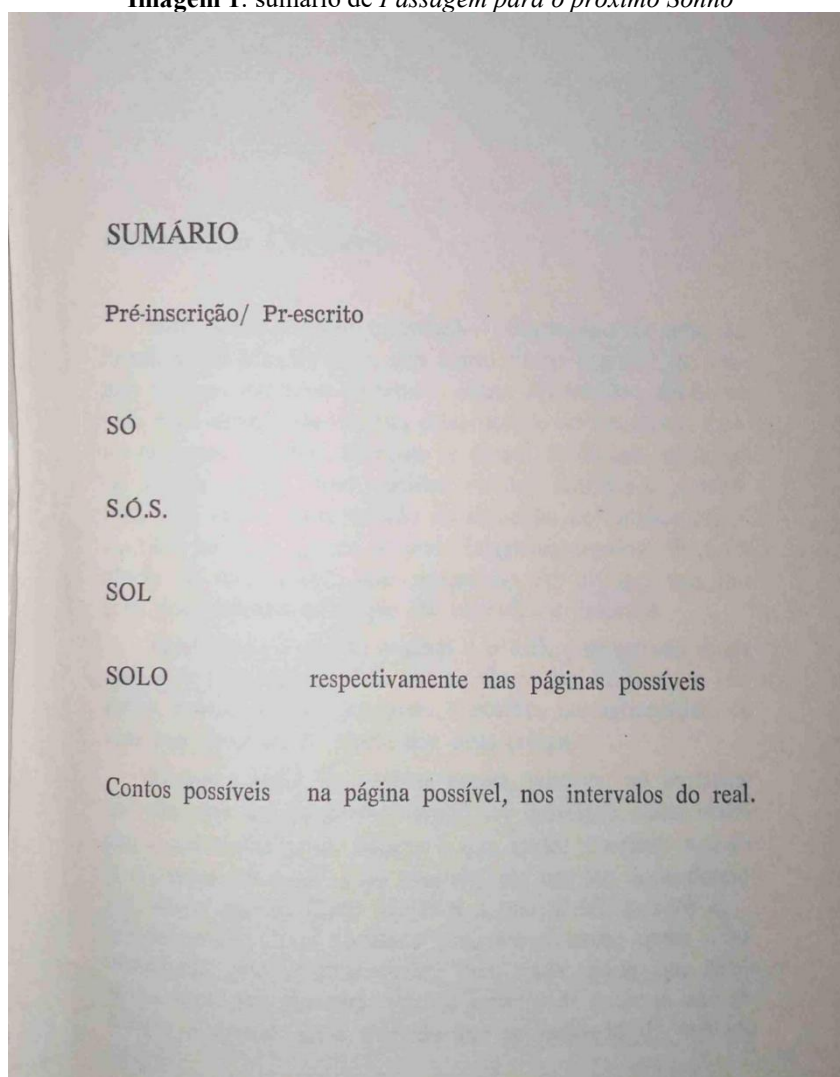
Essa ideia dialoga com a interpretação do poema de Brecht feito por Gagnebin (2006) a respeito do abandono de responsabilidade pelo nazismo. Dadas as suas proporções, tal leitura pode ser transferida para o contexto aqui referido. Com efeito, os constantes negacionismos e esquecimentos não são apanágio dos países europeus.

Dentre os tantos rastros, no âmbito da dinâmica da sobrevivência, a escrita possui grande relevância para Herbert Daniel. Mesmo no estrangeiro, ele mantinha o hábito de rasgar – “imolar” – na medida em que virava as folhas. Na Ribeira (espaço de exercício para a guerrilha no Brasil), levava na mochila *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. James Green (2018) aventa a hipótese de que a narrativa ambientada no norte de Minas teria confortado Herbert em sua solidão e intimidade. Observa ainda que a nuance “homossexual” do texto teria sido intrigante para o jovem.

Tal hipótese se verifica em *Passagem*, em que o ex-estudante de Medicina conta escrever uma longa carta a um certo “João”, vez ou outra chamando-o pelos nomes de seus personagens, ora Diadorim, ora Riobaldo. Em seguida, queimava o escrito: “a carta subia na fumaça duma fogueira que era a única luz com que contava” (DANIEL, 1982, p. 28). A leitura e a escrita eram suas companhias, formas de aplacar uma solidão cada vez mais renhida. O risco da queda de terceiros, no entanto, exigia o desaparecimento de qualquer coisa escrita. “Apague os rastros”, continuava ele colocando em prática esse ensinamento tácito.

Chama atenção o fato de o sumário de *Passagem* não conter o que qualquer sumário propõe: a localização dos capítulos. Os títulos indicam apenas a ordem dos capítulos, sem especificar as páginas, conforme a imagem seguinte:

Imagem 1: sumário de *Passagem para o próximo Sonho*



SUMÁRIO	
Pré-inscrição/ Pr-escrito	
SÓ	
S.Ó.S.	
SOL	
SOLO	respectivamente nas páginas possíveis
Contos possíveis	na página possível, nos intervalos do real.

Fonte: (DANIEL, 1982, p. 9)

A ausência das páginas pode ser interpretada como uma encenação do apagamento dos rastros, a supressão das localizações. Mais do que isso, sendo as páginas do sumário a marcação de uma localização, essa ausência pode representar a incerteza daqueles dias incertos e de constantes deslocamentos. Nesse sentido, *Passagem* começa antes mesmo de seu prefácio. Há, portanto, um corte fundamental, percebido nas palavras dispostas no sumário e desprovidas de uma localização – o número das páginas.

Evidencia-se também nessa supressão a ausência de lugar do exilado. A situação de estar “só”, encontrar-se “a sós” ou promover um “solo” evidencia-se no sumário, que já representa o próprio texto. Os capítulos encontram-se, respectivamente, nas “páginas possíveis”. Em uma situação de exílio, não há um lugar determinado, um porto no qual se pode fixar e denominar como seu. Transitoriedade, deslocamento, ausência de lugar, solidão, silenciamento, incerteza e caráter provisório são elementos presentes nos exílios de Herbert Daniel.

Se desse imbricado jogo de lembrar e esquecer dependia a dinâmica da sobrevivência, são igualmente relevantes os jogos ficcionais. Conforme referido, nomes e narrativas eram criados e recriados. Herbert (conforme descrito na contracapa) é nome de “pia e registro”; “Daniel” viria depois, na época do treinamento para a guerrilha, em que o ex-estudante de Medicina lia Robinson Crusóe, de Daniel Defoe.

Desde já, ficam evidentes alguns desaparecimentos protagonizados por Herbert Daniel: ele vivencia o afastamento da família, sonhos frustrados, isolamentos políticos, escritas clandestinas, apagamentos de rastros, invenções e reinvenções de sua própria identidade. Encontra-se, nesse ponto, intermitência dos vaga-lumes de que trata Didi-Huberman.

Estava na ordem do dia a glória luminosa dos conselheiros pérfidos. *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2014) se inicia com uma imagem retirada de Dante Alighieri, mais especificamente do vigésimo sexto canto do Inferno em que o poeta avista tais conselheiros na forma de pequenas chamas semelhantes a vaga-lumes. Mais tarde, no Paraíso, a luz tomará todas as partes, uma “luz de cosmos e de dilatação gloriosa” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 12) em que estão os para sempre bem-aventurados.

Há, no entanto, uma inversão de papéis, em que os “conselheiros pérfidos” deixam o espaço de uma luminosidade miserável para tomarem o âmbito da “dilatação gloriosa”:

É um tempo em que os conselheiros pérfidos estão em plena glória luminosa, enquanto os resistentes de todos os tipos, ativos ou passivos, se transformam em

vaga-lumes fugidios tentando se fazer tão discretos quanto possível, continuando ao mesmo tempo a emitir seus sinais (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 17).

Toda essa glória representa os holofotes do poder (no caso aqui tratado, maximizados pelo AI-5 de dezembro de 1968), que ofuscam essas pequenas chamas, os “vaga-lumes” que, no frenesi da dinâmica da sobrevivência, resistem, caminham de um lado para o outro, fogem, mudam de nome, têm pesadelos com torturas, suprimem rastros, são exilados.

O gesto de escrever e logo depois apagar; aparecer em um lugar e, tempos depois, ter de se mudar; adotar um nome, uma história e, na notícia da queda de um companheiro, ter de refazer o nome e reinventar outra história dizem muito dessas intermitências da luz dos vaga-lumes. Mais relevante, no entanto, é a ideia de *ressurgência*, no sentido de que, mesmo em meio a um aparente desaparecimento, há sempre sobrevivências que podem, tempos depois, reaparecer em outros lugares.

Esse processo pode ser observado na própria biografia de Herbert Daniel, escrita por James Green (2018). Na introdução, o historiador permite entrever os bastidores de sua coleta de informações acerca do biografado. A conversa com dona Geny, mãe de Herbert, é entremeada por café, bolos e saudades da mãe, que mostra ao historiador álbuns com fotografias de “Bete”, conforme a família chamava o rapaz. A mãe mostra também recortes de jornais e revistas da época, além de cartões-postais enviados do exílio pelo filho, lembranças guardadas do primogênito. Na despedida, com os olhos marcados pela saudade, dona Geny recomenda: “escreva o livro [...] as pessoas *se esqueceram* dele. Ele precisa ser lembrado” (GREEN, 2018, p. 21, grifos meus). Há, portanto, apagamentos e esquecimentos ao longo do tempo, um apagar de luzes de sujeitos cujas vivências são importantes para reflexões.

Ao final do primeiro capítulo de *Passagem*, “SÓ”, Herbert Daniel promove uma *interrupção*, dando início àquilo que ele próprio denomina “contos possíveis de 1970”. O primeiro conto inicia com a festa de ano novo para inaugurar a década de 1970. Janaína, Geraldo, Camilo, Carlos, todos traziam, naquele primeiro minuto do ano, o sonho de uma década de revolução. Há, no entanto, um tom de melancolia que marca essa passagem. Não se tem tanta certeza desse sonho, apesar das transformações sugeridas pela festa de ano novo. Era uma participação “sem graça”, uma fé do ano novo, “como se a mudança do calendário fosse uma objetiva proposta de renovação” (DANIEL, 1982, p. 70).

Em seguida, o conto traz, em formato de cena de filme, os bastidores de uma tentativa de sequestro. São vistos, pela perspectiva dos protagonistas, os preparativos, o reconhecimento do território, os cuidados necessários e os medos. João e Geraldo fizeram um levantamento dos membros do corpo diplomático do Rio de Janeiro. O ponto de vista dos observadores parte das sombras do jardim. Dali percebem o movimento da embaixada, a festa em andamento, na qual desfilam elegâncias, perversidades e ostentações. Move-se uma vigilância militar oficial, junto a uma criadagem mais discreta.

Se os clandestinos se mantêm à espreita, nas sombras, os observados (o alvo de fato, os embaixadores) estão banhados pelas luzes. Esse contraste refere-se à percepção dos holofotes ofuscando os vaga-lumes, conforme Didi-Huberman (2014). Mais uma vez, tem-se a imagem da glória luminosa dos “conselheiros perversos” donos de uma luz ofuscante. Nesse espaço, colocam-se os guardas e empregados, em perene vigilância: “movia-se na periferia da luz confortável da embaixada uma outra criadagem, que tentava passar despercebida” (DANIEL, 1982, p. 71). Assim, mesmo no âmbito do poder, há uma “periferia da luz confortável da embaixada” (DANIEL, 1982, p. 71), de forma que o próprio espaço dos holofotes gera lugares menos luminosos, sua base de sustentação, a exemplo dos seguranças e da criadagem.

A cena seguinte traz esse movimento nas sombras em que os protagonistas sentem o perigo iminente:

Jonas olhava para frente. Com a nuca coçando. Uma terrível vontade de olhar para trás. Para não receber pelas costas um tiro, sem saber. João pegou seu 9mm no porta-luvas. Jonas engatilhou seu 45. Em silêncio. Todo o silêncio do mundo. Rolavam no barulho impossível do festejo. Duas vezes Jonas interrogou e então, Jonas dizia não sei. Deram meia-volta, fugiram do engarrafamento. Aceleraram. Provaram. João confirmou; não tem nada. A nuca de Jonas voltou a ser flexível. Logo depois despediram-se, combinando ponto para amanhã. Continuariam o levantamento (DANIEL, 1982, p. 71-72).

Trata-se aqui do flagrante da busca por uma rota de fuga; uma situação de perigo, na qual os participantes de fato veem a vida por um fio ameaçada com um possível tiro pelas costas. É, ao mesmo tempo, um conto inconcluso, no qual o ato encenado não apresenta um final, seja ele feliz ou trágico. Há uma perspectiva de continuidade: “continuariam o levantamento”, que mantém em suspenso um desfecho que, pelo encerramento da narrativa, permanece, tal como os clandestinos, nas sombras.

A “situação de moribundos”, argumenta Didi-Huberman, diz respeito a todos, apenas por “afrontar a *condição temporal*, de extrema fragilidade de nossos 'lampejos' de vida” (2014, p. 139, grifos meus). Condição temporal encenada por Herbert Daniel no

espaço fabular de sua narrativa: ela aparece na celebração de uma nova década, com perspectivas melhores (ainda que vacilantes) de futuro. É também evidenciada no encadeamento linear do tempo – a brincadeira de faz-de-conta em que o personagem é criado e colocado à mercê do correr dos anos nos quais acontecimentos desfilam diante dos olhos do leitor. Ao mesmo tempo, temos a situação em que a vida se encontra efetivamente ameaçada. Trata-se, portanto, desses “lampejos de vida” à mercê do tempo e de circunstâncias-limite.

Todos os contos do capítulo “SÓ” não apresentam título. Eles se desdobram em assuntos interligados. Há apenas um espaço entre eles. O ato da leitura, na compreensão da temática e a variedade dos personagens, nos levam a perceber que se trata de contos. Em seu *Pós-escrito ao Nome da Rosa*, Umberto Eco (1985) observa que um autor não deve apresentar interpretações de sua obra – essa máquina de múltiplas interpretações. Ao mesmo tempo, reconhece que um obstáculo a essa recusa reside na colocação do título – uma chave interpretativa. A partir dessa ideia, títulos como *Robinson Crusoe* ou *David Copperfield*, por exemplo, centralizariam a percepção do leitor nos personagens, fornecendo um guia de leitura.

A ausência dos títulos nos “contos possíveis”¹⁰ amplia seu caráter de possibilidade. Um lançar de olhos sobre a disposição dos parágrafos não é suficiente para compreender para onde se vai. A ausência de títulos que indiquem nomes ou mesmo insinuem ou sintetizem situações deixa o leitor num espaço de trevas pré-leitura. É preciso se embrenhar pelos parágrafos para compreender de que se trata. Talvez abdicar dos títulos nesse momento gere o efeito de convite ao leitor a penetrar nesse espaço fabular imerso nas sombras antes da leitura, porém prenes de sentidos na medida em que nossos olhos os percorrem. Trata-se das mesmas sombras pelas quais se embrenhava Herbert Daniel em suas experiências como exilado, sobretudo no contexto da Ribeira. Coaduna-se com essa reflexão a imagem dos vaga-lumes emitindo suas luzes (aparentemente ausentes na escuridão, porém presentes em sua sobrevivência aos olhos de quem observa). Isso porque os “contos possíveis” dizem respeito a experiências cotidianas que, por si só, exigiam gestos de fabulação (invenção de histórias, de nomes e endereços).

O último conto de “SÓ” traz também uma situação de fuga em que o personagem Jonas é abatido. A princípio, a perseguição se voltava para João, que fugia de carro pela contramão. Em dado momento, ele avistou o estádio de futebol e uma multidão que entrava

¹⁰ Esse termo é utilizado por Herbert Daniel ao se referir aos contos de *Passagem*.

para a decisão do campeonato. Imediatamente, deixou o carro. Percebendo a proximidade da polícia, correu sem mais olhar para trás, para, pouco tempo depois, parar no meio da multidão que caminhava lentamente. No receio de que a polícia o reconhecesse pela roupa, “tirou a camisa e amarrou na cabeça, como tantos, contra um sol que não era o de tantos” (DANIEL, 1982, p. 77). Aos poucos, entrou no estádio, acompanhando os espectadores que procuravam seus lugares. Se, por um lado, teve a sensação de proteção, no meio de “um mar de gente”, por outro, do ponto de vista do guerrilheiro, perdera sua mobilidade; sentia-se localizado e cercado durante o tempo da partida. Havia o risco de os policiais esperarem na saída.

Quando Pasolini (*apud* Didi-Huberman, 2014) discorre sobre um fascismo ainda presente, refere-se, dentre outros fatores, aos estádios de futebol. Curiosamente, os mesmos estádios foram utilizados pela ditadura chilena como campos de concentração para prender e torturar inimigos políticos¹¹.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz (2019), era nos grandes estádios de futebol que a Alemanha nazista exibia meninos louros previamente selecionados para cantar hinos em louvor à "mãe pátria". Da mesma forma, o Estado Novo de Getúlio Vargas converteria tais espaços em lugares de patriotismo, onde "estudantes desfilavam carregando a foto do presidente, animados ao som do hino nacional" (SCHWARCZ, 2019, p. 142). Eram momentos em que as pessoas, entoando melodias grandiloquentes, não atentavam para os conteúdos das letras. O mesmo se dava com a antiga União Soviética que, a cada ano, realizava festivais para exaltar a nacionalidade por meio de cânticos. Os momentos de canto coletivo dos hinos nacionais, especialmente reservados pelas ditaduras, faziam com que a pátria (sempre associada ao partido) ganhasse um sentido palpável para a população.

No conto de Herbert Daniel, o estádio se torna espaço de proteção para o fugitivo. Totalmente imerso em meio ao público e confundido com ele, João sabe que, momentaneamente, encontra-se camuflado. Os sentimentos são, no entanto, ambíguos, pois a mesma multidão que fornece abrigo a João suprime sua mobilidade. Volta, portanto, a angústia, aguça-se a sensação de perigo, pois na saída poderá ser reconhecido pelos policiais, possivelmente postados no portão.

O texto se encerra como um parêntese, cujo conteúdo é um convite à imaginação do leitor:

¹¹ Essa situação da prisão nos estádios é melhor detalhada em *La Casa de los Espíritus*, de Isabel Allende em que a narradora passa por diversas situações de tortura até, por fim, ser liberada.

(Deixo para vocês acabarem esta estória. O que poderá fazer a polícia para prender João? Cercar o estádio, invadir as arquibancadas? Divulgara pelo microfone um aviso, convocando a massa à delação? E a massa, como responderia? Cada um olharia seu vizinho como se fosse um suspeito em potencial? Ou se recusaria a participar na busca policial? Deixo que vocês resolvam o caso dessa solidão) (DANIEL, 1982, p. 78).

Ao mesmo tempo um desafio à imaginação, o adendo final indaga tanto sobre as potenciais atitudes da polícia quanto sobre a conduta da população. Assim, da delação à desconfiança do vizinho, dos atos da polícia às possíveis reações da “massa”, descortinam-se casos de solidão.

Embora em outro lugar, esses seres humanos resistentes, quase esquecidos e, aparentemente desaparecidos do olhar do observador, têm a capacidade de ressurgir. No caso de Herbert Daniel, o meio para tal situa-se na escrita. Em toda sua complexidade, *Passagem* traz, em sua forma, marcas dos diversos exílios.

Este tópico se dedicou a observar os elementos de uma dinâmica da sobrevivência, nos termos que aparecem na narrativa de Herbert Daniel. No entanto, essa dinâmica, antes de ser um artefato de derrota, está muito além do contexto da luta armada. No fundo, ela se estende por todos os exílios, apresentando também matizes de aparentes derrotas, mas deixando claro que a ressurgência é possível.

O tópico seguinte se volta para os silenciamentos no contexto da militância.

1.3 Os anos do psiu, pssuspeita: silenciamentos e solidões

Com sua maleta, Herbert Daniel andaria por toda parte. Numa vida de constantes trocas de endereços, o cotidiano adquiria um caráter passageiro. Padrões e vivências estavam sempre em transformação. Eram dias em que a derrota assumia formas mais evidentes: “sim, aqueles anos foram caracterizados pelo tom baixo e conspirativo das conversas sobre assuntos que pudessem desagradar aos poderosos” (DANIEL, 1982, p. 121).

Conforme referido, o nome *Daniel* é pensado no momento de leitura de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Com efeito, teria vários, mas: “esse ficou para sempre. Quase seu nome real: pelo menos o nome de uma parte de sua realidade” (DANIEL, 1982, p. 126). Parte essa marcada pelo naufrágio da marginalidade e sua conseqüente solidão.

Herbert pensa em dois Robinsons, o de Defoe e o seu próprio. O do autor inglês é concebido como um sujeito que, com seu trabalho, reconstitui sua sociedade original, “a presunção da vitória contra a natureza hostil” (DANIEL, 1982, p. 126). Como ser cultural, é contraposto ao ambiente rude que o cerca; é um homem *religioso* e, portanto, supostamente *civilizado*. O Robinson clássico se define a partir da contraposição com o nativo Sexta-Feira, que aprende a “civilização” – religião e sistema econômico – tal como a criança aprende a falar. Nesse sentido, ambos se tornam iguais na igualdade do liberalismo, no sentimento moral, na força civilizatória – o capitalismo, enfim. O Robinson de Defoe se impõe por suas ideias identificadas com o poder. É, de fato, o homem ocidental cujo discurso se eleva diante de um nativo que aprende e aceita.

Se o Robinson, de Defoe, está em companhia de sua cultura e civilização que não o coloca à margem (daí viver sua diferenciação com o nativo e se impor a ele), o Robinson, de Daniel, viverá não na natureza de uma ilha, mas na sua “*ilha social*”. Tal imagem sugere a marginalização de um sujeito sem lugar em seu próprio meio. Se, por um lado, o Robinson clássico ensina sua língua ao nativo, o autor de *Passagem* se vê desterrado entre pessoas que falam seu idioma, o que o leva a indagar: “o que me torna um indivíduo à parte, uma minoria política?” Não é por nada que ele observa que: “não há pior desterro do que aquele que se vive no meio duma gente que fala uma língua que parece ser a nossa” (DANIEL, 1982, p. 35).

Robinson, revolucionário, seria aquele da diferença que construiria outros caminhos, como se observa no fragmento: “construiria, só, na sua ilha, sua diferença, o escândalo da sua diferenciação com o mundo que o cercava” (DANIEL, 1982, p. 126). Utilizava uma língua que falava de seu naufrágio. Dono de um barco antigo e naufragando, faria emergir, em tom monocórdico, suas palavras. Assim, suas diferenças, seus exílios, residem não apenas em posturas políticas ou clandestinas; não somente no afastamento da família ou na condição de trânsito do cotidiano; não apenas na homossexualidade ou na futura saída do Brasil; encontra-se, bem entendido, na *linguagem*. Essa entonação solitária demandaria invenções: “esforço brutal de fazer nascer na entonação monocórdica uma ou outra invenção particular” (DANIEL, 1982, p. 126).

Os silenciamentos e coerções do poder aparecem de forma evidente em uma das “estórias de bichos”, em que figuram a onça, o bode e o bom cabrito. Passa-se num tempo em que os animais falavam e que, portanto, podiam lidar com o intrincado jogo da comunicação entre as espécies. Buscando proteção e conforto, o bode e o bom cabrito

resolveram construir uma casa para se abrigar das intempéries da noite. Para tanto, prepararam um planejamento, levantando alicerces e materiais.

Passando por ali durante a noite, a onça viu a construção e supôs ser um presente dos deuses para seu próprio repouso. De fato, não se importava com deuses, mas tinha "forte gosto pelas metáforas e outras figuras de retórica". Tinha o hábito de andar à noite, vigiando, impedindo que a madrugada "soltasse seus abusos e desencontros" (DANIEL, 1984, p. 134). Aceitando a suposta oferenda dos deuses, notou imperfeições no projeto inicial – grosseiros erros de engenharia, espaços ingenuamente divididos, bem como desprezo pelos cálculos de resistência de materiais. Por isso, resolveu deixar ordens precisas, num trabalho crítico aprofundado que permitiria aos deuses, com uma orientação mais acurada, melhor servi-la.

No dia seguinte, o bode e o bom cabrito encontraram as instruções. Satisfeitos, supuseram que uma “desinteressada sabedoria” desejava o bem de ambos. Passaram, assim, a seguir as instruções durante o dia. À noite, em sua patrulha, a onça deixava novas instruções, que eram detalhadamente seguidas. No entanto, com o correr do tempo, os construtores perceberam que a obra ia adquirindo proporções muito maiores do que imaginavam, por isso começaram a desconfiar da mente que supunham bondosa. O alongar do trabalho tomaria suas vidas por completo, sem que pudessem desfrutar da construção. Decidiram, por fim, parar de trabalhar.

Um dia, a onça apareceu, ameaçadora. Exigiu que continuassem o trabalho. Inconformado, o bode quis berrar (protestar), sendo, no entanto, aconselhado ao silêncio pelo bom cabrito. Continuaram o trabalho, sob os olhos perscrutadores da onça. Esta falava de um resultado grandioso, do qual os bichos tirariam proveito; falava de um tempo feliz para todos: "estamos fazendo um mundo novo, melhor para todo mundo" (DANIEL, 1982, p. 135). Vez ou outra, ela comia algum bicho da floresta, mais por demonstração de força do que por satisfação do apetite. O bode e o bom cabrito continuaram trabalhando até o dia em que, já velhos e incapazes para o trabalho, foram avisados pela onça que seriam comidos.

Chama atenção a força da onça diante da obediência dos outros bichos. Alguns quiseram se revoltar (berrar), a exemplo do bode, mas foram aconselhados por outros mais prudentes: "bom cabrito não berra, que acha provocação, que acha que provocar faz aumentar a fome da onça" (DANIEL, 1982, p. 136).

Nas imagens dessa “estória de bichos” estão presentes a coerção do poder, suas promessas, as obediências passivas, os desejos de revolta, as violências e, por fim, os silenciamentos. No momento de ser comido, o bode reage: “eu sabia, eu sabia [...] na hora da fome a existência da gente já é provocação bastante”. A sequência é marcada pelo movimento da onça “babando com dente à mostra” (DANIEL, 1982, p. 137). Fecham o conto as reticências, deixando em aberto a violência que põe fim à vida de sujeitos considerados “inúteis” ou “incômodos”, existências a serem extintas por representarem uma “provocação”.

A perda da fala pelos bichos remete tanto ao silenciamento de alguns grupos, quanto ao desaparecimento de perseguidos políticos. Os bichos emudecidos remetem também aos traumas de momentos de violência. Ao mesmo tempo em que se evidencia a impossibilidade do testemunho (seja por morte, desaparecimento, ou trauma), espera-se, em algum momento, que os bichos recobrem o dom da fala. As imagens, presentes nesses contos, representam um caminho para a recuperação desse “dom”.

Os que fugiam da ira e fome do leão, no entanto, conviviam com o estado de trânsito, de amigadas passageiras. Convinha, de fato, evitar o hábito para não baixar a guarda. Herbert Daniel conta sua breve convivência com uma velha senhora com a qual se dava “melancolicamente” bem. Vinda de um país da Europa central, contava casos de uma guerra antiga, como se observa em: "isto me contava com sua voz enfeitada de sons antigos do mundo que fora o seu e que já não conhecia, mudou tudo, a terra já não era igual; trinta anos é uma vida, menino" (DANIEL, 1982, p. 118). Testemunha da fome e da violência, era uma exilada que viajara com o marido para o Brasil. No caminho, perdera o filho, incapaz de suportar a fome, o frio e o medo. Por fotos e palavras, ela lhe "mostrava recordações", fazendo de Herbert seu "neto de empréstimo". Falava da mãe com dezesseis filhos, dos quais sobraram apenas ela (a narradora) e dois irmãos na Argentina; discorria sobre a ausência de contato com os descendentes; frisava o inferno que caracteriza a guerra, as separações e mutilações dos contatos perdidos com um mundo submerso no passado.

A ideia de pós-memória, segundo Marianne Hirsch (1993), refere-se às memórias herdadas que passam a compor o universo de pessoas que não participaram dos eventos. Diferencia-se da memória por conta da diferença geracional. Trata-se, por exemplo, dos descendentes das famílias de judeus que escaparam da *Shoah* e reconstruíram suas vidas em outros lugares. Embora não tenham vivido os dramas de seus pais, os descendentes que ouvem essas histórias tornam-se herdeiros dessa pós-memória. O exemplo citado é o de

Art Spiegelman. Ao ouvir as narrativas do pai, ele produz *Mauss* (1986), uma história em quadrinhos que reelabora experiências individuais que são, ao mesmo tempo, os sofrimentos de toda uma geração. Assim sendo, a pós-memória constitui-se numa ampliação da ideia de testemunho, na medida em que pressupõe a herança como algo adquirido e, ao mesmo tempo, a ressignificação das memórias por outros sujeitos, para além daqueles que presenciaram os eventos.

Herbert Daniel se lembraria das histórias de sua amiga nos tempos em que ficou meses escondido em um quarto sem nenhum ruído e usando cobertores como cortinas. De certa forma, permitiu que essas memórias fizessem parte de seu repertório. Em geral, nos lugares em que passou, teve boas relações com a vizinhança. Mesmo assim, era sempre preciso cautela, pois os bons vizinhos poderiam transformar-se em delatores. Os contatos eram sempre de passagem, numa vida de transeuntes. Aqueles anos se caracterizaram pelo tom baixo e conspirativo das conversas acerca de assuntos desagradáveis aos donos do poder.

Quem viveu então que não se lembra de um momento qualquer onde se disse no meio de um qualquer papo: 'fale mais baixo' ou 'cuidado com a língua'?... Quem não se lembra dos sussurros? Foi assim. E por que chegamos aí, é duro explicar. Foi acontecendo. E *vivemos assim longos exílios*. Os anos do psiu. *Pssuspeita* (DANIEL, 1982, p. 121, grifos meus).

Em espaços alugados, quase sempre pequenos, se amontoavam sem privacidade. Era um isolamento de grupos. Herbert Daniel discorre sobre uma solidão acompanhada em que o exercício da tolerância era praticado, nem sempre com sucesso. Entendia a própria falta de espaço como um problema político de redução ao mínimo das reivindicações pessoais. Os “anos do psiu” representam tempos de silenciamentos, suspeitas, desconfianças, medos de delações e de traições; um ambiente instável que se reflete na escrita de *Passagem*.

Dentre esses tantos “psius” e silenciamentos próprios da clandestinidade, Herbert Daniel irá lidar com outro, a princípio pensado como “questão particular”, mas que revelaria, tempos depois, sua importância política: a homossexualidade, outra dimensão do exílio.

1.4 Ser homossexual, um exílio

Em *Santiago-París: el vuelo de la memoria*, Mónica Echeverría trata dos desafios de sua condição de mulher em uma sociedade moldada para homens. Embora perpassasse todo o livro, estando também presente nas memórias de Carmen Castillo, há um capítulo cujo título é mais significativo a respeito desse tema: "ser mujer, un desafío". O título do presente tópico pretende ecoar o de *Santiago-París*, numa paráfrase que sumariza outro dos exílios de Herbert Daniel: a homossexualidade.

Em sua tese de Doutorado, Leandro Soares de Silva (2016) afirma que o elemento diferencial de *Passagem* está em ser também a história de uma pessoa homossexual. "o que é ser homossexual e fazer parte da luta armada contra a ditadura? Para Herbert Daniel, foi viver em exílio" (SILVA, 2016, p. 142). Assim, considerava-se, naquele momento, uma incompatibilidade entre a luta armada e a homossexualidade, tornando esta marginalizada.

Em sua primeira cronologia, Herbert Daniel destaca: "sexo – masculino. Sem nenhuma dúvida, nem vacilação. Embora entre os outros masculinos seja peculiar, minoritário: homossexual" (DANIEL, 1982, p. 23). Com efeito, a ideia de ser minoritário em sua sexualidade não é percebida no início dos anos 1970. Em sua percepção, naquele momento, não se podia ser revolucionário e homossexual ao mesmo tempo. Tanto que tem dúvidas se o movimento de fato o queria: "não devo ser bom candidato a revolucionário já que não querem me engajar [...] às vezes é que sou homossexual e eles não aceitam gente assim" (DANIEL, 1982, p. 86).

Reinava o argumento de que o conflito empreendido visava a resolver questões práticas. Nessa linha, não se podia confundir problemas pessoais com elementos da vida coletiva. O "epíteto pequeno-burguês" tornou-se, naquele momento, ofensa para qualquer militante, pois significava alienação e busca pela solução de questões pessoais, prescindindo das práticas – verdadeiro foco da revolução. Para Herbert Daniel, esse apelido é o "título provisório de um exílio" (DANIEL, 1982, p. 86). Ele próprio trazia suas "preocupações pequeno-burguesas", dentre elas a sexualidade. Desde o início da militância, sente que está diante de uma encruzilhada: ou vive sua sexualidade ou faz a revolução; como desejava a segunda, conclui que deveria esquecer a primeira.

A frase de Ângelo (amigo de Herbert), depois de uma noite de longas conversas, tem um tom de definitivo: "não sei como é que o materialismo histórico pode explicar a homossexualidade" (DANIEL, 1982, p. 96). A questão estava, portanto, resolvida, e nem ele – Herbert Daniel – procuraria, naquele momento, explicá-la. Esquecer a atividade sexual era uma forma de se proteger. Assim, durante todos os anos da militância, sua

homossexualidade nunca foi um problema para os outros. Para ele, continuava latente, questão não resolvida. No ambiente da Ribeira, ninguém abordava o assunto. Se percebiam sua sexualidade, não lhe falavam. Evitava-se, portanto, a questão, tida como uma dimensão pessoal a ser resolvida após a revolução.

Em *Mulheres, Ditaduras e Memórias* (2013), Susel Oliveira da Rosa enfatiza o modelo universal do militante. Segundo relatos de Nilce Cardoso, ao adentrar os movimentos de resistência, “as mulheres tiveram que adequar-se ao modelo masculino do militante, com base na divisão dimórfica do mundo” (ROSA, 2013, p. 43). Isso significa que as mulheres militantes viam-se na obrigação de adotarem o modelo masculino, tido como ideal para a guerra. Sob essa perspectiva, os discursos anulavam as diferenças, deixando de lado questões de gênero e empurrando alguns grupos para a invisibilidade.

Com efeito, se ser mulher era um problema para a militância, “ser bicha era uma acusação. Crime cujo castigo está nele e no rótulo”. Nunca se ouvira falar de um “operário bicha”, isso porque “a classe operária não sofria ‘desvios’ sexuais” (DANIEL, 1982, p. 96). Para esse argumento, mulheres e homossexuais, colocados em suas identidades próprias, “enfraqueceriam” o movimento.

Embora se mantivesse o silêncio diante dos companheiros, a sexualidade seria, para Herbert Daniel, uma questão sempre presente, uma potencial barreira para suas ações como revolucionário; por isso, enxergava uma linha entre ele e os outros, “*os normais*”. Deveria, portanto, fazer mais esforço que todos: “para que? Para me tornar operário-modelo, merecedor de todas as medalhas de bom comportamento da História. E do materialismo histórico”. Assim, acabou por deixar de lado suas “pequenas e burguesas preocupações sexuais” (DANIEL, 1982, p. 97), de forma que nenhuma relação homossexual viesse a obscurecer seus dias de militância.

A ocultação de sua homossexualidade, no entanto, não era gratuita, nem pacífica. A partir de entrevistas com ex-militantes, James Green (2018) frisa uma certa preferência de Herbert por alguns companheiros. Muitas vezes, na execução de alguma tarefa importante, ele, como líder, escolhia alguém para acompanhá-lo, mas que nem sempre era a melhor opção. Parecia prescindir de certas medidas de segurança para estar ao lado de alguém de seu interesse. Nesse sentido, a repressão aos seus desejos e a busca por se enquadrar em um modelo atrelado ao masculino heterossexual levavam-no a buscar possíveis alternativas.

James Green especula essas possibilidades ao afirmar que o tratamento especial a alguns “era mais uma maneira de manter um relacionamento platônico com os homens

pelos quais sentia atração sexual ou de outra natureza" (GREEN, 2018, p. 107). Essa intensa amizade dedicada a determinados militantes proporcionava uma intimidade reconfortante nos momentos de tensão, breves refrigérios para sua sexualidade reprimida.

Ao mesmo tempo, Herbert Daniel buscava outras tentativas de fuga de sua homossexualidade. Como não queria se ver marginalizado pelos companheiros, forjava imagens cotidianas de heterossexualidade, convencendo, de fato, algumas pessoas. James Green (2018) cita, por exemplo, a ficção criada por Daniel de sua atração por mulheres, chegando mesmo a pedir uma das militantes em casamento. Além de suas narrativas de relações frustradas com mulheres, o jovem falava de seu desejo (platônico) por Marilyn Monroe. Tinha também o hábito tipicamente machista de analisar, junto a algum companheiro, os traseiros das mulheres. O tom dos comentários sugeria verdadeira atração pelo feminino – ficção forjada e inserida no espaço do cotidiano para sustentar uma imagem heterossexual.

A decisão de esquecer sua atração por homens para se encaixar como militante levava-o a forjar essas imagens cotidianas que, nos dizeres de Judith Butler (2012), representam performances de gênero. A associação inquebrável entre sexo (fator biológico), gênero (componente cultural) e sexualidade (sentimentos e atrações) gera, além um sistema rígido imposto, binarismos que excluem as mais diversas possibilidades e, com elas, os indivíduos. Se o sexo é natural, o gênero é social e culturalmente construído, de forma que: “uma compreensão mais plena nos levará a considerar o gênero como uma representação que constitui performativamente a aparência de sua própria fixidez interior” (BUTLER, 2012, p. 107). Assim, ser homem (no sentido do gênero), é uma performance diária, marcada por gostos, gestos, modos de falar e preferências que levam os demais a compreender o sujeito como tal. A repetição cotidiana transmite a ideia de fixidez e naturalidade dessas identidades, sem espaço para questionamentos acerca de sua construção e montagem.

Com efeito, mostrar aos companheiros a atração por mulheres (sexualidade) era estabelecer sua masculinidade (gênero), encenada cotidianamente. No âmbito da militância, o padrão macho-homem-heterossexual ao qual todos deveriam se curvar excluía Herbert Daniel por conta de sua homossexualidade.

Para James Green, é compreensível, num contexto de heteronormatividade revolucionária compulsória presente na militância de esquerda, as atitudes de masculinidade de Herbert Daniel, com o fim de "afirmar a sua heterossexualidade e evitar

sua marginalização pelos camaradas" (GREEN, 2018, p. 190). Essa tentativa de ficcionalização e o esquecimento de sua sexualidade são formas de exílio, que, para Herbert Daniel, representa o *degrado na homossexualidade*.

A situação desse exílio, traduzida pela marginalização na homossexualidade, evidencia-se em *Passagem* (1982) na medida em que, nos capítulos "SÓ" e "S.Ó.S" (dedicados aos tempos no Brasil), as análises a respeito da sexualidade são apenas tangenciadas. Evitam-se, nessas páginas, referências constantes ao tema, da mesma forma que, no contexto da militância (entre tantas fugas e trânsitos), fugia-se do assunto, preservando a imagem masculina do militante.

Se os "anos do psiu" diziam respeito às conspirações que não podiam ser ditas em voz alta, havia também o *psiu* da homossexualidade reprimida que Herbert mantinha em silêncio. O mesmo silenciamento encenado nesses primeiros momentos de *Passagem*. Por sua vez, nos capítulos "SOL" (termo que, nessa interpretação, pode sugerir clareza) e "SOLO", o assunto aparecerá com mais frequência e será melhor desenvolvido. Ambos os capítulos dizem respeito às vivências de Herbert Daniel fora do Brasil, quando, longe da militância, tais questões são pensadas a partir de novos olhares. Trabalhando numa sauna gay, Herbert Daniel pensará sobre o tema de forma mais lúcida, em contraposição à repressão dos tempos no Brasil.

Tais reflexões são possibilitadas em um país estrangeiro. Denise Rollemberg (1999) atenta para a dupla face do exílio: Se, para alguns, representou solidão, derrota, dor, luto e separações, para outros, significou descobertas, encontros, aprendizados e outras formas de percepção do mundo. Há ainda casos em que representa uma dupla face, na qual "o doce e o amargo, a calma e a tempestade alternaram-se, sucederam-se, misturaram-se sintetizaram-se" (ROLLEMBERG, 1999, p. 47). A experiência fora do Brasil possibilitou a Herbert Daniel novas perspectivas, sobretudo a respeito de sua (homo)sexualidade.

Em Paris, Herbert Daniel trabalhou como porteiro em saunas para sobreviver. Interessa-me, para este tópico, a forma como tal experiência trouxe a ele outras dimensões sobre o tema, antes evitado. O título "SOL" é aqui lido tanto como cenários diurnos (Herbert conta trabalhar no período da tarde), quanto como um melhor esclarecimento a respeito do tema em questão.

Em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler (2012) não separa a sexualidade das relações de poder. Embora exista o desejo por uma sexualidade livre, prevalece a norma, de forma que a sociedade funciona a partir dos

mecanismos de controle. Em geral, o senso comum não compreende a relação homossexual fora dos papéis de gênero, em que há dominantes e dominados. Em contrapartida a essa perspectiva, Herbert Daniel aponta para a esperança de uma sociedade democrática (o ano de 1969 que muito prometia), mas, ao mesmo tempo, transparece uma quebra das relações entre ativos e passivos na relação sexual.

A experiência na França leva o jovem a refletir sobre a homossexualidade, o que antes não ocorria por conta de sua relação com a militância e a certeza da incompatibilidade entre (homo)sexualidade e revolução. Observa que os problemas dos grupos de esquerda não se resolveram com o exílio; pelo contrário, se intensificaram. Dogmatismo e sectarismo ganharam mais força. Uma questão colocada em *Passagem* é não quando os grupos de esquerda passaram a ter o espírito de seita, mas quando, e em quais condições, deixariam de adotá-lo. “Qual prática deveria se impor desde sempre para perder o caráter de igreja?” Estava em jogo também a questão do poder: “o Poder e seu fascínio”, que fazia parte dos grupos, levando-os, em nome do poder, a se tornarem emanações do mesmo, com suas “regras ferozes” (DANIEL, 1982, p. 155).

A ideia de “emanações do poder”, abraçada pelos movimentos, coincide com a imagem dos ferozes projetores discutida por Pasolini. Luzes que ofuscam a diversidade de pensamento e perspectivas, ao mesmo tempo em que provocam divisões dentro da própria esquerda, gerando o “caráter de igreja”. Da mesma forma que a ditadura emanava, em nome do poder, essas luzes, a esquerda, em nome de um poder desejado, também dispunha de seus projetores, cujo efeito é a repressão da sexualidade de Herbert Daniel. Uma vez em Paris, ele não desejava mais fazer política por esse viés: “fechar-se no exílio num círculo de vícios da mistificação não resolveria minhas confusas artimanhas” (DANIEL, 1982, p. 154).

Decide, portanto, por resolver suas dúvidas, entendendo a homossexualidade como pendência. Com seu trabalho na sauna, muito cedo se daria conta do caráter daquilo que chamaria de um “gueto da homossexualidade”. É a partir daí que se percebe diante de uma armadilha. Não poderia livrar-se de uma seita (a esquerda) para cair num gueto (a homossexualidade das saunas). Nesse sentido, entrou nesse gueto homossexual precavido, sem o olhar mistificador dos tempos da guerrilha.

Herbert Daniel começa a conhecer, no exílio, o “homossexualismo”¹² e suas regras. Eram regras ferozes, verdadeiros cercos. Não queria, no entanto, escapar da seita da esquerda para cair num gueto. Entrava precavido. Entendia o espaço da sauna, seu local de trabalho, como um pretexto, um “supermercado do desejo homossexual”. A imagem simbólica desse gueto é a de um grande luxo e, ao mesmo tempo, um porão, onde "tudo se passa subterraneamente". Um espaço que contém segredos de luxo e "rituais de porão" (DANIEL, 1982, p. 155).

O primeiro emprego de Herbert como garçom ocorria à tarde. A relação com os colegas de trabalho é descrita como repulsiva; reinava maledicência, ciúmes e bajulações que logo o levaram a desistir do trabalho. Durante seu turno, havia poucas pessoas, até o dia em que ele conheceu N. Tratava-se de um ator de teatro brasileiro que ele reconheceu logo da primeira vez. O nome N. é mantido como forma de proteger a pessoa descrita. A grande surpresa foi o fato de N., com poucos minutos de conversa, tentar seduzi-lo. O assédio (tentativas de apalpadelas e beijos seguidas da oferta de dinheiro) o deixa, por um lado, vagamente humilhado. Ele sente sua situação de classe, a de um empregado com quem não se conversa, mas sim efetuam-se transações. Por outro lado, sentia a "satisfação cálida de ser desejado, e desejado intensamente e tanto que valha dinheiro" (DANIEL, 1982, p. 161).

A coisificação de seu corpo, transformado, na oferta de dinheiro, em mercadoria, é o ponto de partida para o entendimento do gueto, no qual prevalecem relações de troca. Leva-o também à percepção de seu lugar vulnerável de empregado com o qual não se conversa. Com efeito, a situação de exilado era um agravante. Embora constrangedora e humilhante, o fato traz, como elemento positivo, uma percepção diferente de seu próprio corpo. No Brasil, ao mesmo tempo em que suprimia sua sexualidade em prol da revolução, Herbert Daniel percebia-se como feio: "homossexual e triste e um tanto cego na minha feiura me sentira sempre marginal ao desejo dos outros". Por isso, entende que N. lhe apresentava "uma certa iluminação" (DANIEL, 1982, p. 161) sobre seu corpo e seu desejo. Iluminação que ocorre no contexto do exílio. Antes, nos treinamentos da Ribeira e nas conversas com os companheiros, tais questões (fundamentais para a própria política) eram relegadas ao segundo plano, todas meramente pessoais, a serem resolvidas pela própria revolução.

¹² Herbert Daniel utiliza o termo “homossexualismo” e o interpreta como portador de um teor partidário. Em outras palavras, o termo busca acentuar o caráter hermético da sauna e das práticas homossexuais.

A possibilidade contrapontística destacada por Edward Said (2013) – perspectiva de, em outro lugar, promover comparações com o país de origem do exilado – é vivenciada nessa situação. O que antes (em solo brasileiro) via-se fora de questão e expresso no discurso dos companheiros ("não sei como o materialismo histórico pode resolver a homossexualidade"), no contexto parisiense, será refletido por Herbert Daniel em uma situação vulnerável de empregado, na qual a conversa é suprimida. Corpo, desejo, marginalização e homossexualidade ganham um perfil no pensamento de Herbert Daniel no desenrolar de seus tantos exílios.

Na nona parte de "SOL", Herbert Daniel propõe ao leitor um passeio noturno pela sauna. Nesse passeio, segue um cliente-personagem que a visita pela primeira vez. Este pára na esquina onde se inicia a rua da sauna. Parece vacilante, sabe que aquele lugar não lhe oferece riscos, pois estar numa esquina não significa estar efetivamente na sauna. Em todo caso, faz uma "mímica de vacilação" e retira do bolso "o papel onde anotara as indicações que o amigo lhe passara num sussurro conivente". Vem o visitante de uma cidadezinha provinciana. Consulta uma anotação já conhecida, forma de "dominar uma excitação que não queria publicável no rosto e no gesto" (DANIEL, 1982, p. 165).

Gestos e disfarces que se referem a um sentimento de culpa da parte do visitante. Tivera um dia de formalidades, mas via na noite a oportunidade de compensar aquele tempo perdido. Nas portas da sauna, retira a aliança para guardá-la no bolso. No dedo, permanece uma espécie de cicatriz esbranquiçada que é também a marca de uma recusa: "aquela pequena ausência evidente no anular já era um começo da sauna, reino duma fabulosa ausência, uma cicatriz da recusa. Que se chama mulher" (DANIEL, 1982, p. 166).

Os disfarces ao consultar o endereço, o ocultamento do desejo, a retirada do anel que também é a recusa simbólica (ainda que momentânea) de sua vida corriqueira, todos esses gestos do personagem antes de entrar na sauna dizem muito de atitudes que não podem ser vistas, nem suspeitadas.

A rua em que transita é manchada por indústrias e comércios aos poucos aceitos: uma modernidade em marcha. Paulatinamente, o velho comércio local dá lugar a outro, fulgurante e barulhento. O lugar é marcado pela presença masculina: "é um antro masculino onde impera o modo de ser do macho" (DANIEL, 1982, p. 168).

Há um contraponto entre a vida desse personagem que quer suas ações ocultas e a do Herbert Daniel que, no Brasil, queria esquecer sua homossexualidade para se manter como revolucionário. Ambos têm em comum a busca pelo disfarce, o desejo situado numa

região subterrânea aos olhares de terceiros. O lugar visitado, com sua decoração pouco pretensiosa, é um meio caminho entre sauna e bordel. Sauna que é, ao mesmo tempo, pretexto. Em seus tempos de luta armada, Herbert Daniel não procura saunas nem bordéis. Mantém o gestual de masculino-heterossexual, ocultamentos que garantem seu status de militante revolucionário.

Na escrita de seu “*possível romance*”, Herbert Daniel enfatiza o risco, no caso homossexual, de se “inventar uma homossexualidade”, uma essência capaz de definir a totalidade do indivíduo. Ele percebe a homossexualidade como um lugar da sexualidade, da mesma forma que a sauna dispõe de seu endereço. Já o “homossexualismo” é uma história de um grupo social, “a história de um lugar que o poema bíblico denominou Sodoma” (DANIEL, 1982, p. 171).

Nessa história há, a princípio, um universo secreto, sem leis próprias. O “homossexualismo”: “era o reverso da medalha da sexualidade ‘oficial’, uma zona desordenada. Não se tratava de um mundo à parte mas apenas duma parte de mundo” (DANIEL, 1982, p. 172). O gueto nasce posteriormente, numa ordenação do caos primitivo. O termo “gueto” diz respeito à descoberta da homossexualidade pelo capitalismo, em que: “todas as atrações possíveis do consumo se especializam para homossexuais” (DANIEL, 1982, p. 173).

Assim, a homossexualidade se converte num mercado lucrativo, legalizando o gueto e viabilizando sua exploração sistemática. É um lugar onde as questões se confundem astuciosamente. Nesse caso, por exemplo, a luta contra a repressão sexual, “a organização dos homossexuais como interesse social definido, tem como respaldo as forças sociais interessadas no pleno funcionamento do gueto” (DANIEL, 1982, p. 173). O clamor por formação do gueto e o desejo por liberdade são também o de firmar um mercado em particular, engrenagem de uma sociedade que aparentemente o recusa, conforme se lê em: “não é a primeira vez que o capitalismo engendra aparentes absurdos na sua lógica do lucro” (DANIEL, 1982, p. 173).

Ao adentrar o estabelecimento, o personagem visitante (junto com o leitor) se depara com o cheiro, que Herbert Daniel entende como perturbador, dono de uma brutalidade que o confunde, desvendando preconceitos seus, antes desconhecidos. É uma unidade olfativa sólida, jamais enfrentada de fato pelo autor; algo que, a despeito da limpeza, permanece. O cheiro apresenta a dimensão nova da sexualidade, que Herbert Daniel não queria aceitar e, portanto, “tinha dificuldade em admitir” (DANIEL, 1982, p.

174). Essa recusa em admitir a própria sexualidade é bastante recorrente em sua trajetória. Como se vê, o contato mais próximo com a mesma, a necessidade de pensá-la e senti-la no cotidiano de seu trabalho leva-o a não mais ocultá-la. Livre das amarras, dos pré-requisitos de sua vida de revolucionário, deve pensar nesse exílio na homossexualidade, um exílio desde sempre, pois pressupunha deslocamentos em seu desejo: fingir o que não sentia.

Dentro da sauna, se depara com obscenidades escritas, não aquelas relacionadas ao pornográfico, mas sim palavras de “morte aos judeus” e “fora com os árabes”, além de símbolos da suástica. A propósito disso, diz: “inicialmente eu apagava essas pornografias. Depois cansei, porque todo dia apareciam novas e piores e mais sanguinárias” (DANIEL, 1982, p. 175). Herbert Daniel pergunta-se sobre a razão de, décadas depois, serem encontradas não tanto em escritos ou pichações, mas em atitudes de certos grupos. Há elementos que persistem, a despeito da criminalização.

Ao final de sua visita, um provinciano vai embora da sauna, depois de se deparar com uma orgia da qual não participa por inexperiência. Em suma, sua chegada, passeio e saída são as de um clandestino que muito vê sem querer ser visto, de alguém que transita em um mundo que satisfaz seus desejos, mas que não pode ser publicamente admitido.

A criação desse personagem se dá no contexto de exílio. Nele, Herbert Daniel percebe novas possibilidades de compreensão, anteriormente limitadas em seu país de origem. No ensaio *The new Nomads* (1999), Eva Hoffman observa que a ausência da terra natal, embora cobre um preço muito alto do sujeito, lhe fornece, por outro lado, uma perspectiva de distanciamento fértil, que lhe permite uma renovação do olhar. Nesse sentido, a sensação de perda e ansiedade – bastante evidente em Herbert Daniel – pode constituir-se em um estímulo para a escrita.

Herbert Daniel sempre esteve às voltas com o ato de escrever, encontrando, por si próprio, estímulos para tal. Nos tempos da Ribeira, ele já escrevia por necessidade, apagando, logo em seguida, o que, no futuro, poderia vir a ser pistas para a ditadura. No caso em questão, entendo que o cenário do exílio em Paris constitui-se mais como uma nova perspectiva do que propriamente um estímulo.

O resultado disso é parte da escrita de *Passagem*. As vivências no ambiente da sauna permitem ao autor descrevê-lo como monótono. Nele vê as pessoas entrando e saindo, da mesma forma que o visitante ingênuo. Muitos clientes tentam se aproximar dele, com paqueras sempre recusadas. É sobretudo nesse espaço (e por ter tempo disponível) que Herbert é sempre flagrado escrevendo. A imagem gera curiosidades: “quantas vezes vão

me perguntar se o que estou escrevendo são minhas memórias?”. Ao mesmo tempo, é fonte de perturbações: “minha mania de escrever o tempo todo perturba os clientes. Mais que curiosidade, sentiam um incômodo indefinido” (DANIEL, 1982, p. 180).

A desconfiança de alguns frente ao jovem que escreve vem do receio de serem descritos e terem sua sexualidade exposta pelo *barman* da sauna. O medo da exposição demandava proteção no anonimato: “sentiam, difusamente, uma certa necessidade de se protegerem no anonimato” (DANIEL, 1982, p. 180). O mesmo anonimato com o qual Herbert Daniel se cobre ao esquecer sua sexualidade.

No entanto, algumas percepções de terceiros revelam, para além do incômodo, a curiosidade: o vigia da sauna, Jean, não traz a desconfiança dos demais. Seu olhar e conselhos ao escritor dizem respeito às possibilidades de mercado. Diz um dia querer ler esse livro escrito com tanto afinco. Aconselha que Herbert redija em francês, pois ninguém leria em português. Herbert Daniel observa que não tinha certeza da publicação; se escrevia, era por diversão. Olhar muito semelhante é o de sua vizinha que, ao ouvir o barulho da máquina de escrever, ia aconselhá-lo a "sair do buraco". Ela entendia aquela atividade como "megalomania de um pobre garçom de sauna querendo subir na vida" (DANIEL, 1982, p. 181).

Em ambos os casos, o gesto da escrita é entendido como mania delirante. Chama atenção a perspectiva de mercado tanto do vigia quanto da vizinha. Enquanto o primeiro sugere a escrita em francês como forma de atrair leitores, a segunda vê no gesto um meio de ascensão social. Ambos, ao observarem essas cenas de escrita, focam não nas cenas em si, mas em seu produto: o livro, possível *best seller*, fonte de recursos financeiros e ascensão social.

Herbert Daniel parece não ter esse enfoque, tanto que prescinde de uma língua de caráter comercial; sequer tem certeza de uma publicação. Nesse contexto, a escrita não é, para ele, um *status*, mas sim uma necessidade vital. Necessidade que vinha desde os tempos de militância, quando escrevia cartas a João Guimarães Rosa para, logo em seguida, queimá-las. Se a escrita nesse tempo era clandestina, o mesmo gesto, no espaço da sauna, se dava em um lugar escondido, no qual o medo da exposição gera incômodos. O ato de frequentar e vivenciar experiências homossexuais ocorre com a condição do anonimato.

Sobre esse aspecto, a experiência do assalto à sauna é bastante significativa. O ladrão apareceu um dia e encontrou o antigo garçom sozinho. Voltou na semana seguinte e não apenas levou o caixa, como também passou a adotar o método da chantagem: voltaria

sempre caso o dono não lhe enviasse certa quantia. Como homossexual, o ladrão conhecia os segredos daquele espaço. Argumenta que chamar a polícia significaria chamar atenção. A frequência daquela presença seria catastrófica para o negócio, pois espantaria os clientes. Nesse caso, "avisar a polícia, procurá-la, era mergulhar num pântano onde a sauna iria perder-se irremediavelmente" (DANIEL, 1982, p. 183).

Nesse sentido, aos olhos dos clientes, a sauna passaria por um lugar perigoso, não só pelo risco dos assaltos, mas pelas possíveis quebras de anonimato. Por outro lado, a contratação de um "leão-de-chácara", ou seja, um vigia, poderia chamar atenção de outros ladrões que perceberiam o estabelecimento como um lugar que teria o que guardar. A denúncia à polícia resulta apenas no registro sem qualquer visita ou investigação. Contrata-se, por fim, um vigia. Tanto os argumentos do ladrão quanto os receios dos responsáveis pela sauna na tomada de decisão denotam o caráter clandestino desse espaço e dos homossexuais que o frequentam. "A noite inventa paisagens" – enfatiza Herbert Daniel – e "propicia refúgios" (DANIEL, 1982, p. 188). Refúgios que são também um exílio na homossexualidade.

No final dos anos 1970, foi proposto um debate aberto sobre a temática "homossexualidade e política", encaminhada pela Comissão de Cultura do Comitê Brasil pela Anistia (CBA), em 1979 em Paris. A questão trazida por Herbert Daniel se reportava à ausência da discussão do tema: "o grande senão é que não admitiam que os outros falassem. Queriam emudecer todos, impedir, reprimir a fogo e ferro". Chega-se mesmo a trazer argumentos da ordem "o homossexualismo é uma doença" ou mesmo "é resultado da decadência do capitalismo" (DANIEL, 1982, p. 214).

Com isso, abriu-se uma crise no CBA. Para que não houvesse uma cisão definitiva, a reunião foi feita, com um debate animado, porém "marginal e marginalizado" (DANIEL, 1982, p. 214) – a mesma marginalidade com a qual sempre teve que conviver a homossexualidade.

Com efeito, o debate "homossexualidade e política" foi realizado em 29 de abril de 1979, na *Maison du Brésil*, espaço cultural na *cit  universit *, Herbert Daniel apresentou suas ideias para um público de 200 pessoas. Entre eles, estava  tila, ex-companheiro dos tempos da Ribeira. Ele compareceu ao evento para deixar claro sua discordância com a homossexualidade e para confirmar a sexualidade de Herbert Daniel. Após ouvir a confirma o, espantou-se pelo fato de o palestrante nunca ter falado sobre o assunto nos tempos do treinamento de guerrilha. Imediatamente, a resposta veio: "claro,  tila, eu

conheço você e os outros. Jamais diria isso naquele espaço” (DANIEL *apud* GREEN, p. 240). A resposta apenas confirma o ato de Herbert Daniel de esquecer sua sexualidade em prol da revolução; ele observa não se sentir reprimido nos tempos da Ribeira, pois acreditava na ausência de sexualidade como condição para a luta. No fundo, um silêncio, um exílio. Na passagem dirigida a Átila, destaca: “sabe, meu amigo, eu não era exatamente um militante homossexual. Era um homossexual exilado” (DANIEL, 1982, p. 221).

Os membros da comissão da cultura – dentre eles, Herbert – confessaram-se despreparados para enfrentar reação de tal ordem: “ingenuamente, pensáramos que o preconceito aberto e medieval já não existisse, naquele meio, naquele tempo” (DANIEL, 1982, p. 214). Com efeito, a figura de Átila, seus motivos de comparecer ao debate, bem como suas palavras, deixam claro que, mesmo dez anos depois, a postura da esquerda, em relação ao assunto, permanecia inalterada, quiçá mais agressiva.

Prosseguia, portanto, o exílio na homossexualidade, traduzido em um preconceito mostrado de forma aberta no âmbito da esquerda: “raramente o preconceito contra a homossexualidade se mostra assim, na esquerda, com agressividade aberta”. Em frases como “o problema é deles... os homossexuais... que se virem com sua equação” era a fórmula clássica da esquerda de afirmar a sexualidade como algo não diretamente político. Junto a essa negação, há ainda os silêncios, uma mudez, ou censura, “um dos mais renitentes resíduos do totalitarismo” (DANIEL, 1982, p. 215). Resíduos que são também formas de exilar os homossexuais.

Ao mesmo tempo, ele não procura se justificar via escrita, ou mesmo se defender ou defender os homossexuais em geral. Nesse ponto de *Passagem*, Herbert Daniel reflete sobre o risco de uma escrita da memória como forma de justificativa do autor; uma escrita na qual este – entrincheirado em seus personagens – tem sempre razão, mesmo em seus erros. A literatura, nesse sentido, “não pode ser uma traição e o escritor deve ser um personagem à altura dos outros. Exposto” (DANIEL, 1982, p. 216). Uma situação em que “é preciso se preocupar constantemente com as encruzilhadas entre a literatura e a vida” (DANIEL, 1982, p. 216). Suas falas em primeira pessoa existem como forma de “escapar do falacioso mecanismo do culto à personalidade, que faz a política da abstrata pessoa ausente do discurso” (DANIEL, 1982, p. 216). Em outras palavras, a presença da primeira pessoa se justifica como forma de imiscuir o eu do narrador – Herbert Daniel – em sua trajetória contada via narrativa. Nesse sentido, criar um personagem seria forjar a política de um narrador ausente do discurso, onisciente e que tudo justifica.

Herbert Daniel discorre sobre sua sexualidade por considerar absurdo a esquerda falar da homossexualidade dos outros. O evento, no entanto, deixou evidente essa prática de silenciamento. Ele deixa claro não querer impor à esquerda um discurso homossexual, isso porque “ela já tem um, que é o silêncio, que é uma forma de exílio”. Seu desejo é o de “criticar este mudo discurso que organizar novos desterrados” (DANIEL, 1982, p. 217).

A organização de *Passagem*, a presença de “contos possíveis”, o ato de forjar personagens e, ao mesmo tempo, inserir o “eu” no discurso são estratégias de apresentar diretamente essas tantas formas de desterrados. Intervalos no real, espaços fabulares que cortam a linha da narrativa, todos esses recursos presentes nesse “possível romance autocrítico” evidencia um âmbito de possibilidades e debates que vão muito além do momento em que foram escritos.

1.5 “Voagens” fora da terra do Brasil

Dentre todos os países do cone sul, no início dos anos 1970, o Chile é, sem dúvida, o lugar mais visado pelos perseguidos políticos. Segundo Rollemberg (1999), o país foi o símbolo da esperança e da crença na revolução. A eleição de Salvador Allende trouxe a experiência socialista. José Maria Rabêlo (2001) descreve o Chile naquele momento como “a Meca da esquerda mundial”. Nesse sentido, o país passou a ser visto como um “asilo contra a opressão”. Reinava a sensação de um país de plena democracia.

James Green observa que “milhares de revolucionários brasileiros imigraram para o Chile durante o governo de Salvador Allende” (GREEN, 2018, p. 200). Muitos tinham mandatos de prisão, ao passo que outros se adiantaram, fugindo do país antes que o cerco se fechasse definitivamente sobre eles. Herbert Daniel insere-se entre os primeiros. Sobre ele recaíam múltiplas acusações de violações da Lei de Segurança Nacional; se fosse detido, “receberia a sentença de múltiplas prisões perpétuas” (GREEN, 2018, p. 205). Havia, inclusive, o risco de pena de morte, por conta do AI-4, de 1969.

A decisão pela saída, no entanto, era vista pela esquerda como covardia diante da luta, por mais que a derrota fosse evidente. Sobre esse tema, Herbert Daniel traz um conto do capítulo “SÓ”, a última conversa entre os personagens Jonas e Camilo. São amigos de militância que, no momento da narrativa, estão prestes a se separar: Camilo tomara a decisão final de deixar o país. Jonas, por sua vez, insistia que a continuidade da luta

armada era o único caminho. Este entendia a decisão do amigo como "desbundamento", termo em geral usado no sentido de fraqueza ou desistência. Da parte de Camilo, as explicações vinham trôpegas, numa falta de coerência para explicar o que ele intuía como premonição de uma catástrofe. Embora não confessasse, bem no fundo, Jonas também partilhava da mesma intuição: "Jonas insistia em seguir no naufrágio, sem admitir que não distinguia soluções" (DANIEL, 1982, p. 75). Queria, como muitos outros, seguir até o fim.

Denise Rollemberg (1999) assinala que, embora o exílio apareça como um recurso de sobrevivência, boa parte da esquerda brasileira, nos anos 1960 e 1970, teve dificuldades de aceitá-lo. Para muitos perseguidos políticos, não estava no horizonte sair do país, sendo que vários sujeitos acabaram optando por enfrentar a tortura, a prisão e, em muitos casos, a morte. Já para Herbert Daniel e seus companheiros, ainda no início dos anos 1970, aceitar o exílio poderia significar o abandono da revolução, uma vez que entendiam atuar na legalidade, o que confirma as observações de Denise Rollemberg (1999).

Havia, no entanto, posturas individuais a respeito do tema. Um dos "Contos possíveis de 1970", presente no capítulo "SÓ", traz uma imagem desse cenário em que a decisão pelo exílio é mal vista. Jonas é figura representativa da resistência ao exílio, entendido como "fuga" ou mesmo "covardia" frente às circunstâncias. Ele não consegue explicar os próximos passos da luta armada. No fundo, intui a situação de abismo engendrada pela continuidade do movimento. Camilo, por outro lado, insiste na necessidade de partir, sendo fortemente criticado pelo companheiro.

Fica evidente que todos os membros do movimento parecem intuir o mesmo, ou seja: a derrota iminente. O âmbito terminológico da narrativa deixa claro o clima da dinâmica da sobrevivência. Falava-se em "fins" ao invés de "começos" ou "continuidades": "só raramente – em panfletos – se lia a palavra vitória. Ainda assim como mero valor retórico" (DANIEL, 1982, p. 76). Assim, palavras como "conquista" e "vitória" aos poucos cedem lugar ao termo "resistência". O conto prossegue explicando que, nos primeiros meses de 1970 (aquele mesmo ano cujo *réveillon* é celebrado com grandes expectativas no início do primeiro conto), os termos empregados vão do triunfo (vitória, lutar conquistar) à defensiva (resistência, aguentar, sobreviver). Ainda assim, não havia a elaboração de uma tática defensiva. A intenção era lutar até o fim... "que fim"? "Camilo sabia que Jonas chamava de 'luta revolucionária' o encaminhamento de um suicídio" (DANIEL, 1982, p. 76).

Essa discussão de ambos se refere a um clima em que “escolher este caminho [o exílio] era sinônimo de traição e covardia” (ROLLEMBERG, 1999, p. 63). Em casa, Camilo ouviu o discurso de um ministro, saudando-o ao modo dos gladiadores diante do imperador, pouco antes de um combate: “aqueles que vão morrer te saúdam”, evidenciando a consciência de uma resistência prestes a desaparecer. O pesadelo prossegue e chega ao seu paroxismo com o anúncio da morte de Jonas, pouco antes daquele encontro. Simbolicamente, a morte confirma o “encaminhamento de um suicídio” (DANIEL, 1982, p. 76) em que se consistia a luta armada. Camilo resolve partir pelo risco que o cenário apresenta para sua vida. Assim, diante do perigo, apagam-se os vaga-lumes.

Por mais ousado que fosse, e a despeito dos humores do momento, não havia mais possibilidade de permanência no território brasileiro. Em 7 de setembro de 1974, Herbert Daniel, junto a Cláudio, cruzou a fronteira do Brasil com a Argentina. Levava consigo passaportes adulterados e a simulação de uma laringite para evitar conversas com estranhos. A partir desse momento, ele passou a encarar novas formas de trânsito, que envolveriam novos ares e idiomas, tendo a Europa como destino. A opção mais evidente (e tomada com rapidez) foi Portugal. As cartas mencionadas por James Green (2018) acentuam uma vida diferente e mais libertadora em que era mais possível discutir política sem o medo das repressões. Os sonhos de Herbert Daniel continuam existindo, embora menores. Sua perda de peso o auxiliou na relação problemática com seu próprio corpo. É também desse momento o princípio de um novo olhar sobre a (homo)sexualidade e os movimentos, no sentido de assumir sua relação com Cláudio. Nesse sentido, a dupla face do exílio apontada por Rollemberg (1999) (ou seja, o exílio como perda e, ao mesmo tempo, espaço para novas possibilidades) evidencia-se nos trânsitos de Herbert Daniel pela Europa.

A sensação de liberdade e as novas possibilidades trazem experiências repletas de aprendizados. Herbert Daniel tem um maior contato, por exemplo, com o feminismo. Via-se antes centrado numa perspectiva marxista e anti-imperialista que o impedia de perceber a cristalização dos papéis de gênero e a sobrecarga de trabalho nos ombros das mulheres.

Ao final de 1975, no entanto, grupos conservadores passaram a controlar o poder em Portugal. Houve uma invasão de soldados na casa de Herbert na busca por armas. Embora nada ocorresse, a situação acabou por abalá-lo, reavivando memórias dos tempos do Brasil. Com isso, decidiu, junto a Cláudio, sair de Portugal, sendo Paris o novo destino. Não desejava ver a revolução dos cravos murchar, assim como vira os sonhos

revolucionários murcharem no Brasil. A mudança, por fim, se deu em 1976 (GREEN, 2018).

Ao tratar de sua experiência em Paris, Herbert Daniel se atenta para uma “mitologia da volta”, na qual se vivia na espera por um retorno que deveria ocorrer a qualquer momento. Tal política não se centrava numa atividade criativa, mas sim num espaço de transitoriedade. Isso soa como o estado de preparação dos tempos da militância, um momento pré-político que Herbert Daniel recusa. Ele procura fazer de sua vivência fora do Brasil um lugar de produção criativa. Ao mesmo tempo, observa que: “a vida no exterior não modificara os principais problemas dos grupos de esquerda, acentuara o dogmatismo, cristalizara o sectarismo” (DANIEL, 1982, p. 154). Tal ponto é evidenciado pelo tratamento dado ao debate sobre homossexualidade e política.

Em Paris, trabalhando como porteiro em uma sauna e imerso em seu longo exílio, Herbert Daniel se dedica à escrita; encontra-se deslocado, vivendo um intervalo. O arranjo da narrativa traz esse deslocamento. Em determinado momento de seu primeiro capítulo, por exemplo, ele anuncia o início de uma “brincadeira de faz-de-conta”. Propõe imaginar a “possibilidade da existência de um personagem-autor de um romance imperfeito” (DANIEL, 1982, p. 22), com as características confessadamente inventadas. Em seguida, elenca os dados: nome, idade, sexo, nacionalidade, naturalidade, filiação, cor, religião, instrução, profissão, estado civil e sinais particulares. Essa sequência encena a própria burocracia do questionário preenchido pelos exilados no momento de entrar em outro país.

Na construção de seu personagem-autor, Herbert Daniel funde essa experiência burocrática a sua narrativa, gerando um “personagem inventado”. Em sua maioria, as respostas são curtas, tal como deve ser um questionário dessa natureza: “Nome – vários”; “idade – a dantesca, o meio (injusto) do caminho”; “sexo – masculino”; “nacionalidade – brasileiro” etc. Há, no entanto, comentários, entre parênteses, que elucidam a construção desse personagem:

nacionalidade – brasileiro (sem nenhuma dúvida, nem vacilação. Embora entre os outros brasileiros seja peculiar, *minoritário: exilado*); “sexo – masculino. (sem dúvida, nem vacilação. Embora entre os outros masculinos seja peculiar, *minoritário: homossexual*) (DANIEL, 1982, p. 23, grifos meus).

Se, por um lado, há as respostas aos questionários, por outro, os comentários entre parênteses trazem marcas dos diversos exílios enfrentados. Se os exílios representam cortes

na experiência do personagem-autor, os comentários postos trazem essa mesma experiência de corte no modelo dos questionários.

Em seguida, procede um “roteiro sumário”, uma “cronologia fantasiosa” visando a auxiliar na compreensão da sequência dos acontecimentos. O personagem nasce em 1946, tem sua primeira experiência política em 1956, entra para o curso de Medicina em 1964, opta pela luta armada em 1969, recebe, no mesmo ano, notícias assombrosas de torturas, foge de um cerco militar em 1970, sequestra embaixadores em 1971, vê sua solidão se acirrar em 1972.

Nesse conto, encadeado numa sequência temporal, o personagem assume vários nomes, desconhecendo-se sua verdadeira identidade. Esse ocultamento e essa multiplicidade representam a experiência cotidiana da resistência. O caráter confessadamente fantasioso, presente no texto, é a experiência cotidiana da fantasia na clandestinidade, própria da vida desses seres humanos que sobrevivem, apesar de tudo.

Compreende-se, então, que “uma *experiência interior*, por mais ‘subjéctiva’, por mais ‘obscura’ que seja, pode aparecer como um *lampejo para o outro*, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração de sua transmissão” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 135). Experiências que se constituem num saber clandestino, hieróglifo.

Herbert Daniel afirma contar seus “causos” porque deseja saber os “nossos” de uma época, ou seja, as histórias compartilhadas por muitos. A situação de seus exílios é exemplar, porém não excepcional: “o que um fez – ou faz, nas suas memórias – só é importante como indicador do fazer mais amplo em que todos metemos nossa colher torta” (DANIEL, 1982, p. 45).

Ao final de "SOL", abrem-se os "contos possíveis dos anos inúteis", que apresentam vários personagens e suas experiências fora de seus respectivos países. O primeiro, intitulado "ALI", traz um árabe homossexual exilado em Paris. Para sobreviver, prostituía-se. A narrativa permite perceber o caráter heterogêneo do exílio, no caso em questão, atrelado à classe social, à etnia e à sexualidade.

O árabe Ali, como outra forma de obter sustento, trabalhava faxinando em estabelecimentos comerciais, nos quais não ficava por muito tempo. Vez ou outra, roubava alguma coisa. O conto ressalta o caso de um relógio. Ali trabalhava em um restaurante. O objeto desaparecido era uma jóia da família de Arnaud, o dono do estabelecimento. Este tinha certeza de que fora Ali, por mais que este negasse.

Conforme Herbert Daniel, "o racismo, que é sempre uma forma ideal, um modelo, se alimenta de exemplos. O que caracteriza o racismo não é a falsidade da imagem que veicula, mas a forma ativa de fabricar a imagem" (DANIEL, 1982, p. 195). Imagem fixada pela acusação posteriormente confirmada de Arnaud contra o árabe, já que Ali era, de fato, responsável pelo furto. Em todo caso, evidencia-se que a condição dos exilados está longe de ser homogênea. Fatores como origem étnica, condição econômica, formação ou mesmo gênero e sexualidade marcam as vivências dos indivíduos exilados.

José Maria Rabêlo evidencia essas diversidades no exílio, pensando em uma divisão de classes que iria da burguesia (os mais afortunados) aos proletários (aqueles que enfrentavam dificuldades financeiras). Estes sobreviviam com salários apertados ou mesmo ajuda dos familiares (RABÊLO, 2001, p. 83). Com isso, evidenciam-se vivências diversas no exílio, deixando clara a heterogeneidade de experiências, muitas vezes, atreladas a condições econômicas.

Outro aspecto indicado por Herbert Daniel (e que ressalta essa heterogeneidade) é não apenas o trato com a língua francesa, mas a má recepção do estrangeiro. O conto "Sexto andar" traz situações vividas por exilados menos afortunados. Trata-se de Maurício, um jovem que sente falta das terras tropicais, nas quais a noite chega logo depois do pôr do sol. Em sua nova casa, vive noites brancas, de anoiteceres às dez horas. As avencas, plantas de que sempre gostara, não sobrevivem na parte exterior da janela, conforme lhe explica uma florista.

Além das questões financeiras, um grande problema enfrentado é a barreira da língua francesa. Compreendia apenas algumas palavras, que, muitas vezes, lhe impedia de apreender o sentido completo. Certa vez, limpando o lado externo de sua janela, deixou a água cair na janela da vizinha do andar inferior. Imediatamente, ela apareceu em seu apartamento, para reclamar daquela "invasão" a sua privacidade. Maurício entendeu que se tratava de alguma acusação, embora não apreendesse qual fosse. Atordoado, "conseguiu explicar que não compreendia, que não falava francês" (DANIEL, 1982, p. 198). Em tom de voz mais exaltado, a vizinha repetia as palavras "*eau*", "*salir*" e "*carreau*".

Maurício suspeita, pelas palavras "*eau*" e "*salir*", de que a acusação tinha relação com água e sujar. Não compreende *carreau* (vidraça). De qualquer forma, pede desculpas e vê a vizinha sair irritada. Para o personagem, o aprendizado da língua estrangeira constituiu-se em grande dificuldade. Era problemático, a princípio, encontrar o tempo e a pessoa necessários para uma conversação. O uso do *vous* demandava tempo para pensar, levando

ao esquecimento do que se queria dizer. Quando chega para reclamar da água que molha, ou “suja”, sua vidraça, a vizinha se ofende por Maurício utilizar o *tu*, demasiado intimista. Ele o utiliza, no entanto, exatamente por sua lacuna de linguagem, por não poder usar o *vous*.

Em *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade* (2003), Jacques Derrida expõe sua perspectiva acerca da hospitalidade, encarando-a como fundamental, já que vivemos tempos de constantes trânsitos. Considera a existência de uma *hospitalidade de direito*, que consiste numa receptividade de regras, marcadas por questionamentos quanto à identidade e comprovação da mesma, além da exigência de contrapartidas devido ao ato de recepção. Essa forma de hospitalidade passa por uma relação de poder exercida por aquele que hospeda sobre os que chegam; por isso, gera cortes, desníveis no que tange à alteridade, ao outro. A questão identitária se vê rasurada devido à imposição da tradução: exige-se que o estrangeiro apresente uma língua que não é a sua. Ao mesmo tempo, essa forma de hospitalidade pressupõe tolerância, o que, por si só, rasura e diminui o outro. Diante da hospitalidade de direito, Derrida propõe o conceito de *hospitalidade incondicional ou radical*, algo que “manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito” (DERRIDA, 2003, p. 25).

Ao mesmo tempo, Derrida (2003) reconhece a aporia desse conceito, pois hospedar radicalmente o outro consistiria em receber sem nada exigir em troca, sem sequer querer saber de nomes e identidades; uma recepção incondicional incapaz de rasurar. Posto dessa forma, o conceito torna-se aporia na medida em que o ato de hospedar passa por questões identitárias: demandamos informações sobre quem recebemos. Para o filósofo, o conceito, embora aporístico, deve, de alguma forma (e na medida do possível), ser praticado, haja vista o atual contexto tão repleto de mobilidades e, ao mesmo tempo, carente de hospitalidade. O conceito, nesse sentido, precisa ser acolhido, ou, de alguma forma, “forçado”, por conta da alteridade que constantemente bate à porta.

Acolhimento este que, de fato, não acontece no contexto do conto em questão. A estada de Maurício não é nada facilitada em Paris. Os gritos de palavras em francês ao jovem (embora ele explicasse não falar o idioma) constituem-se nessa rasura discutida por Derrida (2003). Exige-se que o jovem compreenda e se expresse em um idioma que, além de não ser o seu, não é (naquele momento) de seu domínio. A irritação pelo uso do *tu* aponta para o mesmo aspecto, demandando do outro (da alteridade) um saber que ainda não lhe pertence. Irritada, a mulher espera que ele saiba a sua língua, colocando em prática

uma hospitalidade de direito, já que exige em troca que o outro fale seu idioma. Ato com efeito violento, pois se espera que o outro traduza de seu próprio idioma antes de propriamente acolhê-lo.

Derrida observa que “quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase sempre a de uma *indefinível inquietude*. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal-estar se interrompe” (DERRIDA, 2003, p. 28, grifos meus).

Essa indefinível inquietude compõe as vivências de Maurício em terras estrangeiras. O contexto de Paris, no entanto, dificulta a familiarização com o desconhecido, atrasando a interrupção do mal-estar. Com efeito, os anfitriões dificultam qualquer ambientação: “não foi nada simples fazer amizade com franceses, eles não são muito receptivos”. Depois de três anos no prédio em que vivia, não podia descrever seus vizinhos. Havia pessoas que nunca vira. Trata-se de um lugar que “não se pode contar com vizinhos” (DANIEL, 1982, p. 199).

Tanto que, uma tarde, Maurício chegou a sua casa sentindo-se mal, com febre e enjoo. Poderia ser outra gripe, pois vivia sempre gripado no inverno. Às dez horas da noite, acordou consciente de que ia perdendo a hora para o trabalho no restaurante. Tentou levantar, mas vomitou e era incapaz de ficar de pé. Sem muita força, gritou conforme podia, pedindo ajuda através da janela aberta e suportando o frio que entrava. O silêncio permanecia, mesmo depois de ele bater nas paredes em desespero. Não poderia descer seis andares sozinho, pois morreria de frio e, na situação em que se encontrava, era incapaz de se vestir. Arrastou-se para o quarto. Por mais que insistisse em chamar, o mesmo silêncio permanecia. Deu-se conta de que ninguém queria escutar. Foi então que teve a ideia de, do quarto, ligar o rádio no último volume. Imediatamente, várias luzes se acenderam ao mesmo tempo. Pediram silêncio. “Pouco depois chegaram alguns vizinhos para acabar com o barulho infernal daquela festa improvisada” (DANIEL, 1982, p. 200). Não demorou muito para que chegassem os enfermeiros em uma ambulância.

Denise Rollemberg (1999) destaca esse mito do “país de acolha” que passa a existir entre os não exilados. A imagem da acolhida é largamente utilizada, o que, no entanto, acaba ocultando realidades mais complexas. De fato, há um olhar para os exilados como “terroristas”, de forma que os países que recebem assumem posturas de pressão e intimidação. Citado por Rollemberg, Daniel Aarão Reis Filho deixa clara a situação dos interrogatórios na qual o policial francês que o interroga evidencia conhecer sua ficha.

Destaca ainda a impressão de contato entre as polícias e as trocas de informações. Por sua vez, “as mesquinhas e os constrangimentos por parte da polícia fizeram parte do cotidiano dos exilados brasileiros na Alemanha Ocidental” (ROLLEMBERG, 1999, p. 145). Atitudes, portanto, muito distantes da *hospitalidade radical*, apresentada por Derrida (2003).

Nesse contexto narrado pelo conto de Herbert Daniel, a inquietude sempre é constante, tornando difícil qualquer processo de adaptação. Rasuras, distanciamentos, dificuldades com o idioma e tensões marcam as vivências no exílio. Entre os menos afortunados, outra questão se apresenta como grande problema: o trabalho.

O conto “Emprego” traz a busca do personagem Roberto por uma fonte de renda. Vivendo por um tempo em Paris, procura por qualquer emprego, pois vê sua bolsa de estudos se esgotando, sem possibilidade de renovação. Madame Delporte, responsável por analisar os currículos, sente-se constrangida por não ter nenhum emprego relacionado às experiências do rapaz. A necessidade de sobreviver o leva a não selecionar algo voltado para seu campo de estudo; simplesmente precisa de salário. Naquele lugar, há apenas trabalhos manuais. No fundo, “a planificação da sobrevivência de Roberto obedece às leis da transitoriedade do exílio”. Isso significa trabalhar por um período até ser demitido ou pedir demissão. Depois disso, teria direito à *securité sociale*, pela qual receberia auxílio-desemprego. Trata-se de um período de suspensão e desespero, em que a busca por um novo trabalho é constante, uma situação em que “o dinheiro que se recebe é suficiente apenas para subsistir” (DANIEL, 1982, p. 201). Madame Delporte, por sua vez, aconselha (sem oferecer) um trabalho no campo da Biologia, sem se dar conta de que as portas estavam fechadas para o jovem.

Denise Rollemberg observa as dificuldades de colocação profissional enfrentadas por muitos exilados no continente europeu: “na Europa, o rebaixamento profissional e social tornou-se a realidade da maioria e o único meio de ganhar a vida. Só uma minoria conseguia se manter em suas atividades originais” (ROLLEMBERG, 1999, p. 125).

Tais dificuldades compõem a dinâmica da sobrevivência. A compreensão das dificuldades é evidente por parte desse grupo de exilados. Roberto não espera por um cargo em seu ramo de estudos. Está disposto a aceitar qualquer emprego que lhe traga salário. Tanto que, ironicamente, diante dos questionamentos de madame Delporte sobre a continuidade dos estudos, pensa: “já não tenho mais saco para estudar”, embora diga “tenho tempo” (DANIEL, 1982, p. 201).

Evidencia-se no conto a incompreensão da francesa frente à situação do exilado. O trânsito de Roberto se dá não apenas na mudança de país ou na distância de seus familiares; encontra-se no fato de se formar e ser obrigado a trabalhar fora de sua especialidade, transitando para outras práticas com as quais não está habituado. Diante dessa situação, muitos exilados viram no continente africano uma possibilidade. Conforme Rollemberg:

As ex-colônias portuguesas, extremamente carentes de profissionais qualificados e que soubessem o idioma abriam um amplo campo de trabalho para os exilados brasileiros com diplomas universitários e mal aproveitados na Europa. Lá podiam atuar, aperfeiçoar-se, realizar e aprender (ROLLEMBERG, 1999, p. 125).

Dessa maneira, a ida para países africanos representava não mais um movimento forçado, marcado pela fuga, mas sim uma opção surgida em meio a um exílio imposto – uma migração. Significou, além disso, uma elevação dos padrões de vida, em comparação com a estada na Europa (ROLLEMBERG, 1999).

Não é esse, no entanto, o caso de Roberto. Ele consegue emprego em um banco, organizando fichas, trabalho tido como enfadonho. Segue sua dinâmica da sobrevivência. Passa os dias ora desempenhando suas tarefas, ora conversando com amigos. À noite, no entanto, rola na cama, sem sono. Sente que o exílio se estende demasiado: “o tempo não passa, a vida empaca-se nos intervalos dessa espera” (DANIEL, 1982, p. 206).

Desenvolve-se em Roberto uma ansiedade pela volta, um olhar para o exílio como pesadelo do qual queria acordar. As insônias tomam suas noites de uma vida empacada numa espera. O tópico seguinte se atenta para a angústia da volta de Herbert Daniel, marcada por entraves burocráticos que aumentam sua ansiedade e lhe permitem perceber entraves no próprio processo de democratização.

1.6 “Voagem” para a terra do Brasil: a angústia do retorno

Em agosto de 1978, começaram a circular notícias sobre a promulgação da Lei da Anistia. Para os exilados políticos, representava a possibilidade de retorno ao Brasil. Entusiasmado, Herbert Daniel, junto ao seu companheiro Cláudio, aguardava pelo retorno. Com o tempo, porém, ficou evidente que essas viagens fora das terras do Brasil durariam muito mais do que o esperado. O ex-estudante de Medicina não seria contemplado, pois fora condenado a uma longa pena de prisão por sua participação nos sequestros dos embaixadores (GREEN, 2018). Se retornasse, poderia ser encarcerado por mais de uma

década. Todos os 110 presos políticos que ele ajudara a libertar tinham, a partir daí, a possibilidade de voltar, ao passo que ele próprio continuaria no exílio.

Para Ricœur (2007), a anistia é um gesto de interrupção que deve permitir que um grupo permaneça capaz de uma vida em comum, a despeito das discordâncias. Por outro lado, a anistia não abole o conflito, também uma condição dessa vida em comum. Representativa de uma trégua talvez necessária do conflito, a anistia não pode pretender constituir uma regra eterna. É nesse sentido que a proximidade entre anistia e amnésia ou mesmo entre anistia e perdão deve ser, nos dizeres de Jeanne Marie Gagnebin (2007), vigorosamente denunciada.

Para Daniel Aarão Reis (2010), a Lei da Anistia, embora possibilitasse o alívio para muitos, sobretudo os exilados, representou também silenciamentos acerca das torturas e dos desaparecimentos perpetrados pelo regime. Todas as oposições suscitadas desde o início pela ditadura ganhariam muito mais força com sua derrocada. Herbert Daniel, evidentemente, fazia coro com essas vozes. O atraso de sua volta tornou-se emblemático no sentido de demonstrar o atraso na consolidação da própria democracia no país:

ele prontamente transformou sua situação pessoal em uma campanha política para mostrar como a exclusão de alguns revolucionários da Lei da Anistia era uma forma de retardar a consolidação da democracia brasileira (GREEN, 2018, p. 246).

Testemunho do momento histórico, essa exclusão evidencia a complexidade do processo de redemocratização. Em carta aberta, deixou claro que a permanência do poder dos generais se evidenciava na exclusão de alguns anistiados da lei que lhes permitiria a volta. Nesse sentido, a existência dos não anistiados significava um aviso às forças democráticas: “continuam em vigor o exílio, a prisão política, o regime de exceção” (GREEN, 2018, p. 246).

Uma reportagem da *Veja*, publicada na época, identificava a figura de Herbert Daniel com a de Sebá, personagem de Jô Soares, que fazia parte do programa "Viva o Gordo". Sebá, apelido para Sebastião, é a figura do exilado político desconectado do Brasil e sempre atrasado em relação às mudanças do país. O subtítulo da reportagem anunciava: “Sebá existe e é porteiro de uma sauna em Paris”. A combinação da permanência de Sebá no exílio com a realidade de Herbert Daniel marcou este como “o último exilado do Brasil”, descrevendo-o como alguém discreto em relação ao seu passado revolucionário. Insatisfeito, Herbert Daniel enviou uma carta criticando a revista. Nela deixava claro ser

avesso ao apagamento de seu passado como militante, sendo o esquecimento apenas de interesse dos torturadores (GREEN, 2018).

Nesse sentido, no que concerne ao espaço público, Herbert Daniel evidenciou sua situação. Seu caso particular serviu para deixar claro que o poder ditatorial instaurado em 1964 não se retiraria tão prontamente. Em termos particulares, as cartas de Herbert Daniel citadas por James Green (2018) expressam grande angústia e tristeza com um exílio interminável: “tá duro, muito duro, aguentar esta primavera de neve, esta espera de um verão que nunca me pareceu tão impossível”. Demonstra também grande impaciência e pouco assunto para a escrita: “não tenho o que escrever. Não tenho cabeça, nem paciência [...] é dureza superar o exílio”. No lugar em que se encontra, prevalece uma rotina insuportável. Além disso, a certeza de nada poder fazer para acelerar sua volta também compõe esse momento: “estou no exílio, não posso ser anistiado, não posso fazer nada senão esperar” (DANIEL, 1980 *apud* GREEN, 2018, p. 248).

Tristeza, angústia, impaciência, vazio, rotina, impossibilidade de ação são alguns dos elementos que compõem essa espera da volta, esse momento de suspensão dentre os tantos outros pelo qual Herbert Daniel passou. Nem por isso ele manteve o silêncio. Torna-se premente contar, em um momento de poucas esperanças.

O último capítulo de *Passagem* “SOLO”, discorre sobre essa continuidade do exílio e, ao mesmo tempo, a respeito do ato da escrita como um dever: “composição. Quase um dever: contar como foi, lá fora. Para casa: para quando voltar do exílio” (DANIEL, 1982, p. 211). Sente o exílio como um caminhar em círculo, um findar que se assemelha aos tantos começos. Refere-se a *Passagem* como um livro dividido em quatro – tal como as estações do ano –, mas que finda como iniciou: “voagens fora da terra do Brasil. Um Voo” (DANIEL, 1982, p. 212). O livro, nesse sentido, parece seguir os passos de seu autor. Ele sai de um país em estado de opressão e se vê em um retorno atrasado para o mesmo país em que a opressão permanece inalterada.

Embora o dicionário *Priberam*¹³ defina “voagem” como o resíduo de cereais debulhados em um terreiro, Herbert Daniel aproxima o vocábulo ao próprio voo, nesse caso, um voo entre Brasil e França marcado por cicatrizes e aprendizados. Exílio, movimento para fora da terra do Brasil, mas que deixa também seus resíduos, abrindo espaço para memórias e ressignificações. Nesse caso, estamos diante de memórias *no*

¹³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/voagem>

exílio, edificadas em um estado de suspensão, no qual, segundo Herbert Daniel, nada se pode fazer. Saber de uma volta adiada traz ao jovem uma sensação de envelhecimento: “envelheci muito nesta espera, perdi todas as oportunidades de vir a fazer minha vida como quero”. Há ainda uma sensação de falta de tempo: “não disporei de tempo para recuperar o tempo” (DANIEL, 1982, p. 225).

Em um artigo intitulado “Mapa, Memória, Localidade e Arquivo: diálogo latino-americano” (2008), Haydée Ribeiro Coelho observa, no percurso compulsório de Ángel Rama, uma sensação de instabilidade, bem como a impossibilidade de criar raízes. Para tanto, destaca imagens do exílio, tais como: “Desfiladeros pedregosos”, “Cataclismos”, “Tierra que se Resquebraja” e “Peligros y acechanzas inevitables”. Tais imagens estão presentes no diário do escritor. Em sua análise, a autora observa a recorrência do termo “insegurança” “entrelaçado aos sentimentos de angústia e à ausência de perspectiva de futuro” (COELHO, 2008, p. 98). Tais sentimentos permeiam também a truncada volta de Herbert Daniel.

Em maio de 1981, a pena de Herbert Daniel é reduzida para três anos e meio e, por fim, anulada, por conta da prescrição. Ainda assim, seu passaporte não sai. Entraves burocráticos, ausência de notícias do governo brasileiro quanto à emissão do passaporte, prolongamentos e atrasos marcam a dinâmica da volta, truncada e, para ele, desesperadora. Após a ida de Cláudio (seu marido) para o Brasil para retirar seus pertences da alfândega, Herbert se sente ainda mais só, fato este expresso em uma carta para sua mãe: “a solidão me transtorna, e eu tento conservar o maior sangue frio. Paciência porque eu sou paciente. Não é assim que eles vão me fazer quebrar. Resisto, embora me sinta completamente privado de amigos e companheiros” (GREEN, 2018, p. 251). Assim, ele suspeita de uma resistência do governo em promover a sua volta.

Ao mesmo tempo, a “voagem” de Herbert Daniel diz respeito a uma volta ao estágio inicial, não propriamente no sentido pessoal, mas em termos coletivos, uma vez que encontra seu país no mesmo ponto em que o havia deixado na época de sua saída. Talvez nesse ponto resida a ideia de uma *passagem para o próximo sonho*. Sonho imaginado para o país durante a militância, mas que, mesmo dez anos depois, ainda se vê distante.

Herbert Daniel lança uma série de questionamentos sobre seu exílio. Ao invés de querer saber: “por que ainda estou no exílio?” ou mesmo “deveria explicar por que ainda não fui anistiado?” (DANIEL, 1982, p. 226), procura indagar o porquê da continuidade de

uma ditadura no Brasil, as razões de a anistia ser um arremedo de anistia. Num cenário de transição democrática, não seria aceitável ele próprio estar no exílio ou haver um brasileiro exilado. Suas palavras não chamam atenção para seu caso específico, sua situação sem solução. Sua preocupação se volta para a permanência de uma lógica autoritária que ainda insiste em manter seus tentáculos estendidos.

Conforme mencionado, a disposição dos capítulos de *Sobrevivência dos vaga-lumes* parece seguir a lógica das intermitências em que argumentos em tons “otimistas” são entremeados pelas exposições de cunho apocalíptico. O brilho dos vaga-lumes (capítulos de respostas) é seguido por uma espécie de apagar de luzes (capítulos interrogativos). São capítulos de questionamentos que parecem suspensões, as mesmas que vive Herbert Daniel – um apagar de suas luzes, que ele próprio qualifica como “intervalos” – os mesmos que, posteriormente, dão ensejo a interrogações.

É em Paris, em pleno fio de acontecimentos inconclusos, que ele elabora sua narrativa e seus questionamentos nesses “intervalos do real”, nesse momento de aparente desaparecimento. É no âmbito de *Passagem*, em pleno acontecimento de sua escrita, que ele irá inserir seus “contos possíveis”. Dessa vez, não haverá apagamentos. Os questionamentos colocados por Herbert Daniel dizem respeito não apenas ao seu caso particular, mas sim a um todo que se configura como preocupação maior. Sua volta, portanto, diz respeito a aspectos burocráticos que, por sua vez, descortinam um autoritarismo ainda em voga. É fato que, posteriormente, nos anos oitenta, depois de Herbert Daniel voltar ao Brasil, ocorreram debates relevantes a respeito do racismo, da questão ambiental e do vírus HIV. No entanto, a partir do capítulo SOLO, evidencia-se, no momento anterior à sua volta, uma sensação de estagnação, tanto particular quanto coletiva.

Adiante, darei enfoque às fabulações desenvolvidas por Herbert Daniel no âmbito do que ele denomina como “intervalos do real”. São contos, jogos de faz-de-conta que aparecem em “páginas possíveis”. Além disso, tentarei esboçar aquilo que chamarei de um espaço fabular, caracterizado por narrativas que ocultam e alteram nomes, mas que dialogam diretamente com os exílios aqui tratados.

1.7 O acerto de contos nos intervalos do real: o espaço fabular

Cenas de fuga, sombras e holofotes, hotéis e marcos iniciais de clandestinidade, despedidas e contrariedades, fugas e solidões, “estórias de bichos”, preconceitos,

incompreensões, desemprego e deslocamentos, angústias e desejos de retorno, todas as imagens contidas nos contos dizem respeito às vivências de Herbert Daniel. Estão presentes nos "intervalos do real", lugar este aqui entendido como a própria condição do exilado na qual o cotidiano se encontra em estado de suspensão.

Abrem-se, no âmbito dessas vidas pessoais, parênteses, que, com o tempo, mostram-se mais longos do que se supunha. Nesse estado, a fabulação se apresenta como necessidade (caso dos militantes forjando novas identidades a cada mudança de lugar), os deslocamentos se tornam regra e as localizações, muito provisórias, se desfazem facilmente. Ao longo deste capítulo, foram apresentados o que Herbert Daniel denomina “contos possíveis”, que promovem um deslocamento na linguagem, indo do tom testemunhal à fabulação.

É a esse artifício da fabulação no âmbito de certos momentos de *Passagem* que tenho entendido como espaço fabular. Espaço aberto na narrativa cuja marcação como "estória" trata das vivências dos militantes. Nessas vivências cotidianas, por sua vez, o próprio uso de “estórias” (fabulações) torna-se fundamental para a sobrevivência no próprio âmbito da clandestinidade.

A presença dos “contos possíveis” (termo utilizado pelo autor), ao final de cada capítulo, permite pensar nas constantes necessidades de invenção de nomes e histórias pessoais ao final de cada estada em lugares diferentes.

Isso porque muitos nomes de militantes circulavam pela mídia e o risco de captura era crescente. O dinamismo da narrativa de *Passagem* e seus deslocamentos de linguagem dizem respeito ao cotidiano dos militantes – exilados seja no interior do próprio país, seja em outra nação. Um cotidiano instável, em que os deslocamentos não só no espaço, mas também identitários eram necessários.

Por um lado, segundo Herbert Daniel, não há nada pior do que viver em meio a uma gente que parece falar nossa língua, situação que remete a uma forma de exílio para além da saída do país de origem. A resposta buscada para os tantos exílios é aquilo que ele próprio denomina como um “acerto de contos”, termo que remete à relevância da linguagem.

Deslocamento de linguagem, variação temática, nos intervalos do real (exílio propriamente dito), os “contos possíveis” encenam, na linguagem, essa obrigação dos militantes clandestinos de adaptarem suas linguagens ou mesmo aprender línguas novas. O “acerto de contos” representa também uma ressignificação dos tempos da militância e do

próprio exílio. Uma revisão fundamental não apenas ao nível individual – uma autocrítica – como também em âmbito coletivo, para se repensar a própria história.

Com base na argumentação apresentada, os “contos possíveis”, ao remeterem a situações de insulamento, trazem uma perspectiva crítica a respeito da ideia de hospitalidade, que, segundo Jacques Derrida (2003), deve ser incondicional, tendo em vista os constantes trânsitos. Assim, as imagens de isolamento e exílios contidas nos contos sugerem a necessidade de se praticar a “hospitalidade incondicional”.

Os personagens exilados encontram nesses “contos possíveis” situações em que se identificam. A metodologia de “estórias”, à qual Herbert Daniel recorre, cria imagens do exílio, experiências individuais que são, ao mesmo tempo, a experiência de uma geração. Da imersão em meio à aglomeração no estádio de futebol aos gritos de socorro sem resposta em um apartamento parisiense; da espera por uma década melhor às acusações de um roubo, posteriormente confirmado; das aventuras e fugas constantes à busca por um emprego que provenha o mínimo para o sustento; entre ansiedades e insônias, derrotas anunciadas e necessidades de fuga, em todos esses casos, enfim, encontra-se a marca da solidão de indivíduos imersos num estado de suspensão. Vivem, sobretudo, aquilo que Said (2003) chama de “mente de inverno”, espaço de desconforto no qual o verão, situado em outro lugar, é sempre desejado.

Se, por um lado, o exílio representa uma rota de fuga, uma forma de desviar-se do perigo, por outro, os exilados nem sempre estavam seguros. É o que observa José Maria Rabêlo. Ele próprio passou por situações de não ser contratado em terras estrangeiras a pedido da Embaixada Brasileira: “onde estivéssemos, lá chegava a mão odienta da Ditadura, ou, na palavra de um companheiro, ‘a áspera mão da Ditadura’” (RABÊLO, 2001, p. 177). Uma perseguição política que se estende pelos meandros do exílio.

Como sobreviver em mundos tão inóspitos? Como prosseguir em espaços de rasuras do sujeito, nos quais suas vivências anteriores são perscrutadas e consideradas com desconfiança? Muitas são as destruições impostas em meio ao cotidiano desses sujeitos.

Em *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2014), em resposta às “destruições”, o filósofo francês propõe imagens. Os “contos possíveis” de Herbert Daniel representam essas imagens, “luzes de contra-poder”, emitidas em um recanto do exílio, em Paris. Nesse sentido, “faz-se necessário [...] afirmar que a experiência é indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos na noite” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 148).

As inseguranças de Geraldo, as altercações de Jonas e Camilo, os constrangimentos de Maurício e Roberto, todas essas passagens representam situações de perigo em que a vida se encontra ameaçada, pois o pavor é constantemente imposto. Herbert Daniel alerta para a necessidade de lembrar, pois há muito de silêncio e esquecimento naqueles “anos do psiu”. Não é por nada que os animais perderam o dom da fala, e é por tudo que se espera que recuperem essa capacidade. Apesar de tudo, fica a necessidade de lidar com situações de medo:

Se há razão para lembrar é que o silêncio e o esquecimento são as constantes da repressão dos últimos anos. É preciso furar o segredo e o pavor, fazer de recordações dispersas a reflexão comum na consciência coletiva. Não se escreve um epitáfio, organiza-se um plano [...] nossa geração, a da barca de 68, ainda fabrica matéria para memórias. Lembraremos (DANIEL, 1982, p. 32).

Apesar de todos os traumas e destruições, há algo que perdura, o resto de uma experiência capaz de movimentar, fugir, esconder-se e, posteriormente, reaparecer. As reduções, assevera Huberman, não significam desaparecimento:

essa redução, ainda que fosse extrema como nas decisões de genocídio, quase sempre deixa restos, e os restos quase sempre se movimentam: fugir, esconder-se, enterrar um testemunho, ir para outro lugar, encontrar a tangente (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 149).

O espaço fabular, aqui destacado, diz respeito ao caso específico de *Passagem*, ao longo do qual se criam intervalos com “causos”¹⁴ referentes às (sobre)vivências e situações cotidianas que, por si mesmas, exigiam também invenções. É o caso das vivências de Herbert Daniel. Durante sua experiência como clandestino, necessitava criar “estórias” e novas identidades a partir dos trânsitos pelos quais passava. Em *Passagem*, essas mesmas situações aparecem revistas em formato de “contos possíveis” ou “estórias de bichos”. São estes contos o espaço fabular que representa um deslocamento de linguagem, verdadeiras quebras na leitura, da mesma forma que a experiência cotidiana era quebrada pelos deslocamentos. Trata-se, portanto, de outra forma de dizer algo, transmitir experiências individuais representantes das vivências de uma geração.

Por fim, os deslocamentos que os “contos possíveis” promovem se inserem no movimento de fuga, em espaços de fabulação tão necessários à sobrevivência dos exilados. Sobrevivências que possibilitam retomar as “recordações dispersas”¹⁵ referidas Herbert

¹⁴ Palavra utilizada por Herbert Daniel.

¹⁵ Expressão utilizada por Herbert Daniel.

Daniel. Uma vez reunidas, têm o potencial de se tornarem uma reflexão, uma ressignificação na consciência coletiva. Tais recordações são experiências clandestinas que, nos dizeres de Huberman: “se dirigem [...] aos povos que poderão ou estarão dispostos, em determinado momento, a ouvi-las. Todos são atos políticos fundados sobre a ‘comunidade que resta’” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 150).

O capítulo seguinte desta tese se volta para *Santiago-París* (2002), obra conjunta de Mónica Echeverría e Carmen Castillo. Respectivamente, mãe e filha viveram a experiência do exílio durante a ditadura chilena. Propõe-se, ao longo desta pesquisa, uma interlocução entre essas obras, no sentido de melhor se compreender o exílio.

2 MÓNICA ECHEVERRÍA E CARMEN CASTILLO: ENTRE CORTES E EXÍLIOS

2.1 Tempos idos e narrados

2.1.1 Mónica Echeverría e a cordilheira da infância

O presente capítulo, conforme evidenciado na Introdução, tem como base *Santiago-París: el vuelo de la memoria*, de Mónica Echeverría e Carmen Castillo. Escrito a quatro mãos, é um esforço de mãe e filha para registrarem suas memórias. Philippe Artières, em *Arquivar a própria vida* (1998), ressalta a importância dos arquivos de vida para existirmos no cotidiano. Há, no entanto, momentos de pressão em que o indivíduo se vê diante da necessidade desse arquivamento. Nesse sentido, evidencia: “mas acontece também de o indivíduo ser solicitado, e às vezes submetido a pressões não mais apenas familiares, para arquivar a própria vida” (ARTIÈRES, 1998, p. 16).

A proposta de escrita parte de Mónica Echeverría que estimula Carmen, sua filha, a desenvolver, conjuntamente, o livro, que não se limita a recordar. Constitui-se em um diálogo permeado por exílios, o que permite confrontos nos planos individual, familiar e coletivo, fundamentais para o processo democrático.

Em “O Narrador”, texto presente em *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura* (1994), Walter Benjamin destaca a inscrição de uma história individual (a do narrador) em outra mais ampla e coletiva, a qual denomina “história natural”. O autor traz o exemplo da narrativa de Johann Peter Hebel, que apresenta, no início, o caso de um jovem que, às vésperas de seu casamento, morre em um acidente, no fundo de uma galeria subterrânea. A noiva se mantém fiel por toda a vida, até reconhecer, depois de velha, o cadáver do rapaz preservado da decomposição pelo vitríolo ferroso. Entre o início dessa história particular (a dos noivos) e a velhice da noiva muitos eventos se passaram, a exemplo do terremoto de Lisboa, o fim da guerra dos Sete Anos, a conquista da Prússia por Napoleão e assim por diante. Ou seja, histórias individuais são inscritas em uma história coletiva que transcorre da juventude à velhice do casal.

Se, na perspectiva de Benjamin (1994), a história individual é inscrita em uma “história natural”, ocorrem, no texto de Mónica Echeverría, implicações da história coletiva no âmbito de sua família. A hipótese com a qual se trabalha aqui é que essa

história coletiva promove, na maioria das vezes, cortes no âmbito individual, aqui traduzido como o espaço familiar.

No primeiro capítulo, intitulado “A Cordilheira da Infância”, Mónica Echeverría relembra imagens do Chile que sua filha procura evitar e os espaços nos quais sua família transitava. A princípio descreve um país de clima variado, dono da Cordilheira dos Andes e uma longitude de 4.200 km. Essa geografia diversificada conta com “uma pequena planura central, uma região desértica ao norte, verde no centro e glacial no sul”¹⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 12). Segundo narrativas locais, o mar ausentou-se, mas, cedo ou tarde, retomaria seus domínios, culminando no desaparecimento do Chile.

O que, a princípio, se mostra como uma aula casual de geografia chilena é, abruptamente, cortado pela referência às intervenções estrangeiras e a dilapidação das riquezas do país: “[...] mas essas riquezas foram dilapidadas ou caíram, em ordem cronológica, nas mãos dos impérios espanhol, inglês e estadunidense nos deixando tão pobres ou mais e sempre pertencentes ao terceiro mundo”¹⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 12).

Mónica descreve o centro do Chile, marcado por um clima mais benigno, com vales propícios à agricultura. Ao sul, encontram-se terras chuvosas, bosques, lagos e vulcões. No entanto, as descrições físicas são, mais uma vez, atravessadas por intervenções externas: a presença de alemães, franceses, italianos e os próprios chilenos que cortaram os bosques para tirar o sustento: “bosque que, na atualidade, a maior parte convertida em plantações de pinheiros e eucaliptos, é explorado pelas multinacionais”¹⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 13). Trata-se, portanto, de uma exploração não apenas restrita ao passado, mas ao tempo presente da escrita.

As primeiras imagens de infância, nos anos 1920, são evocadas por meio do “Herrera”, fazenda que exerce grande impressão sobre Mónica. Não se trata, com efeito, da moradia fixa; o Herrera era um lugar para o qual viajavam em tempos de férias: “para nós, filhos e netos do grande senhor, essas longas estadas no Herrera são como estar no

¹⁶ “Una pequeña llanura al medio, desértica en el Norte, verde en el centro, glacial en el Sur”.

¹⁷ “Pero esas riquezas fueron dilapidadas o cayeron en manos de los imperios de turno: el español, el inglés y el norteamericano, dejándonos tan pobres o más, y siempre pertenecientes al tercer mundo”.

¹⁸ “Bosque que hoy día, la mayor parte convertida en plantaciones de pinos y eucaliptos, explotan las multinacionales”.

paraíso”¹⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 18). A vida transcorre ali entre a cozinha e o pátio, em que as crianças vivem em total liberdade, sem as ordens dos adultos, sem o entendimento dos segredos dos pais, tios e avós: “no fundo, o mundo das crianças não toma contato com o dos pais. Que segredos escondem os adultos? Amores, rancores, decepções”²⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 18). Essa fase da infância, portanto, é marcada por vivências sem a interferência do mundo adulto, sem os reveses da história.

Fernando Ainsa, em *La Reconstrucción de la Utopía* (1997), acentua o duplo sentido temporal da utopia. Comumente, ela se projeta para um futuro melhor, muito diferente da época em que é pensada. No entanto, há também um sentido regressivo, por meio do qual a utopia se alimenta de uma era de ouro perdida, de um mundo sempre melhor. Trata-se, aqui, de uma idealização retroativa do tempo: “ao recordar sua vida, o ser humano representa em geral a existência desejada, tal como podia ter sido ou como deveria ter sido”²¹ (AINSA, 1997, p. 37). Nesse sentido, a noção do passado alimenta a ideia de um porvir. Em outras palavras, a busca por uma era de ouro perdida funciona como um balizador para se conceber um futuro desejado.

Se, por um lado, a noção de uma era de ouro perdida está presente na escrita de Mónica Echeverría ao tratar do Herrera; por outro, a autora não promove uma “idealização retroativa” com a finalidade de alimentar um porvir. Esse passado, que “poderia ter sido”, essa infância e adolescência de delícias na fazenda da família, reforça o caráter de corte, ou seja, a sensação de perda e distanciamento decorrente dos exílios e de influências externas, alterando a trajetória antes almejada.

No processo da escrita, Mónica Echeverría admite a impossibilidade de reviver sozinha e via memória tempos felizes. Por esse motivo, necessita estar acompanhada para a realização desse esforço. A memória, nesse caso, demanda um diálogo para melhor se constituir. Nesse primeiro momento, procura reconstruir, por meio da escrita, as primeiras lembranças: “pela primeira vez trato de descrevê-lo e sei que o faço mal”²² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 19). Há uma sensação de paraíso perdido. O que,

¹⁹ “Para nosotros, los hijos y nietos del gran señor, esas largas estadias en Lo Herrera son como estar en el paraíso”.

²⁰ “En el fondo, el mundo de los niños no toma contacto con el de sus padres. ¿Qué secretos esconden los adultos? ¿Amores, rancores, decepciones?”.

²¹ “Al recordar su propia vida, el ser humano representa en general la existencia deseada, tal como podría haber sido o como debería haber sido”.

²² “Por primera vez trato de describirlo y sé que lo hago mal”.

antes, representava um lugar natural, marco de felicidades e sem interferências externas, desaparece devido à conjuntura política.

Em 1920, ano de nascimento de Mónica, o país vê, pela primeira vez, o triunfo de um candidato à presidência que não pertencia à classe média. Trata-se de Arturo Alessandri Palma. Sua vitória representava uma abertura do poder à classe média. Ele se apresentava como candidato da renovação e das classes populares. Sua vitória propiciou o desenvolvimento do movimento operário.

No livro *Chile* (2016), José Vieira Martins, em uma análise da trajetória chilena, no âmbito da América Latina, observa que, nos anos 1920, o ambiente político era, em todo mundo, marcado pelo confronto entre forças progressistas e conservadoras. Tal embate não seria diferente no Chile. Nesse cenário, o presidente se depara com dificuldades de aprovar leis sociais, promessas de sua campanha. O aumento da tensão social, marcada por greves e manifestações, leva Alessandri a renunciar por um curto espaço de tempo. Um golpe cívico-militar o restituiu à presidência e um plebiscito foi aberto em 1925, para a promulgação de uma constituição capaz garantir ao executivo a força necessária para governar. Mónica Echeverría destaca que uma aparente preocupação social dos militares disfarçava seus verdadeiros interesses. Em 1927, Ibáñez, ministro da guerra, liderou uma oposição política ao presidente, assumindo, via eleições fraudulentas, o poder.

O avô de Mónica, Eliodoro, na época presidente do senado e dono do jornal “La Nación”, se viu destituído de seu cargo. O jornal passou para as mãos do governo, que o tomou como plataforma de propaganda. Incapaz de permanecer no país, a família embarcou para a Europa. É nesse momento que se deu o primeiro exílio de Mónica Echeverría, aos sete anos: “nosso destino, como o de vários chilenos expulsos, é a cidade luz, o único lugar no mundo com o qual os latino-americanos sonham”²³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 24).

A princípio, a família percebe a ida a Paris como oportunidade de uma melhor educação para os filhos. Há, no entanto, situações de angústia que não podem ser lembradas por Mónica. Por esse motivo, ela lança mão do diário de Flora Echeverría, sua mãe. O ato de lembrar, aqui, ocorre de forma acompanhada, pois a voz da autora busca suporte no olhar da mãe: “papai, cada dia mais magro e pálido, repentinamente envelheceu.

²³ "Nuestro destino, como el de varios chilenos expulsados, es la Ciudad Luz, el único lugar en el mundo con lo cual los latinoamericanos sueñan".

Para ele, perder ‘A Nação’, sua vida, sua razão de ser”²⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 24). A saída do Chile representou uma perda aparentemente irremediável que envelhece o avô de Mónica. Para as crianças, no entanto, significou, a princípio, a possibilidade de conhecer novos lugares.

À margem de toda a situação, as crianças foram conduzidas. Apesar das mudanças bruscas, seguiram felizes, crendo embarcar em uma grande aventura. Em Paris, ficaram sob a tutela de Nati, mulher de origem camponesa e proveniente de uma família arrasada pela guerra franco-prussiana. Mónica a descreve como “um ser doce, cheio de amor e carícias”²⁵. Para a autora, esse encontro é um dos momentos mais importantes de sua vida. Não se importa com o distanciamento dos pais. Nati passa a ser sua verdadeira mãe, verdadeiro refúgio e receptáculo de segredos: “todas as penúrias terminam quando nos refugiamos em seus braços e lhe contamos nossos segredos”²⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 25). Para Nati, aquele encontro permitiu preencher um vazio deixado por sua história pessoal.

Em contato com o país estrangeiro, as crianças esquecem sua língua de origem: “rapidamente esquecemos nossa língua natal e nos comunicamos apenas em francês. Meus pais, encantados, consideram que nossa educação, por fim, perdeu seu traço nativo e atrasado”²⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 26). Essa perda da primeira língua e a aquisição do francês, a princípio tida como júbilo pela família, representa um corte ocasionado pelo exílio.

Tais cortes, no entanto, não se restringem à saída da terra natal: está presente também no retorno, e de forma mais marcante. A volta ao Chile da família de Mónica ocorreu em 1930, um ano antes da deposição de Ibáñez. Isso se deu em um momento de pressão ocasionada pela crise de 1929. Em *Chile* (2016), José Renato Martins observa que a recessão e o aumento do desemprego, acompanhados pela inflação e manifestações dos sindicatos dos trabalhadores, levaram à queda do general.

Para as crianças da família Echeverría, o retorno representa uma ruptura dolorosa com Nati, que Mónica vê correndo em direção ao trem:

²⁴ “Papá, cada día más delgado y pálido, repentinamente se ha vuelto viejo. Para él, perder La Nación, su vida, su razón de ser”.

²⁵ “Un ser dulce, lleno de amor y caricias”.

²⁶ “Todas las penurias terminan cuando nos refugiamos en sus brazos contándole nuestros secretos”.

²⁷ “Rápidamente olvidamos nuestra lengua natal y sólo nos comunicamos en francés. Mis padres, encantados, consideran que nuestra educación, por fin, ha perdido su dejo nativo y atrasado”.

nunca se apagou de minha memória a imagem de Nati, em lágrimas, correndo atrás do trem que se afasta, e nós, as crianças, desgarradas por essa separação, com nossas carinhas coladas ao vidro, vendo que nossa verdadeira mãe se perde na distância²⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 27).

Os distanciamentos de Flora em relação às crianças – fruto de enfermidades nervosas que lhe provocavam insônias – leva Mónica a encontrar em Nati a figura materna. O sofrimento da ruptura irá marcá-la a ponto de a autora passar, a partir daquele momento, a nutrir o ódio pelos ricos, tidos como impiedosos, para os quais os serviçais são como objetos descartáveis. Tal sentimento, por ela referido como tumor, arrebenta em seus quarenta anos de idade: “seu pus se estendeu a todos os ricos a quem desprezei e combati para livrar o mundo de sua perversidade”²⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 28).

Se, por um lado, Nati lhe ensina francês no cotidiano do exílio, a volta ao Chile é marcada pelo esquecimento do espanhol. Mónica Echeverría narra que sua entrada no colégio de freiras francesas, em Santiago, é atravessada por constrangimentos. Aos nove anos, se vê privada de sua primeira língua, por conta de sua permanência no exílio: “todas as minhas companheiras de curso riem porque não falo castelhano. No recreio, formam um círculo ao meu redor e me lançam ofensas”³⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 28). Estrangeira na França, Mónica, aos nove anos, se vê como estrangeira no Chile. É certo que, meses depois, recupera o espanhol, mas esse momento de zombaria das colegas no espaço escolar marca a condição de estrangeiro do exilado e sua dificuldade de readaptação. Estar fora provoca rasuras.

Em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), Julia Kristeva vai ainda mais longe, ao observar que a condição de estrangeiro habita em todos. Face oculta de nossa identidade, o estrangeiro principia na consciência da diferença e termina quando “nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades” (KRISTEVA, 1994, p. 9). Rebeldia que Mónica fará aflorar com seu ódio pelos ricos e que ficará evidente em suas respostas aos insultos dirigidas às colegas em francês. A dificuldade de adaptação reflete

²⁸ “Nunca se ha borrado de mi memoria la imagen de Nati en lágrimas, corriendo detrás del tren que se aleja, y nosotros, los niños, desgarrados por esta separación, con nuestras caritas pegadas al vidrio, viendo que nuestra madre real se pierde en la lejanía”.

²⁹ “Su pus se extendió hacia todos los ricos a quienes desprecié y combatí para librar al mundo de su perversidad”.

³⁰ “Todas mis compañeras de curso se ríen porque no hablo castellano. En el recreo forman un círculo alrededor mío y me lanzan improperios”.

um deslocamento no interior do próprio país, uma sensação de não pertencimento e de grande incômodo pessoal que marca a infância.

Julia Kristeva (1994) observa que é próprio do indivíduo moderno (defensor de sua diferença subjetiva e irreduzível) a não aceitação do estrangeiro. Mónica Echeverría, Ao retornar do exílio incapaz de falar sua primeira língua, Mónica Echeverría surge como estrangeira, não apenas para si mesma, mas aos olhos dos demais, que a veem com incômodo. Não se trata, segundo Kristeva (1994), de uma acolhida do estrangeiro no interior de um sistema, mas sim uma coabitação de estrangeiros que todos reconhecem ser. Se tal reconhecimento procede, a situação de um exilado no retorno ao seu próprio país faz com que ele (o exilado) perceba essa condição de estrangeiro antes de qualquer outro.

Essa condição se evidencia no retorno da família Echeverría a Santiago, cidade que veem transformada. A capital, antes colonial e monótona, se moderniza. Os três primeiros anos do governo Ibáñez infundem credibilidade ao país, numa bonança econômica e expectativas de prosperidade. A despeito da crise de 1929, o país se crê imune. Com otimismo, o governo se endivida, promovendo anos de festas e obras públicas de modernização. A baixa do preço do salitre e a chegada à capital de milhares de desempregados do norte suprimem do país seus sonhos de prosperidade: “a crise que golpeia o Chile passa a ser a pior do mundo e a frustração atinge todos os lugares”³¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 29). As imagens de miséria, nunca antes percebidas, impressionam as crianças: “nós crianças vemos assombrados nossas tranquilas ruas agora ocupadas por andrajosos homens e mulheres que, com seus filhos descalços, pedem esmola ou alimentos para não morrerem de fome”³² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 29).

Acumulam-se os miseráveis na praça, buscando por um mínimo de alimento, o que reforça as desconfianças em relação às forças armadas. Um ato de repúdio direcionado ao ditador diante da Faculdade de Medicina da Universidade do Chile termina com a morte do estudante Jaime Pinto. Flora Echeverría, mãe de Mónica, escreve em seu diário: “por detrás da brilhante decoração, só há miséria e fome. O país estremece desesperado. Às

³¹ “La crisis que golpea a Chile pasa a ser la peor del mundo y la frustración cunde en todas partes”.

³² “Los niños miramos asombrados cómo nuestras tranquilas calles ahora son ocupadas por andrajosos hombres y mujeres que con sus hijos descalzos piden limosna o víveres para no morirse de hambre”.

vezes, entram no magnífico espaço dos restaurantes homens decentemente vestidos que desfalecem de fome”³³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 31).

Ao final do governo de Ibáñez, sucedem-se dois presidentes, que permanecem poucos meses. Em 1931, é eleito por votação popular Juan Esteban Montero, ex-ministro do interior de Ibáñez. Montero ganha popularidade por libertar os presos políticos, custando-lhe a destituição do cargo de ministro, no momento em que Ibáñez se mantinha no poder. O novo chefe é recebido com alvoroço pelo país. Reina a esperança de soluções para os problemas deixados por antigas decisões equivocadas. Montero, no entanto, é incapaz de solucionar a crise, o que antecipa sua queda em meados de 1932.

Já no Chile, entre as tantas sucessões políticas sem solução, Eliodoro Yañez adoece. Por conta da traição de Dávila, homem de confiança de Eliodoro, este não recebe de volta seu jornal. Figura poderosa da família, sempre idolatrada por filhos e netos, se vê destruído pela perda de seu jornal. Com um sentimento de derrota, falece em 16 de julho de 1932.

Esse momento da trajetória de Mónica Echeverría pode ser lida como um prelúdio de futuras passagens marcadas por rupturas e, sobretudo, exílios. A reconstrução via linguagem da cordilheira da infância, a doçura de um paraíso perdido, bem como impactos políticos na história familiar enfatizam essa sensação de corte essencial. Em outra possibilidade de leitura, pode-se pensar a retomada do Herrera e sua perda como o prelúdio de prejuízos muito maiores e mais decisivos, a exemplo do Chile dos anos 1970, que se supunha um verdadeiro paraíso de conquistas democráticas.

Para Julia Kristeva (1994, p. 17), um estrangeiro nunca se consola por ter abandonado uma época de sua vida. Trata-se de uma miragem do passado, um paraíso perdido que jamais será reencontrado. É esse o caso de Mónica Echeverría na descrição de Herrera. A época perdida da infância, o primeiro exílio na Europa, o retorno e estranhamento do próprio país, tudo isso evidencia esse corte fundamental sofrido pelo exilado. Trata-se, aqui, de uma história individual e familiar que, eventualmente, marca a situação de uma geração.

Não se trata, portanto, de uma simples idealização do passado, ou mesmo de um senso de nostalgia reconstruído via linguagem, mas sim a demonstração de uma trajetória atravessada pela experiência do primeiro exílio. Além disso, as passagens sobre a “Cordilheira da Infância” descortinam um passado familiar atravessado por conjunturas

³³ “Tras la brillante decoración, sólo hay miseria y hambre. El país estremece desesperado. A veces, entran al magnífico antro de los restaurantes, hombres decentemente vestidos que desfallecen de hambre”.

políticas. De certa forma, essa é a tônica de *Santiago-París*: experiências familiares e individuais frequentemente entrecortadas pelo cenário histórico e político do Chile ao longo do século XX.

2.1.2 Carmen Castillo e o espaço imaginário: “sou apenas melancolia”

O prólogo de Carmen Castillo a *Santiago-París: le vol de la mémoire* (2002b) é uma declaração de ódio ao Chile e a aceitação de uma exigência de Mónica Echeverría: a própria escrita do livro. Tal aceitação, no entanto, não se dá de forma espontânea. Carmen reconhece seu abatimento, irritação e ceticismo diante dessa empreitada: “de volta a Paris, abatida por essas exigências, encontro-me presa e, portanto, dócil, aceito, dividida entre ceticismo e cólera”³⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 12).

Enquanto Mónica Echeverría promove o movimento de Santiago à Paris via memória, Carmen é resistente: considera-se incapaz de realizar o percurso Paris-Santiago: “não posso mais voltar a ver Santiago. Está tão distante, e a falta de energia, o frio, o silêncio me abatem. Com preguiça, durmo”³⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 12). Frieza, silêncio, falta de energia, sensação de vazio, inquietude, distanciamento espacial e temporal, todos esses elementos compõem a escrita de Carmen.

Santiago-París é uma demanda de Mónica Echeverría. Nessa proposta de “voo da memória”, ela deseja que seu texto se entrelace ao de Carmen como um “tecido indiano”. Há uma insistência sempre presente via telefone: “uma vez mais, ao telefone, você me pergunta se eu já escrevi algumas linhas, você quer que elas soem como seu texto, que ambos se entrelacem como um tecido indiano”³⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 12).

Mais do que o desejo de uma escrita conjunta, Mónica Echeverría busca por memórias a respeito de sua família. Se Carmen resiste, Mónica insiste em uma escrita que se conjugue a sua. Se Mónica é capaz de rever e recontar o seu passado e o de seu país, Carmen deseja o esquecimento e a fuga. No entanto, aceita, por fim, a proposta, por mais

³⁴ “De retour à Paris, je suis effondrée par ces exigences, je me sais piégée eu pourtant, docile, je me laisse faire, partagée entre scepticisme et colère”.

³⁵ “Je ne peux plus retourner la voir à Santiago. C’est si loin, et le manque d’énergie, le froid, le silence, m’abattent. Je m’endors, paresse”.

³⁶ “Une fois de plus, au téléphone, tu me demandes si j’ai déjà écrit quelques lignes, tu veux qu’elles résonnent avec ton texte, et s’y entremêlent comme un tissage indien”.

difícil que a empreitada lhe pareça. Suas memórias são, em alguns momentos, de contraposição. Os olhares sobre as experiências do exílio são diversos, o que promove, no desenrolar de *Santiago-París*, deslocamentos.

Há um constante jogo de aproximação e afastamento entre mãe e filha. Afastamento sobretudo nos primeiros capítulos, em que Carmen percebe a escrita com frieza: “reconheça [diz Mónica à filha] que você considera esse livro sem interesse, inútil, confesse que você não quer ser incomodada pelo passado, que você quer permanecer no esquecimento”³⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 12). O transcorrer do texto, no entanto, marca aproximações. Em várias passagens, Carmen se refere diretamente à mãe com o apelido carinhoso “Ménica”, o que, pouco a pouco, passa a descortinar um diálogo.

A despeito de tantas resistências, surgem, entre as pedras de Paris, imagens fugidias do passado, frases antigas, momentos de vida antes apagados: “será que sou eu quem as apago?”³⁸, indaga Carmen. O lugar dessas memórias fugidias é ocupada por um branco, tal como a neve da cordilheira: “em seu lugar, não há nada além de branco, o brilho distante da neve sobre a cordilheira, uma ilusão de transparência, de pureza antes que retorne a opacidade da neblina espessa”³⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 12).

Carmen associa a brancura da neve a sua própria tentativa de esquecimento de um país odiado: “detesto meu país, não sei nada dele, além disso, não sei mais se é meu país”⁴⁰. O Chile da infância representa, ao mesmo tempo, um lugar de tragédias. Visitá-lo significa adentrar um espaço de melancolia. A introdução de Carmen Castillo traz à tona desejos de vingança: “quisera a princípio matar os *criminosos*, ignorar os renegados, e que o vento sopra, arrase medos e desfaça os *desejos de mudança*”⁴¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 12, grifos meus).

Com efeito, os *criminosos* referidos são os ditadores da era Pinochet. Os *desejos de mudança* dizem respeito aos anseios da juventude chilena. Assim como Herbert Daniel,

³⁷ “Reconnais que tu trouves ce livre sans intérêt, inutile, avoue que tu ne veux pas être dérangée par le passé, que tu veux rester dans l’oubli”.

³⁸ “Serai-ce moi qui les efface?”

³⁹ “Il n’y a à leur place que du blanc, le lointain éclat de la neige sur la cordillère, une illusion de transparence, de pureté avant que ne revienne l’opacité du brouillard épais”.

⁴⁰ “Je déteste mon pays, je ne sais rien de lui, je ne sais plus si c’est mon pays, d’ailleurs”.

⁴¹ “Je voudrais d’abord tuer les criminels, ignorer les renégats, et que le vent souffle, rase les peurs et soulève les désirs de changement”.

Carmen Castillo viveu o momento de euforia próprio dos finais dos anos 1960. No entanto, esse cenário é visto a distância:

eu me desprendo, e as imagens se movem, não são mais semelhantes, a distância e a espessura da distância desse Chile, meu país natal com 4.500 quilômetros de largura, uma franja de terra aferrada à Cordilheira dos Andes, uma falésia que cai no oceano pacífico. Um *oceano frio... não tenho mais país*, lá sempre tenho frio, ainda que o sol brilhe. Tento pertencer a esse país, tento em vão. Há sempre algo que soa mal. *Quero esquecer*. Um esboço de esquecimento. No entanto, uma placa ao longe, como um imã, cintila e ainda me atrai. Contra minha própria vontade. Não quero mais voltar⁴² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 39, grifos meus).

No tópico anterior, destaquei o olhar de Mónica Echeverría sobre o espaço chileno. O que, a princípio, são descrições detalhadas, configura-se em cortes por conta da influência estrangeira e a consequente dilapidação do país. Carmen Castillo procede de forma semelhante. Tanto que, no fragmento acima, de Carmen Castillo, há o princípio daquilo que, aparentemente, seria uma descrição detalhada do território chileno, um caminho talvez semelhante ao de Mónica. Poucas linhas depois, no entanto, nos deparamos com um corte: “um oceano frio... não tenho mais país” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 39). Assim, a descrição física é seguida pela sensação de frieza do oceano, que é, ao mesmo tempo, a imagem da frieza do não pertencimento ao país. Por mais que o sol brilhe (por mais que as condições políticas e democráticas sejam mais favoráveis no momento em que se escreve), o frio prevalece, tal como o desejo de esquecimento, marcado na narrativa como corte.

A visita à Quinta constitui-se num desafio para Carmen Castillo. Relutante, e já com trinta e cinco anos de idade, sente-se, no Chile, vazia, como que em terra estrangeira. Nesse momento, Mónica se insurge contra essa situação, questionando: "Carmen, podemos recusar a recordação dos lugares de nossa infância?"⁴³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 39).

A despeito da busca pelo esquecimento, desponta, no texto de Carmen, a imagem da Quinta, o lugar da infância de Carmen Castillo. Trata-se de uma casa colonial de adobe

⁴² “Je me détache, et les images bougent, ils ne sont jamais semblables, la distance et l’épaisseur de la distance de ce Chili, mon pays natal, long de 4.500 kilomètres, bande de terre accrochée à la cordillère des Andes, une falaise qui tombe sur l’océan Pacifique. Un océan froid... Je n’ai plus de pays, j’y ai toujours froid même lorsque le soleil rayonne. J’essaie d’appartenir à ce pays, j’essaie en vain. Il y a toujours quelque chose qui tourne mal. Je veux oublier. Une esquisse d’oubli. Pourtant une plaque au loin, comme un aimant, scintille et m’attire encore. Contre ma propre volonté. Je ne veux pas revenir”.

⁴³ “Carmen, peut-on refuser de revenir sur les lieux de son enfance?”

com muros espessos, construído pelo avô paterno em *La Reina*, um bairro colonial situado no topo da cordilheira. Ali vivia uma família aberta e agitada, comandada pela avó paterna, que aplacava as discussões apaixonadas dos almoços dominicais. Havia, nesse espaço, quatro casas, nas quais a família (entre tias, tios e a avó) se concentrava. Nesse espaço imaginário da Quinta, está sempre presente a figura da avó, que envolve Carmen num sono de calma. Além de baluarte de toda família, ela representa a proteção da narradora, que, por sua vez, vê em Mónica uma figura distante.

Todo esse lugar, no entanto, constitui-se, no momento da escrita de Carmen, num “espaço imaginário”, pois as casas da infância não existem mais: “tudo se evaporou. Nada mais existe. As casas foram arrasadas. No lugar dos muros espessos, pás mecânicas cavaram um grande vazio”⁴⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 40). Para ela, o Chile representa um país “sem forma”. A mesma cordilheira de Mónica Echeverría, deliciosa e acolhedora, é aquela que queima as lembranças de Carmen. Ao final do primeiro capítulo, “a cordilheira da infância”, evidenciam-se memórias confusas: “penso nos sofrimentos talhados e me digo que aqui em Santiago as coisas se inscrevem em mim de outra forma”⁴⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 42). Desponta um sofrimento associado à terra, do qual ela deseja se desfazer. Mesmo no capítulo seguinte, “todas seríamos rainhas”, esse espaço vazio é descrito como ferida: “esse oco negro no lugar de uma casa ancorada onde habito permanece sempre como uma ferida”⁴⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 67).

No romance *Em Trânsito* (2013), Ana Seghers – uma judia alemã exilada na Suíça, na França e, posteriormente, no México – reflete suas experiências junto ao partido comunista e sua situação de exílio. O texto traz a ideia de uma “morte simbólica” para toda pessoa em trânsito. Para a pessoa exilada, a morte acontece em vários níveis, sendo um deles para o país de origem. Essa imagem também se estende a Carmen Castillo, para a qual o seu país está morto.

Contra essa morte simbólica, um fator relevante é a figura da avó de Carmen, que representava proteção e apoio. Para Mónica, qualquer tentativa de apagamento do passado

⁴⁴ “Tout s’est volatilisé, rien n'existe plus. Les maisons ont été rasées. A la place des murs épais, des pelles mécaniques ont creusé un immense trou”.

⁴⁵ “Je songe aux souffrances taillées et je me dis qu’ici, à Santiago, les choses s’inscrivent autrement au fond de moi”.

⁴⁶ “Ce trou noir à la place d'une maison ancrée là où j'habite reste toujours une plaie”.

é vã, pois essa imagem querida, apesar de sua morte física, continua presente em algum lugar da infância. Nesse caso, a morte é negada em favor de uma memória que não se rende. Ainda assim, Carmen menciona a dificuldade de se lembrar da data da morte: “em que data morreu a avó? As datas se vão, e quisera fixá-las nessa noite para tentar responder suas perguntas, Mónica”⁴⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 68). Para o processo da escrita, a memória não apresenta exatidão quanto ao encadeamento dos fatos, mantendo-se apenas a certeza da existência de eventos relevantes.

A princípio pensado por Mónica como uma escrita conjunta marcada pela harmonia de ambos os textos, *Santiago-París* traz momentos de tensão entre os escritos de Mónica Echeverría e Carmen Castillo. A filha acusa a mãe por suas ausências, fato que a teria levado a colocar a avó como figura de proteção. Ao mesmo tempo, Mónica acusa o afastamento da filha na época em que a avó se encontrava doente: “você estava ausente da Quinta, a abandonou, nem sequer se lembra que ela caminhava com muletas, esforço e dor, ela, que não queria incomodar ninguém, que estava paralisada e não queria se converter em um peso para a família”⁴⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 68).

Acusações mútuas marcam um início complexo de memórias em conflito. Ao longo dos capítulos, vozes de mãe e filha se revezam, muitas vezes em conflito. Isso se constitui em um deslocamento, marcado por tensões entre duas gerações. Outro deslocamento diz respeito à língua: enquanto Mónica escreve em espanhol, Carmen o faz em francês para ser melhor entendida, devido ao espaço no qual se encontra no exílio – a França. Além disso, o uso do francês permite pensar em mais um distanciamento em relação ao país de origem, dessa vez ocorrido no âmbito do idioma. A citação acima está no início do capítulo “toutes, nous allions être reines” (todas seríamos rainhas) ao qual me atento no tópico seguinte, destacando os desafios das autoras frente às interdições de uma sociedade de preponderância masculina.

⁴⁷ “A quelle date est-elle morte, la Abuela? Les dates m’échappent et ce soir je voudrais les cerner pour essayer de répondre à tes questions, Mónica”.

⁴⁸ “tu étais absente de La Quinta à cette époque-là, tu l’as abandonnée, tu ne te souviens même pas qu’elle marchait avec des béquilles, effort et douleur, elle qui ne voulait déranger personne, elle qui était paralysée et se battait pour ne pas être un poids pour la famille”.

2.2 O desafio das rainhas: entre interditos e resistências

2.2.1 Mónica Echeverría: as crônicas de um destino anunciado

Este tópico se dedica a observar o capítulo de Mónica Echeverría: “todas íbamos a ser reinas”. Procuo evidenciar os papéis femininos impostos à autora em sua trajetória, desde a adolescência à fase adulta, além de seus gestos de resistência perante eles.

Para tanto, são importantes os principais pressupostos da teoria *queer*, que, sobretudo a partir dos anos 1960, começam a questionar os papéis de gênero. De acordo com Richard Miskolci, em *Teoria Queer: um aprendizado pela diferença* (2013), essa teoria chama atenção para as encenações sociais que visam a normatizar e naturalizar o gênero. Os comportamentos cotidianos, tidos como tipicamente “masculinos” ou “femininos”, representam construtos sociais que, pelo poder da repetição, são sentidos como naturais. Não se trata, porém, de uma defesa da homo ou transexualidade, mas sim de uma revolta contra valores estabelecidos que criam uma “linha de abjeção”. Nesse sentido, pessoas que não se encaixam nos padrões discursivamente criados são relegados ao espaço de “anormalidade” e desprezo coletivo.

Embora discutido durante boa parte da segunda metade do século XX, esse tema ganha, de fato, maior sistematização com a publicação, em 1990, de *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2012), pela filósofa estadunidense Judith Butler. Sua problematização parte do âmbito do feminismo, frisando que o movimento não pode ser pensado como um bloco homogêneo. Ao se falar de “mulher”, por exemplo, lidamos com algo heterogêneo. Para a filósofa, o risco está em se estabelecer explicações uniformes, numa tentativa de aplicá-las a todos os indivíduos, ato que exclui a diversidade.

Nesse sentido, as identidades são móveis e culturalmente construídas, se formando das mais diversas maneiras. Seu objetivo é tornar o feminismo mais inclusivo e democrático, para além das identidades definidas como “femininas”. Um de seus principais argumentos é que o gênero representa uma construção histórica e cultural. Desde o nascimento, há um futuro determinado para os sujeitos, que associa sexo, gênero e sexualidade em um bloco homogêneo. Nesse sentido, por exemplo, uma pessoa do sexo feminino deve ter comportamentos próprios do feminino, alinhados a uma trajetória pré-definida que se estende por toda a sua vida. Pelo poder da repetição, tais comportamentos são sentidos como “naturais”.

Tal noção é bastante cara a este tópico e ao próximo, que ressalta tentativas de homogeneização impostas às autoras chilenas, ou seja: definições cultural e discursivamente construídas do que é *ser* mulher. Em primeiro lugar, o futuro das mulheres na sociedade aristocrática chilena, da primeira metade do século XX, não passava pela universidade:

supõe-se que as meninas terminem seus estudos aos dezoito anos sabendo ler e escrever corretamente e um ou dois idiomas estrangeiros, de preferência o francês e depois o inglês. Devem, além disso, ter uma *sólida instrução religiosa* e saber *tocar piano e bordar*. Os exames perante o Estado, ou “*válidos*”, como são chamados, são opcionais e poucas alunas os prestam. Eu, por imitar meus irmãos homens e pertencer a seu círculo, decido me submeter a suas regras⁴⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 39-40, grifos meus).

Espera-se que as meninas sigam um caminho de boa educação e boas maneiras, aprendendo o francês (idioma dito civilizado) e, posteriormente, o inglês. Uma sólida instrução religiosa sugere uma vida pia e resignada, própria de personalidades obedientes. Tocar piano e bordar dizem respeito a tarefas restritas ao âmbito doméstico, ao qual a mulher é relegada. Tudo isso deve ser alcançado aos dezoito anos, sem a continuidade de uma carreira. A educação visa formar as mulheres para um mundo masculino, no qual elas desempenham um papel secundário, pautado por obediência e resignação.

Mónica é matriculada em um colégio religioso e severo. Com um uniforme escuro e saias, as alunas passavam o dia entre estudos, missas em latim, orações e rosários. Todo o cenário e a rotina são construídos para o controle das meninas, infundindo-lhes o senso de austeridade e obediência. Desde muito cedo, porém, as atitudes de Mónica não entram em conformidade com as regras impostas. Ela se diverte irritando as freiras e inventando estratégias para constrangê-las. No momento da confissão, por exemplo, não traz suas faltas e travessuras, mas sim pensamentos de caráter sexual. Embora seja constantemente suspensa e castigada, não é expulsa, devido à influência de sua família e à constante presença de seu pai, presenteando o colégio com verduras de sua fazenda.

A austeridade do colégio religioso era marcada pelo controle dos corpos: as meninas passavam o dia com um uniforme escuro e saia, e as freiras mantinham seus hábitos. À medida que ficavam mais velhas, crescia nelas uma curiosidade em relação aos

⁴⁹ “Se supone que las niñas terminan su instrucción a los dieciocho años sabiendo leer y escribir correctamente y uno o dos idiomas extranjeros, con preferencia el francés y después el inglés. Deben además tener una sólida instrucción religiosa y saber tocar piano y bordar. Los exámenes ante el Estado o válidos, como se les denominan, son opcionales y pocas alumnas se someten a ellos. Yo, por imitar a mis hermanos hombres y pertenecer a su círculo, decido someterme a sus reglas”.

corpos interditos das freiras – as “Escravas do Sagrado Coração”: “mas o maior mistério é, para todas nós, as freiras. Terão sexo?”⁵⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 42).

Esse espaço sagrado e oculto dos corpos religiosos é burlado quando Mónica entra, furtivamente, no claustro, “lugar proibido para todo visitante que não pertença à ordem”⁵¹. Infiltrada, avista as roupas secando ao sol, desde pijamas até peças íntimas e de higiene. Aproveitando-se da ausência da proprietária, recolhe o que pode e, do terraço, as atira no pátio principal; imediatamente, ouve “gritos de assombro e de júbilo enquanto as pupilas se lançam de um lado a outro os segredos com que as Escravas do Sagrado Coração ocultam suas intimidades”⁵² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 42).

Se, por um lado, a violação de um espaço proibido representa a ruptura com as regras estabelecidas, por outro, o sujeito da violação – uma menina – agrava o crime. A invasão da intimidade das freiras, seguida da exposição pública do vestuário, coloca às claras elementos forçosamente escondidos, já que dizem respeito a corpos cerceados. Os efeitos de uma educação restrita parecem não atingir a menina da família Echeverría. O escândalo da exibição das roupas resultou em uma expulsão, logo em seguida cancelada. As freiras argumentaram com a madre superiora a favor da inocência da menina e de suas constantes colaborações na recitação de poemas em público durante as festas religiosas. Nesse sentido, as restrições impostas às mulheres não as atingem de forma homogênea. Fatores como origem, poder aquisitivo e classe social geram impactos distintos.

Esses pequenos gestos de resistência de Mónica Echeverría de fato não se restringiam ao colégio. Aos doze anos, ela começa a perceber transformações em seu corpo, como o crescimento dos seios e a chegada da menstruação. A mãe lhe explica que o sangue correria entre suas pernas durante três dias e todos os meses, sendo isso “o sinal definitivo para que eu [Mónica] deixe de ser menina e me transforme em mulher”⁵³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 41-42).

Junto a esses anúncios, vêm as várias recomendações a Nati (a babá francesa que havia retornado para junto da família) para que vigiasse Mónica constantemente, evitando as brincadeiras com primos e amigos durante as férias; cerceamentos que dizem respeito ao

⁵⁰ “Pero el mayor misterio es, para todas nosotras, la monjas. ¿Tendrán sexo?”.

⁵¹ “Lugar prohibido para todo visitante que no pertenezca a la orden”.

⁵² “Gritos de asombro y de júbilo mientras las pupilas se lanzan de un a otro lado los secretos con que las Esclavas de Sagrado Corazón ocultan sus intimidades”.

⁵³ “el signo definitivo para que yo deje de ser niña y me transforme en mujer”.

gênero e à conseqüente posição fragilizada da menina diante das figuras masculinas. Já em seu quarto, junto à Nati, Mónica irrompe num acesso de ira, derrubando tudo que está ao seu redor: “não quero ser mulher, não quero menstruar, nem me casar, nem ter filhos”⁵⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 42).

Em *Um Corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer* (2008), Guacira Lopes Louro, analisando os processos impostos aos corpos dos indivíduos, observa que: “o ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO, 2008, p. 15).

No momento em que é perguntada por Mónica sobre seus seios em desenvolvimento, Nati inclina sua cabeça e, consternada, responde “com voz de tragédia: ‘pobre menina minha, agora vai saber o que significa ser mulher’”⁵⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 41). Ora, o gesto de falar do corpo vem acompanhado de sua nomeação como “feminino”. Na esteira de Louro (2008), a lógica aqui construída coloca o sexo como um dado imutável e natural. Dessa forma, tudo o que resta à Mónica é curvar-se ao destino anunciado como tragédia pelo tom de voz da babá. Elemento a-histórico, o sexo é ensinado como dado já constituído e sem espaço para questionamentos. A tragédia (ser mulher) é, portanto, uma questão de tempo, num roteiro que associa sexo e gênero, exigindo que o sujeito se comprometa e cumpra papéis pré-determinados. Chama atenção a irritação de Mónica Echeverría e sua negação de todo o roteiro a ela imposto.

Suas companheiras, por outro lado, parecem contentes com a transformação de seus corpos. Aos poucos, Mónica, apesar da vontade de permanecer na infância e evitar mudanças físicas, encara suas transformações e começa, ela própria, a criar restrições com relação ao seu primo: passa a proibir que rolem juntos pelo chão, conforme as brincadeiras antigas. Num tom altivo, diz que ele não podia tratá-la daquela forma, a não ser que quisesse casamento. No momento em que o primo se vira para brincar com o irmão de Mónica, ela sente como que uma punhalada no coração: “como eu teria gostado de ser homem!”⁵⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 43).

Em suas leituras, seus heróis são personagens masculinos, como David Copperfield e Oliver Twist. Ao mesmo tempo, ignora as figuras femininas: “[...] por mais que Nati

⁵⁴ “No quiero ser mujer, no quiero menstruar, ni casarme, ni tener hijos”.

⁵⁵ “Con voz de tragedia : pobre niña mía, ahora vas a saber lo que significa ser mujer”.

⁵⁶ “!Cómo me habría gustado ser hombre!”.

tente me convencer de que *a Condessa de Segur* é a leitura apropriada, os livros da *Bibliothèque Rose* jazem esquecidos nas estantes”⁵⁷. Desde pequena, ignora bonecas e bordados: “meu grande desejo é ser pirata e singrar o mar em busca de tesouros e aventuras”⁵⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 43). Ao mesmo tempo, percebe as aulas de piano e balé como tormentos de longa duração: “durante quatro anos sou submetida a esses tormentos para os quais não tenho nenhuma condição”⁵⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 44).

Ainda segundo Guacira Lopes Louro (2008), “um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’. Isso é próprio da viagem na direção planejada” (LOURO, 2008, p. 16). Nesse sentido, para além dos conselhos domésticos, há também um trabalho pedagógico inserido no cotidiano e marcado por repetições que conferem às trajetórias dos sujeitos uma aparência de naturalidade. Tal processo direciona as trajetórias para o que se espera do feminino, como a educação no colégio de freiras, o aprendizado de idiomas, as aulas de piano, bordado e balé e os livros “*próprios para meninas*”, direcionando-as para o âmbito doméstico.

O valor dos gestos de resistência de Mónica Echeverría (por mais, que, tempos depois, haja uma conformação) está na possibilidade de se questionar esses papéis tidos como naturais a-históricos e imutáveis. No entanto, nos mesmos elementos culturais utilizados para a imposição de uma “viagem na direção planejada”, encontra-se a possibilidade de resistência: o mau comportamento no colégio de freiras, o ódio às aulas de piano e balé, assim como a preferência por ser pirata e a busca por aventuras rompe com o roteiro previamente imposto antes do nascimento, alterando a rota da viagem.

Essa alteração – ou o simples desejo – possibilita compreender o caráter de construção do gênero. Discorrendo, por exemplo, sobre as *drag queens* – figuras que transgridem o gênero e a sexualidade –, Guacira Lopes Louro (2008) nota que: “de um modo ou de outro, esses sujeitos escapam da via planejada. Extraviam-se. Põem-se à deriva. Podem encontrar nova posição, outro lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez” (LOURO, 2008, p. 19). Isso porque suas imagens montadas para apresentações sugerem o

⁵⁷ “[...] por más que Nati trata de convencerme que *la Comtesse de Segur* es la lectura apropiada, los libros de la Bibliothèque Rosa yacen olvidados en los estantes”.

⁵⁸ “Mi gran anhelo es ser pirata u surcar el mar en busca de tesoros y aventuras”.

⁵⁹ “Durante cuatro años soy sometida a esos tormentos para los cuales no tengo ninguna condición”.

gênero como uma performance cultural. São sujeitos que possibilitam novas formas de ver, para além dos parâmetros estabelecidos. Figuras sempre postas no meio do caminho, são, segundo a autora, *nômades* e *exilados*. Sem passado, possuem apenas geografia, isto é, recordação do gênero, que, pela força da repetição, é lido como natural.

Embora não promova a transformação de seu corpo (caso dos transexuais) ou se monte para apresentações artísticas, como as *drag queen*, a simples revolta ou o desejo de Mónica Echeverría de estar à deriva em relação a um roteiro previsível descortina uma lógica passível de questionamento. É bastante significativo a percepção da autora em relação ao seu próprio deslocamento. Isso suprime o olhar para o gênero como algo “natural”, de forma que todos os entraves enfrentados por ela passam a representar formas de exílio. Por mais que não consiga superar todas essas barreiras, a percepção das mesmas é um passo fundamental, pois parte de vivências cotidianas, exatamente onde incidem as performances de gênero.

Adiante em sua trajetória, o “destino anunciado” permanece ao final dos estudos de Mónica Echeverría. Já próxima dos dezoito anos, manifesta o desejo de ingressar na universidade. Escandalizadas, suas amigas contestam: “vai entrar na universidade? Está louca! Para quê? Não me deixariam nunca, pois dizem que lá não há mais do que pessoas das classes baixas ou comunistas. *Ninguém vai querer casar contigo*”⁶⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 51, grifos meus). Da mesma forma, seus irmãos ignoravam-na em suas discussões intelectuais, julgando-a uma jovem “frívola” do colégio de freiras. Assim, o âmbito doméstico e a presença masculina se sobrepõem a uma potencial formação e futura atuação profissional, anulando-as.

Seu desejo de prosseguir nos estudos é encarado com espanto por seus pares – as amigas. Além do argumento de classe, o último (e mais relevante) refere-se às “complicações” que a ida à universidade causaria para o casamento. Mais uma vez, o roteiro feminino entra em cena, sendo a união matrimonial o próximo destino. O corpo que cresce é, ao mesmo tempo, aquele que ganha definições cotidianamente repetidas. Segundo Louro (2008), “[...] o que se enfatiza são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores do gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos” (LOURO, 2008, p. 80).

⁶⁰ “¿Vas a entrar a la universidad? ¡Estás loca! ¿Para qué? A mí no me dejarían nunca, si dicen que allí no hay más que gente de medio pelo o comunistas. Nadie va a querer casarse contigo”.

Quando Mónica Echeverría manifesta seu desejo de cursar uma universidade, promove uma quebra do discurso acerca do feminino. Escolher a universidade significa pôr em xeque a instituição do casamento, para a qual o corpo feminino é culturalmente direcionado.

As diferenças econômicas são fatores de heterogeneidade na questão de gênero. Esse roteiro imposto não incide da mesma forma em todas as mulheres. Mónica Echeverría conta que sua ida à universidade se deu em um carro de luxo. Na chegada, sentia-se como um pássaro estranho com suas roupas de última moda, ao passo que seus colegas trajavam um vestuário simples. Na saída, todos tomavam o transporte público, enquanto ela dispunha de um carro à sua espera. Trata-se, aqui, de uma vida em dois mundos diferentes, uma dupla vida: de seis a oito horas “[...] submergida no mundo austero da universidade”⁶¹; aos finais de semana e nas tardes e noites, “[...] na vida frívola e ostentosa das jovens de classe alta”⁶² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 53). Vê-se, portanto, um cotidiano marcado por constantes deslocamentos. Na universidade, depara-se com matérias complexas e movimentos universitários que promovem greves; entre jovens de classe alta, vive a ostentação e a frivolidade sem que um mundo suspeite do outro. Sua condição econômica enseja um maior grau de instrução, fornecendo-lhe ferramentas para resistir às imposições cotidianas.

Por sua vez, os conselhos de sua mãe sobre como agradar os homens e conseguir um bom marido refletem uma sociedade preponderante masculina: “nunca demonstrar que somos mais inteligentes que eles. Aparentar ser muito inculta, deixá-los opinar e falar sem contradizê-los”⁶³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 53). Essa postura garante a submissão feminina à figura do homem, potencial namorado e futuro marido. Não os contradizer evidencia um contexto em que o diálogo é desencorajado e a superioridade masculina prevalece.

O interesse de Mónica, no entanto, não irá se direcionar aos jovens de sua classe, mas a um rapaz da universidade. Veem-se pela primeira vez na casa de uma amiga de curso. Tempos depois, em um cassino, depara-se novamente com ele, agora envolvido em uma briga. Sua atitude intrépida chama atenção de Mónica, que se sente atraída pela

⁶¹ “[...] Sumergida en el mundo austero universitario”.

⁶² “[...] En la vida frívola y ostentosa de las jóvenes de la clase alta”.

⁶³ “Nunca demostrar que uno es más inteligente que ellos. Aparentar ser muy inculta, dejarlos opinar y hablar sin contradecirlos”.

rebeldia. Seu nome é Fernando, o homem com quem, posteriormente, se casaria. O olhar da família Echeverría para a relação é negativa – trata-se de um rapaz de família mais pobre. Fernando guardaria na memória as humilhações de Flora, mãe de Mónica.

O capítulo “Ser mujer, un desafío” destaca o casamento e a continuidade do itinerário que levaria a jovem, após quatro meses de casada, à sua primeira gravidez, da qual nasceria Carmen: “agora passarei pela maravilhosa experiência para a qual toda mulher nasceu: a de ser mãe!”⁶⁴ A frase aparentemente conformista é, linhas depois, desconstruída, com o nascimento da filha: “ao retornar ao apartamento com essa nova criatura que depende totalmente de nós, sentimos que bruscamente envelhecemos e que a juventude despreocupada e livre nos escapa para sempre”⁶⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 69).

A experiência da maternidade não pressupõe deslumbramento, mas sim cerceamento da liberdade. Adiante, Mónica se refere à naturalização desse processo por suas amigas de colégio que praticamente têm um filho por ano. Ela, por sua vez, abomina tal ideia: “irei ao ginecologista, usarei um diafragma, mas não terei outro filho até que ambos estejamos preparados para tal catástrofe”⁶⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 70). Embora não abrace a maternidade, tal como suas amigas, ela não a repudia em absoluto, supondo a possibilidade de repetir a experiência em um momento de maior maturidade. Pouco tempo depois, tanto ela quanto o marido retomam suas respectivas rotinas. Ela retorna para suas aulas na universidade, ele para seu trabalho de arquiteto.

Em *Era dos Extremos: o breve século XX* (1995), Eric Hobsbawm observa o fluxo de mulheres ingressando tanto no ensino superior quanto no mercado de trabalho. Tais fluxos (caso do mercado de trabalho) principiam nas classes operárias, não por questões dos direitos das mulheres ou posição social, mas sim por necessidade de complemento de renda, na primeira metade do século XX. Ao mesmo tempo, grande passou a ser a presença feminina no ensino superior. Nos anos 1940, representavam, nos países desenvolvidos, entre 15% e 20% dos estudantes. Trinta anos depois, esse número mais que dobrou,

⁶⁴ “Ahora yo pasaré por la maravillosa experiencia para la que toda mujer ha nacido, la de ser madre!”.

⁶⁵ “Al regresar al departamento con esa nueva criatura que depende totalmente de nosotros, sentimos que bruscamente hemos envejecido y que la juventud despreocupada y libre se nos escapa para siempre”.

⁶⁶ “Iré donde mi ginecólogo, usaré un diafragma, pero no tendré otro hijo hasta cuando ambos estemos preparados para tal catástrofe”.

passando a 40%, de forma que: “o estudo superior era agora tão comum entre moças quanto entre os rapazes” (HOBSBAWM, 1995, p. 305).

Embora essas cifras sejam válidas para os países desenvolvidos, o mesmo não se dá nos lugares em que Hobsbawm (1995) denomina “terceiro mundo”. Ali, “a grande massa de mulheres de classe baixa e pouca educação permaneceu fora da esfera pública [...] embora alguns países desenvolvessem, e alguns já tivessem, uma pequena camada de mulheres excepcionalmente emancipadas e ‘avançadas’” (HOBSBAWM, 1995, p. 308).

Entre essas “mulheres avançadas”, está Mónica Echeverría, tanto por suas ideias quase sempre avessas ao convencional e esperado de uma “mulher” tradicional, quanto pela postura de prosseguir em seus estudos. Postura e desejo de acessar esferas públicas, no entanto, não representam transformações instantâneas nas ideias, nem reviravoltas repentinas dos papéis de gênero a nível teórico. Ao salientar a situação das proletárias russas, por exemplo, Hobsbawm (1995) descreve a formação de um duplo fardo no cotidiano das mulheres: as velhas responsabilidades domésticas (tradicionalmente atribuídas ao feminino) e as recentes obrigações no emprego. Muitas, inclusive, acalentavam o sonho de retornar a uma rotina de jornada única. Ou seja, nesse momento, há uma presença feminina no âmbito do trabalho, mantendo-se, no entanto, a antiga mentalidade acerca dos papéis de gênero nos espaços público e privado. Nesse sentido, a mulher permanece como “rainha do lar”.

Tanto que, em *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011), a historiadora Mary Del Priore, observando o caso brasileiro nos anos 1950, na época da Segunda Guerra Mundial, enfatiza que, naquele momento:

as distinções entre os papéis femininos e masculinos continuavam nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do “chefe da casa” (DEL PRIORE, 2011, p. 160).

A inferiorização do trabalho feminino traduz-se em desigualdades salariais. Somando-se a isso, a obrigação das tarefas domésticas gerava um esgotamento diante da rotina diária. Esgotamento percebido como necessário, dada a necessidade da mulher de “se sacrificar” em prol da família. A partir de comentários da revista *o Cruzeiro*, de 1950, Mary del Priore descreve a mentalidade daquele momento acerca do feminino como espaço de sacrifício e paciência:

[...] a natureza dotou especialmente o espírito feminino de certas qualidades sem as quais nenhuma espécie de sociedade matrimonial poderia sobreviver bem.

Qualidades como paciência, espírito de sacrifício e capacidade para sobrepor os interesses da família aos interesses pessoais (DEL PRIORE, 2011, p. 166).

Evidencia-se uma identificação indissociável entre o feminino e o âmbito doméstico, para o qual eram necessários sacrifícios incompatíveis com a busca por uma formação profissional. A permanência de tais concepções traziam entraves para Mónica Echeverría. Ocupada com sua formação, não poderia cuidar integralmente do espaço doméstico, o que gerava reclamações de terceiros:

Fernando reclama que a *casa está suja*, que a *comida não é boa* e que passo grande parte da noite *fora de casa*. Tudo isso é verdade, mas *como cumprir bem tantos compromissos?* E não é mais importante que eu me realize em minhas vocações do que ser uma dona de casa exemplar? Minha mãe e sogra me veem como *péssima mãe e pior esposa*, e consideram que Fernando tem uma paciência infinita. *Estou de acordo com o diagnóstico*, mas permaneço a mesma⁶⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 88, grifos meus).

As críticas quanto à sujeira da casa, à má qualidade da comida e ao desleixo de Mónica para com os filhos e o marido desenham para ela um espaço de prioridade, que pressupõe sacrifícios pessoais, cuja negligência é imperdoável. Mónica reclama também da dupla jornada de trabalho que coloca entraves para seus estudos.

Em *Passagem para o próximo Sonho* (1982), analisado no primeiro capítulo desta tese, Herbert Daniel conta, de forma anedótica, a presença da polícia na casa de seus pais para uma busca, já que suspeitavam de seu envolvimento na militância contra a ditadura. No momento em questão, a casa estava vazia, pois todos tinham viajado. A intenção de arrombar a porta e entrar fora dissuadida pelos vizinhos, que garantiram a boa-fé dos donos. D. Geni (mãe de Herbert Daniel), no entanto, ao saber do caso, demonstrou grande preocupação com a desordem da casa: “ainda bem que não entraram – mamãe chorou de novo [...] imagine, que vergonha, se eles entram e veem a casa toda desarrumada! – aí mamãe chorou mais forte ainda” (DANIEL, 1982, p. 20).

Nesse caso, a vergonha está no testemunho alheio diante de uma casa desarrumada. O descumprimento de “seu trabalho” confirma a associação entre o feminino e o lar. Para Hobsbawm (1995), o ato de ocupar espaços públicos para trabalhar, na primeira metade do século XX, não garantia uma mudança de mentalidade das mulheres no que tange à sua

⁶⁷ “Fernando reclama que la casa está sucia, que la comida no es buena y que yo paso gran parte de la noche fuera de casa. Todo eso es verdad, pero ¿Cómo cumplir bien tantos compromisos? Y, ¿no es más importante que yo me realice en mis vocaciones que ser una dueña de casa ejemplar? Mi madre y suegra me encuentran pésima madre y peor esposa, y consideran que Fernando tiene una paciencia infinita. Yo estoy de acuerdo con el diagnóstico, pero continuo igual”.

ocupação na esfera privada. A própria Mónica não traz a ideia de uma revisão dos papéis de gênero. Tanto que, embora prossiga em sua formação, concorda com as críticas que lhe são direcionadas.

Por outro lado, Hobsbawm pensa a saída das mulheres para o mercado de trabalho e a expansão do ensino superior como pano de fundo para o reflorescimento dos movimentos feministas, vinte anos mais tarde: “os movimentos de mulheres são inexplicáveis sem esses acontecimentos” (HOBSBAWM, 1995, p. 305). Acontecimentos dos quais Mónica participa, continuando seus estudos até a formatura. Seus planos, nesse momento, giram em torno do trabalho. Durante um ano, consegue um cargo como professora em um liceu, tendo de abandoná-lo em seguida devido à gradidez do terceiro filho.

Antes de finalizar o ano descubro que estou grávida. Não posso crer. Tomei precauções, mas o fato é que, dentro de sete meses, serei mãe. Rebelo-me diante desse acontecimento que põe abaixo todos os meus planos. O aborto nesses anos, e em minha condição de mulher casada é inconcebível. Recordo que fiz o possível para perder naturalmente esse filho que chegava tão fora de época⁶⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 74).

Evidencia-se, aqui, uma das dimensões do desafio de “ser mulher”. Todo planejamento envolvendo estudos e trabalho se veem interrompidos por aquilo que Mónica compreende como um “desastre”. Tanto que se vacina contra tifo, que asseguravam ser abortivo. O filho, no entanto, nasce e recebe o nome de Javier.

Em 1949, é aberto um concurso para professores de Literatura. O prêmio consistia numa passagem e em uma bolsa para cobrir os estudos na Espanha. Qualquer universidade poderia ser escolhida pelo(a) vencedor(a). Os concorrentes deveriam apresentar uma análise sobre algum escritor ou obra espanhola. Sem muitas esperanças, Mónica submete um trabalho, e grande é a surpresa quando, ao final do ano, recebe a notícia de sua vitória. A decisão de partir para completar seus estudos provoca escândalo: “quando voltar, se voltar, me dizem, seu marido terá ido embora com outra e seus filhos não a reconhecerão’. ‘Se você se casou, deve cumprir com suas *obrigações de esposa e mãe*’⁶⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 74-75, grifos meus).

⁶⁸ “Antes de finalizar el año me doy cuenta que estoy embarazada. No puedo creerlo. He tomado precauciones, pero el hecho es que dentro de unos siete meses seré madre. Me rebelo ante este acontecimiento que echa abajo todos mis planes. El aborto en esos años y en mi condición de mujer casada es inconcebible. Recuerdo que hice lo posible para perder naturalmente este nuevo hijo que llegaba tan a destiempo”.

⁶⁹ “Cuando regreses, si regresas, me dicen, tu marido se habrá ido con otra y tus niños no te reconocerán”. ‘Si te casaste, debes cumplir con tus obligaciones de esposa y madre’”.

Diante da possibilidade de um avanço profissional, mais uma vez, são impostas as “obrigações de esposa e mãe”. Marido e filhos se tornam o centro da existência feminina, uma obrigação sagrada cujo rompimento representa escândalo. A possibilidade de perdê-los por conta do afastamento é aventada como argumento central, negando a Mónica seu avanço profissional. Tal desgosto chega mesmo a sua mãe e sogra, pois ambas reforçam os papéis pré-determinados da mulher e seu conseqüente cerceamento ao espaço privado.

Tania Swain, em *Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas femininas* (2001), demonstra que tais revistas, a partir de suas imagens, visam a modelar os corpos, sujeitando-os a uma dominação. Para ela, os argumentos reprodutivos como o cuidado dos filhos e a atenção ao lar ainda hoje são usados para excluir a mulher dos postos de trabalho. Trata-se, portanto, de uma divisão social do trabalho que a exclui do espaço profissional, relegando-a à esfera familiar. Além disso, a natureza sempre é invocada diante de mulheres que exercitam ou mesmo manifestam o desejo de liberdade. Nas revistas, o feminino é relegado ao âmbito simplório do consumo, associando as mulheres à moda, sedução e reprodução.

Em uma análise de *Subterrâneos da Liberdade*, romance de Jorge Amado (texto bastante lido pela militância brasileira dos anos 1970), Susel Oliveira da Rosa (2013) apresenta alguns estereótipos reproduzidos pela narrativa a respeito do feminino, tais como: a "mulher burra" que "não entende de política" e necessita que um homem lhe explique; a mulher desejosa por ter filhos para se realizar; a mulher “zelosa do lar”, do marido e dos filhos; e a mulher emocionalmente abalada e instável. Em todos esses estereótipos, a figura feminina reside à sombra da masculina: necessita do homem que lhe explique teorias e a lógica política, que seja pai dos seus filhos, que mantenha o lar ao qual ela deve se dedicar e que, por fim, lhe proteja quando acometida pelo medo.

Ao vencer o concurso, Mónica coloca em xeque o estereótipo intelectual, ao mesmo tempo em que promove um passo relevante para sua carreira. A decisão de sair de casa vai contra o preceito da mulher zelosa do lar. O escândalo da decisão encontra seu argumento máximo no risco da perda do marido e filhos. Apesar de todos os interditos, Mónica viaja para a Espanha, onde viveria por quase um ano. Ao longo do tempo, portanto, ela procura garantir seu protagonismo, promovendo a viagem, apesar de todas as oposições. Sua resistência se desenvolve no espaço do cotidiano.

A Espanha dos anos 1950 é descrita como um país pobre, no qual as jornadas de trabalho se estendem e muitos vivem de contrabando. Em Sevilla, a pobreza se transforma

numa miséria extrema. Nesse afã de liberdade, no entanto, Mónica se recorda de sua família.

O retorno ao Chile se dá dez meses depois, quando sua mãe e sua sogra lhe escrevem cartas inquietantes, afirmando que Fernando era constantemente convidado por amigas a sair, chegando tarde a casa: “deve regressar imediatamente se não quer perder para sempre seu marido e filhos”⁷⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 79).

Os mesmos argumentos são impostos como forma de apressar sua volta. A mulher, prestes a perder os filhos e o marido, retorna, portanto, ao Chile. Ao ouvir o sotaque chileno, Mónica se sente mais uma vez presa a um passado que percebe também ser seu destino: “quando escuto suas vozes e esse espanhol tão chileno compreendo de repente que o passado volta a me prender, e que esses meses sem amarras não foram mais que um entreto dentro daquilo que é meu destino”⁷¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 80).

Mais do que uma lembrança de sua terra natal, o sotaque do Chile, agora ouvido depois de tanto tempo, representa esse destino ao qual ela retorna, essas crônicas de seu destino anunciado, mais do que isso: a liberdade na Europa é sentida como um parêntese aberto em uma vida marcada por tantos interditos com os quais ela continua lutando na esfera do cotidiano.

Em meados dos anos cinquenta, se mudam para a Quinta, a casa de infância de Carmen Castillo. Num momento em que Fernando obtém certo êxito profissional como arquiteto, “governa no Chile Gabriel González Videla, a Europa se recupera dos estragos da Segunda Guerra Mundial, e a chamada Guerra Fria começa suas perseguições contra tudo que cheira a comunismo”⁷² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 90).

Apesar dos maus agouros sobre a duração do casamento, Fernando e Mónica se mantêm unidos. Ela própria atribui esse sucesso à liberdade que ambos oferecem um ao outro: “fora de nossas vidas, que ambos realizamos independentes um do outro, em certos períodos de tempo nos permitimos alguns meses de férias”⁷³ (ECHEVERRÍA e

⁷⁰ “debe regresar inmediatamente si no quiere perder para siempre a su marido y a sus hijos”.

⁷¹ “cuando escucho sus voces y ese español tan chileno comprendo repentinamente que vuelve a atraparme el pasado, y que esos meses sin ataduras no han sido más que un entreto dentro de lo que es mi destino”.

⁷² “gobierna en Chile Gabriel González Videla, Europa se recupera de los estragos de la Guerra Mundial, y la denominada Guerra Fría, comienza sus persecuciones contra todo lo que huele a comunismo”.

⁷³ “fuera de nuestras vidas, que ambos realizamos independientemente el uno del otro, cada cierto tiempo nos permitimos unos meses de vacaciones”.

CASTILLO, 2002a, p. 90). Diferente de suas amigas, Mónica aceita as regras do casamento com a condição de momentos de liberdade:

esses sopros de vida de solteira me permitem aceitar com gosto os laços e regras do casamento, que para as mulheres submetidas de minha geração se tornam insuportáveis. Não existe o divórcio – como tampouco existe ainda – mas se recorre à indiferença, que hipocritamente dá no mesmo. Quantas companheiras de colégio rompem o sagrado matrimônio com essa fórmula artificial⁷⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 90).

Hobsbawm (1995) observa que o divórcio era muito mais raro na América Latina, o que mostra, ao redor do mundo, o caráter heterogêneo das transformações culturais, processando-se de formas e velocidades diferentes a depender dos lugares.

Mónica Echeverría (2002) chama atenção para as hipocrisias do casamento: por mais que não haja divórcio (realidade ainda persistente no Chile dos anos 2000), os casais recorriam à total frieza, no fundo, uma alternativa. É graças aos momentos de distanciamento e liberdade que ela se permite aceitar as regras do casamento. Embora se veja presa a esse suposto destino, ela procura caminhos de enfrentamento. Situações de rebeldia, desejos de não ser mulher, buscas por liberdade, ainda que momentâneas, a escolha por estudar e se formar, a aquisição de uma carreira, por um espaço de protagonismo, bem como as viagens feitas sem a companhia do marido representam passos relevantes em uma época de grandes transformações sociais e culturais.

Segundo Hobsbawm (1995), o incentivo para mulheres casadas de classe alta deixarem a casa em busca de trabalho era a demanda por autonomia: “[...] a mulher casada ser uma pessoa por si, e não um apêndice do marido e da casa, alguém visto pelo mundo como indivíduo, e não como membro de uma espécie ('apenas esposa e mãe')” (HOBBSAWM, 1995, p. 312). É esse o caso de Mónica Echeverría, pois não havia, em sua casa, qualquer necessidade de complemento de renda. Sua decisão diz muito mais respeito a uma realização pessoal do que uma necessidade de subsistência.

Segundo Hobsbawm (1995), a abordagem da família e da casa, ou seja, as relações entre os sexos e as gerações, são a melhor forma de se pensar a revolução cultural de meados do século XX. Mudanças que dizem respeito ao número de divórcios, à chefia da casa, às restrições sexuais, sobretudo para mulheres e homossexuais. A narrativa de

⁷⁴ “esas ráfagas de soltería me permiten aceptar gustosa los lazos y reglas del matrimonio, que para las mujeres sometidas de mi generación se tornan insoportables. No existe el divorcio -como tampoco existe todavía- pero se acude a la nulidad, que hipócritamente viene a ser lo mismo. ¡Cuántas compañeras de colegio con esa fórmula artificial rompen el sagrado matrimonio!”

Mónica Echeverría permite perceber esse contexto de restrições impostas às mulheres, porém não aceito de forma passiva. Por mais que seu grau de instrução lhe possibilite uma plataforma de enfrentamento de estruturas tradicionais, dificuldades e limitações estão presentes no dia a dia.

Em suas descrições, não há qualquer referência a um apoio feminino, ou mesmo uma amizade capaz de guiá-la por essa seara de resistência. A questão dos encontros é outro aspecto relevante nesse processo, sobretudo no que tange à amizade entre mulheres. Amizade que Carmen terá acesso em sua trajetória. O tópico seguinte se atenta a essa questão.

2.2.2 Carmen Castillo e a amizade: entre transgressões e interditos

Amigo, para mim, é só isso: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrificios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é.

João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

O capítulo segundo de *Santiago-París* intitula-se “Todas íbamos a ser reinas”, na versão francesa “*Toutes nous allions être reines*”. O título coincide com um o poema de Gabriela Mistral⁷⁵, que apresenta a reunião de figuras femininas com desejos comuns. O poema sugere, a princípio, um conto de fadas, cujo anseio é por um final feliz: Rosalia, Efigenia, Lucila e Soledad desejam ser rainhas e chegar ao mar. Cada qual teria seu esposo, com quatro reinos, tão indubitáveis quanto o Alcorão. Reinos que sugerem uma espécie de paraíso, com “árvore de leite” e “árvore de pão”. Há, no entanto, algo inexplicado que impede a realização do desejo: nenhuma delas se torna rainha. Para além do insucesso da empreitada proposta, o que chama atenção no poema é a união de figuras femininas em prol de um objetivo comum.

Com efeito, o título do poema de Gabriela Mistral é mote de um momento de transformações em que a juventude busca o protagonismo, supondo-se capaz de mudar o mundo e estabelecer novos valores. Irene Cardoso, em *A Geração dos anos 1960: o peso de uma herança* (2005), procura apontar como esse momento possui grande peso sobre as gerações seguintes. Seu texto ressalta um aprisionamento das gerações posteriores em

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.gabrielamistral.uchile.cl/poesia/tala/saudade/Todas.html#1>> acesso em: 01/10/2021.

relação à de 1960 e a identificação dos jovens com uma imagem heroica firmada por um verdadeiro mito daqueles anos. Para o presente tópico, o texto é relevante por enfatizar a heterogeneidade dos movimentos jovens, além do caráter de transgressão não apenas como pura negação dos padrões vigentes, mas como busca pela afirmação de novos limites.

Carmen Castillo discorre sobre uma juventude burguesa que tinha diante de si um futuro certo e um mundo para conquistar, tal como no poema referido: “estava inscrito nas linhas de nossas mãos, era o destino das moças chilenas da burguesia às portas dos anos 1960. Éramos um grupo de amigas ancorado por essa certeza, o mundo nos pertenceria e nós o conquistaríamos” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 69).

No segundo capítulo de *Santiago-París*, Carmen Castillo descreve a relação de amizade estabelecida com algumas meninas do liceu da Aliança Francesa: “uma amizade que nos fazia fortes, invulneráveis, imortais”⁷⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 70). Força, fortaleza e invulnerabilidade já representam, por si só, transgressões diante do interdito. A união entre as meninas ampliava suas percepções de mundo, conferindo-lhes confiança diante das adversidades e coragem frente aos cerceamentos cotidianos.

Para Susel Oliveira da Rosa (2013) – observando o contexto das amizades surgidas entre torturados no espaço do DOPS (Departamento de Ordem e Política Social) –, há uma impossibilidade da amizade entre mulheres, noção que aparece desde os filósofos antigos, como Platão e Aristóteles, passando por Cícero, Montaigne e Michelet. Por outro lado, a amizade entre homens sempre foi considerada ideal pela tradição filosófica ocidental.

Analisando a escrita epistolar e as relações de amizade entre Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, a historiadora Marilda Ionta (2004) destaca que o imaginário social ocidental atribuiu aos homens a capacidade para a lealdade e, portanto, para a amizade. Por sua vez, esse tipo de relação entre mulheres sempre foi desqualificada, dado o sentimentalismo a elas atribuído. Nesse sentido, prevaleceria uma rivalidade entre mulheres devido, primeiramente, à disputa pelo amor masculino (quando jovens) e, posteriormente (após o casamento), ao cuidado doméstico (marido e filhos). Tais situações, que fazem recair cobranças apenas sobre as mulheres, impedem laços de amizade.

A exclusão das mulheres do campo da amizade inviabiliza sua presença no âmbito público, espaço dominado pelos homens, que, em conjunto e mutuamente protegidos,

⁷⁶ “Une amitié qui nous rendait fortes, invulnérables, immortelles”.

circulam e comandam. Para Susel Oliveira da Rosa (2013), essa exclusão: “reafirma a preponderância masculina e patriarcal, assegurando ao homem o espaço público e à mulher o espaço doméstico e, em conjunto com a sexualidade, faz parte das estratégias biopolíticas” (ROSA, 2013, p. 79).

A enumeração de figuras femininas em união no poema de Gabriela Mistral rompe com essa perspectiva de controle, viabilizando espaços de trânsito para as mulheres. Por mais que as mulheres não cheguem aos seus objetivos, temos já um passo importante que sugere mudanças em termos de mentalidade e comportamento.

Por sua vez, o reconhecimento da amizade presente em Carmen Castillo (2002b) coloca em xeque uma tradição de rivalidades femininas e de preponderância masculina. Essa tradição é tão fortemente constituída que, mesmo os pais intelectualizados das meninas (dentre eles, a própria Mónica Echeverría), olhavam para essas relações com desconfiança: “dessa amizade, de nosso grupo autônomo e tão particular, nossas mães não sabiam bem o que pensar”⁷⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 71).

Surpresa, Carmen descreve os sarcasmos de Mónica e os olhares preconceituosos das famílias tidas como ilustradas: “mesmo vocês, pais abertos, artistas, ofuscados, se perguntavam: ‘o que será dessas moças? Elas se tornarão lésbicas? Como impor-lhes a consciência dos limites?’”⁷⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 71). A ideia de um futuro de possíveis relações homossexuais entre as meninas exclui a possibilidade da amizade. O olhar de sarcasmo de Mónica Echeverría para essas proximidades enfatiza a heterogeneidade das percepções a respeito dos fatos. Em sua trajetória na infância, ela própria não dispõe de tal experiência. Por mais que Mónica cultivasse um espírito de liberdade, trazia ainda pensamentos e atitudes que confirmam uma lógica de dominação masculina.

A mútua dependência entre Carmen e suas amigas traz à tona a amizade, sempre tida como inviável. A permanência dessas companhias funciona para ela como “prazeres interditos”. Ao mesmo tempo, representa seus primeiros passos em direção à revolta: “dessa experiência, creio ter dado meus primeiros passos na direção da revolta com esse

⁷⁷ "de cette amitié, de notre groupe autonome et si particulier, nos mères ne savaient pas très bien quoi penser".

⁷⁸ “Même vous, des parents ouverts, des artistes, offusqués, vous vous demandiez : ‘qu’arrive-t-il à ces jeunes filles? Vont-elles devenir lesbiennes? Comment leur insuffler la conscience des limites?’”.

gosto de jamais saciado dos prazeres interditos”⁷⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 71).

Para Carmen, as amigas eram sua única consolação quando o desamor ou a perda a abatiam. A descoberta da amizade, possibilitada por esses encontros, não se restringe aos tempos da adolescência. Ao longo da vida, ela encontraria outras tantas mulheres que lhe exigiriam posturas bastante definidas. Cada amiga representa uma exigência de vida, um estímulo para o cumprimento de seus objetivos: "uma mulher está presente e me demanda o esforço de me levantar, de continuar a fazer o que eu tenho a fazer"⁸⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 72).

Em um tempo em que “todas seriam rainhas”, o vento da revolta as conduz. Viviam em “um tipo de estado de graça, lucidez e fervor, um vir a ser em construção”⁸¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 115). Vir a ser que diz respeito à transgressão, chave para o estabelecimento de novos valores.

Com base em Deleuze, Susel Oliveira da Rosa (2013) observa que somos constantemente afetados por encontros com outros corpos que nos trazem sensações diversas, capazes tanto de aumentar quanto de diminuir nossas potencialidades. Ao longo desses contatos, desenvolvemos afetos que também nos impulsionam à ação.

Em Carmen Castillo, o encontro com Beatriz Allende, filha de Salvador Allende, impulsiona seu desejo de transformação e busca por ação. O capítulo “O vento da revolta nos conduz” é dedicado a essa relação, cujo primeiro encontro se dá na faculdade de Letras, quando Carmen tinha dezessete anos. Beatriz é descrita como uma mulher que recusa a sedução. Guerrilheira, não deixava transparecer qualquer sentimento: “eu era fascinada por sua sabedoria e rigor, agradava-me obedecê-la sem questionar, colocava-me às suas ordens, boa estudante”⁸² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 116).

Nos encontros noturnos entre amigos, entre uma e outra canção ao violão, discutiam política, poder popular e ações diretas: “a Tati [nome pelo qual Beatriz Allende

⁷⁹ “de cette expérience-là, je crois avoir fait mes premiers pas vers la révolte avec ce goût des plaisirs interdits”.

⁸⁰ “Une femme est là et me demande de faire l'effort de me relever, de continuer à faire ce que j'ai à faire”.

⁸¹ “une sorte d'état de grâce, lucidité et ferveur, un devenir en train de se faire”.

⁸² “J'étais fascinée par son savoir et sa rigueur, je me plaisais à lui obéir sans poser questions, je me pliais à ses ordres, bonne écolière”.

era conhecida] soube me transmitir a beleza do engajamento. Eu seguia as regras ao pé da letra, acompanhada por ela”⁸³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 116).

Beatriz Allende desconstrói a figura da mulher como mero apêndice do homem e ignorante do cenário político, o que se contrapõe ao imaginário feminino trazido em *Subterrâneos da Liberdade* (1980), de Jorge Amado, que reforça o estereótipo de mulher fraca e ignorante, posta à margem do homem.

Junto de Beatriz, Carmen se torna militante. Esta ouve da amiga sobre a repressão na Venezuela e a luta popular no Chile. Carmen vê na filha de Salvador Allende a figura da líder, a ser seguida sem questionamentos: “eu sabia apenas que era preciso combater até a morte, que o perigo era cotidiano e que o inimigo se infiltrava em todos os lugares”⁸⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 117).

Por conta de sua disciplina, Beatriz Allende é descrita por Carmen como seu oposto. Era dona de grande franqueza e clareza, apesar de seu silêncio. O caráter versátil de Carmen chama atenção de Beatriz, que a considera importante para a “causa”. A princípio, Carmen atua como telefonista, recebendo e anotando informações relevantes. Mas as atuações juntas não se restringiriam ao Chile:

a topografia de nossa amizade se estendia entre o mar de Algarrobo, as salas escuras em que um militante mascarado nos instruía, seu quarto na rua Guardia Vieja, com grandes janelas que dão sobre uma acácia, a entrada agitada do hospital público Barros Luco e, depois da vitória da Unidade Popular, sua oficina em La Moneda, ao lado da de seu pai, Salvador Allende, presidente da república⁸⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 118).

A topografia dessa amizade sugere uma fusão de ideais que se mantêm ao longo do tempo, chegando à época da presidência de Salvador Allende. Sua vitória é descrita por Carmen Castillo (2002b) como um momento de grande júbilo. As palavras usadas sugerem frescor, juventude e limpidez: “a primavera, as cerejeiras em flor, as mimosas, o amarelo e

⁸³ “La Tati a su me transmettre la beauté de l’engagement. J’en suivais les règles au pied de la lettre, surveillée par elle”.

⁸⁴ “Je savais seulement qu’il fallait se battre jusqu’à la mort, que le péril était quotidien et que l’ennemi s’infiltrait partout”.

⁸⁵ “La topographie de notre amitié se déliait entre la mer d’Algarrobo, les salles obscures où un militant masqué nous instruisait, sa chambre rue Guardia Vieja, aux grandes fenêtres donnant sur un acacia, l’entrée mouvementée de l’hôpital public Barros Luco, puis, après la victoire de l’Unité populaire, son bureau à La Moneda, qui côtoyait celui de son père, Salvador Allende, le président de la République”.

verde pálido, um ligeiro vento do sul levando a contaminação”⁸⁶. Mais tarde, Carmen se reúne com Beatriz para celebrar a vitória no centro de Santiago. Trata-se de uma festa vibrante e plena de canções, sem violência, nem ódio. Um cortejo festivo, repleto de pessoas: “[...] tudo ao longo da noite sob um céu estrelado, tão reluzente como esse sonho em um instante tornado possível: construir um mundo de justiça e liberdade”⁸⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 121).

Em seu estudo sobre Nilce Cardoso – militante brasileira dos anos 1960 e 1970 –, Susel Oliveira da Rosa (2013) destaca uma sensação de força da parte dos jovens universitários nesse momento: “os ventos da revolução sopravam entre os estudantes, ansiosos por transformar o mundo” (ROSA, 2013, p. 29). O clima de transformações estava presente em toda América Latina, sobretudo entre os jovens. No caso chileno, a vitória de Salvador Allende representou a construção de um mundo de justiça e liberdade. Mais do que a figura do novo presidente, é a amizade e influência de Beatriz Allende que conduz o pensamento de Carmen Castillo.

Ambas centram-se não no ambiente doméstico, mas sim nos ventos da revolução, no cenário público. Não há, entre elas, a rivalidade resultante da disputa por uma figura masculina. A utopia da transformação do mundo passa pelo âmbito político no qual se veem imersas. Verdadeiro marco para Carmen Castillo, a vitória de Allende simboliza um destino que finalmente se abre, com a justiça se impondo em cada canto do Chile: “a força de nossos pensamentos e ações destruiria a arrogância dos ricos”⁸⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 121).

É nesse ponto que o orgulho de Carmen Castillo por seu país atinge o ápice, posto que “a louca geografia de nosso país (Chile) continha todos os desejos, todas as intensidades”⁸⁹. Naquele momento, o país parecia atender a todas suas demandas: “tudo que pudéssemos esperar de uma vida, vivíamos aqui e agora, a cada instante”⁹⁰. Ela se indaga como e por que desejou um dia viver em Paris. Desejos que, naquele momento, lhe

⁸⁶ “Le printemps, les cerisiers en fleur, les mimosas, du jaune et du vert pâle, un léger vent du sud emportant la pollution”.

⁸⁷ “[...] tout au long de la nuit sous un ciel étoilé aussi *reluciente* que ce rêve devenu un instant possible, construire un monde de justice et de liberté”.

⁸⁸ “La puissance de nos pensées et de nos actes détruirait l'arrogance des riches”.

⁸⁹ “La ‘folle geographie’ de notre pays contenait tous les désirs, toutes les intensités”.

⁹⁰ “tout ce qu'on pouvait attendre d'une vie, on le vivait ici et maintenant, à chaque instant”.

pareciam inverossímeis: “parecia-me tão incongruente, inverossímil, o desejo de uma longa estada na Europa”⁹¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 122).

Todos os sonhos das “rainhas”, unidas por um mundo mais justo, essa esperança em um Chile glorioso se depara, no entanto, com o golpe de onze de setembro de 1973 – marco inicial da ditadura chilena. Para Carmen Castillo e sua mãe, será o princípio de um “vendaval” que arrastará sua família e os sonhos de um país mais justo. Tal como no poema de Gabriela Mistral, os objetivos são interrompidos. Dentre tantos cortes por conta dos exílios, este é o mais relevante de todos, e será tema do capítulo seguinte.

⁹¹ “Il me semblait tellement incongru, invraisemblable, d’avoir pu songer à un long séjour en Europe”.

3 A DITADURA CHILENA: PERSPECTIVAS EM CONFRONTO

3.1 Um onze de setembro para se lembrar: “vá e conte nossa história ao mundo”

A ditadura civil-militar no Chile é comumente dividida em três fases, segundo os informes *Retting* e *Valech*, citados em *O Golpe de Estado e a primeira fase no Chile* (2012), estudo de Silvia Sônia Simões a respeito dos primeiros anos da ditadura chilena. A primeira fase se dá entre setembro e dezembro de 1973 e se constitui num momento de consolidação do regime. Marcam esse momento as prisões e fuzilamentos e uma ausência de organização propriamente dita. O segundo momento, situado entre janeiro de 1974 a agosto de 1977, é marcado pela atuação da DINA (Dirección de Inteligencia Nacional), uma unidade da política secreta que se transformou no braço repressor de Pinochet. Com ela, surgem mecanismos mais aprimorados de tortura, bem como os centros clandestinos de detenção. Por sua vez, o terceiro período, de setembro de 1977 a março de 1980, é marcado pelo uso da tortura de forma mais seletiva e não tão indiscriminado como no segundo momento.

Tal divisão, no entanto, traz diferentes situações de um período marcado pela violência de Estado. Em todos eles, violências e abusos tiveram como resultado torturados, mortos, desaparecidos e, é claro, exilados. Silvia Sônia Simões (2013) observa que o 11 de setembro chileno marca o fim da primeira experiência socialista democrática no mundo. Seu encerramento se deu de forma extremamente violenta, “com a morte do presidente dentro do Palácio La Moneda diante de um bombardeio encaminhado pelas forças lideradas pelo General Augusto Pinochet” (SIMÕES, 2013, p. 13).

Heraldo Muñoz⁹², em *A Sombra do Ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet* (2010), ao tratar dos momentos cruciais da tomada do poder pelos militares no Chile, conta que Salvador Allende, no momento do bombardeio da sede presidencial pelos militares, obriga Joan Garcés, seu assessor, a sair do palácio:

[...] depois que as mulheres partiram (duas esconderam-se no palácio até o amargo desfecho), Allende obrigou seu assessor Joan Garcés, cidadão espanhol, a ir embora também, acompanhado pelas duas filhas do presidente, Isabel e Beatriz. *Vá e conte nossa história ao mundo*, disse Allende ao espanhol. Nos

⁹² Heraldo Muñoz é diplomata e especialista em relações internacionais. Durante várias décadas, participou ativamente da política chilena, desde a militância no partido socialista, passando pela embaixada dos Estados Unidos, pelo ministério chileno de relações exteriores, chegando mesmo à candidatura à presidência, em 2021.

anos seguintes, Garcés se tornaria ativista pleno da causa chilena e um dos mais firmes e constantes inimigos de Pinochet (MUÑOZ, 2010, p. 27, grifos meus).

Destaco esta cena em específico da história chilena, pois nela encontra-se a responsabilidade de se sobreviver diante do horror. Joan Garcés saiu do prédio a pedido de Allende para narrar ao mundo eventos fundamentais da história chilena. Evidencia-se, aqui, que a sobrevivência se dá por meio da narrativa; é por ela que a história se mantém.

Conforme Franco (2003), há uma nova onda de catástrofes que, na segunda metade do século XX, retorna e atinge a América Latina em forma de ditaduras. Diante disso, torna-se necessário lutar contra a repetição da catástrofe por meio da rememoração. Sob a mesma óptica, Jeanne Marie Gagnebin (2003) lembra a necessidade da construção de éticas históricas diante de Auschwitz, orientadas pelo “dever de resistência”, que consiste na luta contra o esquecimento e o recalque e, por fim, contra a repetição. Lutas estas travadas por meio da rememoração.

Em *Lembrar, escrever, esquecer* (2003), Jeanne Marie Gagnebin promove uma leitura sobre a *Odisseia*, esboçando uma definição de cultura a partir do texto clássico. Para a autora, o poema é uma narrativa alegórica acerca do sujeito racional que deve escapar do mito, dominar a natureza e a si próprio. Assim, a comunicação humana torna-se moeda de troca no contato com o outro. Entre os cantos nono e décimo primeiro, Ulisses encontra-se na corte dos Feácios; tendo enfrentado perigos e privações, se vê desprovido de seus bens, faminto e perdido. Ele ouve um canto a respeito do cavalo de Tróia, reconhece seu próprio passado e revela sua identidade aos anfitriões. Testemunha de grandes aventuras, a única coisa de que dispõe são suas histórias, muito bem guardadas na memória.

Os cantos referidos são uma interrupção na narrativa, na qual Ulisses narra sua viagem povoada não apenas por perigos sem conta, mas também por belas histórias. A tradição da hospitalidade pressupõe troca de presentes. O viajante recebe os seus de seus anfitriões e oferece em troca as suas narrativas, já que não dispõe de nada material. Nesse sentido, a comunicação humana se torna moeda de troca. Para além de um aventureiro desejoso de retornar ao lar, o grego é também um bom narrador, fato prontamente reconhecido e recompensado pelos anfitriões.

Dentre as aventuras narradas, está a descida ao Hades. Gagnebin (2013) interpreta a passagem como o lado escuro da morte. Por isso, a memória é uma forma de manter, nos vivos, as lembranças dos feitos dos mortos. Por fim, a noção de cultura esboçada é a de: “reconhecer nossa condição de mortais, condição tão incontornável como a exigência que

ela implica – cuidar da memória dos mortos para os vivos de hoje” (GAGNEBIN, 2013, p. 27).

A língua, nesse sentido, é portadora da sobrevivência. Todas as experiências vivenciadas por Ulisses – desde o quase esquecimento na ilha dos lotófagos, passando pela descida ao Hades, até o pavor na caverna do ciclope e a nunca antes experimentada audição do canto das sereias – tudo isso, enfim, teria desaparecido se ele não fosse também um bom narrador; tudo seria esquecido se as vivências não fossem elaboradas via linguagem.

Quando trazemos essa perspectiva para o contexto das catástrofes do século XX, evidencia-se a dimensão de sobrevivente da língua. Para Seligmann-Silva (2003, p. 398): “a língua é sobrevivente da catástrofe e é a única que porta tanto o ocorrido como a possibilidade de trazê-lo para o nosso agora”. A língua, nesse sentido, retém o ocorrido, podendo retomá-lo no presente. Não se trata, evidentemente, de uma retomada do acontecimento tal e qual em situações-limite, nas quais a morte parece se sobrepor a todas as vontades. Trata-se da ressignificação do fato capaz de garantir a sobrevivência do sujeito.

Ao obrigar seu assessor a sair e livrar seu corpo da morte física, Salvador Allende ressalta a possibilidade de pôr a salvo a linguagem de um testemunho, alguém com a potencialidade de levar adiante esse “dever de resistência”, sobrevivendo ao horror. A sobrevivência, nesse sentido, vai muito além da preservação do corpo físico, abarcando a possibilidade da linguagem como “portadora do ocorrido”, por meio da qual se pode proceder um rearranjo simbólico, de forma a evitar que tais eventos caíam no esquecimento.

A relevância dessa passagem está na preservação do testemunho. Abarcando as experiências de mãe e filha, *Santiago-París* permite esse rearranjo não só de uma história familiar mas também das vivências de toda uma geração.

Em *A Sombra do Ditador* (2010), Heraldo Muñoz objetiva investigar o impacto da figura de Pinochet na história contemporânea chilena, além dos vários significados e símbolos evocados por sua imagem. Sua análise se fundamenta na história e em suas memórias pessoais. Para o momento desta tese, chama atenção sua análise acerca do golpe civil-militar que culminou com a morte de Salvador Allende e o estabelecimento da ditadura chilena.

Nos primeiros anos da década de 1970, em meio às ditaduras, o Chile se destacava: “nós acreditávamos que nosso país era diferente do resto da América Latina e não cairia presa dos horrores de uma ditadura” (MUÑOZ, 2010, p. 12). A experiência socialista do governo de Allende de fato destoava dos demais países, nos quais ditaduras se mantinham com mão de ferro. Tanto que, nesse momento, o país é um abrigo de exilados. Juntando-se a Cuba, o Estado sul americano tornou-se uma grande esperança da vitória socialista.

Segundo Denise Rollemberg (1999), no início dos anos 1970, o Chile é visto pelos brasileiros como um espaço de acolhimento, numa experiência democrática como exemplo a ser seguido. Em *Paula* (1994), Isabel Allende estende esse estado de espírito político para concepções mais amplas acerca da vida. Até o momento do golpe, entendia que a juventude seria eterna, que o mundo era essencialmente bom, sendo a maldade: “[...] uma espécie de acidente, um erro da natureza”⁹³. Esse sentimento se extingue no dia do golpe civil-militar: “[...] tudo isso terminou de súbito em 11 de setembro de 1973 quando despertei para a brutalidade da existência [...]”⁹⁴ (ALLENDE, 1994, p. 152). A própria Isabel Allende fez parte do contingente de exilados, passando longos anos na Venezuela.

Para além do sentimento de derrota, o golpe representou também um novo momento para a história dos exílios na América Latina, marcada pela desesperança na revolução. É o que afirma Denise Rollemberg, para a qual:

o golpe de Estado no Chile, em setembro de 1973, explicitou a derrota da revolução na América Latina e marcou o início de uma segunda fase do exílio [...] a chegada ao exílio, a partir de então, identificava-se à desesperança na revolução latino-americana (ROLLEMBERG, 1999, p. 109).

Após 1973, várias pessoas encontram no exílio a saída diante de ameaças constantes vividas cotidianamente. O destino passa a ser a Europa, principalmente Paris. Trata-se, nesse caso, de um exílio do exílio, no qual pessoas exiladas de seus respectivos países (já como estrangeiros no Chile) se veem obrigadas a, novamente, buscar ares diversos, dado o risco de prisão, tortura ou mesmo morte. Mesmo os chilenos que não saíram imediatamente de seu país após o golpe, a exemplo de Mónica Echeverría e Carmen Castillo, já se encontravam em uma situação de desterrados. A posição de clandestinidade gerava medo e incerteza, um grande contraste com as perspectivas anteriores em que a

⁹³ “[...] una especie de accidente, un error de la naturaleza”.

⁹⁴ “[...] Todo eso terminó de súbito el 11 de septiembre de 1973 cuando desperté a la brutalidad de la existencia [...]”.

sociedade parecia trilhar caminhos diversos de seus vizinhos, em um estado de espírito no qual todos pareciam essencialmente bons.

Tal estado é referido por Mónica Echeverría (2012a) em tom de despedida ao descrever a festa de casamento de Carmen e o sobrinho de Salvador Allende. Ali estavam presentes Miristas e membros da direita em uma convivência pacífica entre rivais políticos. Todos discutem de forma amistosa, no clima de um Chile democrático. Chama atenção a relevância simbólica do evento:

essa festa é, simbolicamente, o último exemplo de um Chile aberto ao diálogo e respeitoso com o adversário. Nos últimos anos do governo de Frei, começa a aparecer uma animosidade entre direita e esquerda que dividirá, em dois bandos irreconciliáveis, um Chile intolerante (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 94, grifos meus).

De exemplo de grupos abertos ao diálogo, passa-se, tempos depois, a uma animosidade entre direita e esquerda, que abrirá caminho para querelas. A polarização política surge como marco inicial para a intolerância. Adiante, temos o crescimento de movimentos que deflagrariam o golpe civil-militar.

Destaca-se, tanto em Heraldo Muñoz (2010) como em Isabel Allende (1994), o caráter inesperado do desfecho do onze de setembro. Tal perspectiva não é diferente em Mónica Echeverría (2012a) e Carmen Castillo (2012b). O onze de setembro de 1973 fica como uma data para se lembrar; um dia representativo na medida em que revela caminhos aparentemente não percebidos e, ao mesmo tempo, determina os anos seguintes.

Tanto nas memórias de Mónica Echeverría quanto nas de Carmen Castillo, temos o tom de surpresa perante o golpe civil-militar. A associação entre a trajetória política do país e a história familiar permanece ao longo do texto. Mónica Echeverría tinha um irmão ao qual era muito afeiçãoada. Seu nome era Alfonso. O tópico seguinte se volta para sua trajetória, escolhas equivocadas, avanços e posterior derrocada. Sua morte precoce ocorre de forma trágica. Propõe-se aqui associar a trajetória de Alfonso a do Chile, principalmente quanto às perspectivas positivas depositadas sobre ele e seu desenlace posterior, por todos inesperado, mas cujo desfecho deve sempre ser retomado e ressignificado.

3.2 A trajetória de Alfonso: possível metáfora para o Chile

“Mas é sobretudo liberdade,
desolação, angústia,
o que encerra o ar.
E algo terrível como o fim.

Potente como a aurora”⁹⁵.

Poema resgatado por Mónica Echeverría entre os papéis de seu irmão Alfonso.

Durante todo o século XIX e ainda boa parte do seguinte, a escrita da História esteve pautada pela objetividade. Influenciada pela escola positivista, a historiografia buscava a verdade, concentrando-se nos acontecimentos. R.G. Collingwood, em *A Ideia de História* (2001), traça uma análise sobre as várias concepções de história ao longo do tempo. Ao tratar do século XIX, mostra que a historiografia seguiu a cartilha positivista, que colocava a filosofia a serviço das ciências da natureza. O método consistia na determinação dos fatos, na observação das repetições e, posteriormente, no estabelecimento de leis, feitas por indução a partir dos fatos. Com isso, a História obteve grande prestígio, acumulando uma quantidade considerável de fatos.

O século XIX é um momento em que as ciências procuravam estabelecer suas identidades. A proximidade com as ciências da natureza conferiu à História um espaço antes inexistente. Entendo que a problemática reside na herança dessa concepção para o século XX. Em *Memória e História* (2003), Jacques Le Goff observa que, para a escola positivista do século XIX, o documento é o fundamento do fato histórico, ainda que seja resultado de uma escolha. Um triunfo do documento que coincide com o triunfo do texto: “a partir de então, todo o historiador que trate de historiografia ou do mister de historiador recordará que é indispensável o recurso do documento” (LE GOFF, 2003, p. 529). Nesse momento, o documento diz respeito aos textos escritos e de caráter político. Com isso, temos a exclusão de outras possibilidades de análise. Os anos 1960 são o marco para essa problemática, quando a história passa a levar em conta outras fontes de documentação para além daquela considerada oficial. Trata-se da explosão documental dos anos 1960, trazendo, para o escopo da análise histórica, outros tipos de texto, como cartas e diários. Isso permitiu uma ampliação dos temas em história, abrindo espaço para sujeitos antes excluídos.

É nesse contexto que percebo, no desenvolvimento deste trabalho, a interface entre a literatura e a história. O entendimento de outros gêneros textuais, para além das fontes oficiais, permite novas perspectivas acerca da história. É nesse sentido que este tópico pretende tratar da figura de Alfonso, irmão de Mónica Echeverría e descrito por ela em

⁹⁵ Pero es sobre todo libertad,/ desolación, angustia,/ lo que encierra el aire./ Y algo terrible como el fin/
Potente como el alba.

Santiago-París: el vuelo de la memoria. A finalidade aqui é apresentar uma interpretação para sua trajetória como possível metáfora para o Chile e seu desfecho trágico com o estabelecimento da ditadura do onze de setembro. Nesse sentido, as memórias, a princípio familiares e individuais, podem sugerir interpretações para a história.

Em *A Memória, a História, o esquecimento* (2007), Paul Ricœur argumenta contra a pretensão totalizante da interpretação em História (aqui, o h maiúsculo diz respeito às produções historiográficas). Ao longo do tempo, e sobretudo no século XIX, a ideia de história como “narrativa” e “ciência” absorveu a noção de história como fluir do tempo ou coletivo singular. Assim, o termo *historia* passa a exibir um teor realista, e o historiador se preocupa com a veracidade dos fatos e com a confiabilidade dos documentos. A todo momento, há um manejo da suspeita⁹⁶. Com isso, em sua articulação, a História (produção histórica) erige seu próprio discurso, que se confunde com a história como fluir do tempo. Em outras palavras, há uma confusão entre a história (fluir do tempo) e História (a escrita propriamente dita), que confere ao segundo termo um teor realista, garantindo “à história enquanto tal uma pretensão própria à verdade” (Ricœur, 2007, p. 315). Nesse sentido, a escrita sobre o passado assume o tom de verdade, anulando, muitas vezes, outras possibilidades de interpretação, entendidas como “não confiáveis”.

Tratar de uma obra que envolve a memória, tal como *Santiago-París*, permite pensar na fluidez entre memória e história, na medida em que as narrativas familiares estão associadas a eventos políticos. Ao mesmo tempo, leva à compreensão de que a História como totalidade, ou mesmo interpretação absoluta, inviabiliza outras possíveis perspectivas, muitas delas associadas à memória.

Nas memórias de Mónica Echeverría, encontramos seu irmão Alfonso, dois anos mais jovem que ela. Ele é descrito como um menino bonito, inteligente e altamente imaginativo. Na infância, criava jogos imaginários com criaturas fantásticas; na adolescência, deixava-se levar por personagens mitológicos, muitos retirados das peças de Shakespeare. Para Mónica, a carga excessiva de imaginação do irmão é um elemento dificultador de sua adaptação ao mundo pragmático. Além disso, ela deixa claro a imprevisibilidade da tragédia, ponto fundamental desta análise: “nunca pensamos na

⁹⁶ É o que se pode observar, por exemplo, no livro *São Francisco de Assis*, de Jacques Le Goff (2011). Nele, ao discorrer sobre a vida do santo italiano, o historiador constantemente promove críticas dos documentos utilizados, enfatizando a maior ou menor confiabilidade dos mesmos. Assim, encontra-se sempre às voltas com o rigor na busca pela “verdade” dos fatos. Um manejo da suspeita, que parece querer abarcar a totalidade.

tragédia que fatalmente ocorreria no futuro”⁹⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 98).

Terminando o colégio como melhor aluno, o jovem decide estudar Engenharia Química na Universidade de Santa Maria, em Valparaíso, de onde é expulso um ano e meio depois, sob a acusação de revolucionário. Seu interesse pelo comunismo só é equiparado à paixão pela Química. Em 1943, embarca para os Estados Unidos, onde permanece por um ano com uma bolsa de estudos. Mónica se sente órfã com esse afastamento. Em seu regresso ao Chile, Alfonso se via fascinado com o país de sua estada, entendendo-o como símbolo do futuro e do progresso.

Com esse estímulo inicial, lança mão da herança de sua avó para o projeto nomeado “via láctea”, que consistia na fabricação de toda a classe de derivados de leite. Na fazenda, chegam dos Estados Unidos gigantescas maquinarias. Os agricultores das regiões vizinhas veem o empreendimento com otimismo. Com orgulho, Alfonso mostra a fazenda à família. Os mais diversos tipos de leite são produzidos. No entanto, ele nunca esteve à frente de um negócio de tal natureza. Apesar de todos os esforços, os lucros não aparecem e o empreendimento é desfeito.

A segunda empreitada recebe o nome de “Movimiento Ornache”. Trazia uma proposta artística que visava a impor: “uma forma de viver diferente por meio da cor e da forma”⁹⁸ (ECHEVERRÍA & CASTILLO, 2002a, p. 101). Com esse projeto, Alfonso trouxe da Itália artistas e arquitetos. A partir da explicação de suas ideias, os artistas produziram móveis, pinturas e vestidos com conceitos demasiado abstratos que não funcionam para o Chile da época, marcado por uma direita desejosa de manter seus privilégios e uma esquerda que pretendia vencer nas urnas. Para um país voltado para necessidades práticas, os conceitos de Alfonso⁹⁹ se mostraram um verdadeiro disparate e o projeto fracassou.

Ainda com a obsessão latente pela “via láctea”, o irmão de Mónica lança um empreendimento de sorvetes, igualmente fracassado. Em seguida, fabrica caramelos, que, no caminho para a escola, tornam-se uma massa sem forma. É a bancarrota de Alfonso, marcada pelo esgotamento da herança da avó. O que há de comum em todos esses projetos é o entusiasmo dos familiares e a sensação inicial de sucesso, posteriormente frustrada.

⁹⁷ “[...] nunca pensamos en la tragedia que fatalmente ocurriría en el futuro”.

⁹⁸ “[...] una forma de vivir diferente a través del color y la forma”.

⁹⁹ Não há, na narrativa, um detalhamento dos referidos conceitos. Há apenas a descrição de sua inadequação ao momento.

Com o fim da herança, Alfonso inicia uma carreira de intérprete; preenche uma vaga que o torna braço direito do então presidente Jorge Alessandri, nos anos 1950. Ao final desse mandato, é contratado pelas Nações Unidas como intérprete simultâneo em diferentes lugares do mundo. Nesse período, obtém um bom salário que lhe permite economizar. Paralelamente à carreira de intérprete, dedica-se à literatura. Em 1957, publica seu primeiro livro: *La Vacilación del Tiempo*, prosa poética que ganha atenção da crítica. Em seguida, lança *El Costo de la Vida* (livro de poemas) e, em 1960, seu conto “Nausica” é premiado em Nova Iorque: “depois disso, é considerado como um dos jovens escritores mais promissores”¹⁰⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 103). Ele participa de encontro com escritores europeus e latino-americanos de renome. Seus passos parecem, finalmente, apesar dos fracassos como empreendedor, seguirem um caminho de ascensão.

O trabalho como tradutor é exaustivo. Durante um congresso, Alfonso conhece, por uma colega, o *ritalin*, medicamento estimulante em pílulas que retirava o cansaço, garantindo horas de trabalho lúcido. Como se descobre depois, o medicamento causava dependência e alucinações. Após um tempo sob seus efeitos, Alfonso acusa a esposa de traição. Amigos e primos próximos são tidos como amantes da companheira. Tais acusações são acreditadas por boa parte da família, sobretudo de sua mãe. Dentre os que percebem o comportamento estranho de Alfonso está Carmen Castillo, que sugere a possibilidade de um psiquiatra para tratar o tio. No entanto, a mãe do rapaz e a própria Mónica não aceitam a anormalidade de Alfonso. As insistências sobre a infidelidade da esposa convencem as filhas maiores. Ao mesmo tempo, seu sucesso como intérprete avança, com cada vez mais requisições e premiações.

Alguns meses depois do assassinato de John Kennedy – presidente dos Estados Unidos assassinado misteriosamente durante sua posse –, Alfonso encontra-se na sede das Nações Unidas traduzindo um discurso de um ministro árabe do francês para o inglês. O público ouvinte, no entanto, espanta-se com as traduções: ouve-se que John Kennedy fora vítima de um plano elaborado por aqueles que governavam o país anteriormente – os verdadeiros assassinos. Não demora muito para a entrada da polícia. Alfonso é detido e declarado *persona non grata*; a partir de então, não poderia mais entrar nos Estados Unidos.

Em uma comemoração do aniversário de Carmen no Chile, Alfonso está presente, recitando poesias célebres. Em meio à euforia, o tradutor afirma subitamente que sua vida não tem sentido, sendo tomado pela desilusão. Dois dias depois, a mãe de Mónica,

¹⁰⁰ “Después de eso es considerado como uno de los jóvenes escritores que más prometen”.

alarmada com a ausência do filho, que não aparece por dias, entra em contato com familiares. Pouco tempo depois, seu corpo é encontrado em pedaços no pátio interior do edifício em que habitava. A causa atribuída à morte foi o suicídio.

Contada como tragédia familiar, a história de Alfonso sugere a própria história de seu país, no que tange às esperanças de futuro. Da mesma forma que Alfonso (jovem de futuro brilhante), o Chile é pensado como baluarte de esperanças, um país que, no âmbito da América Latina, inauguraria novos caminhos, capazes de dar sentido à própria história.

Para Darcy Ribeiro, em *As Américas e a Civilização* (2007), há três traços distintivos do socialismo revolucionário no século XX. O primeiro deles diz respeito aos altos ritmos de crescimento econômico. Um ritmo de crescimento de 6 a 8% anuais permitiriam os países em desenvolvimento alcançarem os desenvolvidos dentro de três ou quatro décadas. A segunda distinção é o fato de o modelo socialista ter alçado grandes massas populacionais da pobreza à prosperidade, ao passo que os processos anteriores alcançaram pequenos contingentes populacionais. A terceira particularidade diz respeito ao sucesso do modelo socialista de imprimir um processo de aceleração em estruturas mais rígidas. Com isso, nações com estruturas dependentes do modelo externo poderiam promover uma industrialização mais autônoma. Nesse sentido, em comparação com os resultados dos países capitalistas na virada do século XIX para o XX, o crescimento industrial dos países socialistas tornou-se atrativo para aqueles em desenvolvimento¹⁰¹.

É importante frisar o papel de Darcy Ribeiro no governo de Salvador Allende, com base no livro *Testemunho* (1990), organizado por Mércio Gomes. Com a eleição de Allende, Darcy é convidado pelo próprio presidente para assessorá-lo na transição ao socialismo pela via democrática. Em Santiago, ele assume o cargo de professor pesquisador do Instituto de Estudos Internacionais da Universidade do Chile. Há, portanto, uma grande proximidade do intelectual com o Chile, país para o qual ele se muda em 1971.

Tal proximidade permite a Darcy Ribeiro perceber a presença estrangeira no país, sobretudo na apropriação das riquezas minerais. Internamente, predomina uma estrutura agrária fundada no latifúndio. Nesse contexto, o autor denomina o caminho socialista tomado pelo Chile, após a vitória de Salvador Allende, como “a via chilena”. O país assume, na América Latina, o pioneirismo da Rússia na Europa, inaugurando, no entanto,

¹⁰¹ A partir de estudos de S. Kuznets, Darcy Ribeiro (RIBEIRO, 2007, p. 456) demonstra que os índices anuais de incremento do produto nacional *per capita* foram de 2,8% para a Inglaterra entre 1780 e 1881; 1,7% para a Alemanha entre 1851 e 1875; 1,3% para a Rússia tsarista entre 1850 e 1913; e 4,3% para os Estados Unidos e 4,5% para o Japão entre 1890 e 1927. Já para a União Soviética, entre 1930 e 1960, os números alcançaram 5,2%.

uma nova rota ao socialismo: o caminho pacífico. Além disso, o socialismo não teria surgido ali pela via da maturação do capitalismo e sua posterior superação, mas sim pelo malogro deste de “promover um progresso generalizável a toda a população e implantar um regime de participação popular no poder” (RIBEIRO, 2007, p. 351).

A “via chilena” representa uma perspectiva única de se repensar com originalidade a política econômica. Isso porque o viés clássico concebido pelo socialismo (e largamente difundido pela esquerda radical) seria o da construção do socialismo a partir do caos econômico, “partindo de ‘comunismo de guerra’ para uma posterior reorganização institucional da sociedade em novas bases” (RIBEIRO, 2007, p. 359). Em outras palavras, tratava-se da destruição, por meio do conflito armado, o que fora construído até aquele momento. Darcy Ribeiro (2007) se refere às alas mais radicais da esquerda como “esquerdas desvairadas”, grupos sectários e pouco dispostos ao debate. Salienta ainda que, por essa via, o presidente conseguiu, em três anos, mais do que qualquer revolução socialista em período semelhante. A proposta, no entanto, desesperou grupos privilegiados, “desafiando-os a promover a contra-revolução como único modo de garantir sua sobrevivência como classe” (RIBEIRO, 2007, p. 360).

A experiência concebida pela Unidade Popular – no governo de Salvador Allende – não propunha formar uma sociedade com base nas cinzas do capitalismo, mas sim oferecer uma via de transição ao socialismo que envolvia, dentre outros fatores, o fim do desemprego, o aumento do padrão de vida das camadas mais vulneráveis, a intensificação da reforma agrária, bem como a recuperação das riquezas nacionais, sobretudo o cobre, há muito em mãos estrangeiras. Em “O exílio chileno de Mário Pedrosa: Solidariedade, arte popular e vocação comunitária” (2021), Luiza Mader Paladino salienta que Allende procurou um governo de transição com amplo apoio da base popular. Nesse processo, procuraria incorporar as populações de baixa renda à vida econômica do país.

Luiza Paladino (2021) aponta também a influência do imperialismo estadunidense. A Revolução Cubana, de 1959, levou os Estados Unidos a mudarem sua política externa em relação aos vizinhos. O que, antes, era uma estratégia de fortalecimento do diálogo, tornou-se tática para neutralizar a presença socialista. Com base na pesquisa do historiador Peter Kornbluh (2004), Paladino ressalta que a eleição de Allende no cone sul tornou-se grande ameaça para o governo estadunidense, pois seu efeito de imitação de Cuba poderia se espalhar para os demais países.

A influência imperialista é confirmada por Ricardo Mendes (2013), para o qual não se pode desconsiderar a influência estadunidense no golpe no Chile. Tanto que: “a Casa Branca já estava por apoiar com verbas significativas as candidaturas presidenciais de centro e de direita desde de 1964” (ALLENDE, 2013, p. 182), intervenção intensificada desde a posse de Salvador Allende.

Soma-se a isso a complexidade de se conciliar grupos radicais de esquerda e a pouca disposição destes em oferecer apoio à flexibilização tática necessária para se opor à contra-revolução. Com isso, Allende teve que enfrentar, ao mesmo tempo, “a hostilidade das esquerdas alienadas e a direita desesperada” (RIBEIRO, 2007, p. 357).

Tais situações em curso não eram, no entanto, percebidas. José Maria Rabêlo, em *Memórias do Exílio*¹⁰² (1978), observa que, por conta de sua abertura política, o Chile constituiu-se, durante 150 anos, um asilo contra a opressão, lugar para onde acorriam todos os refugiados do continente. Tanto que Tomás Antônio Gonzaga denomina de “Cartas Chilenas” os papéis clandestinos que discursavam contra o poderio colonial. Nesse sentido, a luta histórica contra a opressão e a grande abertura à democracia traz para o país uma percepção de segurança, a despeito de uma história conturbada e marcada por uma ditadura na primeira metade do século XX. Na esteira dos acontecimentos, o futuro do país, num contexto em que os vizinhos se viam imersos em ditaduras, parecia definido, com uma trajetória a ser desenvolvida sem percalços.

Tamanha era a certeza, que Magno José Vilela confessa grande dor pelo golpe civil-militar chileno:

O golpe de Estado no Chile acho que me doeu tanto quanto teria me doído outro golpe de Estado no Brasil. Senti profundamente esse golpe. A sensação que tive é que a esperança de uma geração inteira, de um país inteiro, da América Latina, tinha morrido (UCHÔA E RAMOS, 1978, p. 219).

Essa morte de uma esperança é também verificada na trajetória de Alfonso. No caso individual, não se trata, no entanto, de uma morte súbita, mas sim de uma aparente agonia, que se estende ao longo dos vários fracassos. O fim da herança não representa um desalento completo para a família. A carreira como intérprete reacende o futuro brilhante do irmão de Mónica Echeverría. A publicação de livros, a participação em eventos e a presença requisitada do rapaz em pronunciamentos oficiais mostra sua capacidade de prosperidade. O *ritalín*, no entanto, surge no momento de auge como solução para todos os

¹⁰² Este livro constitui-se numa coletânea de memórias de exilados políticos brasileiros na segunda metade do século XX, durante a ditadura civil-militar brasileira.

problemas de cansaço físico. Na certeza de que o medicamento garantiria horas ininterruptas de trabalho, Alfonso não cogita os efeitos negativos da droga (na época, não entendida como tal). A certeza de uma trajetória bem-sucedida o induz a utilizar o medicamento, subestimando seus danos. Com o tempo, os efeitos aparecem, mas, sendo, mesmo assim, subestimados. Por conta de sua perspicácia, inteligência e força para o trabalho, Alfonso se compreende como capaz de dominar qualquer situação adversa.

Por sua vez, a grande esperança no Chile trouxe uma tranquilidade que, de certa forma (e já próximo do período ditatorial dos anos 1970), contribuiu para a avaliação errônea do poderio inimigo. Para José Maria Rabêlo: “havia igualmente uma errônea avaliação das forças inimigas [...] Todos estavam mais ou menos tranquilos, seguros de que tínhamos o controle da situação, ou, no pior dos casos, condições de dominar qualquer tentativa golpista” (UCHÔA e RAMOS, 1978, p. 164).

Pode-se estender essa sensação individual para o coletivo, no caso, os grupos militantes e simpáticos aos ideais de sociedades mais justas. O referido autor discorre também sobre a eleição de Allende como um grande espetáculo, tão grande que ele não poderia imaginar o posterior desfecho trágico. O golpe civil-militar no Chile é desferido no momento em que muitos exilados acorriam para o país como um oásis no âmbito latino-americano.

Herbert de Souza refere-se ao Chile como uma experiência única, porém reduzida a um estado de barbárie: "Algo que tinha sido uma realidade realmente grandiosa, possível, com uma dimensão fantástica, de repente reduzida ao Estádio Nacional com milhares de prisioneiros. A barbárie!" (UCHÔA e RAMOS, 1974, p. 104).

Da mesma forma, Darcy Ribeiro (2012), em *Ensaio Insólitos*, percebe que o Chile experimentava, historicamente: “a viabilidade da marcha ao socialismo dentro de um regime parlamentar multipartidário e sob a vigilância de forças armadas que, de guardiãs da velha ordem privatista e minoritária, se converteriam em sustentáculos da nova ordem socialista e majoritária” (RIBEIRO, 2012, p. 161). Ou seja, supunha-se que as forças armadas se voltariam para a nova ordem, inaugurando um novo momento não apenas no Chile, mas em todo o continente.

Memórias das Mulheres do Exílio 2 (1980), organizado por Albertina de Oliveira Costa e Maria Teresa Moraes, traz a experiência de exiladas políticas na segunda metade do século XX no Brasil. Ana Maria, militante exilada, observa que a maioria dos brasileiros que se integrou ao Chile viu naquela experiência uma grande esperança. O

Chile foi sentido como um grande *oásis* não apenas para brasileiros, mas também para latino-americanos em geral, tendo em vista o avanço dos regimes autoritários no continente. Acorrer para o Chile significava expor-se a uma experiência mais maciça de exilados, em um espaço promissor, em que a democracia apontava para um futuro. Diante dessa expectativa: “o golpe marca o fim de um período em que houve uma experiência mais maciça de exilados latino-americanos, das mais variadas origens [...] e as pessoas sentiram a perda do Chile como algo sofrido na própria carne, como um segundo exílio” (COSTA et al., 1980, p. 293).

Na comparação da trajetória de Alfonso com a do Chile, há expectativas malogradas, isso porque, tanto para Alfonso, quanto para o país latino-americano, imaginavam-se grandes feitos. Em ambos os casos, o potencial era evidente aos observadores. O resultado, no entanto, são desfechos trágicos.

De um país do qual muito se espera, de um baluarte de esperanças no início dos anos 1970, vê-se uma derrocada abrupta. Mónica Echeverría, ao referir-se aos momentos de êxito do irmão, menciona um país em ascensão:

o Chile é então um país efervescente, livre e democrático, que com sua “revolução em liberdade”, proclamada pelo recentemente eleito Presidente da República Eduardo Frei Moltalva, atrai o interesse de grande parte do mundo (ECHEVERRÍA & CASTILLO, 2002a, p. 103-104).

A derrocada de Alfonso, tal como a do Chile com o golpe civil-militar, é igualmente abrupta e inesperada. Em ambos os casos, impera a frustração de perspectivas. No plano coletivo, há a frustração não apenas do Chile, mas de grande parte da América Latina. É o sonho adiado, a tal ponto que Herbert Daniel (observado no capítulo 1) anseia por uma *passagem* para o sonho seguinte.

A juventude de Alfonso é também a juventude daquela geração, marcada por sonhos que não admitiam adiamentos. Sua trajetória ascendente representa a trajetória chilena, marcada pela segurança de uma sociedade aberta à democracia, capaz de superar arroubos de autoritarismo, quando boa parte do continente sucumbia a ditaduras e ditadores. Os tantos projetos do jovem dialogam com tentativas de inovação, buscas pelo novo, num mundo em transformação.

Em *La Casa de los Espíritus* (2006), Isabel Allende descreve os dias iniciais da ditadura chilena. Mesmo após a tomada do poder, havia a ideia de que os militares restaurariam a democracia. A narradora, Alba, nascida em família aristocrática, opta pela resistência. Ela tem um avô, o senador Esteban Trueba, latifundiário e representante do

poder. Quando vai ao congresso se inteirar da nova situação, é maltratado pelos militares ali presentes. A princípio, Trueba acreditava em uma futura devolução do poder aos civis, precedida por uma organização do país, a seu ver comprometido por Salvador Allende.

Em *Paula* (2001), uma narrativa autobiográfica, Isabel Allende descreve esse mesmo sentimento inicial de descrença quanto ao estabelecimento de uma ditadura no Chile. Supunha-se que os militares retirariam Salvador Allende do poder, limpariam o país de revoltosos, para, em seguida, convocarem uma nova eleição e, por fim, devolver ao poder um presidente conservador. Nesse sentido, verifica-se que: “a ideia de que os soldados pudessem perpetuar-se no poder não ocorria a ninguém, nem sequer ao meu sogro, exceto aos que compunham o segredo da conspiração”¹⁰³ (ALLENDE, 2001, p. 247).

Um processo semelhante pode ser observado na figura da mãe de Alfonso, na medida em que se recusa a acreditar nos problemas de seu filho: “minha mãe se nega a aceitar que [Alfonso] está doente. Custa convencê-la que um psiquiatra o tome como paciente”¹⁰⁴. Ele é submetido a tratamentos violentos, com camisa de força e eletrochoque. O último diagnóstico é paranóia e esquizofrenia. Em alguns momentos, a família acredita em sua cura, para, em seguida, perceberem o engano: “às vezes acreditamos, novamente, que [Alfonso] está normal. Um telefonema angustiado de sua parte delata o contrário” (ECHEVERRÍA E CASTILLO, 2002a, p. 107). As acusações de Alfonso, direcionadas à esposa, são acreditadas por todos. Uma situação em que realidade e fantasia se confundem.

A conclusão da mãe de Mónica e Alfonso: “meu filho não está louco, apenas intoxicado”¹⁰⁵ (ECHEVERRÍA E CASTILLO, 2002a, p. 107) seria, posteriormente, a mais acertada. O *ritalín* passa, tempos depois, a ser compreendido como droga que causa dependência. Naquele momento, no entanto, Alfonso é submetido a tratamentos violentos. O mesmo tratamento ao qual o país é submetido com o estabelecimento do regime ditatorial, um dos mais violentos da América Latina.

Nesse sentido, a tragédia familiar se refere também à coletividade. Ambas as trajetórias, compostas por sonhos e decepções, podem ser associadas. A narrativa de Mónica Echeverría, para além de fontes tradicionais, abre caminho para outras interpretações da história, em um sentido simbólico.

¹⁰³ “La idea de que los soldados pudieran perpetuarse en el poder no se le ocurría a nadie, ni siquiera a mi suegro, excepto a los que estaban en el secreto de la conspiración”.

¹⁰⁴ “Mi madre se niega a aceptar que está enfermo. Cuesta convencerla que un psiquiatra, el doctor Armando Roa, lo tome como paciente”.

¹⁰⁵ “Mi hijo no está loco, sólo intoxicado”.

Se, por um lado, os ares chilenos sugeriam liberdade, por outro, traziam também desolação e angústia. O poema de Alfonso, epígrafe deste tópico, apresenta ambiguidades que, de certa forma, vão ao encontro da tônica das análises que venho procedendo nesta tese. O que encerra o ar, o que se encontra na conjuntura histórica em questão é, ao mesmo tempo, um desejo de liberdade, seguida de desolação e angústia. Se, ao mesmo tempo, as ditaduras são terríveis como o fim, a superação das mesmas podem representar uma potência, tal como a aurora encerra um novo dia. Fruto das ditaduras da segunda metade do século XX, os diversos exílios são, por sua vez, pensados de forma ambígua: ao mesmo tempo corte insuperável (SAID, 2003) e base de experiências dolorosas, os exílios trazem também possibilidades de se pensar e ressignificar o mundo (ROLLEMBERG, 1999). Uma situação não desejada que enseja potencialidades. As experiências trazidas por Mónica Echeverría permitem ressignificar a própria história. Terríveis como o fim, a desolação experimentada e a angústia sofrida não representam um apagar das luzes. As vozes, que se elevam, semeiam potencialidade de futuro.

A análise de Grino Rojo sobre *Noturno do Chile* (1989), Roberto Bolaños destaca o caráter de espanto que representou a ditadura de Pinochet. O autor entende como “ridículo espantoso” o assunto que tem em mãos: as memórias de um padre no cenário da ditadura chilena. Ele conta coisas que são, ao mesmo tempo, ridículas e espantosas.

Uma situação ridícula salientada por Rojo ocorre quando Pinochet e os agentes da ditadura solicitam ao narrador um curso sobre marxismo. O mais ridículo, no entanto, se dá quando o general reivindica para si, diante do padre, a qualidade de homem de letras e autor de três livros. Assim: “todos os ingredientes do ridículo estão nesse quadro” (ROJO, 1989, p. 175). Ao mesmo tempo, tem-se em conta que todo esse ridículo é também espantoso e se processa em um pano de fundo de horror, em meio à ditadura mais sangrenta da América Latina. Nesse sentido, por trás de uma aparente imagem de civilização e cultura estaria a barbárie.

Ao final de sua análise, Rojo traz a imagem da árvore de Judas, também presente em *Noturno no Chile*. É nessa árvore que Judas teria se enforcado após trair Jesus. Trata-se de um sonho do padre em que prevalece a culpa por não ter reagido ao autoritarismo. A inquietude que o assola, nos dizeres de Rojo, pode muito bem representar uma inquietude perante uma culpa coletiva.

A frase final do livro: “*y después se desata la tormenta de mierda*”, diz respeito, na interpretação de Rojo, ao “depois de tudo”, um período de esgotamento revolucionário e, ao mesmo tempo, das vanguardas, que se tornaram formulaicas e repetitivas.

Interessa para esta análise a noção de espantoso, que diz respeito à surpresa frente ao inesperado. O ridículo denota elementos fora de lugar, ou mesmo descontextualizados. Nesse caso, o que descontextualiza o fato de Pinochet ser um leitor e autor de livros de renome é o pano de fundo de uma ditadura extremamente violenta. O ridículo, aqui, reside na descontextualização.

Pode-se pensar nesse aspecto ao observarmos a trajetória de Alfonso e suas múltiplas tentativas de empreendimento que resultam, uma a uma, em fracasso. O trágico de seu desfecho é também o trágico da trajetória chilena, marcada por um pano de fundo de horror.

3.3 Vozes femininas: trânsitos e testemunhos

Este tópico procura observar os momentos que antecedem o onze de setembro chileno. Para tanto, volto-me para o capítulo “Nuestro 11 de septiembre” (versão em espanhol), “Le 11 septembre, 1973”, na versão francesa. Nele evidencia-se o impacto do golpe civil-militar sobre a sociedade, bem como sua dimensão inesperada. Na descrição de Carmen Castillo, esse caráter de surpresa ganha uma dimensão maior em comparação com as descrições de Mónica Echeverría.

No período entre a tomada da presidência de Salvador Allende e o golpe do 11 de setembro, Carmen Castillo vivencia uma relação de amor com seu país que, segundo ela, se estendia por toda a sociedade: “uma sociedade inteira em estado de amor”¹⁰⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 150). Trata-se de uma memória viva, partilhada por Carmen com sua mãe. Havia, ainda, trabalhos de pesquisa nas universidades, engajamentos, circulação de ideias.

No que tange aos avanços, em artigo intitulado: *40 anos do 11 de Setembro: o golpe militar no Chile* (2013), Ricardo Mendes ressalta algumas mudanças encaminhadas pelo governo da Unidade Popular, sob comando de Salvador Allende. Para tanto, o historiador lança mão de um discurso do próprio Salvador Allende, proferido de 1913 –

¹⁰⁶ “Une société entière en état amoureux”.

quatro meses antes do 11 de setembro. Nesse momento, por conta dos graves confrontos políticos e sociais, desencadeia-se uma forte campanha discursiva por parte do governo; era uma forma de configurar sua autoimagem e a dos adversários – daí a presença dos discursos.

Dentre as conquistas auferidas pelo governo de Salvador Allende, estavam o aprofundamento da reforma agrária, antes restrita aos latifúndios improdutivos. Mais de 80 hectares tinham sido transferidos para o campesinato. 30% da indústria manufatureira fora transferida para os trabalhadores, e 90% do crédito estava sob controle público por meio do banco central. Além disso, a exploração, processamento e comércio dos recursos naturais foram transferidos para o Estado. Partia-se do princípio de que não bastava produção; era também preciso socializá-la.

As reformas também alcançavam a economia, com um planejamento “centralizado em sua formação e descentralizado em sua execução” (MENDES, 2013, p. 178). Tais medidas viriam acompanhadas pela apresentação, no Congresso, de um anteprojeto de Carta Fundamental que ampliasse os direitos constitucionais. Visava também a criar os “comandos comunales”, “conselho eleito pelas organizações comunitárias que seriam responsáveis pelo controle popular sobre as instituições administrativas” (MENDES, 2013, p. 348). Havia ainda a perspectiva de democratização da seguridade nacional.

Para Allende, era necessária a reorganização das relações econômicas entre as nações industrializadas e aquelas em processo de industrialização. Denunciava os consórcios de multinacionais que menosprezavam a soberania política dos governos e a dignidade dos povos. O governo apresentava a necessidade de reformulação das relações interamericanas, procurando alterar uma estrutura mantenedora das relações entre os estados unidos América latina (MENDES, 2013).

Darcy Ribeiro, em *As Américas e a Civilização* (2007), destaca a política econômica e salarial que, além de assegurar o poder de compra de camadas mais pobres da população, absorveu uma grande massa de trabalhadores desempregados, ativou indústrias ociosas já instaladas e fixou o preço de bens básicos. Tais medidas diminuíram o ritmo da inflação.

Para além de todos esses avanços, vários exilados chegavam ao Chile, e Carmen Castillo exercia um papel importante como encarregada pelo próprio presidente de receber os militantes das guerrilhas advindos dos países vizinhos, como Brasil e Bolívia. Entre

tantas pessoas fugidas de seus países, o país recebe Régis Debray, um francês militante, autor de *Revolución en la Revolución*, e muito respeitado pelos chilenos.

Debray descreve o Chile como um país magnificamente feminino, que “transmitia essa mensagem libertária, de que não é o sofrimento que salva¹⁰⁷” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 152). Régis possuía a aura dos revolucionários. Havia combatido na guerrilha de Che Guevara, encarado frente a frente seus torturadores e resistido ao isolamento e às simulações de execução durante quatro anos.

Conforme referido no capítulo anterior, Susel Oliveira da Rosa (2013) evidencia os encontros como situações que podem tanto aumentar, quanto diminuir nossa potência. São encontros muitas vezes em contextos de exceção, em que a força do indivíduo está prestes a se esgotar. É o caso, por exemplo, de Nilce Cardoso. No contexto aqui referido, não se trata de um encontro numa prisão, mas em um momento de bonança. A amizade formada entre Carmen Castillo e Régis Debray representará, posteriormente, um conforto, o aumento da potência, bem como a ampliação da capacidade de resistência. É um momento em que Carmen Castillo se permite, ao mesmo tempo, atuar como militante e mulher apaixonada, o que, antes, lhe seria vedado.

Após o golpe civil-militar, Régis será o primeiro a manifestar sua solidariedade, com uma amizade reconfortante. Acima de tudo, evidencia-se o engajamento de uma geração, os gestos de resistência e luta, a expressão de um desejo de nunca abdicar que unia as pessoas, tanto no país quanto em outros lugares. Trata-se de uma resistência ao próprio exílio: “nosso encontro, a amizade nascida em Santiago permanece, agora e sempre, ela resiste apesar dos abandonos, das traições e bifurcações. Entre nós, uma história sem fim”¹⁰⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 153). Mais do que amizade, a relação representa também uma memória que não se rende, pois remete a um tempo de lutas conjuntas; uma história sem fim que aponta para construções sociais necessárias e ainda por fazer. O exílio encontra-se no bojo dessas construções, trazendo desencontros e bifurcações. Os indivíduos que dele fizeram parte sofreram cortes essenciais, muitas vezes incuráveis. Ao mesmo tempo, foram construídos diálogos entre intelectuais que refletiram

¹⁰⁷ “Ce pays De magnifiquement féminin transmettait ce message libertaire, ce n'est pas la souffrance qui sauve”.

¹⁰⁸ “Peut-être somme-nous une génération pour laquelle l'engagement est indispensable, au-delà de toutes nos défaites, il fait corps avec la vie. Les gestes de résistance, de lutte, expression de notre désir de ne pas abdiquer, nous relient les uns aux autres, ici et ailleurs. Notre rencontre, l'amitié née à Santiago dure encore, pour toujours et à jamais, elle résiste malgré les abandons, les trahisons et les bifurcations. Entre nous, une histoire sans fin”.

sobre a América Latina fora de seus territórios nacionais em uma situação política comum, marcadas por ditaduras.

Carmen Castillo sempre procurou conciliar sua vida de professora de História na universidade com a de esposa e militante. A tragédia familiar que, posteriormente, atinge sua família está intimamente ligada ao contexto chileno, na primeira metade dos anos 1970. As relações políticas e as reviravoltas no país marcam também as reviravoltas no seio da família. Há uma relação íntima entre a história do país e essas vidas contadas em *Santiago-París*. Carmen Castillo enfatiza uma vida privada inserida em um âmbito maior, acenando para uma associação inseparável entre história particular e coletiva: “vivemos uma história privada ao ritmo da Grande História que habitamos plenamente, imersos de corpo e alma em seu devir”¹⁰⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 154).

Em *Tropical Sol da Liberdade* (1988), romance de Ana Maria Machado sobre a juventude dos anos 1960 no Brasil, temos Amália, mãe de Lena, a personagem principal. Aquela se espanta ao perceber a vida de seus entes queridos entrelaçada ao tempo de seu país. A personagem pensa em uma espécie de “maldição” que liga os eventos de sua família aos fatos políticos. No fundo, uma história privada que corre ao ritmo da “Grande História”, desenvolvida em âmbito coletivo.

Os encontros com Beatriz Allende representam esse entrelaçamento entre o particular e o coletivo. A filha de Salvador Allende constitui a face da dimensão política do país, dada a sua atuação: “conversávamos de militante para militante, fomos durante certo tempo, por fim tão breve, duas mulheres que discutiam de igual para igual. *O golpe de estado nos separa novamente. Uma vez mais vou muito rápido*”¹¹⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 154 grifos meus). As descrições de *la Tati* são repentinamente cortadas por uma descrição rápida sobre o golpe de Estado. Em seguida, Carmen se refere à velocidade de sua narrativa, sem transição entre os eventos.

Em outros momentos, Beatriz Allende é descrita por Carmen como guia a quem a autora deve sua aprendizagem de militante. Durante muito tempo, viveu como aprendiz, até que alcançou aquilo que se pode denominar de maioria política. Beatriz Allende

¹⁰⁹ “Nous vivions une histoire privée au rythme de la Grande Histoire que nous habitons pleinement, engagés corps et âme dans son devenir”.

¹¹⁰ “Nous nous parlions de militante à militante, nous fumes un certain temps, si bref finalement, deux femmes qui discutaient d'égal à égal. Le coup d'Etat nous sépara à nouveau. Une fois de plus, je vais trop vite”.

aparece de forma pontual, para, em seguida, desaparecer da descrição, por conta do golpe de Estado. Uma separação repentina, decorrente da violência.

Ao mesmo tempo, há o desejo de apagar as separações e seu caráter trágico, substituindo-as pelo encantamento, ou estado apaixonado da sociedade: "[...] apagar a tragédia e reter em mim nada além do encantamento de toda uma sociedade, o estado apaixonado de toda uma sociedade [...]"¹¹¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 154). Momento este referente ao governo de Salvador Allende, com uma experiência socialista no cone sul.

Além desse encantamento referente ao cenário histórico do país, Carmen Castillo encontra em sua mãe um alicerce. A sensação de distanciamento antes vista pela filha com certo rancor passa, por fim, a ser compreendida. Mônica é, na verdade, uma mulher livre que zombava das convenções sociais, alguém à frente de sua geração, uma artista, autora de teatro e professora de literatura. O entendimento de Carmen do envolvimento social da mãe permite uma relação de cumplicidade antes inexistente. A proximidade pode ser percebida, por exemplo, pelo apelido carinhoso “Ménica”, utilizado por Carmen ao longo de sua narrativa. Ao mesmo tempo, a evocação da Quinta (espaço da infância) representa um ambiente tranquilizador, um refúgio: “espaço cotidiano de minhas obrigações, o ar continuava a ser leve, eu podia viver plenamente a paixão e o engajamento, sem provocar muitos desgastes”¹¹² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 154). Tanto a imagem de Mónica quanto a Quinta representam, para Carmen, refúgios para os momentos de corte causados pelo exílio.

O dia onze de setembro é descrito rapidamente em três parágrafos. Neles, Carmen Castillo evoca o barulho de helicópteros, os bombardeios, as últimas palavras de Salvador Allende e sua morte solitária. Uma solidão que a autora sente como parte de toda a militância: “passam-se algumas horas entre sua morte solitária [de Allende] em *La Moneda* e o momento em que a notícia nos alcança. A notícia de nossa própria solidão”¹¹³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 156).

Carmen Castillo localiza no dia do golpe o ponto de partida da solidão de um país diante do imprevisível fim da democracia e o início de um governo marcado pela violência.

¹¹¹ “[...] Effacer la tragédie, et ne retenir en moi que le moment de l' enamoramiento de toute une société [...]”.

¹¹² “Relais quotidien de mes obligations, l'air continuait à être léger, je pouvais vivre pleinement la passion et l'engagement, sans provoquer trop de dégâts”.

¹¹³ “Il s'est passé quelques heures entre sa mort solitaire à La Moneda et le moment où la nouvelle nous est parvenue. La nouvelle de notre solitude à nous”.

O desenvolvimento do golpe se dá em meio à mesma violência que se estenderia nos anos seguintes: “ataques massivos, caça de homens, acúmulo de prisioneiros no estádio nacional, estupor, tortura e ainda o silêncio. Essa violência, não poderíamos adivinhar [...]”¹¹⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 156).

Se Carmen Castillo chama atenção para a imprevisibilidade do golpe civil-militar, Mónica Echeverría, no mesmo capítulo, observa os movimentos que antecederam os eventos do 11 de setembro. Ela destaca os bloqueios econômicos dos Estados Unidos e o fomento às oposições internas no país, evidenciada sobretudo pela ruptura da democracia cristã com o governo. A visita de Fidel Castro e sua permanência por mais de um mês no Chile cria um clima de “terror”, baseado na ideia de que o Chile se converteria em uma segunda Cuba.

A expulsão de Mónica da Universidade Católica é emblemática e revela uma sociedade ainda conservadora. Professora de Literatura da instituição, ela elabora, em 1971, projetos culturais, dentre eles “O terceiro mundo se dá as mãos”. O objetivo é expor esculturas, pinturas, artesanato, fotografias e música de origem africana. Muitas autoridades são atraídas, dentre elas o vice-presidente de Madagascar. O sucesso do projeto é evidente (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a).

Em seguida, Mônica organiza outro projeto, pois entende que, naquele momento, os olhos do mundo se atentavam para o Chile e sua experiência com um governo socialista. Por isso, Mónica Echeverría conclui ser necessário mostrar ao mundo alegria e o humor: “o mundo nos observa. Devemos demonstrar que não só conservamos a liberdade, como também o prazer de viver, o riso. Decido então lançar a ‘Semana do Humor’”¹¹⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 126). Trata-se, portanto, de projetar uma imagem do país. Para tanto, reúne-se um grande número de poetas, professores, músicos e estudantes, com o intuito de cooperar. Junto a desenhistas, historiadores preparam uma exposição da história latino-americana e, em particular, a chilena, com um viés humorístico.

A montagem da inauguração trazia, dentre muitas atrações, as entradas de dois banheiros, com as respectivas inscrições: “homens” e “mulheres”. Uma terceira trazia o

¹¹⁴ “Rafles massives, chasse à l'homme, entassement des prisonniers au Stade national, stupeur, torture et encore silence. Cette violence, on ne pouvait pas la deviner[...]”.

¹¹⁵ “El mundo nos observa, debemos demostrar que no sólo hemos conservado la libertad, sino también el goce de vivir, la risa. Decido, entonces, lanzar la "Semana del Humor”.

termo “futuro”, sugerindo a não separação dos sexos. Em alguns desenhos expostos, as mulheres expunham sua sexualidade com muito mais insolência que os homens. Ali, pornografia e política se mesclavam. A situação, no entanto, se complica quando jovens da própria universidade se aproximam acusando o evento de vexação da universidade. Ameaçam destruir as obras. A despeito das ameaças, a organização continua e Mónica se vê confiante: “[...] sinto que fui capaz de realizar um evento único, necessário, que transformará a enclausurada Universidade Católica em um farol a serviço do povo”¹¹⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 128).

Reações violentas, no entanto, surgem diante da organização do evento. Argumentos moralistas rebatem o que consideram uma “vexação” à universidade católica. Frases como “a senhora do reitor é uma puta” dirigidas a Mónica são escritas em grafite. Estupefata, ela ouve uma explicação de um amigo sociólogo, segundo o qual: “o país vive momentos cruciais e boa parte dele se prende às velhas estruturas[...] os chilenos de hoje não são capazes de compreender e desfrutar desse projeto [...]”¹¹⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 130). Na saída do evento, Mónica é acompanhada por uma sensação de fracasso.

Em 1971, por ocasião da visita de Fidel Castro ao Chile, começa a estratégia dos painéis – uma forma de demonstrar descontentamento. A presença do presidente cubano inspira um clima de receio no país que se tornaria uma segunda Cuba. Uma direita, aparentemente apagada em definitivo, reaparece com força, atraindo setores da classe média assustados com o governo da Unidade Popular.

As campanhas jornalísticas, segundo Darcy Ribeiro (2007), constituíram-se em uma das estratégias mais perigosas utilizadas pela oposição. O tom sensacionalista de ocupações de fazendas e de empresas pelos trabalhadores, os atos subversivos da ultra-esquerda e as medidas pretensamente ilegais do governo estimulavam não só a opinião pública, mas também as forças armadas à ideia de uma ameaça à legalidade e à ordem institucional. Além disso, desqualificações pessoais do presidente e do partido são divulgadas em forma de caricaturas. Em meio à liberdade de imprensa, inicia-se, portanto, uma guerra de informações.

¹¹⁶ “[...] siento que he sido capaz de realizar un evento único, necesario, que transformará a la enclaustrada Universidad Católica en un farol al servicio del pueblo”.

¹¹⁷ "El país vive momentos cruciales y gran parte de él se agarra a las viejas estructuras [...] los chilenos de hoy no son capaces de comprender y gozar de ese proyecto [...]”.

Em *A Misteriosa chama da Rainha Loana* (2005), romance ilustrado sobre sua infância na Itália dos anos 1930, Umberto Eco ressalta o uso de imagens pelo partido nazista para “enfear” o inimigo. Como exemplo, tem-se o uso de caricaturas dos judeus com grandes narizes. Essa guerra por imagens não é uma especificidade da América Latina; está presente em vários contextos, estejam ou não em regimes ditatoriais. Tal processo é levado adiante após o estabelecimento da ditadura, quando a imagem de um Salvador Allende bêbado e libertino é trabalhada pelo regime. No momento anteriormente referido, a desqualificação da imagem do inimigo por ambos os partidos denota uma sociedade polarizada.

Mónica Echeverría descreve a inflação descontrolada, amplamente utilizada pela oposição para demonstrar a inviabilidade da experiência social. A distribuição de artigos é interrompida por uma greve dos caminhoneiros, financiada pela CIA. Isso radicaliza ainda mais a sociedade. Ainda em 1972, Allende é aclamado em uma viagem ao México. Como caminho para sair da crise, procura, junto à URSS, apoio financeiro, antes negado pelo FMI. Diante da negativa, retorna ao Chile, certo de um fim pouco exitoso.

No âmbito particular, a família Echeverría passa por momentos de tensão diante das altas classes chilenas. Sua postura favorável a Allende lhes rende ofensas por telefone, em geral vozes de mulheres em chamadas anônimas. O sentimento recorrente na família é o de uma guerra civil iminente. Ao sair de uma reunião com a JAP (juntas de abastecimento e controle de preços) – organização criada pelo governo Allende para aliviar a escassez de alimentos, distribuindo-os de forma equitativa –, Mónica se dá conta do roubo do motor de seu carro. Apesar de tudo, a família está satisfeita pelas tarefas a cumprir: “apesar da preocupação e da angústia diária, somos felizes e as tarefas por cumprir não deixam muito tempo para queixas”¹¹⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 137).

O texto oscila entre grandes ideias e sentimentos de fracasso, a certeza de um trabalho grandioso por vir e a tensão, as experiências positivas com a Unidade Popular e as oposições, cada vez mais frequentes e violentas. O encantamento com um Chile sólido a despeito das ditaduras dos vizinhos se mescla a um clima de polarização. Se, por um lado, Mónica Echeverría e Carmen Castillo se sentem em casa com um Chile em construção, com uma experiência política há tempos desejada, por outro, vive-se um dia de cada vez em um país culturalmente pouco propenso a novidades, conforme o evento cultural

¹¹⁸ “A pesar de la preocupación y la angustia diaria, somos felices y las tareas por cumplir no dejan mucho tiempo para quejarse”.

preparado por Mónica. Ao mesmo tempo, as ameaças anônimas à família apontam para um inimigo o qual se conhece bem, mas cujos passos, naquele momento, não poderiam ser previstos.

Diferente de Carmen Castillo, Mónica Echeverría constrói um encadeamento de eventos. Nele, os detalhes são reunidos e alinhados pela autora, cuja memória evoca a sequência de acontecimentos, sem, no entanto, afirmar conhecer o desfecho. A tônica de *Santiago-París* consiste na associação entre eventos históricos e passagens particulares. Em meio ao encadeamento da história chilena, no limiar dos anos de 1970, Mónica descreve a morte de seu filho Javier em um acidente de carro. A descrição mostra um pouco da vida do rapaz forte e progressista, repleta de planos para o futuro. A notícia do acidente, seguida das reações desesperadas dos familiares e dos trâmites dolorosos são encadeados na narrativa, em alinhamento com os eventos políticos no país. Mais uma vez, a trajetória familiar é alinhada com a história chilena, tanto que o tom das descrições e o encadeamento dos fatos se mantêm. Frases como: “não mais entrarei nesse quarto, cheio de vida e cor”, referindo-se ao quarto do filho e “agora tudo se tornou escuro” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 139) representam uma tragédia em âmbito particular, mas que, de certa forma, prefigura a tragédia subsequente, em âmbito coletivo. A presença de Salvador Allende no velório alinha a tragédia ocorrida e a anunciada.

A volta às atividades diárias se dá em meio a feridas abertas. O passar do tempo precipita os acontecimentos. Em 1973 (ano do golpe), ocorre uma greve na mina de cobre *El Teniente*, responsável por 40% da produção de cobre do país. A duração de dois meses representa grande perda econômica. Nesse mesmo período, o movimento ultra-direitista “pátria e liberdade” convence os militares a atacar o governo. Com tropas e tanques, cercam o *La Moneda* na espera das forças armadas que, naquele momento, não se manifestam.

Duas semanas depois, os caminhoneiros retomam a greve, ao mesmo tempo ocorrem atentados de dinamite. “o país oferece uma imagem de caos total”¹¹⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 141).

Em 22 de agosto de 1973, a câmara dos deputados, por 81 votos contra 47, declara o governo de Allende inconstitucional: “o acontecimento significa a benção final para levar a cabo o golpe militar”¹²⁰. Na iminência da queda da Unidade Popular, Allende

¹¹⁹ “El país ofrece una imagen de caos total”.

¹²⁰ “Este hecho significa bendición final para llevar a cabo el golpe militar”.

convoca um plebiscito visando a firmar sua permanência por meio do voto popular. Para Mónica Echeverría, essa decisão talvez tenha precipitado o golpe.

Os dias que transcorrem, na medida em que se aproxima o 11 de setembro, são marcados pela certeza de algo grave em andamento. A cidade parece perder sua vitalidade, como que enferma. Um dia antes do golpe, Mónica Echeverría descreve, em tom de desespero, uma cidade abandonada:

as ruas estão quase desertas, não há mobilização coletiva, nenhum colegial atravessa alameda a caminho de seu liceu, o comércio permanece fechado, e nas ruas o lixo se acumula pelas esquinas. A Santiago das manifestações e enfrentamentos, a do “povo unido jamais será vencido”, cheia de gente e vida, parece agora uma cidade abandonada, imóvel como esperando que estale a tormenta. Regresso a casa desesperada. Algo horrível vai ocorrer¹²¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 143-144).

A sensação de tempestade iminente marca os momentos imediatamente anteriores ao golpe. Sobretudo, fica patente a transformação de Santiago, antes uma cidade de manifestações e movimentos. Ao mesmo tempo, os grupos golpistas levam adiante a “operação silêncio”, que consiste em invadir e silenciar as rádios adeptas da Unidade Popular.

Em 11 de setembro de 1973, por volta das dez da noite, é transmitido o bombardeio do *La Moneda*. O palácio é envolvido por chamas e fumaça. Mónica Echeverría evoca a imagem da bandeira chilena que, lentamente, cai em cinzas: “para nós, a época de fervor e entusiasmo também se apaga para sempre”¹²² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 146). Para ela, essa queda, por mais que eventos anteriores mostrassem grande tensão, foi repentina, e milhares de pessoas se viram sem reação, sobretudo aqueles marginalizados que tinham conseguido, por fim, certo protagonismo.

Tanto Mónica Echeverría como Carmen Castillo insistem na violência imprevisível do golpe. Em ambas as descrições desse momento histórico para o país evidencia-se o tom de tragédia. A diferença está na maior concisão presente no texto de Carmen Castillo. Para ela, repensar seu país, escrever sobre tantas tragédias, representa um peso, o que marca, de forma mais evidente, o seu exílio.

¹²¹ “Las calles están casi desiertas, no hay movilización colectiva, ningún colegial atraviesa la alameda para dirigirse a su liceo, el comercio permanece cerrado y en las calles se acumula la basura en las esquinas. El Santiago de las manifestaciones y enfrentamientos, el del pueblo unido jamás será vencido, lleno de gente y vida, parece, ahora, una ciudad abandonada, inmóvil, como esperando que estalle la tormenta. Regreso a casa desesperada. Algo horrible va a suceder”.

¹²² “Para nosotros la época de fervor y entusiasmo también se apaga para siempre”.

3.4 O “grito dos vencidos” e o caminho para o exílio

Este tópico remete ao sexto capítulo: “El grito de los vencidos” – na versão em francês, “Le cri des vaincus”. Sobressai, nesse momento, a sensação de derrota, a insegurança e o medo. Ao mesmo tempo, ocorrem estratégias de resistência, movimentos em meio às sombras da clandestinidade, passagens felizes de união e a certeza de que os vencidos não estão destruídos. Tal perspectiva vai ao encontro da postulação de Didi-Huberman em *Sobrevivência dos Vaga-Lumes* (2013). Ao fornecer caminhos para enfrentar o Fascismo - agora um inimigo muito mais visível, o autor apresenta um certo otimismo. A partir de Benjamin, argumenta que, se a experiência está em baixa, não significa um desaparecimento eterno. Da mesma forma, a violência de Estado presente no Chile de 1973 parece destruir todos os sujeitos, com torturas, mortes e exílios. Há, no entanto, permanências e sobrevivências, a despeito dos aparentes desaparecimentos. Argumenta-se, aqui, que os “vencidos” a que se refere o título do capítulo não representa essa derrota absoluta, mas sim a possibilidade de subversão por meio do grito. Tal grito se dá via escrita, a partir da qual a história é ressignificada.

Pode-se afirmar que o exílio de Mónica Echeverría e Carmen Castillo começa dentro de seu próprio país. A leitura do sexto capítulo de *Santiago-París* parte deste prisma. O exílio, para ambas, encontra-se na angústia de um país tomado pela violência. Vive-se um estado de guerra, com pessoas detidas no estádio nacional e sem contato com suas respectivas famílias. Segundo Mónica Echeverría, impera o “[...] toque de recolher, a censura total da imprensa, a restrição de toda reunião com mais de cinco pessoas e nem sequer os detidos com direito a *habeas corpus*”¹²³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 155). A autora chama atenção para o isolamento e o receio de sair de casa. Vez ou outra, um olhar furtivo pela janela permite divisar jovens de terno e cabelo cortado – os mesmos que, antes, tentavam imitar a aparência de Fidel Castro. As mulheres, por sua vez, abandonam as calças, símbolo da liberdade naquele momento, e passam a usar saias, símbolo da moral e dos bons costumes.

Em *La Casa de los Espíritus* (2006), Isabel Allende salienta esse momento em que os soldados, patrulhando pelas ruas e impulsionados pela violência, detinham homens de

¹²³ “[...] toque de queda, censura total de prensa, restricción a toda reunión de más de cinco personas y ni siquiera los detenidos con derecho al ‘habeas corpus’”.

cabelos longos e barba. As mulheres, por sua vez, tinham suas calças cortadas a tesouradas. Ao mesmo tempo, as novas autoridades negaram qualquer envolvimento nessas ações, afirmando que não havia ordens nesse sentido e que, certamente, tais sujeitos eram comunistas disfarçados de soldados com intuito de desprestigiar o novo regime.

Mónica Echeverría, por sua vez, refere-se ao caso de Leopoldo Benítez, jovem arquiteto assassinado com um tiro, no caminho para a feira, por possuir barba. A violência de estado visa, portanto, não apenas a assumir o comando político do país: estava empenhada a controlar os corpos dos indivíduos, apagando qualquer rastro daquilo que consideravam rebeldia. O mesmo ocorre em relação aos livros: muitos são retirados por seus donos das bibliotecas e queimados, no receio de uma vitória do regime e consequente prisão. Isso porque os livros, para o regime instaurado, representavam riscos, já que traziam a possibilidade de questionamentos, o que qualquer regime ditatorial procura evitar. Nesse sentido: “as pilhas de livros queimados em praças e ruas demonstram que estes são tão temíveis quanto uma metralhadora”¹²⁴.

A imagem de livros queimados é recorrente tanto na história quanto na própria literatura clássica. O ato de destruir obras subversivas foi recorrente na Alemanha dos anos 1930, quando obras avessas à guerra – a exemplo de *Nada de novo no front* (2018), de Erich Maria Remarque – foram simbolicamente destruídas. Na literatura, destaca-se o sexto capítulo de *Dom Quixote de la Mancha* (2003), de Miguel de Cervantes. Certos de que os livros eram a causa da loucura do personagem central, o padre-cura e o barbeiro promovem um verdadeiro expurgo na biblioteca do cavaleiro. Ali, analisavam os livros de cavalaria e atiravam pela janela todos aqueles vistos como nocivos.

Embora a sobrinha manifeste desejo de queimar todos, o cura não deseja fazê-lo sem antes analisar os títulos, no intuito de salvar alguns. Aos poucos, uma pilha de livros se acumulou no pátio, para, posteriormente, levantar-se grande fogueira. Embora haja a encenação de uma crítica literária no capítulo, chama atenção a fogueira levantada sobre livros subversivos. A imagem referida continua a reaparecer para além das páginas e muito além do tempo em que foi concebida pelo texto clássico. Apesar disso, a casa de Mónica se torna um lugar de refúgio para alguns livros. Estando ali um reitor da universidade católica, as suspeitas se desvanecem.

¹²⁴ “Las piras de libros quemados en plazas y calles demuestran que éstos son tan temibles como una metralleta.”

Os lugares de detenção em massa lembram os campos de concentração nazistas. Ali coisas horríveis se sucedem, eventos jamais imaginados¹²⁵. As esperanças de uma estratégia da esquerda para lidar com a situação logo desaparecem. Muitos líderes tinham sido expulsos e outros assassinados. Apenas o MIR (Movimento de Esquerda Revolucionário) ordena a seus membros que permaneçam no país e preparem a resistência: “caro lhes custará essa estratégia, pois os aparatos de segurança destruirão esses focos e os aniquilaram algum tempo depois”¹²⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 159). Notícias de perseguições e prisões se tornam cada vez mais frequentes. Não apenas livros, mas também pessoas tidas como subversivas são perseguidas. Mónica passa a dar refúgio também para esses perseguidos, em uma situação na qual todo latino-americano corre perigo.

Certa noite, os agentes da ditadura invadem a casa de Mónica e seu marido Fernando. Trata-se de uma invasão brutal, em que todos os filhos e empregados são levados à rua: “totalmente indefesa, permaneço sentada na cama, enquanto seis soldados, apontando armas, me cercam”¹²⁷. Querem saber de algum subversivo escondido. A violência da invasão, explica Fernando depois, tem como finalidade: “demonstrar que são donos do país, amedrontar-nos, humilhar-nos”¹²⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 159). Em suma, uma atitude de intimidação.

A segunda invasão ocorre quando Fernando se encontra em Costa Rica. Igualmente brutal, é acompanhado por interrogatórios ameaçadores. Querem saber onde se encontra Christian, filho de Mónica, procurado e qualificado pelos jornais como extremista perigoso. Nesse momento, há apenas suspeitas sobre Carmen, que os soldados sabem ser esposa de Miguel, líder do MIR.

Após os interrogatórios, todos se vão, levando consigo um dos empregados, que é deixado em uma masmorra. Dois meses depois, por intervenção de Jaime Castillo, cunhado de Mónica e advogado, o rapaz é resgatado. Já em casa, seu relato permite entrever o

¹²⁵ Sobre o tema, o décimo quarto capítulo de *La Casa de los Espíritos*, de Isabel Allende, intitulado “La hora de la verdad”, detalha esses horrores cometidos nesses espaços reclusos. A narrativa traz uma fusão entre elementos de vinganças pessoais, cometidas pelo torturador contra a narradora. Mesmo assim, é possível, por meio dessa narrativa, ter uma dimensão dos horrores ali cometidos. Horrores dos quais ninguém que estivesse do lado de fora daqueles muros estava ciente.

¹²⁶ “Caro les va a costar tal estrategia, pues los aparatos de seguridad destruirán estos focos teica y los aniquilarán algún tiempo después.”

¹²⁷ “Totalmente indefensa, permanezco en la cama sentada, mientras unos seis soldados con sus armas apuntándome, me rodean”.

¹²⁸ “Demostrar que ellos son los dueños del país, amedrentarnos, humillarnos-me dice Fernando.”

horror: “[...] ‘fizeram-me cavar uma cova, me puseram em fila para fuzilamento, até escutei as descargas’”¹²⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 163). A situação o transforma em uma pessoa assustada e distante, sem a alegria usual testemunhada pela família.

Inge Genefke, médica e ativista, explica um componente importante da tortura que consiste não em extrair informações do torturado, mas sim em “quebrar a pessoa” (ROSA, 2013, p. 66). Essa quebra diz respeito ao aspecto psicológico do indivíduo, destruindo nele(a) qualquer ímpeto de luta. Com efeito, o empregado da família não estava envolvido em movimentos contra a ditadura, mas a suspeita em relação à família é suficiente para esse jogo de medo que o transforma totalmente.

No romance *Tropical Sol da Liberdade* (1988), Ana Maria Machado afirma que a tortura é algo que continua a perseguir o torturado, mesmo muito tempo após as sessões: “[...] a tortura pode criar uma relação entre torturador e torturado que até parece uma possessão demoníaca” (MACHADO, 1988, p. 126). Tanto que o indivíduo imagina ver o torturador, mesmo estando distante, no exílio.

A prisão do empregado e as situações às quais é submetido alteram sua personalidade, a ponto de não poder ser reconhecido pelas pessoas próximas. Tal evento leva Mónica Echeverría a, finalmente, decidir cooperar com a resistência. Nas semanas posteriores ao golpe, ela recebe um telefonema de sua filha Carmen pedindo refúgios clandestinos para os perseguidos da ditadura. Com velhas tias dispostas a correr esse tipo de risco e das quais ninguém suspeitaria, Mónica passa a encontrar clandestinamente novas pessoas ameaçadas. Estas são encontradas na saída da escola, quando há movimentos cotidianos e sem suspeitas, em supermercados e salões de beleza. Aos poucos, com os êxitos se sucedendo, ela recebe missões cada vez mais perigosas.

Para além da ditadura em si, *Tropical Sol da Liberdade* (1988) trata da resistência ao regime. Nele há o termo “periferia dos acontecimentos”, referindo-se à atuação da personagem principal – Lena – no auxílio aos fugitivos políticos. Cabia a ela encontrá-los em lugares determinados e transportá-los em segurança ao asilo político. O termo se deve ao fato de Lena não atuar diretamente na luta armada. Em todo o processo, ela não pega em armas, não é presa e muito menos torturada. Sua atuação encontra-se em outro lugar, essencialmente mais discreto, pois dependia de ações ocultas aos olhos do regime. Para ela,

¹²⁹ "Me hicieron cavar una tumba, me pusieron en fila para fusilarme, hasta escuché las descargas..."

são centrais os conflitos armados e as consequências deles advindos, como perseguições, mortes e torturas.

Nesse sentido, estar no centro dos acontecimentos consiste em resistir de forma aberta ao regime, a exemplo de Herbert Daniel, que participa do sequestro do embaixador suíço com vistas a negociar a libertação de alguns companheiros. Por sua vez, estar na “periferia dos acontecimentos” representa a participação na fuga de pessoas ameaçadas pelo regime. A centralidade dos eventos diz respeito às ações armadas, discussões estratégicas, assaltos a bancos para financiar a resistência, bem como sequestros de figuras ilustres. A “periferia” se refere a ações que demandam discrição, o que não reduz a sua importância para a permanência de sujeitos relevantes.

Essa imagem é bastante cara à presente análise, pois representa exatamente a atuação de Mónica Echeverría. Suas ações ocorrem às escondidas, consistindo em mostrar caminhos de fuga e levar dinheiro para os fugitivos. Algumas vezes, ela leva crianças para despistar qualquer suspeita; outras, recebe instruções dentro de presentes inofensivos, como produtos de beleza. Vez ou outra, encontra-se com Carmen, em conversas de pouquíssimas palavras: “a quanta gente ajudo, junto a tantos outros voluntários, a refugiar-se em embaixadas. Graças ao cargo que Fernando tivera como reitor, conheço as embaixadas e o asilo se faz possível”¹³⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 165).

Os auxílios à militância, no entanto, se aproximam de seu limite, à medida que os riscos se agravam. A notícia da gravidez de Carmen Castillo amplia o perigo. Ao mesmo tempo, os aparatos de repressão, no início de 1974, aumentam. Na primeira metade do referido ano, forma-se a DINA (Direção de Inteligência Nacional), “em que se fundem os departamentos de segurança e os quatro braços das forças armadas, por mais que as rivalidades entre elas durem ainda bastante tempo”¹³¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 166). Em um cenário de torturas e mortes cada vez mais noticiadas, caem vários Miristas (membros do Movimento de Esquerda Revolucionário).

Com o pressentimento do pior, Mónica e Fernando decidem sair do Chile. Aproveitam um convite da Universidade de Cambridge a Fernando para atuar como professor convidado na Faculdade de Arquitetura. Insistem para que Carmen os acompanhe, no entanto, a postura do MIR é inflexível: ela deve ficar ao lado do marido

¹³⁰ “¿A cuánta gente ayudo, junto a tantos otros voluntarios, a refugiarse en Embajadas! Gracias al cargo que ha tenido Fernando como rector conozco a embajadores y el asilo se hace posible”.

¹³¹ “en que se fusionan los departamentos-de-seguridad de las cuatro ramas de las Fuerzas Armadas, aunque las rivalidades entre ellas duraron bastante tiempo más”.

Miguel, é este o seu dever de militante. A angústia de Mónica aumenta com a perspectiva de deixar os seus no Chile: "irmos a um país tão distante, abandonando a filhos e neta. Como poderemos ajudá-los se algo acontecer?"¹³² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 167).

Em 11 de setembro de 1974, exatamente um ano após o bombardeio de *La Moneda*, Mónica Echeverría deixa seu país rumo ao exílio: “pela janelinha do avião, lanço um último olhar a esse Chile, outrora tão agradável, convertido, agora, em um monstro aterrador”¹³³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 167). Evidencia-se, aqui, a sensação de corte, que, segundo Edward Said, representa uma “dor separadora da mutilação” (SAID, 2003, p. 46). Nela, o sujeito exilado necessita viver sem as referências de seu país de origem. Para o teórico, tal corte é, quase que por essência, irrecuperável. Ao mesmo tempo, evidencia que a postura desses sujeitos com relação ao exílio é política. Nesse caso, é patente a despedida de Mónica de um país símbolo da democracia. O último olhar pela janelinha do avião é também o apagar das luzes de uma história cujo final deveria ser feliz. O exílio de Mónica Echeverría e seu marido marcam um momento de corte não apenas em suas vidas, mas também na história de todo o país.

Quando criança, a autora passara pela experiência de corte, durante a ditadura dos anos 1930. Quarenta anos depois, o exílio volta a estar presente, dessa vez com novos matizes: se, durante a infância, os problemas com a língua e as dificuldades de adaptação a um novo lugar imperam, agora, elas são apenas momentâneas. Tanto que, aos poucos, a vida começa a se organizar a ponto de considerarem, a princípio, que a estada no país europeu lhes traria a calma de que necessitavam. Suas questões dizem respeito aos entes queridos que permanecem no centro dos acontecimentos, sobretudo Carmen Castillo.

Menos de um mês depois, no dia 5 de outubro de 1974, a casa da rua Santa Fé, em que Carmen e Miguel estavam escondidos, é descoberta por agentes da DINA. A notícia transmitida pela rádio é a de um homem morto, dois guarda-costas foragidos e uma mulher grávida ferida. Carmen encontra-se em estado crítico, com alta possibilidade de amputar um braço, ferido por uma granada. Imediatamente, Mónica e Fernando recebem apoio dos vizinhos ingleses. Naquele momento, o retorno ao Chile é impossível. A única forma de salvar Carmen é uma forte pressão estrangeira, tão evidente a ponto de os militares a liberarem pelo receio de serem expostos. Logo as manifestações crescem, com muitas

¹³² “Irnos a un país tan distante, abandonando a hijos y nieta. ¿Cómo podremos ayudarlos si algo sucede?”

¹³³ “Por la ventanilla del avión echo una última mirada a ese Chile, antaño tan agradable, que se ha convertido, ahora, en un monstruo aterrante”.

cartas a favor da vítima. Em pouquíssimo tempo, a pressão ganha corpo, chegando ao ponto de o Vaticano intervir. Por fim, Carmen é enviada a Londres e sobrevive, embora seu filho não resista.

Os eventos no hospital chileno levaram tempo para serem conhecidos. Diante da agonia de Carmen e da discussão dos médicos sobre o que fazer, vários soldados lhes apontavam armas. A incerteza de amputar ou não seu braço foi resolvida ao contatarem um cirurgião. Este se viu também cercado por armas, em uma clara manifestação de força mesmo em uma situação limite.

Em *Mulheres Ditaduras e Memórias* (2013), Susel Oliveira da Rosa, analisando o ambiente de tortura de Nilce Cardoso no Brasil, observa que, mesmo diante do imponderável da extrema violência, podem-se divisar pequenos atos de solidariedade, gestos que contrabalançam a situação de horror, oferecendo ao sujeito algum significado, em um lugar em que tudo parece perdido.

Desde a invasão na casa da rua Santa Fé, Carmen se recorda dos gritos, ameaças e interrogatórios dos agentes de Pinochet, que prosseguiram mesmo no hospital. Em meio a esse turbilhão engendrado para destruir os sujeitos, encontram-se também gestos de solidariedade. Carmen se lembra do: “[...] olhar terno e certa mão que apenas roçou a sua, mas que lhe transmitiu ternura, solidariedade, valor. Uma delas era desse médico desconhecido, a outra, do enfermeiro do turno, que curava suas feridas”¹³⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 171).

A análise de Rosa (2013) discute a feminização do mundo e o cuidado entre mulheres. Considero, no entanto, relevante para esta análise a imagem da solidariedade florescente em momentos extremos. Tanto Nilce quanto Carmen passam pelo imponderável da violência e do risco de morte, mas se deparam, ao mesmo tempo, com um vislumbre de solidariedade, marcado por um roçar de mãos ou por um olhar de ternura. O fato de Nilce estar no cenário brasileiro sugere importantes interfaces nas histórias de ambos os países. A presença da solidariedade em ambos os casos mostra que a destruição não é absoluta. Mónica Echeverría conclui destacando o milagre da sobrevivência de Carmen e que: “[...] a crueldade e o amor humano se manifestam, às vezes, nos momentos e lugares mais inesperados”¹³⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 171).

¹³⁴ “[...] la mirada tierna y cierta mano que rozó apenas la suya, pero le transmitió ternura, solidaridad, valor. Una de ellas era la de ese médico desconocido, la otra la del enfermero de turno que curaba sus heridas”.

¹³⁵ “[...] la crueldad y el amor humano se manifiestan, a veces, en los momentos y lugares más inesperados”.

Se, por um lado, o onze de setembro de 1973 é um marco na história chilena, o 5 de outubro de 1974 é o grande corte na vida dessas mulheres. Até o 11 de setembro, Carmen Castillo procura imiscuir a sua história com a do Chile. Entre este momento e o 5 de outubro, existe ainda a perspectiva da luta, a possibilidade de se retomar a situação anterior, por mais difícil que seja. Sua união com Miguel, líder do MIR, parece ser seu último elo com o Chile. Após o 5 de outubro, a situação se transforma radicalmente. Em sua escrita, no capítulo “le cri des vaincus” (o grito dos vencidos), Carmen afirma ser estrangeira a essa história e ainda mais impulsionada para fora pelo “relato exato” de sua mãe acerca dos eventos. Isso evidencia a situação de tensão entre as narrativas de mãe e filha.

Seu destaque está na obrigatoriedade da luta, que se eleva após o 11 de setembro. Resistência e clandestinidade se tornam imperativos: “nossos gestos, nossos atos, nada tinham de heroicos, eles se inscrevem naturalmente em nosso cotidiano”¹³⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 177). Assim, a lembrança da dor surge da luta.

Assim como Mónica Echeverría, Carmen Castillo trata também dos encontros clandestinos com sua mãe para a transferência de dinheiro e de instruções referentes à fuga dos perseguidos políticos. Se, por um lado, a propaganda política da ditadura transformava o MIR em um movimento terrorista, por outro, o auxílio de Mónica (esposa do reitor da Universidade Católica) funcionava como elemento de convencimento com possíveis interlocutores. Carmen Castillo salienta a relevância dessa atuação:

Para a resistência que se organizava de forma urgente, Mónica se tornou muito cedo não apenas um dos agentes de ligação mais eficazes, mas também um pilar da rede encarregada de encontrar refúgio para os agentes clandestinos, de escolher e preparar o caminho até o estrangeiro. Ela era a mediadora ideal para assegurar as comunicações e a circulação de informações e ações com as embaixadas, as ONGs, as associações de direitos humanos, a imprensa internacional, os advogados, meu tio Jaime, os curas que nos ajudam a proteger as crianças e os pais dos militantes em lugares seguros, os contatos com o cardeal, com o encarregado dos negócios da embaixada italiana... Todos a respeitavam¹³⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 178).

Se as descrições de Mónica Echeverría sobre sua atuação na resistência a situam na “periferia dos acontecimentos”, a perspectiva de Carmen Castillo a atuação de sua mãe

¹³⁶ “Nos gestes, nos actes, n'avaient rien d'heroïque, ils s'inscrivaient naturellement dans notre quotidien”.

¹³⁷ “Pour la Résistance qui s'organisait en urgence, Mónica était devenue très vite non seulement un des plus efficaces agents de liaison, mais aussi le pilier du réseau chargé de trouver des refuges aux dirigeants clandestins, de choisir et de préparer les <<courriers>> vers l'étranger. Elle était la médiatrice idéale pour assurer les communications et la circulation d'informations et d'actions avec les ambassades, les ONG, les associations de droits de l'homme, la presse internationale, les avocats, mon oncle Jaime en premier et les curés qui nous aidaient à sauvegarder les enfants et les parents des militants dans des lieux sûrs, les contacts avec le cardinal, le chargé d'affaires de l'ambassade d'Italie... Tous la respectaient.”

possui grande relevância. Como “mediadora ideal”, Mónica garantia a circulação das informações junto às embaixadas. Como “agente de ligação eficaz”, ela se torna um pilar da rede de contatos. Como esposa do reitor da Universidade Católica, sua figura possuía uma influência capaz de convencer outras pessoas a se juntarem ao movimento. A percepção de Carmen insere Mónica em um espaço mais relevante no movimento, tornando inaplicável a ideia de “periferia dos acontecimentos”, expressão presente no romance de Ana Maria Machado (1988). A relevância dessas percepções diversas está na ambivalência de ambos os textos. Nesse sentido, ambos se complementam, formando perspectivas diversas a respeito dos eventos no Chile.

Se, por um lado, Mónica apresenta detalhes em suas descrições, Carmen Castillo evoca imagens, uma forma de lidar com as situações. Em meio à lembrança da dor e da clandestinidade, da necessidade de resistir e, ao mesmo tempo, sobreviver, surge a imagem de um Natal clandestino (*Noel clandestin*), momento de alegria em que o medo não existe: “[...] não tínhamos mais medo de fato, essa festa era um presente benigno para os espíritos protetores, todos estavam despreocupados e felizes com a ideia de nos reencontrarmos”¹³⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 178).

Para Carmen Castillo, a união é uma forma de afastar o medo. Nas reflexões elaboradas junto à Mónica para *Santiago-París*, Carmen percebe que, naquele momento, a tensão dominante no cotidiano chegaria mais tarde e aos poucos. Mesmo assim, sua perspectiva enquanto militante é a de não se abater pelo desespero: “nem tudo estava completamente quebrado. Restavam ainda fulgores de vida, apesar do poder da máquina de matar que era a ditadura”¹³⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 178).

Esses fulgores de vida refletem aquilo que Didi-Huberman traz em *Sobrevivência dos Vaga-lumes* (2014), referente a um desaparecimento aparente, porém não absoluto, seguido de uma ressurgência. Em outras palavras, o que, a princípio, soa como uma perda de esperança, o desaparecimento dos indivíduos, é, na verdade, um apagar de luzes momentâneo. As mesmas luzes têm a capacidade de ressurgir em outro lugar. Conforme referido no primeiro capítulo, entendo que essa imagem se aplica à situação dos exilados.

A despeito da máquina de destruição estabelecida a partir de 11 de setembro de 1973, havia ainda sujeitos que, rodeados pelo medo e ameaçados de desaparecimento,

¹³⁸ “[...] nous n'avions pas encore vraiment peur, cette fête était un cadeau béni par les esprits protecteurs, tout était insouciance et gaieté à l'idée de nous retrouver ensemble”.

¹³⁹ “Tout n'avait pas été complètement écrasé, il restait encore des fulgurances de vie malgré le pouvoir de la machine à tuer qu'était la dictature.”

continuavam emitindo seus sinais. O momento de encontro no Natal e o sentimento de medo suprimido pela união, representam esses sinais ainda presentes. Carmen Castillo utiliza a expressão: *glisser dans l'ombre* (deslizar pela sombra) ao se referir à resistência. Resistência que nada seria sem esses momentos de esperança, sem os gestos de ajuda que, por mais simples, eram vitais.

Outro ponto de apoio encontrado por Carmen é a casa azul da rua Santa Fé. Chegar a esse lugar, encontrar as filhas de Miguel junto ao pai era uma forma de reencontrar uma vida em família, normal como todas as outras: “[...] eu retomava os gestos cotidianos de uma mãe de família normal”¹⁴⁰. Há ainda: “os dias e noites intensos e de muitos risos”¹⁴¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 181). Ela deseja que esses momentos não lhe escapem da memória.

Logo em seguida, no entanto, o texto, sem qualquer transição, adentra o fatídico 5 de outubro de 1974. Este último tópico é breve, com uma descrição breve e quase objetiva:

Em cinco de outubro de 1974, um comando da DINA, a GESTAPO chilena, dirigido pelo oficial Krasnoff Marchensko, toma a casa da rua Santa Fé. Diante dos numerosos militares, Miguel Enriquez, líder da resistência e do MIR, combate, sozinho, por mais de dez horas até o instante em que uma rajada de metralhadora o abate. Eu estava lá, ao pé dele, ferida... Fui presa, depois expulsa do país. Uma sobrevivente¹⁴².

Se, por um lado, as descrições de Mónica Echeverría apresentam uma linha cronológica, as de sua filha são marcadas por cortes. Tanto que as evocações de imagens de harmonia são imediatamente seguidas pelo dia da chegada dos agentes da DINA a casa da rua Santa Fé. Naquele momento, Miguel é abatido e Carmen, ainda grávida, é mortalmente ferida.

As primeiras palavras de Carmen no capítulo “Le cri des vaincus” (o grito dos vencidos) enfatizam um apagamento após 5 de outubro de 1974. A partir daí, ela se percebe estrangeira para a história de seu país. A (re)escrita dessa história, muitos anos depois, é uma forma de ressurgência. Os sucessivos cortes presentes na narrativa de Carmen Castillo – isto é: a sobreposição dos eventos – permitem compreender o corte que representam a violência de Estado, a clandestinidade e, sobretudo, o próprio exílio. Ao

¹⁴⁰ “[...] et je reprenais les gestes quotidiens d'une mère de famille normale”.

¹⁴¹ “[...] Il y eut des jours et des nuits intenses et beaucoup de rires.”

¹⁴² “Le 5 octobre 1974, un commando de la DINA, la Gestapo chilienne, dirigée par l'officier Krasnoff Marchensko, prit d'assaut la maison de Santa Fe. Face aux nombreux militaires, Miguel Enriquez, chef de la Résistance et du MIR, combattit, seul, plus de deux heures, jusqu'à l'instant où une rafale de mitraillette l'a abattu. J'étais là, auprès de lui, blessée... Je fus arrêtée, puis expulsée du pays. Une survivante”.

mesmo tempo em que discorre sobre os gestos de alegria na festa de Natal, aparece a lamentação de Carmen por não ter destruído um caderno de anotações com informações sobre amigos seus, posteriormente descobertos pela DINA.

Se o 11 de setembro de 1973 marca uma tragédia coletiva, o 5 de outubro de 1974 diz respeito à tragédia familiar. No período entre os dois eventos, Mónica e Carmen encontram-se deslizando pelas sombras, em espaços de clandestinidade, mas ainda com uma esperança latente que mantinha sobretudo Carmen Castillo ligada a seu país. Ainda nesse momento, ela permitia que sua história fluísse com a do Chile, num movimento síncrono em que o exílio era impensado. O desejo de uma vida normal, a ideia de um futuro em família em um país possível para todos permanecia, alimentando o espírito de luta. Após o 5 de outubro, há uma ruptura entre Carmen e o Chile. Divisor de águas, a data marca o fim do entrelaçamento entre uma história individual e a coletiva.

Expulsa de seu lugar de origem, Carmen se considera “sobrevivente”. A escrita conjunta de *Santiago-París* representa esse “grito dos vencidos”, agora convertido em memórias que “não se rendem”, fundamentais para a articulação de uma história que jamais deve ser esquecida.

O capítulo seguinte traz as trajetórias dos exílios de Mónica Echeverría e Carmen Castillo. Evidenciam-se tragédias, incertezas, a continuidade da resistência, a busca pela sobrevivência e, por fim, grandes dificuldades de retorno ao país de origem.

4 TRAGÉDIAS, EXÍLIOS E PÓS-EXÍLIO

4.1 A viúva heroica: silêncios, luto e protesto

Este tópico se dedica à escrita de Carmen Castillo, no capítulo “Courir fut notre destin” (“Correr foi nosso destino”). A escrita evidencia o processo de saída do país, marcada pela tragédia e pelo imponderável, representado pela morte. O argumento que pretendo desenvolver aqui é que, a despeito dos sofrimentos causados tanto pelo exílio quanto pela perda, Carmen Castillo encontra, em meio ao luto, um espaço de protesto.

Em *Un Jour d’Octobre à Santiago* (1988) (em tradução livre: “Um dia de Outubro em Santiago”), Carmen Castillo procura reconstruir o caminho que levou à descoberta pelos militares da casa azul da rua Santa Fé. Nele, descreve os testemunhos de torturas vividos por companheiros de militância, evidenciando a violência do regime militar chileno.

O assassinato de Miguel e a perda do filho de Carmen marcam, junto ao exílio, a ruptura definitiva com seu país de origem. Estar no Chile significava estar entre inimigos. O país é o palco do desastre. Ela se refere à morte de Miguel e à sua saída do país como morte:

o sangue de Miguel flui, levanta ondas suaves sobre a poeira. E nesse sangue, *La Catita* [Carmen Castillo] se vai. Ela parte, ela é uma mancha avermelhada, a terra a engole, a leva para dentro de si. Massa de terra, terra até o fundo da terra, seca. Digamos que ela apodreceu. *La Catita* morreu, ninguém pode tomar seu lugar¹⁴³ (CASTILLO, 1988, p. 136).

No capítulo “Courir fut notre destin”, de *Santiago-París*, Carmen Castillo deseja o esquecimento: “qualquer coisa dentro dessa vida intensa na casa azul-céu de Santa Fé desliza até as profundezas de meu corpo, sem fazer barulho”¹⁴⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 189). O 5 de outubro de 1974 é, antes de mais nada, uma experiência que ela própria denomina como “horror”, que se processa em seu corpo. A morte de Miguel a acompanha fora do Chile, de onde, por uma condição de sobrevivência, era necessário fugir.

¹⁴³ “Le sang de Miguel coule, lève des vagues douces sur la poussière. Et dans ce sang, La Catita s'en va. Elle est partie, elle est une tache rougeâtre, la terre l'engloutit, l'emporte, au-dedans. Masse de terre, terre jusqu'au fond de la terre, sèche. Elle se fit poudre, on dit. La Catita est morte, personne ne peut prendre sa place”.

¹⁴⁴ “Quelque chose dans cette vie intense dans la maison bleu ciel Santa Fe se glissa aux profondeurs de mon corps, sans faire de bruit”.

Já na Inglaterra, e a despeito da situação vivida no Chile, o filho de Carmen e Miguel nasce. Há, por um momento, uma imposição da vida: “a vida se impõe, o filho de Miguel sobreviverá após ele”¹⁴⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 190). Horas depois, no entanto, a sentença vem de uma mulher do serviço pediátrico, afirmando que a vida da criança está comprometida. Carmen acusa os militares de mais uma morte.

Sobre a memória, ela reafirma: “não tenho outras lembranças”¹⁴⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 190). Seus passos no exílio são incertos, seu desgosto é evidente: “a sobrevivência. Uma avenida, um apartamento, todos se parecem: subúrbios de Roma, de Estocolmo, de Londres, de Ottawa... errância sem visão, percurso sem movimento, repetição de códigos, a ‘viúva heroica’ se desloca, cega, surda e quase muda”¹⁴⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 191). Sua sobrevivência se desenvolve de forma mecânica, marcada por repetições. Um deslocamento sem um objetivo definido.

Os efeitos do 5 de outubro de 1974 permanecem ao longo do tempo, sobretudo na memória da esquerda chilena. No estrangeiro, ela é constantemente solicitada para participar de palestras e colóquios. No entanto, ela ganha o epíteto de “viúva heroica”, que lhe desagrada: “o personagem da viúva heroica era solicitado. Obediente, eu me presto a esse papel. O desgosto cresce”¹⁴⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 192).

O personagem da viúva pressupõe a figura de Miguel. O grande incômodo reside na presença da sombra do marido morto. Carmen se vê constantemente cercada de solidariedade da parte da resistência chilena. Embora não mencione abertamente, suas reações são de desgosto e incômodo.

O argumento, a ser desenvolvido aqui, é que tais reações representam gestos de protesto feminino em meio ao luto. Para tanto, lanço mão de “Protestation de femmes ou comment soulever le politique” (Protesto de mulheres ou como sublevar a política), presente em *Ninfa Dolorosa* (2002), de Georges Didi-Huberman. O texto parte das análises do antropólogo Ernesto de Martino sobre as situações sociais acerca do luto. Ao observar o espaço do Mediterrâneo, o antropólogo observa situações como o grito, o abatimento e o choro como regra. Seu argumento é de que a situação de dor está muito além de

¹⁴⁵ “La vie s’impose, l’enfant de Miguel lui survivra”.

¹⁴⁶ “[...] je n’ai pas d’autres souvenirs”.

¹⁴⁷ “La survie. Une avenue, un appartement, ils se ressemblent tous: banlieues de Rome, de Stockholm, de Londres, d’Ottawa... Errance sans vision, parcours sans mouvement, répétition égale des codes, la veuve héroïque se déplace, aveugle, sourde et presque muette”.

¹⁴⁸ “Le personnage de la veuve héroïque était sollicité. Obéissante, je me suis prêtée à ce rôle. Le dégoût grandissait”.

sentimentos individuais: são uma performance coletiva do sofrimento; representam uma obrigação, com gritos e choros ritmados, cantados em uníssono pelas mulheres. Tal processo possui sua eficácia, pois revela a força obrigatória do sentimento individual e do grupo. Grito e choro, portanto, são importantes fenômenos sociais e não apenas psicológicos ou fisiológicos; representam a força obrigatória do sentimento individual e coletivo. Para além de manifestações, são também signos, de forma que as palavras precisam ser ditas de maneira inteligível.

À esteira de De Martino, Didi-Huberman (2002) traz a noção da sobrevivência do luto como permanência histórica. Nesse sentido, os mesmos gestos observados, por exemplo, entre os camponeses italianos na contemporaneidade são aqueles presentes no Egito e direcionados ao faraó, ou mesmo os da Grécia Antiga perante o herói morto. Essa longa duração, segundo De Martino, é um sintoma de irrupção na história das sociedades. Em outras palavras, são fenômenos que atravessam os tempos. Há, portanto, atualidade nos gestos de velar um morto, que os torna imemoriais. Nesse aspecto, o Egito Antigo e a Grécia se distanciam tanto do mundo moderno.

Com isso, as temporalidades se tornam heterogêneas em eventos anacrônicos. A repetição de gestos ao longo do tempo mostra a sobrevivência de ritos antigos em outras épocas. A Antropologia de De Martino, segundo Huberman (2002), é a pesquisa do movimento além das fronteiras. Em termos metodológicos, ele se concentra sobre espaços micro, sobre detalhes precisos de um ritual, com a finalidade de colocar em cena passagens, migrações e conflitos sociais.

A lamentação pelo defunto abre no sujeito um jato de desolação e desorientação fundamentais. É uma crise da presença, marcada pela ausência física do sujeito falecido. Essa brecha aberta, seus efeitos remanescentes nos atos de luto são, ao mesmo tempo, individuais e coletivos.

Tais gestos dizem respeito àquilo que Michel Vovelle, em “A história dos homens no espelho da morte” (1996) denomina “morte vivida”, ou seja, o processo cultural de ritualização diante da inevitável “morte sofrida” (a situação biológica de morte). A primeira traz pistas da sensibilidade das culturas, as formas como reagem e interpretam um fenômeno comum a toda humanidade. Para o historiador, há momentos históricos em que o medo da morte é exacerbado, o que ocorre, por exemplo, no mundo moderno, no qual a morte, tornada tabu, é rechaçada.

Tais estudos sobre a morte são relevantes para esta análise, pois trata de formas de lidar com o luto. Carmen Castillo se vê diante de uma situação de luto em que a perda (a morte sofrida) se dá de forma violenta. Em todos os lugares onde se encontra, no entanto, ela se depara com a presença constante do marido morto, lembrado pelos olhares de compaixão de terceiros. Olhares que representam as situações sociais acerca do luto. Muito além das condolências individuais, temos a dimensão coletiva, que, aqui, assume uma dimensão política. Embora não haja o choro propriamente dito, nem mesmo os gestos antigos próprios do momento do velório, os olhares e as condolências ecoam esses gestos.

O mais relevante, porém, é a repulsa de Carmen em relação a esses gestos de luto que, nesse contexto, se tornam permanentes e edificados em torno da “viúva heroica”. Tanto que lhe incomoda até mesmo a tristeza e os olhares de sua mãe: “sua tristeza [de Mónica] me incomoda, eu não sinto nada e não quero saber nada do sofrimento, nada de fato”¹⁴⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 191). Não sentir nada e recusar o sofrimento é a negação do luto, isto é, uma forma de protesto. Carmen recusa as insistências de Mónica em acompanhá-la. Essas insistências, numa imagem descrita pela própria autora, têm o efeito de um bumerangue mal dirigido que a atinge em pleno coração, trazendo-lhe uma sensação de *sufoco*.

Tais imagens remetem à peça clássica *Antígona*¹⁵⁰ (2007), também presente em “Protestation de femmes...” (2002), de Didi-Huberman. Personagem da obra de Sófocles, Antígona é a “irmã superlativa”, posto que é irmã de seus irmãos e, ao mesmo tempo, de seu pai. Ela traz a lamentação não diretamente pela morte do irmão, mas sim pela interdição da lei ao luto. Para a personagem Antígona, é proibido o ato de enterrar Polinice. Como traidor da cidade, seu corpo deve apodrecer ao ar livre. É aqui que nos deparamos com o “luto do luto”. Se o luto se processa pela ausência de alguém, o luto do luto é resultado da ausência do próprio luto. Proibida de chorar seu morto, Antígona colocará em xeque as leis da cidade (históricas e temporais) em favor das leis dos deuses (imemoriais). Seu clamor diante do luto recusado será também uma acusação: ela culpa o soberano Creonte de ir contra os deuses. A tragédia, portanto, insiste sobre esse protesto superlativo de piedade, contra a obediência à lei política voltada para a lei divina.

¹⁴⁹ “Ton malheur me dérange, moi je ne ressens rien et je ne veux plus rien savoir de la souffrance, rien de rien”.

¹⁵⁰ Escrita por Sófocles no século V a.C, a peça representa a continuidade dos infortúnios da família de Édipo. Para esta tese, utiliza-se a edição de 2007.

A sublevação política, portanto, se dá nesse conflito entre a substância ética (que evoca a leis dos deuses) e as disposições dos eventos históricos (as leis da cidade, que interditam o luto). Antígona, no entanto, nas palavras de sua irmã Ismênia, deseja “o impossível”, ao querer enterrar o irmão, tanto que sua punição final será a morte por emparedamento. Antígona é enterrada viva, uma punição exemplar da insurreição que visa a garantir a governabilidade. Ao mesmo tempo, a personagem, embora condenada, personifica a sobrevivência crítica, a persistência de um gesto de protesto, uma forma de sublevar a política e a lei, livrando-se simbolicamente de suas próprias paredes. Ao mesmo tempo, o emparedamento diz respeito ao sacrifício da mulher jovem.

A imagem do emparedamento vai ao encontro da situação de Carmen Castillo, no que diz respeito à sensação de *sufoco* diante dos olhares piedosos de terceiros. Ela é também uma figura de sacrifício, posto que sofreu com a ditadura de seu país; representa a imagem da vítima em situação limite, que perde, ao mesmo tempo, o marido e o filho. Esse sepultamento simbólico se dá na construção da imagem da “viúva heroica”, sobre a qual devem ser lançadas todas as compaixões. A repetição do luto é traduzida nos olhares, condolências e exigências de sua presença em discussões a respeito da ditadura. Nesse cenário, não é requisitada a mulher militante, mas sim a viúva militante, vítima da violência e martirizada.

Em geral, o fechamento do ritual fúnebre ocorre com a fala masculina, marcada pelo elogio do morto e a fixação de sua memória. Nesse processo, o papel e o lugar das mulheres são rigorosamente marcados e caracterizados pelo ato de deixar ouvir suas lamentações, em contraposição ao gesto viril de glorificação do morto. As situações presenciadas por Carmen Castillo representam uma repetição desses gestos de luto que estabelecem lugares para o masculino e o feminino.

A despeito, no entanto, de seu caráter secundário, o espaço feminino do luto pode funcionar também como um lugar de protesto – um protesto feminino a partir de gestos *antipolíticos*. Esse termo é interpretado por Didi-Huberman (2002) não como uma exclusão, ou retirada do cenário político, mas sim como uma oposição à ordem estabelecida, colocando-a em xeque.

Há, portanto, no corpo dessa lamentação coletivamente orquestrada, espaço para gestos de protesto, esse *soulevement du politique*, nos quais a voz feminina ganha força. Imagem-encruzilhada, os gestos de desolação representam, ao mesmo tempo, uma manifestação do desejo de viver.

Por sua vez, a imagem intitulada “Pieta du Kosovo”, fotografia de Georges Méryllon, ao mesmo tempo relevante para a análise de Didi-Huberman (2002), ilustra bem a situação do luto como lugar do protesto feminino. A foto apresenta gestos de lamentação de mulheres ao redor de um parente morto nos conflitos na província Sérvia. Tais lamentações são marcadas por uma “divisão sexual do trabalho do luto” (DIDI-HUBERMAN, 2002, p. 206).

A fotografia apresenta uma dramaturgia dos gestos, que compõem um incontestável acordo geral. Aparentemente homogênea, a imagem apresenta diversas figuras, que vão desde a mãe e a esposa num primeiro plano, passando pela avó ao fundo e os vizinhos ou amigos da família. Todos estão tristes e, de alguma forma, fazem um gesto de lamentação. No entanto, o olhar para a imagem é, de repente, abatido pela figura de Aferdita, irmã do defunto. Personagem marginal no contexto da foto, Aferdita (à direita do observador) apresenta atitudes que destoam do grupo ao seu redor. Enquanto a mãe ergue os olhos ao céu (gesto de pedido de clemência a Deus) e as demais mulheres lamentam em gestos piedosos, Aferdita mantém seus braços baixos, com os olhos direcionados para a câmera. Ela é a única que mantém a cabeça descoberta num grupo de mulheres muçulmanas. Para Didi-Huberman (2002), Aferdita parece manifestar outro desejo, muito alheio ao do grupo no qual se encontra. Seu cabelo desgrenhado, suas expressões duras e decididas destoam da piedade colocada pelo clima geral da foto.

Para Didi-Huberman (2002), se o gesto de piedade diz respeito a um passado – a “morte sofrida” pelo ente querido –, o protesto dialoga com o futuro: o que fazer sem a pessoa que se foi, quais caminhos percorrer, a despeito dessa falta? Ao mesmo tempo, esse protesto clama por vingança, devido à morte violenta (como poderemos, daqui por diante, vingar a morte injusta?). No fundo, uma queixa fúnebre convertida em ira.

Aferdita representa uma figura de graça e juventude que irrompe em algum lugar, desfazendo a economia geral da imagem; por conta disso, está diante da dificuldade de encontrar seu espaço no referido grupo. Seu gesto resiste a todos os outros, rompendo não apenas com os padrões daquela situação em específico, mas com repetições históricas, conforme De Martino.

Há muito da figura de Aferdita em Carmen Castillo. Ambas perderam um ente querido de forma violenta. Da mesma forma que a jovem da foto de Méryllon, Carmen se questiona sobre o futuro e como lidar com a morte injusta, a mesma queixa fúnebre transformada em ira. Ao mesmo tempo, Carmen recusa os gestos de compaixão, embora

não manifeste aos seus circunstantes. Ao atender as solicitações de sua presença em diversos lugares, é recebida com grande cortesia. A postura de seus aliados, no entanto, lhe causam desconforto:

Os rostos graves, os olhares duros, é assim que os sinto, fixos sobre mim, percebendo a falha, movendo-se complacidos no pus, pele purulenta, a minha. Pânico [...] *não sei o que lhes dizer*, como encontrar palavras da linha política de resistência à ditadura, já *esqueci a lição*, a palavra de ordem de hoje¹⁵¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 192 grifos meus).

O desconforto advém dos rostos graves e dos olhares de piedade dirigidos a ela. Resultado da morte do marido, a figura da “viúva” é um peso que a confunde, a ponto de ela se perder em suas palavras. A sensação de “pele purulenta”, mais do que “doença”, sugere também fortes influências das circunstâncias, um desconforto perene que a acompanha. Assim, ao invés de simplesmente aceitar passivamente as demandas para a “viúva heroica”, Carmen Castillo, em seu desconforto (ainda que não manifesto), protesta, recusando os gestos de luto atribuídos ao feminino, tal como procede Aferdita.

Em uma analogia com o desfecho de *Antígona* (2007), a presença de “rostos graves” e “olhares duros” a ela direcionados representam esse sepultamento, a edificação do emparedamento em torno da figura feminina, agora desamparada no mundo. O “esquecimento da lição”, da “palavra de ordem” ou mesmo de como resistir à ditadura são formas particulares de resistência aos gestos de luto direcionados e demandados da “viúva heroica”. Em outras palavras, esse silêncio e fechamento de Carmen em si mesma representam uma forma de protesto.

Aquilo que entendo como protesto não se dá, no entanto, sem tensões. Carmen Castillo demonstra dificuldade de recusar as investidas daqueles que a cercam; não recusa diretamente às demandas da “viúva heroica”. Em seu desconforto, indaga: “como fugir dessa cidade, desses olhares de compaixão, cheios de desprezo, de burocratas atraídos ainda pela mulher de trinta anos que eu sou. Incapaz de recusar suas investidas, me fecho”¹⁵² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 194). Identifica-se aqui a figura da mulher jovem, que, tal como Antígona, é sacrificada. Sacrifício marcado pela supressão da figura feminina, em prol da memória do líder morto. A imagem de Carmem como “viúva”

¹⁵¹ “Des visages graves, des regards durs, c'est ainsi que je les sens, fixés sur moi, percevant la faille, *menéandose complacidos en la pus*, peau purulente, la mienne. Panique. [...] je ne sais pas quoi leur dire, comment trouver les mots de la ligne politique de la résistance à la dictature, j'ai déjà oublié la leçon, le mot d'ordre d'aujourd'hui”.

¹⁵² “Comment faire pour fuir cette ville, ces regards compatissants, pleins de mépris, des bureaucrates attirés encore par la femme de trente ans que je suis. Incapable de refuser leurs avances, je m'enferme”.

evoca o líder militante violentamente assassinado. Os olhares que a cercam e confundem são também uma forma de emparedamento. Além disso, ela própria, em seu isolamento dos olhares de compaixão, tem uma atitude de autoemparedamento, um protesto de implicações políticas, já que se refere à sua atuação em âmbito coletivo. Tal imagem diz respeito a sua situação no espaço do exílio. Nele, as vivências femininas são marcadas por exclusão e cerceamento de suas identidades em prol do masculino.

O ato de, a princípio, ceder às investidas a torna autômata, de forma que parece não mais pensar, nem refletir. As frases de luto sempre repetidas transformam Carmen em uma máquina, tal como ela própria se descreve: “[...] oxidada, minha cabeça se esvaziava, eu sabia de cor as frases vazias”¹⁵³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 193).

A recusa da compaixão e a fuga da queixa, devido à morte violenta, constituem um ato de protesto. Silencioso, aparentemente sereno, subterrâneo, engendra em si a ira perante um espaço que suprime a figura feminina em favor da memória masculina. Não há dúvida de que Carmen deseja vingança por sua perda, mas é também certo que recusa viver à sombra de um morto. Assim, ao mesmo tempo incapaz de proferir uma palavra aos olhares que a emparedam, seus silêncios e o fechamento em si mesma são parte de um protesto fundamental, uma resposta ao cenário do exílio, marcado pelo corte em relação ao país de origem e descolorido pelo sentimento de perda.

Friedrich Holderlin (*apud* DIDI-HUBERMAN, 2002, p. 227) observa que o poder da insurreição de Antígona vem, paradoxalmente, de sua “fraqueza”, de seu *impouvoir* fundamental; mais ainda, destaca que a originalidade advém dessa fraqueza e que esta não impede o poder de seu desejo. Talvez seja esse o caso de Carmen. Se, por um lado, sua incapacidade de recusar os avanços dos piedosos é uma fraqueza resultante de sua condição de exilada, por outro, representa o ponto de partida para a força de sua insurreição silenciosa.

Como viver à sombra de uma memória? Como não se inquietar diante de seu próprio anulamento? Entender tais questões leva Carmen à frase que entendo como conclusiva: “o que há de heroico em ser a viúva de um herói”¹⁵⁴ (CASTILLO & ECHEVERRÍA, 2002b, p. 195). Diante de tantos olhares que a emparedam, diante desses avanços piedosos, Carmen se fecha. Sua intimidação (elemento de vulnerabilidade) representa uma forma de protesto feminino que subleva a política, pois a supressão da

¹⁵³ “[...] Rouillée, ma tête se vidait, j'apprenais par cœur des phrases vides”.

¹⁵⁴ “en quoi est-il héroïque d’être la veuve d’un héros?”

figura feminina é, bem entendido, uma questão política, aparentemente ignorada nos anos 1970.

Essa experiência de perda de identidade está presente também em diversos relatos do livro *Memórias das Mulheres do Exílio* (COSTA et. al., 1980). Uma experiência que, de certa forma, se aproxima da de Carmen Castillo é narrada por Sandra, militante ativa no Brasil e sempre presente nos debates políticos brasileiros: “eu era militante, mas não tinha necessidade de fugir, e naquele momento acho que nenhum de nós tinha, a não ser as pessoas realmente famosas e conhecidas da política nacional” (COSTA et. al., 1980, p. 270).

Em 1964, no entanto, ela sai para o Uruguai junto ao marido exilado. Mesmo antes, ela já percebia o casamento como um peso: “o casamento significou uma série de *renúncias*, de coisas que eu não precisaria fazer se não estivesse casada com essa pessoa. E *coisas* que tinha que fazer pelo fato de estar casada com essa pessoa” (COSTA et. al., 1980, p. 271 grifos meus). Coisas que envolvem o cuidado do lar e do marido e que, por sua vez, implicam renúncias e anulamento da mulher. Nesse momento, ela traz enraizado o entendimento de que uma mulher feliz necessita ter seu marido e seus filhos: “Eu tinha muito enraizado na cabeça que uma mulher realmente está completa e feliz na medida em que tem o marido e os filhos dela” (COSTA et. al., 1980, p. 271). Assim, pelo menos no início, ela compartilha da posição feminina como responsável pelo ambiente doméstico e dedicada ao cuidado da família.

Em sua ida para o Uruguai, ela perde suas atuações políticas, tornando-se dona de casa. Seu marido continua em suas atividades como líder militante. Para Sandra, há uma confusão da atividade militante com a de *mulher do líder*. Na volta para o Brasil, ela se torna clandestina devido à situação do marido. Sua posição como sujeito politicamente ativo é anulada: “as coisas estavam colocadas de tal maneira que ele continuava a ser o militante político, ia a reuniões, falava, discutia e eu era a mulher dele” (COSTA et. al., 1980, p. 271). Ao acompanhá-lo em atividades políticas no espaço público, Sandra se coloca como “sua mulher”, interrompendo todas as suas atuações. Trata-se de uma supressão da identidade feminina e sua circunscrição à esfera doméstica.

Mesmo as mulheres que prosseguiram com uma atuação política se viram na situação de adequação ao masculino. Tal questão é explorada por Susel Oliveira da Rosa em *Mulheres, Ditaduras e Memórias* (2013). Analisando o caso de mulheres presas e torturadas pela ditadura brasileira, observa que elas: “tiveram que adequar-se ao modelo

masculino do militante, com base na divisão dimórfica do mundo” (ROSA, 2013, p. 43). Os movimentos reproduziam os papéis de gênero atribuídos às mulheres e entendidos como naturais, a exemplo do cuidado da casa, dos filhos e do marido. Nesse sentido, a esquerda reproduzia discursos posteriormente adotados pela repressão. Era assim que as mulheres, atuando politicamente ou não, conheciam um espaço de invisibilidade, na medida em que suas identidades eram conformadas ao padrão masculino.

Invisibilidade experimentada por Carmen, na medida em que o rótulo de “a viúva” a colocava à sombra do marido violentamente morto. Os cuidados excessivos, as cautelas com as palavras daqueles que a olham são, para ela, um incômodo que a direcionam para uma espécie de periferia indesejada.

Retomando a figura de Aferdita, analisada por Didi-Huberman (2002) e evidenciada anteriormente, temos a imagem da mulher (um olhar de protesto) destoante do meio, prenhe de futuro, isenta de um passado de lamentação. O mesmo se pode dizer de Carmen Castillo: no momento em que todos buscam um cenário de luto pelo líder morto, ela se recusa, fechando-se em si mesma. Da mesma forma, ao redigir suas memórias, evita qualquer vitimização, promovendo cortes repentinos em algumas descrições de suas experiências (histórias pessoais repentinamente dão lugar a eventos políticos). Isso deixa claro o impacto dos eventos políticos em sua trajetória pessoal. Além disso, a escrita em francês aponta para um afastamento em relação ao seu país: Carmen se encontra na França e não pretende voltar. Por isso, a publicação em francês se dá para que o texto seja melhor compreendido. De certa forma, não há também lamentações diante das perdas e violências acarretadas pela ditadura, mas sim a constatação de um país que, democraticamente, precisa avançar.

Mais do que apenas se fechar e agir de forma autômata, com o passar do tempo, ela procura escapar do emparedamento representado pelos olhares de compaixão e lamentação. Nesse processo, é fundamental o apoio de Beatriz Allende, com a qual se encontra pela última vez em Cuba, em 1976. Consciente do incômodo e da sensação de sufoco que a figura da “viúva heroica” representa para sua amiga, Beatriz aconselha a Carmen a deixar o país e, por conseguinte, o personagem imposto. Carmen se mostra ainda fragilizada e temerosa de deixar para trás o personagem que há tanto tempo a acompanhava. Ao mesmo tempo, há a imposição do partido para que ela permaneça no país se prestando ao papel de viúva do líder militante. No entanto:

Andrés, Nelson, a direção do MIR no exterior, evidentemente o aparato cubano, desejavam o contrário. Suas ordens são claras. A viúva deve permanecer em Cuba ou, finalmente, se instalar em Caracas ou no México, na América Latina. Nunca mais lá. Não na França. Paris, de nenhuma maneira¹⁵⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 194).

Carmen observa que, em Havana, era preciso quebrar a maneira livre de ser mulher desenvolvida no Chile, em que Carmen assume funções públicas relevantes junto a Salvador e Beatriz Allende. Na ilha caribenha, a liberdade feminina era entendida como estranha. Em Cuba, Carmen Castillo define as mulheres como “seres incongruentes”, daí sua necessidade urgente de afastamento da ilha. Ainda com base em Susel Oliveira da Rosa (2013), permanece presente a conformação do feminino ao modelo masculino de militante. Carmen não é reconhecida nas conferências como uma militante, mas sim como esposa de um homem que morreu por seu país. Percebida como “fraca” e “desamparada”, seu lugar no movimento é periférico e relegado ao espaço dos sentimentos: uma figura frágil associada aos papéis femininos: a mãe que perdeu o filho, a esposa que perdeu o marido. As qualidades de *mãe* e *esposa* compõem sua identidade como sujeito.

Nesse cenário, o único apoio de Carmen é o de Beatriz Allende: “*la Tati* me encoraja, ela me dá esse presente inacreditável que me permite manter viva”¹⁵⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 194). Mais do que o apoio feminino, trata-se do suporte de uma amizade antiga, alguém que compreende os dramas alheios, apontando diretrizes.

A despeito das oposições do MIR, Carmen Castillo consegue, em 1976, sair de Cuba, um privilégio que ela própria reconhece: “uma vez mais privilegiada, eu me vou, minhas camaradas exiladas do MIR não podiam se mover”¹⁵⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 194).

Diferente de outras mulheres, Carmen possui mais mobilidade, sendo capaz de caminhar para outros espaços de seu exílio. A saída de Cuba representa outra fase de seu exílio, dessa vez com melhores expectativas:

um outro tempo do meu exílio começava. Eu acreditava poder pôr fim à impostura de meu personagem. O que há de heroico em ser a viúva de um herói? Eu não podia mais lidar com esse lugar e com as obrigações que ele fazia pesar

¹⁵⁵ “Andrés, Nelson, la direction du MIR à l'extérieur, évidemment de MR l'appareil cubain, souhaitent le contraire. Leurs ordres sont clairs. La Veuve doit rester à Cuba ou à la rigueur s'installer à Caracas ou à Mexico, en Amérique Latine. Pas au-delà. Pas en France. Paris, pas question”.

¹⁵⁶ “La Tati m'encouragea, elle me fit ce cadeau incroyable qui me permit de me tenir en vie.”

¹⁵⁷ “Encore une fois privilégiée je m'en allais, mes camarades exilées du MIR, elles, ne pouvaient pas bouger”

sobre a mulher que eu era então, que, ao menos, eu ainda acreditava ser¹⁵⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 195).

A saída de Havana se dá em forma de desobediência ao partido. Isso demonstra força de decisão, um grande contraste com a situação anterior de Carmen, marcada por automatismo e fraqueza. Embora ela defina sua saída de Cuba como outra fase de seu exílio, essa fase se inicia com sua decisão de deixar para sempre o personagem da viúva heroica. Tal decisão, no entanto, é gestada naquilo que, na esteira de Didi-Huberman, é o *protesto feminino* desenvolvido no âmbito do luto. Protesto este que transpassa aspectos particulares, ganhando, de fato, uma dimensão política em que as mulheres conquistam espaços de destaque, indo além da mera limitação a espaços secundários.

Essa consciência de Carmen Castillo é gestada num espaço em que a pressão por sua permanência em Havana e o uso da imagem da viúva eram ainda demandas relevantes. Uma nova percepção aliada ao apoio de Beatriz Allende determinaram, por fim, sua chegada a Paris.

Nesse lugar, ela se refere a duas mulheres em tensão: de um lado, uma Carmen do passado, militante do MIR, esposa de Miguel, *la Catita*, ainda viva e dançante, insistente em permanecer; de outro, a figura do presente, uma sombra – figura ainda construção. O ano é 1977, dia de Pentecostes. É nesse dia que Carmen Castillo define a morte de *la Catita*, ou seja, o corte definitivo em relação ao seu eu chileno. Ela própria desconhece como denominar essa experiência: “[...] não sei como podemos chamar essa experiência. A existência, ao mesmo tempo, de duas mulheres em um só corpo que lhes incarna”¹⁵⁹. O fim dessa duplicidade a conduz em suas reconstruções pelo exílio.

Para além de um espaço de cortes, traumas e dramas, o exílio representa também a possibilidade de compreensões talvez inviáveis no país de origem. Essa dupla face do exílio é destacada por Rollemberg (1999) para quem tais experiências não apresentam apenas uma dimensão de perda. Assim, a história dos exílios pode ser problematizada com uma dupla face: uma delas negativa, marcada por traumas e cortes, e outra que abre espaço para possibilidades de reflexão. Se, por um lado, há separações e mortes, incertezas e cortes, há, por outro, (re)encontros e renascimentos, novas compreensões e caminhos. A quebra das raízes possibilita a construção de novos radares, novos sentidos para uma

¹⁵⁸ “Un autre temps de mon exil commençait. Je croyais pouvoir en finir avec l'imposture de mon personnage. En quoi est-il héroïque d'être la veuve d'un héros? Je n'en pouvais plus de cette place et des contraintes qu'elle faisait peser sur la femme que j'étais encore, que, du moins, je croyais être encore...”

¹⁵⁹ “C'est tout ce qui s'est passé, Mónica, je ne sais comment on peut appeler cette expérience. L'existence en même temps de deux femmes et un seul corps qui les incarne.”

história inicialmente trágica, mas, posteriormente, repleta de perspectivas. Trata-se de uma dupla face, ambígua e complementar.

No caso de Sandra, anteriormente observado, é em seu exílio em Paris que ela se reorganiza em termos políticos. Compreende, por exemplo, a possibilidade de viver sozinha: “a França foi realmente uma espécie de parar para pensar, parar para organizar, tentar recuperar um pouco do tempo perdido [...]” (COSTA et. al., 1980, p. 277).

O mesmo pode ser dito em relação a Arlete, militante cujo relato aparece em *Memórias das mulheres do Exílio 2* (1980). Sua liberdade só ocorre a partir de sua separação do marido: “a separação obrigou-me a ser eu mesma: uma pessoa que quer fazer coisas, participar, continuar a luta por uma transformação geral e individual” (COSTA et al., 1980, p. 311). Estar sozinha, separada do marido, a conduz no sentido de realização pessoal e participação política. Tal descoberta se dá em Paris, apresentando-se, ao mesmo tempo, como um “castigo”, já que ela é capaz de falar, mas sem a possibilidade de ação.

No caso de Carmen Castillo, as separações, as mortes e os cortes são partes de um processo que permite (re)encontros e novas compreensões. Aos poucos, por exemplo, sua situação de esposa do líder político, ou sombra do marido morto, ganha, em sua perspectiva, novos contornos. Ela aprende a lidar com o espaço do exílio, criando formas de sobreviver:

[...] fui ilha para salvar minha pele. Pouco a pouco, e apesar da morte da criança, após dois anos de existência adormecida, retorno à vida, enfrento a nostalgia, o culto da morte e do sacrifício; a memória, matéria viva, assim exige. É no exílio que aprendo finalmente a força subversiva das memórias dos vencidos¹⁶⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 199).

O que, antes, é um “grito dos vencidos”, converte-se, posteriormente, em uma memória dos vencidos. Para Carmen, há nessa memória uma força subversiva, cujo poder consiste em lançar novos entendimentos a um passado antes inacessível ao sujeito imerso em experiências trágicas. Entendo que a memória é subversiva por possibilitar o diálogo entre sujeitos, a troca de experiências e, portanto, a criação de novas percepções. A própria autora, referindo-se diretamente a sua mãe, reconhece sua demora em desenvolver o diálogo que daria origem a *Santiago-Paris*: “detenho-me neste diálogo contigo, Mónica,

¹⁶⁰ “[...] Moi j'avais fui l'Île pour sauver ma peau. Peu à peu, et malgré la mort de l'enfant, après les deux ans d'existence endormie, je suis revenue à la vie, je me suis battue contre la nostalgie, le culte de la mort et du sacrifice; la mémoire, matière vivante, l'exigeait aussi”.

muito tempo depois, nesses momentos sobre os quais não pude te falar antes”¹⁶¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 199).

Há, portanto, um movimento que vai do estado de “ilha” (condicionante da sobrevivência) à posterior abertura ao diálogo com Mónica Echeverría. A problemática do “vencido” diz respeito ao isolamento. Imerso em si mesmo, o sujeito exilado se perde do debate político. Carmen é, a princípio, alguém que obedece o partido, assume o papel que lhe é imposto. Sua subversão, no entanto, está na transformação do isolamento em espaço de protesto, na medida em que os olhares de piedade não são aceitos por ela. O grito, no entanto, sugere um sujeito ainda vivo, embora em vias de desaparecer.

É nesse diálogo que a não rendição da memória se processa. O contato com o outro, sobretudo via escrita, subverte o que, antes, parecia ser uma derrota ou mesmo um grito dos vencidos prestes a desaparecer.

A ideia das memórias subversivas dos vencidos é uma perspectiva aplicável não apenas a Carmen Castillo, mas a toda uma geração. Não é por nada que Beatriz Sarlo (2007), analisando, a princípio, o caso da Argentina, enfatiza a memória como dever no contexto da ditadura civil-militar na América Latina. É o testemunho de sujeitos sobreviventes que permitiu a condenação do terrorismo de estado: “a ideia do ‘nunca mais’ se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita” (SARLO, 2001, p. 20). No caso da Argentina, o testemunho tornou-se um instrumento jurídico, em espaços nos quais outras memórias foram destruídas pelos responsáveis. Foram elementos fundamentais para a transição democrática. Sem essas memórias, as condenações na Argentina não teriam sido possíveis.

Essa perspectiva é reforçada por Tzvetan Todorov, em *Los Abusos de la memoria* (2008), segundo o qual houve uma tendência, por parte dos regimes autoritários do século XX, de suprimir ou controlar as memórias. Nesse sentido, a memória passou a ser vista com bons olhos pelos que lutavam contra a tirania, de forma que toda reminiscência, por mais humilde, foi associada à resistência ao autoritarismo (TODOROV, 2008, p. 14).

Ao refletir sobre suas memórias, Carmen Castillo sente tratar de eventos alheios a ela própria: “digamos que eu conto sobre eventos ocorridos em outro lugar, em um país distante, para uma mulher desconhecida”¹⁶² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 188). Ao mesmo tempo, no entanto, sua reformulação, por meio da escrita, é um lugar em que o

¹⁶¹ “Je m'attarde dans ce dialogue avec toi, Mónica, longtemps après, sur des moments dont je n'ai pas pu te parler plus tôt.”

¹⁶² “On dirait que je raconte des événements survenus ailleurs, dans un pays lointain, à une femme inconnue”.

sujeito revê não apenas sua história, mas a história de sua geração. A despeito dessa sensação de distanciamento, Carmen Castillo entende o mal do silêncio acerca daqueles momentos. Na esteira de Sarlo (2007) e Todorov (2008), pode-se afirmar que tais silêncios se tornam empecilhos para a transição democrática, na medida em que o passado não é confrontado.

A necessidade da lembrança ganha ainda mais força ao se tratar de eventos trágicos. Segundo Todorov (2008), quando eventos vividos por um indivíduo ou por um grupo são excepcionais ou trágicos, o direito de se recordar e de testemunhar se torna um dever. Isso porque, uma vez elaboradas pelo poder, memórias fundamentais podem ser apagadas, dando margem ao negacionismo.

A escrita, nesse sentido, é um instrumento de reaproximações e uma aliada da não rendição das memórias. Diz respeito, em primeiro lugar, ao sujeito imerso na experiência do exílio, permitindo-lhe construir memórias antes presas ao poder das experiências de morte e ruptura. Posteriormente, essas memórias, elaboradas e escritas, ganham interlocutores, conforme o caso aqui analisado das narrativas de mãe e filha. Essas memórias em diálogo encontram, posteriormente, seu dever, num contexto em que o testemunho se faz fundamental. Representam ferramentas para a transição democrática, uma forma de enfrentar o passado e, pelo viés da superação do mesmo, construir um futuro.

Assim, a expressão “vencidos”, presente no título do capítulo, não diz respeito a uma derrota definitiva; não se trata de uma condição permanente. Estar vencido abre caminho para uma condição de exílio, pois é disso que o exílio trata: uma derrota que implica em afastamento e ruptura. O grito dos vencidos torna-se, antes de mais nada, um sinal, a última luz antes do aparente desaparecimento total desses sujeitos. Seu posterior retorno se dá pelo caminho da memória, registrada via escrita. O grito de Carmen Castillo e de sua mãe ocorre em um presente que acaba por ecoar no passado, conferindo-lhe novas feições. É uma forma de se opor ao esquecimento, um caminho, sobretudo da parte de Carmen Castillo, de resistir às feridas abertas pelo passado trágico.

Para Renato Franco (2003), há uma situação desconfortável enfrentada pela literatura de nossa época que se configura em dois aspectos: “a de lutar contra o esquecimento e contra o recalque, isto é, lutar contra a repetição da catástrofe por meio da rememoração do esquecido” (FRANCO, 2003, p. 352). No caso de Carmen Castillo, há, de fato, um desconforto e uma resistência no ato de rememorar. O distanciamento de seu país

se traduz numa escrita entrecortada e mostra a tensão imperante entre o desejo de atender o pedido da mãe (o de escrever essas memórias) e a dificuldade de lidar com elas.

Diante desses distanciamentos, cabe indagar: é possível aos sujeitos, após tantos exílios, promoverem um retorno ao país de origem, seja em termos de domicílio, seja em aspectos mais subjetivos e simbólicos? O tópico seguinte se volta para essas questões.

4.2 Paris-Santiago: truncados retornos

Em seu *Reflexões sobre o Exílio* (2003), Edward Said, um exilado palestino do século XX, reflete sobre o papel do intelectual como uma figura, por conta do corte sofrido pelo exílio, voltada para dimensões e conjunturas políticas de seu país. Apesar de apontar para a possibilidade de um olhar diferenciado do exilado – ele dispõe das referências do seu país de origem e do olhar para o novo lugar em que se encontra –, a experiência de separação é pensada como *irrecuperável*. Embora constitua-se em uma situação de trânsito, pode-se pensar o exílio como uma situação transitória? Os últimos capítulos de *Santiago-París* abrem essa questão.

Neste tópico, refletirei sobre a condição do retornado do exílio, sobre os novos olhares com relação à terra que o formou e em que medida as situações de estranhamento constituem-se em empecilho para a volta do sujeito exilado. É possível, para as exiladas em questão, retornar simbolicamente ao seu país?

No oitavo capítulo de *Santiago-París*, intitulado “Diáspora”, Mónica Echeverría trata de seu retorno ao Chile junto ao marido, depois de três anos em Cambridge. Tal movimento se dá mais por influência de Fernando, cuja ligação com a América Latina se sobrepõe aos apelos da universidade para sua permanência. O primeiro passo do retorno é a estada em Caracas, lugar ao qual Mónica não se adapta devido à violência.

O retorno ao Chile ocorre em abril de 1978. Depois de três anos na Inglaterra, Mónica não reconhece mais seu país: “detém-me, em poucos dias, uma grande tristeza perante esse Chile que não parece meu país”¹⁶³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 196). O contraste entre bairros limpos e a pobreza é evidente. Santiago, antes barulhenta e repleta de vida, agora é silenciosa, com uma ditadura triunfante.

¹⁶³ “Me embarga a los pocos días una gran tristeza ante ese Chile que no parece mi país.”

Ela percebe, com surpresa, a ausência, na Biblioteca Nacional, da maioria dos livros que ela pretende ler. Muitos são cortados e tidos como subversivos. Entre eles, está Pablo Neruda, cujos clássicos *Canto Geral* e *España en el Corazón* não são encontrados. Esse cerceamento cultural é também percebido entre seus colegas que, emocionados pelo reencontro, a abraçam, falando, porém, em voz baixa. Encontram-se empenhados na construção de um teatro de denúncia da ditadura. Timidamente falam do absurdo da situação, sem, no entanto, referir-se aos Miristas ou à própria Mónica. Estupefata, sente-se como proscrita: “[...] no entanto me sinto, depois de cenas e abraços, proscrita dessas atividades. Meu nome, a trajetória de meus filhos miristas lhes compromete ou já não acreditam em meu aporte artístico?”¹⁶⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 197).

A programação cultural é limitada e restrita. Muitas músicas e telenovelas são censuradas sob acusação de comunismo e subversão. Permanecem aquelas sem conteúdo político, com dramalhões ou comédias frívolas. Na tentativa de retomar suas aulas, percebe uma manipulação tanto nos livros de literatura – com a eliminação de Gabriel García Márquez, Benedetti e Cortázar – quanto nos de História, com a supressão dos períodos revolucionários. O povo parece conformado com o novo cenário, sem perspectivas de mudança, num cotidiano de mera sobrevivência e aceito como natural. Espantada diante do contraste de um povo antes altaneiro e agora conformado, Mónica Echeverría de repente se vê sem ação: “o que se pode fazer diante de um povo apenas preocupado em sobreviver? Esse panorama cinzento parece natural e aceitável a todos”¹⁶⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 198).

Ainda no mesmo ano, a ilusão de prosperidade se evidencia com o congelamento artificial do dólar a um preço irrisório. Com isso, produtos importados e viagens internacionais encontram-se ao alcance de todos. O aumento da dívida externa é ignorada. Com isso, o regime se fortalece. Em 11 de setembro de 1980, a nova constituição, favorável ao governo dominante, é elaborada nesse momento oportuno. Com a aprovação, Pinochet é proclamado legalmente presidente da república por oito anos.

Em *Tropical sol da Liberdade* (1988), Ana Maria Machado descreve a experiência de Honório, brasileiro exilado por dez anos em Paris. Para ele, o outro lugar representava

¹⁶⁴ “Sin embargo, me siento, después de cenas y abrazos, proscrita de ese quehacer. ¿Mi nombre, la trayectoria de mis hijos miristas les resultan demasiado comprometidos? o ¿Ya no creen en mi aporte artístico?”

¹⁶⁵ “¿Qué puede hacerse ante un pueblo sólo preocupado de sobrevivir? Este panorama gris parece natural y aceptable para todos”.

grandes saudades e uma necessidade de: “[...] se ajeitar como possível na pele de empréstimo, na língua dos outros, no humor alheio” (MACHADO, 1988, p. 26). Chama atenção, no entanto, seu retorno, no qual ele se considera deslocado: as pessoas de sua geração parecem distantes, com as quais faltam assuntos. As formas de entendimento são outras.

A imagem de deslocamento do personagem referida por Ana Maria Machado vai ao encontro da experiência da volta de Mónica Echeverría. O sentimento de proscricção, o desconhecimento do próprio país, o domínio de uma ditadura que controla os meios educacionais, tudo isso faz com que ela continue se sentindo como que em uma “pele de empréstimo”. Falando em espanhol com os amigos, é como se essa língua não fosse retomada, tão grande é o contraste. Nesse sentido, a experiência do exílio permanece, mesmo após a volta.

No âmbito familiar, e nesse mesmo período, a mãe de Mónica Echeverría falece. As descrições aludem a uma mulher difícil, ferina e sem qualquer senso de humor. As relações com ela eram complexas. Os Echeverría odiavam-na, pois ela tratava genros e noras como usurpadores que haviam roubado seus filhos. Suas visitas significavam transtornos, pois queria sempre impor seus costumes próprios, a saber: pontualidade, ordem, longas conversas sobre assuntos que só interessavam a ela: “cada chegada de minha mãe significava um transtorno geral em nossa vida cotidiana, pois não se adaptava às circunstâncias ou aos costumes do país dos donos da casa”¹⁶⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 206). O marido de Mónica, sobretudo, tinha por ela grande ressentimento, pois várias foram as vezes em que a sogra o humilhara. Apesar disso, apoiava os filhos em suas posturas políticas, além de ensiná-los a gostar de literatura.

Esse difícil retorno de Mónica Echeverría traduz-se, tanto do ponto de vista político – encontra-se em um país que não reconhece mais –, quanto pessoal, na dificuldade de diálogo com sua mãe. Se, por um lado, as intransigências desta incomodavam Carmen, por outro, ela reconhece na mãe uma pessoa insegura, apesar de sua aparente arrogância.

Ao final do capítulo, Mónica percebe que ela própria se tornou, ao longo do tempo, essa “velha odiosa”, que impõe princípios e guarda memórias: “ela se tinha ido e eu devia converter-me, agora, na velha odiosa, impondo princípios e guardadora de memórias”¹⁶⁷

¹⁶⁶ “Cada llegada de mi madre significaba un trastorno general a nuestra vida cotidiana, pues no se adaptaba a las circunstancias o costumbres del país o de los dueños de casa, sino que imponía las de ella [...]”.

¹⁶⁷ “Ella se había ido y yo debía convertirme, ahora, en vieja odiosa, imponiendo principios y guardadora de la memoria”.

(ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 211). Ela se torna, em certa medida, herdeira da mãe no sentido da intransigência, sobretudo em relação à memória. Nesse sentido, *Santiago-París* surge da insistência de Mónica para que a filha Carmen participasse do processo. A intransigência se torna condição para o surgimento do livro, visto que Carmen Castillo, por muito tempo, recusou a proposta.

Essa intransigência da memória torna-se elemento fundamental para os exilados em seu retorno. Isso porque memórias que não sucubem permitem contrastes entre as experiências vivenciadas (individuais e coletivas) e o presente. A confrontação entre um passado do sujeito exilado, as conjunturas de seu país e o agora da volta representam formas de pensar que podem delinear projetos ou perspectivas de futuro. O entrelaçamento entre as trajetórias políticas do Chile e as vicissitudes familiares são a tônica de *Santiago-París*.

Se, por um lado, Mónica Echeverría vê na mãe uma figura distante, para Carmen Castillo, a mesma mulher encarna a força feminina contra a ditadura. A avó intelectual desprezava os militares e a brutalidade do governo, que a indignava. Sua felicidade residia na escolha de seus filhos e netos pela resistência contra Pinochet. Ao mesmo tempo, essa avó intransigente a que se refere Mónica sugere uma cumplicidade entre mãe e filha, num processo que une trajetórias individuais à história política: “você teriam sido cúmplices se pudessem compartilhar a luta e a escrita. Teriam se divertido muito na busca de uma palavra para contar uma experiência”¹⁶⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 218-219).

Tal sugestão sobreviveu ao tempo, pois mãe e filha estiveram juntas na luta e, lado a lado, em *Santiago-París*, compartilham também a escrita, que, por sua vez, é um caminho para lidar com a solidão, própria da experiência dos mais diversos exílios.

Se, por um lado, Mónica Echeverría volta a residir no Chile junto ao marido, o mesmo não ocorrerá com Carmen. Segundo Sara Ross (2016), em um estudo sobre *Santiago-París*, do ponto de vista das memórias intergeracionais entre pais e filhos, Carmen, durante muitos anos, sofreu depressão devido aos eventos da ditadura de Pinochet; por isso, ela nunca retornou ao Chile de forma permanente. Assim, ao pensar no retorno de Carmen Castillo, é preciso considerar muito mais as formas como ela observa seu país desde o exílio. Tais formas podem ser pensadas tanto a partir de suas próprias memórias,

¹⁶⁸ “Vous auriez été vraiment complices si vous aviez pu partager la lutte et l'écriture. A la recherche d'un mot pour raconter une expérience, vous vous seriez bien amusées”.

com a escrita de *un Jour d'Octobre a Santiago* (1988), quanto para suas reflexões a respeito de sua condição de mulher exilada, ou mesmo para o seu olhar sobre pessoas para ela relevantes, a exemplo de Beatriz Allende, e, por fim, as suas tentativas de auxiliar a resistência ao regime de Pinochet a partir de Paris.

Uma dessas observações se dá sobre Beatriz Allende. Em 14 de outubro de 1977, aos trinta e três anos, a jovem comete suicídio. Tal ato engaja todas as mulheres que se encontram e sobrevivem dentro dos limites da ação e da morte: “uma mulher em meio aos homens não pode falar, porque essa solidão das mulheres, essa autodestruição cotidiana é também uma forma de suicídio”¹⁶⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 220). Para Carmen, representa um ato político do exílio.

Isso retoma a própria experiência de Carmen quando manteve a personagem da “viúva heroica”. Ainda alvo de olhares de compaixão, requisitada em conferências sobre a ditadura e refém da sombra do marido morto violentamente, ela vê sua personalidade suprimida, exatamente no momento em que ela deveria ganhar contornos próprios. Assim, a situação de não poder ter ideias próprias, obedecer a comandos masculinos e viver à sombra do herói morto, além de não representar nada de heroico, era também uma forma de suicídio político.

No caso de Beatriz Allende, Carmen, revolvendo caixas de arquivos, depara-se com cartas entre militantes a partir de 1975. Elas confirmam o poder da autoridade masculina. Em uma dessas missivas, um dos líderes menciona, num *post-scriptum*: “é melhor juntar a meninhas em uma mesma casa em Havana, longe de seus pais, mas sob a autoridade de meu irmão que saberá educá-las” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 221).

Em sua análise sobre *Subterrâneos da Liberdade* (1980), de Jorge Amado, obra largamente lida pela militância brasileira nos anos 1960, Susel Oliveira da Rosa (2013) evidencia, dentre outros aspectos, o espaço de aprendiz das mulheres, em contraposição aos homens, que se colocam na posição de mestres e intelectuais. Bondosamente, eles auxiliam as mulheres na compreensão da política e dos processos envolvidos. No romance, a figura feminina é descrita como um sujeito de conhecimentos superficiais, cujo aprofundamento depende da figura masculina para se concretizar.

Nas cartas evidenciadas por Carmen Castillo, temos a mesma perspectiva do homem como guia em contraposição à mulher aprendiz. No entanto, a expressão *petite*

¹⁶⁹ “[...] une femme au milieu des hommes ne peut pas parler, parce que cette solitude des femmes, cette autodestruction quotidienne est aussi une forme de suicide”.

filles (“meninhas” ou mesmo “garotinhas”), além de colocar as mulheres em uma posição inferior à masculina, também as infantilizam. A autoridade masculina, nesse caso, seria responsável pela “educação” das jovens que deveriam ser postas longe dos pais, partindo-se, portanto, do princípio de que elas nada conheciam. Tal infantilização as desloca do debate político do qual desejam participar.

O maior peso, contudo, está na morte de Beatriz Allende. Perplexa, Carmen percebe uma hierarquia entre os mortos da ditadura, sendo o primeiro de todos aqueles que morrem em combate. Em resposta, Carmen indaga se um suicida não seria um bom morto, ou se esse tipo de morte desordenaria a galeria dos heróis. Nesse sentido, o culto da morte passa a compor parte da prática política. Aceitar o suicídio, nesse caso, seria negar a morte dos resistentes, dos que lutaram em combate ou morreram na tortura. A militância vem associada à morte violenta pelas mãos do inimigo, imagem que não comporta o suicídio.

Encontramos aqui uma formulação relevante acerca da política: “a verdadeira política deveria aceitar a existência de cada um com sua personalidade inteira”¹⁷⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 220). Tal ideia passa por questões de gênero, negligenciadas no momento analisado. Carmen prossegue observando que quando um movimento político disser que o amor permite viver melhor na clandestinidade, muitas coisas mudarão. Tal ideia se choca com a associação da militância ao estereótipo masculino.

Carmen não poderia vivenciar sua personalidade por inteiro e percebe o mesmo em relação a Beatriz Allende. Compreende a relevância da discussão acerca do gênero para a política. Percebe no suicídio de Beatriz Allende o esgotamento de quem se vê anulado em um processo não apenas político, mas também histórico. A filha do ex-presidente chileno não sustenta o personagem político da mulher dirigente, assim como Carmen Castillo não mantém a figura da viúva heroica.

Essa imagem do suicídio vem associada à morte violenta do militante, no fundo, a construção do herói, tida como fundamental para o futuro da resistência. O herói militante está totalmente imerso em sua causa. Masculino, deve estar isento de distrações. Interessante tão somente a sua causa. Suas energias, tanto intelectuais quanto físicas, estão voltadas para a resistência à ditadura.

Em setembro de 1979, Carmen termina a escrita de *Un Jour d’Octobre à Santiago* (1988). A proposta é tratar dos eventos que desencadearam o ataque à casa da Rua Santa

¹⁷⁰ “La vraie politique devrait accepter l’existence de chacun avec sa personnalité entière”.

Fé e, conseqüentemente, a morte de Miguel. Com a ditadura ainda em andamento, Carmen preserva certos nomes, protegendo sujeitos diretamente envolvidos. É uma forma de observar seu país à distância, por mais que ela não retorne. A direção do MIR, no entanto, se recusa a aceitar a publicação, argumentando que: “esse livro causa danos morais à revolução, ao MIR e à memória de Miguel”¹⁷¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 241).

Tal recusa se deve ao caráter cotidiano conferido à narrativa. Nela, Carmen apresenta sua vida cotidiana, junto ao líder militante. Conta, por exemplo, seus esforços em tornar a nova casa habitável, em meio a um cenário de perigos iminentes. A despeito dos medos cotidianos, *Un Jour d'Octobre à Santiago* (1988) não apresenta uma dimensão heroica da resistência; está muito mais voltado para suas memórias que, de certa forma, representam também as memórias de sua geração.

Carmen percebe a dificuldade de, no espaço do exílio, auxiliar na luta. Acreditava que o livro, a preservação de sua memória e a de Miguel fossem formas de auxiliar a combater o regime. Ela se pergunta como a expressão da vida cotidiana pode ser perigosa. Além do pitoresco de jovens dando continuidade ao seu dia a dia, o livro traz o sofrimento e a vergonha, bem como o medo e a sensação de risco pela presença constante da ditadura. Numa supressão do heroísmo, Carmen Castillo compreende que a resistência não foi um ato de heróis, mas sim um caminho seguido por sujeitos sem alternativas: “eu queria dizer e repetir que *nada havia de heroico*. Os sofrimentos enfrentados sempre me envergonharam”¹⁷² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 241, grifos meus). Todos os sofrimentos, medos e riscos eram parte da travessia de sujeitos imersos no cotidiano e que desejavam viver suas vidas em um cenário complexo, somando suas vivências às dos demais.

Ao mesmo tempo, compor a militância conferia a eles uma visibilidade que também representava um peso: “as perguntas, a princípio cuidadosas, se tornaram cada vez mais sufocantes, eu não podia mais deixar de falar”¹⁷³. Tais perguntas dizem respeito aos caminhos tomados pelo movimento, no sentido da criação de figuras heroicas como resultantes de escolhas e sacrifícios pessoais em prol de um bem maior. Ela procura

¹⁷¹ “Ce livre fait du tort moral à la Révolution, au MIR et à la mémoire de Miguel”.

¹⁷² “Je voulais dire et redire qu'il n'y avait rien d'heroïque. Les souffrances traversées me faisaient toujours honte”.

¹⁷³ “Les questions, d'abord attentives, devenaient de plus en plus oppressantes, je ne pouvais plus m'arrêter de parler”.

desfazer-se da vitimização, insistindo não nos sacrifícios pessoais, mas na ausência de escolha. A necessidade de falar diz respeito a um sujeito atento ao seu momento histórico e, ao mesmo tempo, com perspectivas muito diversas daquelas que estavam ao seu lado.

Diante de um movimento que deveria assumir um caráter heroico, Carmen formula uma noção de resistência voltada para vidas desdobradas no fio do cotidiano: “[...] sim, é o acúmulo de pequenas coisas que fazem uma luta, a imensidade de pequenos gestos que compõem uma resistência. Uma verdadeira vida. Como a de tantos outros”¹⁷⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 241). Nesse sentido, trata-se dos pequenos atos diários, muitas vezes subterrâneos e despercebidos, mas que, agrupados, dão vida à resistência. Essa formulação é relevante para essa análise, na medida em que os atos cotidianos dos sujeitos associados à história são a tônica de *Santiago-París*, assim como compõe as produções anteriores de Carmen Castillo.

No entanto, no momento da escrita de *Un Jour d’Octobre à Santiago* (1988), tal perspectiva encontra a rejeição por parte da direção do MIR, para a qual: “[...] sacralizar os homens e seu combate era a melhor forma de educar e docilizar o povo. Contar sobre o pitoresco dos momentos de vida dos revolucionários não faria avançar as massas” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 241). Há, portanto, o receio da diminuição da figura dos revolucionários ao se tratar de seus aspectos cotidianos. Carmen Castillo deseja tratar de “vidas verdadeiras” e, ao mesmo tempo, compartilhadas; recusa a excepcionalidade do herói, a vitimização do sacrifício, a imagem do revolucionário associada ao masculino, cujas características envolvem grandeza, força, sacrifício e honra. Contra isso, almeja vidas simples e cotidianas acumuladas no dia a dia, mas que, reunidas, trazem a potencialidade de formar algo maior, uma resistência.

Por um momento, a recusa da direção do MIR de publicar o livro leva Carmen Castillo a perceber sua própria existência como irremediavelmente perdida para a causa. No entanto, permanece o desejo de publicação, ainda que significasse sua exclusão do partido. Sua sensação de inutilidade para o movimento é revista em um encontro com Téo, Chileno e chefe do MIR na França. Após toda uma noite com o manuscrito, ele não vê problema em sua publicação, mostrando a Carmen a possibilidade de resistir ao mal absoluto. Téo, apesar de torturado por longo tempo, não fala sobre tortura. Esse “mal absoluto” ao qual se refere está além da tortura; diz respeito a uma variedade de situações,

¹⁷⁴ “[...] oui, c'est une quantité de petites choses qui font une lutte, une vie, une immensité de petits gestes qui font une résistance. Une vraie vie. Comme tant d'autres”.

que vão dos traumas aos silenciamentos, chegando, é claro, aos exílios. Téo é um sujeito que, nos dizeres de Carmen Castillo, não julga os demais e entende que, diante de um estado de exceção, a tortura é apenas uma parte das tantas possibilidades que se apresentam para a destruição do outro. O líder fala da ditadura como uma máquina imperfeita de quebrar a vida das pessoas.

Nos meses seguintes, já em 1980, Carmen publica *Un Jour d'Octobre à Santiago*. Vinte e cinco anos depois, muitos sobreviventes que o leem dizem encontrar nele a alma daqueles tempos. De qualquer forma, o livro e a respectiva narração daqueles eventos, com base na memória, permitem a Carmen Castillo retomar a luta quase abandonada. De Paris, ela ajuda a constituir uma rede de apoio aos demais exilados em sua adaptação a um novo lugar. Apesar da publicação, o MIR não altera a sua resolução. Com isso, a ruptura de Carmen com o partido é completa. A permanência do texto, no entanto, se mostra fundamental, tanto tempo depois dos eventos aos quais se refere. Há ainda, segundo Carmen Castillo, aqueles que se voltam contra a memória de Miguel, argumentando ser ele um burguês morto por masoquismo e que estava prestes a deixar o partido. Aos sujeitos que apresentam essas informações, Carmen denomina como: “cretinos irresponsáveis, cúmplices e vítimas, também da amnésia e das tergiversações da História”¹⁷⁵. Para ela, essas pessoas são feitas à imagem do Chile, “[...] um país no qual ainda é tão difícil distinguir quem é quem”¹⁷⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 244-245).

Em *Quand les images prennent position* (Quando as imagens tomam posição) (2009), Didi-Huberman observa que “tomar posição” significa se localizar, atualizar-se no tempo presente tendo em vista um futuro. Há uma temporalidade que nos precede e nos engloba, a despeito de nosso desejo de esquecimento, ou mesmo de discursos paralelos. A partir da situação de exílio, muitos artistas e escritores procuram compreender a nova configuração histórica que lhes foi imposta. Apesar da vida mutilada, há também a possibilidade para a vida do pensamento. É nesse espaço que se pode tomar posição, tendo em vista o contexto presente.

Ao tratar da tomada de posição, Didi-Huberman (2009) se volta para o contexto dos anos 1930, analisando a trajetória de Bertold Brecht, marcada pelo exílio. A ideia, no entanto, é relevante para a presente análise ao se referir tanto a uma localização do sujeito exilado no presente, quanto a um olhar atento para o futuro.

¹⁷⁵ “Des crétiens irresponsables, complices et victimes, eux aussi, de l'amnésie et des tergiversations de l'Histoire”.

¹⁷⁶ “[...] un pays où il est encore si difficile de distinguer qui est qui”.

No caso de Carmen Castillo e Mónica Echeverría, o contexto chileno traz um passado de violências e um presente de construções que procuram destruir ou distorcer a memória das pessoas mortas pela violência de Estado. São resultado, segundo Carmen Castillo, de sujeitos irresponsáveis, vítimas ou cúmplices de amnésias e tergiversações da história¹⁷⁷. Tomar posição, nesse caso, significa compreender não apenas a existência de discursos com intenções escusas, mas do risco que eles representam, a saber: um futuro de amnésia e sem uma confrontação com o passado.

Em *Mujeres que Narran: trauma y memoria* (2009), Leonor Arfuch, analisando a escrita de mulheres que sofreram cativo durante a ditadura na Argentina, observa que a escrita deriva de uma das formas do trabalho de luto; assim, ela possibilita o distanciamento da melancolia. Apesar de suas tantas resistências diante da proposta de Mónica Echeverría de escrever *Santiago-París*, Carmen Castillo deseja levar adiante esse trabalho de luto que é não apenas pessoal, mas também coletivo, de um país que se vê às voltas com um passado pouco confrontado. Tanto que encerra o capítulo com um estímulo a sua mãe em favor da continuidade da escrita: “[...] a arrogância dos vencedores e de seus acólitos não nos fará calar. Continuaremos, você [Mónica] e eu, com nossas pobres palavras obstinadas”¹⁷⁸ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 245). Trata-se, aqui, da escrita não apenas como um trabalho de luto, mas como resistência ao poder dos vencedores. Contra eles, devem ser edificadas, para além de memórias que não se rendem, o diálogo constante entre as mesmas, condição esta que lhes confere mais força, em um somatório de vozes que permite revisitar a própria história.

Essa tentativa de um retorno simbólico continua mesmo após o fim da ditadura. O tópico seguinte trata de um encontro entre Carmen e Márcia Merino, que possui grande relevância do ponto de vista testemunhal.

4.3 Testemunhar é preciso... e apesar de tudo

Assim como no Brasil, o Chile passa pelo processo de redemocratização nos anos 1990. No capítulo “La memoria no se rinde” (a memória não se rende), Mónica Echeverría

¹⁷⁷ Carmen Castillo e sua mãe trazem essas análises no ano 2000. No entanto, mesmo mais de vinte anos depois, há uma continuidade dessas amnésias e tergiversações da história. No Brasil, por exemplo, movimentos recentes solicitam o retorno de governos militares. Muitas informações presentes nas redes sociais justificam as violências de Estado. Sites aparentemente especializados em estudos históricos trazem perspectivas sem qualquer fundamento.

¹⁷⁸ “[...] l'arrogance des vainqueurs et de leurs acolytes ne nous fera pas taire. Nous continuerons, toi et moi, avec nos pauvres mots obstinés”.

destaca o Chile de 1989, marcado pela retomada dos partidos políticos, o fim da censura, a dissolução do aparato repressivo da ditadura e o retorno dos exilados, bem como o restabelecimento de relações diplomáticas com os países estrangeiros e a eleição de Patricio Aylwin para presidente da república. A margem apertada de sua vitória (55%) mostra a presença ainda evidente dos seguidores do regime militar. Nesse momento, é formada uma comissão de investigação de violações dos direitos humanos no país. Os militares, no entanto, mostram-se incomodados, pressionando o governo com desfiles de tanques pela rua, uma imagem que retoma a memória relativamente recente do 11 de setembro de 1973. A relação turbulenta entre civis e militares mostra que, a despeito de alguns avanços, o país ainda se vê imerso na memória recente da ditadura, num clima ainda marcado pelo medo. Por mais que o aparato ditatorial tenha sido dissolvido, as práticas repressivas ainda permanecem.

Por esse motivo, Mónica Echeverría (2002a) percebe o período do governo de Aylwin como turbulento, no qual ele poderia, por conta do caráter transicional do momento, terminar atado à ditadura. Não é o que ocorre, no entanto, e isso se deve à criação da *Comision de Verdad e Reconciliación*, que trouxe à luz os casos de assassinato e desaparecimento, antes desconhecidos: “pela primeira vez, publicamente, é apresentada aos chilenos indiferentes e ao mundo parte das atrocidades (nunca o Informe entra em detalhes e não se refere às torturas) do ocorrido”¹⁷⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 265).

No governo seguinte, o poder judiciário reabre processos referentes aos crimes cometidos pela ditadura: “o cidadão comum vê estupefato como desfilam diante da justiça, são declarados réus e presos toda classe de militares e ainda generais ativos”¹⁸⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 271). Tais planos, no entanto, são abandonados tanto devido à crise econômica mundial, quanto por conta da carência dos meios de comunicação, ainda em poder da direita econômica. Mónica Echeverría (2002a) enfatiza, portanto, uma transição democrática lenta, sobretudo quanto ao enfrentamento de um recente passado ditatorial.

Para Beatriz Sarlo (2007), tais silêncios são empecilhos para a transição democrática. Torna-se fundamental divulgar não só à sociedade, mas também ao mundo a

¹⁷⁹ “Por primera vez, públicamente, se da a conocer a los chilenos indiferentes y al mundo, parte de las atrocidades (nunca el Informe entra en detalles y no se refiere a torturas) de lo acontecido”.

¹⁸⁰ “El ciudadano corriente ve estupefacto cómo desfilan ante la justicia, y son declarados reos y encarcelados, toda clase de uniformados y aún generales activos”.

violência de Estado. É nesse momento que o testemunho e a memória passam a desempenhar um papel central. Testemunhar diz respeito a um claro entendimento dos eventos sobre os quais se testemunha. Em outras palavras: sabe-se muito bem do que se fala ao se referir aos mortos e desaparecidos que os remanescentes do regime desejam esquecer. O termo “nunca mais” não é uma conclusão deixada para trás, mas sim algo que se projeta para o futuro, no sentido de não se desejar a repetição do ocorrido (SARLO, 2007).

Ao mesmo tempo, a segunda metade do século XX promoveu, em termos de estudos históricos, uma ampliação documental. Para Jacques Le Goff (2005), tal ampliação permitiu aos historiadores ir além do âmbito oficial e dos documentos de cunho político. A chamada História Nova passou a se basear numa multiplicidade de documentos, escritos ou não, tais como objetos, artefatos e fotografias, além de cartas e diários. Tal ampliação abriu também espaço para sujeitos antes ignorados, como as mulheres.

Nesse sentido, para Sarlo (2007), o passado, na segunda metade do século XX, retorna como um quadro de costumes em que figura a vida cotidiana: “como se trata da vida cotidiana, as mulheres (especialistas nessa dimensão do privado e do público) ocupam uma parcela relevante do quadro” (SARLO, 2007, p. 17). Assim, as mulheres passam a ocupar uma posição que antes lhes era negada.

Em seu texto do capítulo “A Memória não se rende” (em francês, “La mémoire ne se rend pas”), Carmen Castillo se volta para o testemunho de Márcia Merino, ex-militante chilena há muito tempo ausente do cenário público. Antes, porém, compartilha da perspectiva da mãe sobre o contexto ainda truncado da transição democrática. Afirma que, se dispusesse de um diário, teria escrito em todos os anos, de 1974 a 1989, a palavra “medo”, que permaneceria nos anos 1990: “apesar do retorno da democracia, 1990, 1991, 1992 foram anos de medo”¹⁸¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 271).

No documentário *La flaca Alejandra: vidas y muertes de una mujer chilena*, Carmen Castillo discorre sobre uma amnésia que, em 1993, assola o Chile. Há um grande silêncio acerca da ditadura civil-militar e dos crimes cometidos por seus responsáveis. Mesmo em um momento de redemocratização, permanece o mistério sobre pessoas desaparecidas, assim como a impunidade de sujeitos ainda em cargos de relevância. No documentário, Carmen indaga onde se teria perdido a história, posto que os crimes são inegáveis. Sem justiça e verdade, não se pode conceber a reconciliação. Há ainda

¹⁸¹“Malgré le retour à la démocratie, 1990, 1991, 1992 furent des années de peur”.

fantasmas do passado que continuam atormentando e que só serão dispersos na presença da verdade. Tanto que Carmen, mesmo muitos anos depois, não consegue entrar na casa azul da Rua Santa Fé, local onde seu marido Miguel Henriques foi morto. A presença desses fantasmas do passado são não apenas individuais, mas também coletivos. O grande desafio é lidar com o horror quando o silêncio se impõe como regra.

Logo, o medo se mantém, a despeito do fim da ditadura. As tentativas do novo governo de trazer à luz os crimes perpetrados nas décadas anteriores não surtem efeito. Nesse cenário do início dos anos 1990, Carmen Castillo reencontra Márcia Merino em uma foto no jornal “La Nación”. Ex-líder militante da década de 1970, na época conhecida como *la flaca Alejandra*, Márcia Merino compunha a luta armada contra a ditadura. Aos 17 anos, já fazia parte da clandestinidade. Com uma atitude muito próxima ao masculino, ela parecia implacável. No que tange à resistência e à formação da luta armada, sua história, até certo ponto, se funde com a dos demais. Sua primeira captura ocorre em primeiro de maio de 1974. No início de uma sessão de tortura, revelou algumas coisas, porém não muito importantes. Mesmo assim, soube ter falhado com a lei da resistência. De volta ao partido, confessa ser incapaz de prosseguir e que “quebraria” numa eventual captura. O partido, no entanto, conclui que o seu refúgio desmoralizaria as bases, posto que ela era uma dirigente.

Após sua segunda captura, em primeiro de agosto de 1974, ela entrega os companheiros: “*La flaca* era uma das três mulheres militantes que se tornaram traidoras, ‘colaboradoras’ da DINA, organismo de repressão a serviço de Pinochet, uma máquina secreta e toda-poderosa”¹⁸² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 271). Assim, ela deixa de ser *la flaca* para se tornar um símbolo de traição. Ela ganha o estigma de traidora entre os militantes. Sua colaboração com a DINA leva muitos à prisão.

A força e liderança de Márcia Merino se quebram diante dos instrumentos de tortura. Assim, ela fornece nomes e endereços: “é esse momento, precisamente, que um abismo se abre diante dela. O corpo se desloca, o espírito se rende, ela trai seus amigos, mas permanece detida como os demais”¹⁸³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 272). As ideias do espírito se rendendo e do abismo aberto diante de si dizem respeito ao que

¹⁸² “La Flaca était l'une des trois femmes militantes de gauche devenues par la suite des traîtres, des «collaboratrices» de la DINA, l'organisme de la répression sous Pinochet, une machine secrète et toute-puissante”.

¹⁸³ “C'est à ce moment-là, précisément, que l'abîme s'ouvre pour elle. Le corps se disloque, l'esprit se rend, elle trahit ses amis mais elle reste une détenue comme les autres”.

Inge Genefke (*apud* ROSA, 2013), médica e ativista contra a tortura, chama de “quebrar a pessoa”. Trata-se de um componente relevante da tortura que consiste não apenas em extrair informações do torturado(a), mas sim em afetá-lo psicologicamente, destruindo nele(a) qualquer ímpeto de luta. Evidentemente, tal processo envolve medo, intimidação e ameaças.

No documentário sobre Márcia Merino, Carmen Castillo coleta depoimentos detalhados sobre procedimentos da DINA na captura de membros da resistência. *La flaca* Alejandra contribui para tais capturas por meio de uma ação denominada *poroteo*. Assim, *porotear* significa: “[...] reconhecer os militantes da resistência na rua, apontá-los para que fossem presos”.¹⁸⁴ (CASTILLO, 1988, p. 106). A maioria era conduzida à Casa José Domingo Cañas, lugar utilizado pela DINA como espaço de tortura. Ali, o prisioneiro era interrogado sobre os demais companheiros. Ao dizer algum dos nomes fictícios, *La flaca* delatava o nome real e o endereço de algum ente querido mais próximo ao sujeito procurado. Esse parente era procurado e ameaçado de morte, caso não revelasse o refúgio do militante a ser encontrado.

Para Carmen Castillo, Márcia Merino foi, por muito tempo, uma “*coisa sem forma*”, manuseada pelos militares e pelos interesses destes: “*La flaca* foi durante muito tempo uma *coisa sem forma*, maleável, um *zumbi ativo*, nas mãos dos militares, para seu proveito” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 272 grifos meus).

Em *O que resta de Auschwitz* (2008), Giorgio Agamben descreve, no contexto de extermínio em massa do campo de concentração de Auschwitz, a figura do “Mulçumano”: um prisioneiro que ao ser submetido a todo tipo de violência, perde sua condição humana. São sujeitos sem vontade e desprovidos de qualquer esperança. Situado num limiar entre a vida e a morte, é uma forma de vida que começa onde termina a dignidade. Vítimas brutais dos campos de concentração não estão mortos, mas sua situação não permite que se diga que estão vivos.

É possível, dadas as suas muitíssimas proporções, associar a figura de Márcia Merino, no momento de suas denúncias e nos anos seguintes, à imagem do “mulçumano” descrita por Giorgio Agamben. Isso porque Carmen Castillo se refere a ela como um “*zumbi ativo*”. No documentário, ela própria (Márcia Merino) diz ter estado morta durante todos os anos anteriores. A delação dos companheiros representa a perda da dignidade e o

¹⁸⁴ “[...] reconnaître des militants de la résistance dans les rues, les signaler pour qu'ils les arrêtent”.

início de uma nova forma de vida na qual ela se afasta de si mesma. Com a perda de si mesma e de sua dignidade, *La flaca* perde sua própria identidade.

Para Agamben (2008), no entanto, o Mulçumano é a figura do intestemunhável, aquele que sofreu diretamente as consequências do horror e, por esse motivo, não pode mais falar. É um testemunho que sofre o horror e contempla a medusa diretamente nos olhos. Por não poder falar, no entanto, não pode passar adiante sua experiência.

Márcia se difere dessa figura-limite do mulçumano no momento em que reaparece, em 1992, para dar seu testemunho. Confessa suas culpas e sua responsabilidade pela morte de tantas pessoas. Diz ter feito tudo para sobreviver, daí a obediência às ordens da ditadura. Durante muito tempo, viveu sem se reconhecer. Tornou-se funcionária da DINA, trabalhando na organização de arquivos.

Com a oferta de trabalho, alojamento e proteção por Manuel Contreras, chefe da organização, Márcia Merino passa quase duas décadas escondida, sabendo ser procurada tanto por membros da ditadura, quanto pelas famílias dos torturados e desaparecidos: “ela viveu, amnésica, um cotidiano miserável, ela sabia que os militantes de direita e as famílias das vítimas a procuravam, ela tinha medo, ela tinha vergonha, ela se escondia”¹⁸⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 275). Situação esta que inviabilizava seu testemunho, mantendo-a em silêncio e amedrontada.

No momento de seu reaparecimento, no entanto, mulheres sobreviventes da ditadura a procuraram, não para acusá-la, mas para solicitar seu testemunho no processo. É diante da foto de seu amigo morto e massacrado que as memórias são retomadas. Esses reencontros reavivavam situações boas e ruins do passado. Segundo Carmen Castillo: “talvez, no interior desses reencontros, ela se lembre, ao mesmo tempo, do horror e da fraternidade, talvez o calor daqueles que ainda veem nela ‘*la flaca*’ de antes, um ser humano que lhe deu força de se lembrar, a coragem de testemunhar”¹⁸⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 275). Coragem por muito tempo abafada pelo medo, tanto de julgamentos quanto de represálias da própria direita, já que, no início dos anos 1990, ainda imperava no país um silêncio acerca do passado recente.

¹⁸⁵ “Elle vivait, amnésique, un quotidien misérable, elle savait que les militants des droits de l’homme et les familles des victimes la cherchaient, elle avait peur, elle avait honte, elle se cachait”.

¹⁸⁶ “Peut-être, dans ces retrouvailles, s’est-elle souvenue en même temps de l’horreur et de la fraternité, peut-être est-ce la chaleur de ceux qui voyaient encore en elle la Flaca d’avant, un être humain, qui lui a donné la force de se souvenir, le courage de témoigner”.

Há, portanto, durante quase vinte anos, uma separação de *la flaca* Alejandra de si mesma. Para alguns, apenas sua morte poderia redimi-la; para outros, não se trata de perdão, mas sim de levar a sério o papel do testemunho (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b) – Necessidade de um país há pouco assolado pela ditadura.

Paul Ricœur (2007) considera o perdão algo “difícil”, pois não depende propriamente de um pedido. Já para Jacques Derrida (1999), o perdão é algo da ordem do impossível e do excepcional, pois, nessa concepção, só se pode perdoar o imperdoável. Nesse sentido, qualquer noção de perdão associada ao perdoável, entendido pela igreja como “pecado venial”, esvaziaria a ideia de perdão. Derrida (1999) admite, portanto, que o perdão deve ser anunciado como impossível. Além disso, deve ocorrer incondicionalmente e ser descorrelacionado de um pedido. Entendido também como uma “loucura do impossível”, é algo que, como uma revolução, surpreende o curso da história.

Ao mesmo tempo, para Derrida (1999), o perdão não deve ser confundido com noções vizinhas, a exemplo da desculpa, da anistia ou da prescrição, elementos estes que promovem o arquivamento e, conseqüentemente, esquecimento do crime. Essa ressalva é especialmente relevante no que tange aos crimes de Estado, tanto durante a Segunda Guerra Mundial quanto nas ditaduras na América Latina.

O pedido público de perdão de Márcia Merino leva a refletir sobre a excepcionalidade do perdão, algo à prova do impossível e medido pelo imperdoável. No entanto, diante do perdão e de sua impossibilidade, abre-se a necessidade do papel do testemunho. Carmen descreve o perdão como algo pessoal, referente à consciência de cada um. Em seu caso particular, Carmen teme que seu perdão represente uma traição à memória dos mortos. Não é possível, aqui, precisar a existência ou não do perdão. O que prevalece, nesse momento, dado o silenciamento acerca do passado recente, é a necessidade do testemunho, algo de interesse da coletividade.

Verónica Estay Stange, em um artigo intitulado “L’identité narrative en question: les zones paradoxales de l’expérience” (2022), analisa questões relativas à identidade coletiva e suas fraturas, tendo como objetos as memórias pós-ditadura do Chile e Argentina. Para a presente análise, chama atenção o conceito de “zona paradoxal” para definir espaços mal delimitados de conflito ético, moral e passional ocasionados por regimes totalitários às pessoas a ele submissas. Tais espaços geram situações contraditórias, uma vez que a “zona paradoxal” diz respeito à interação humana. Um exemplo pode ser encontrado em *Os Afogados e os Sobreviventes* (2016), de Primo Levi. Nele, conta a história dos Esquadrões,

grupos de judeus forçados pelos nazistas a organizarem a câmara de gás, recolher os corpos, e conduzi-los ao forno crematório.

Após a morte por asfixia de alguns judeus, um grupo responsável por recolher os corpos se dá conta que uma adolescente de dezesseis anos ainda vivia. Assustados, retiram-na às escondidas e a aquecem. Horas depois, um SS, sabendo do evento, determina sua morte. No entanto, ele próprio hesita, transferindo o trabalho a um judeu. Por mais atroz que seja a situação, há, segundo Primo Levi, um instante de piedade logo cancelada pela ordem de morte. Esse instante, no entanto, é suficiente para colocá-lo em uma “faixa cinzenta”, uma “zona de ambiguidade que se irradia dos regimes fundados no terror e na obediência” (LEVI, 2016, p. 48).

Essa noção de “zona paradoxal” se situa em uma esfera em que as noções de “tiranos” e “heróis”, “bons” e “maus” se veem, por um instante, embaralhadas. Com isso, Primo Levi pede à história piedade, rigor e suspensão do julgamento, dada a complexidade das situações:

cada indivíduo é um objeto de tal modo complexo que é vão querer prever seu comportamento, ainda mais em situações extremas; nem mesmo é possível antever o próprio comportamento. Por isto, peço que a história dos ‘corvos do forno crematório’ seja meditada com piedade e rigor, mas que o julgamento sobre eles fique suspenso (LEVI, 2016, p. 51).

Evidentemente não se trata, aqui, de comparar a situação de Márcia Merino com a dos judeus dos Esquadrões. O que chama atenção na ideia de “zona paradoxal” é a complexidade da interação humana e o risco de dicotomias entre “bem” e “mal”. Márcia Merino pode ser pensada como essa figura situada nessa faixa de complexidade em que a interação dificulta qualquer julgamento).

Em todo caso, em 1993, Carmen Castillo decide fazer um filme sobre *la flaca Alejandra*, em que suspende qualquer juízo de valor acerca da traição. Ambas encontram-se abertas ao diálogo. No ano seguinte, o filme recebe vários prêmios. Para Carmen: “essa história [a de Márcia Merino], por sua vez tão local e tão íntima, diz respeito a tantos seres humanos”¹⁸⁷ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 279). Uma história que traz à luz os horrores, naquele momento, ignorados ou desconhecidos.

A despeito, portanto, do perdão, de sua possibilidade, impossibilidade ou dificuldade, o que prevalece, apesar de tudo, é o testemunho. Após a finalização do

¹⁸⁷ “Cette histoire, à la fois si locale et si intime, concernait donc tant d'êtres humains.”

documentário, Márcia deixou Santiago. Se, por um lado, o perdão representa esse excepcional que surpreende o curso usual da história, o mesmo pode ser dito em relação ao testemunho. Ele representa também esse elemento que permite repensar a história. O testemunho particular de um sujeito destaca uma história comum que pode ser revista, possibilitando também uma projeção para o futuro.

Mais do que o testemunho em si, ganha maior potencialidade a sua transmissão simbólica. Nesse caso, a partir de Jeanne Marie Gagnebin (2006), temos o gesto daquele que ouve, compreende o que é dito e não vai embora. Isso porque o gesto de repensar a história não depende apenas do testemunho, mas daqueles que aceitam passar adiante essas experiências, numa transmissão simbólica. A produção do filme por Carmen Castillo é uma forma de ouvir o testemunho e promover essa transmissão. Além disso, possibilita a Carmen lidar com seu próprio exílio, ao se defrontar com alguém diretamente relacionada aos eventos de 5 de outubro de 1974. Assim, o testemunho permite o confronto com questões tanto individuais quanto coletivas.

Não se trata aqui de investigar a existência ou não do perdão de Márcia Merino. O que importa de fato é sua postura como testemunha, vinte anos depois. O longo período de silêncio permite perceber que, diferente das variantes do perdão em ambiente jurídico, a manifestação do testemunho é imprescindível. O longo silêncio deveu-se ao medo do julgamento, da condenação e das represálias do próprio governo. Em seu retorno, Márcia não é condenada pelas vítimas ou pelos parentes próximos dos desaparecidos, podendo-se inferir que o ato de ouvir o testemunho deve estar isento de condenações. Aqueles que passaram por eventos trágicos devem ser pensados, não no momento de suas vivências passadas, mas no instante de suas elaborações via linguagem. Dialogando com o passado, essas elaborações trazem o impacto no presente, permitindo a revisão da história.

Talvez o caso de Márcia Merino, seu gesto de, finalmente, testemunhar não a reabilite aos olhos dos sobreviventes, já que ela própria deixa Santiago após contar suas experiências. O importante aqui é o cumprimento não só do imperativo do testemunho, mas a aceitação de terceiros de ouvi-lo e, portanto, herdá-lo. Isso porque o ato de testemunhar não depende apenas daquele que narra; o processo está também atrelado à postura do ouvinte, isenta de qualquer tipo de julgamento.

Para Stange (2002), na produção do documentário sobre *La Flaca Alejandra*, Carmen Castillo é levada a suspender todo julgamento. Tal postura vai além do documentário, estando presente também em *Un Jour d'Octobre à Santiago* (1988) e em

Santiago-París (2002b). Carmen Castillo suspende qualquer juízo de valor. *Santiago-París* não se eleva como um tribunal em que Márcia Merino é colocada no banco dos réus. Por mais que vise a reconstituir o caminho que levou ao ataque à casa azul da rua Santa Fé, *Un jour d'Octobre à Santiago*, em nenhum momento, condena *la Flaca* Alejandra. Ao mesmo tempo, as perguntas de Carmen Castillo ao longo do documentário visam a incentivar a fala de Márcia Merino acerca das torturas e de suas próprias atitudes como delatora. Qualquer tom de intimidação inexistente no filme. Muitas conversas ocorrem na casa José Domingos Cañas, espaço em que ela própria foi torturada. Assim, Márcia Merino dá vazão às suas memórias, contando até mesmo seu procedimento em entregar os companheiros ao regime. Assim, entre 1988 e 2002, portanto, Carmen Castillo mantém a mesma postura isenta de julgamentos

A produção do documentário possui uma linguagem específica que permite uma plataforma ao sujeito que deseja testemunhar. Nele, Márcia é ouvida não no sentido de se justificar, mas para trazer à tona vivências que precisam ser conhecidas. O filme não tem por finalidade inspirar o perdão ou justificar as perdas causadas pelas delações. Mais importante do que qualquer juízo de valor é a fala de sujeitos que, à sua maneira, reagiram, ainda que tenham falhado em seus desígnios de resistir à violência. Mais importante do que a busca pela redenção é o relato do horror em suas mais diversas formas. Num clima de negacionismo instaurado e repetido no período da redemocratização, a existência de testemunhos capazes de vencer o próprio medo é fundamental para que o horror não retorne. Com efeito, não se trata de uma plena garantia, mas o silenciamento absoluto, a ausência da memória retira daqueles que pereceram o direito de lembrança.

Nos dizeres de Seligmann-Silva (2003), tal silenciamento representa outra forma de genocídio, pois, além do assassinato dos corpos, por si só um apagamento, apaga-se também a existência do extermínio. O sonho descrito por Primo Levi, o de que as pessoas se levantam e vão embora durante seu relato do inominável foi, inclusive, uma aposta daqueles responsáveis pelo horror. Acreditar na descrença dos ouvintes foi uma estratégia perversamente concebida por sujeitos de ressentimento no âmbito da derrota. Tal situação incita impunidades e negacionismos, ensejando a repetição do ocorrido. A transmissão do testemunho, por sua vez, para além de um cuidado com a memória dos mortos, é também um cuidado com os vivos e um gesto que se direciona para o futuro. Testemunhar é preciso, e apesar de tudo. Apesar do medo e do julgamento, da condenação e da incerteza, desprendida de si mesma, Márcia Merino retorna para falar, contar sua versão ao mundo. O

que diz causa um abalo na história. Seus relatos mostram outra possibilidade de reação à tortura, para além do que se espera de um militante.

Da mesma forma que *la flaca* Alejandra, Carmen Castillo tenta promover o retorno. *La flaca* está diretamente associada aos eventos trágicos de 5 de outubro de 1974, que desencadearam a ruptura de Carmen Castillo com seu país. Esse reencontro pode ser pensado como uma tentativa de rever o próprio passado, de forma a promover o movimento Paris-Santiago. O documentário representa ainda um diálogo de testemunhos, posto que tratam de experiências vivenciadas por ambas.

Em *Santiago-París*, Carmen Castillo conta que, após seu testemunho, Márcia Merino desaparece do cenário público. Pode-se pensar que sua atitude de aparecer publicamente, pedir perdão e dar seu testemunho é uma forma de se reconstruir como sujeito; é um meio de retomar sua identidade deixada para trás ao ser associada à imagem de traição. O diálogo travado entre Mónica Echeverría e Carmen Castillo em *Santiago-París* segue a mesma perspectiva travada no documentário, embora este crie uma centralidade na figura de Márcia Merino. Não se trata de um encontro capaz de aumentar a potencialidade de ambas; diz respeito a novas formas de encarar o passado. O testemunho de ambas contribui também para o país, uma forma de combater a amnésia social do momento da redemocratização. Trata-se, ao mesmo tempo, de um processo individual e coletivo, reforçado pela conjugação de vozes.

Em *La Casa de los Espíritus* (2006), de Isabel Allende, em um dos capítulos mais decisivos, intitulado “La hora de la Verdad”, a narradora, presa em uma cela e torturada, procura retomar suas memórias agradáveis para se distrair. Em dado momento, a figura de sua avó aparece e sugere a ela que passe adiante o seu testemunho, para revelar ao mundo o terrível segredo de tudo o que estava vivendo: “sugeriu-lhe que escrevesse um testemunho que algum dia poderia servir para trazer a luz o terrível segredo que estava vivendo, para que o mundo se inteirasse do horror que ocorria paralelamente aprazível e ordenada dos que não queriam saber [...]”¹⁸⁸ (ALLENDE, 2006, p. 434). Tal testemunho iria de encontro à vida aparentemente normal em um país no qual a história dispunha apenas da voz dos vencedores.

Jeanne Marie Gagnebin, em *Os impedimentos da Memória* (2020), observa que o passado como repetição é patológico por ser uma compulsão, ao passo que o passado como

¹⁸⁸ “Le sugirió, además, que escribiera un testimonio que algún día podría servir para sacar a la luz el terrible secreto que estaba viviendo, para que el mundo se enterara del horror que ocurría paralelamente a la existencia apacible y ordenada de los que no querían saber”.

lembrança possibilita ressignificações. Ricœur (2007) argumenta que não se trata de reconhecer o melhor possível do passado, como desejam os historiadores, mas sim de retomar questões inacabadas, trazendo à tona seus sofrimentos.

Tal gesto diz respeito à dimensão ética e política da memória. Ricœur(2007) insiste em uma relação entre a memória do passado e uma exigência ética, pensando no trabalho da memória “sob a égide de justiça” (Ricœur, 2007, p. 104). Para Gagnebin (2020), a justiça só pode ser pensada no presente, no qual, por sua vez, um passado se encontra inscrito. Há, nesse sentido, que se visitar esse passado para a edificação da justiça.

Por fim, a presença dessas vozes que discorrem acerca da ditadura em uma sociedade tomada pela amnésia e imersa no silêncio enseja essa justiça. São retomadas que lidam com o passado sem a patologia da repetição. Se testemunhar é preciso, confrontar esses testemunhos é fundamental.

5 ENTRE VOOS E PASSAGENS: EXÍLIOS E MEMÓRIAS QUE NÃO SE RENDEM

5.1 “Tintas carregadas”(?): entre diálogos e autocríticas

Em “Interfaces latino-americanas: palavras e intelectuais em trânsito” (2009), Haydée Ribeiro Coelho promove uma análise sobre a interlocução entre Cuba e escritores mineiros nos anos 1960 e 1970 no Brasil. O texto indaga como produções simbólicas de um mesmo período histórico, porém divulgadas em diferentes localidades, podem entrar em conexão. Isso permite um melhor entendimento da interlocução entre o Brasil e os demais países da América Latina. Ao observar, por exemplo, o percurso de França Júnior, sua interlocução com Cuba e a presença dos exilados estrangeiros na revista *Marcha*, o artigo demonstra “um movimento de ideias e diversidade de produções simbólicas que não se anulam, mas geram debates, criam indagações. (COELHO, 2009, p. 292).

Entendo que, num mundo de fronteiras fluidas, esforços nesse sentido são cada vez mais necessários, sobretudo a respeito do período ditatorial na América Latina. No presente capítulo, parto da mesma indagação do artigo supracitado. Embora Herbert Daniel não tenha conhecido Mónica Echeverría e Carmen Castillo, pode-se estabelecer interlocuções entre suas produções. Tal como na conclusão do artigo, as produções simbólicas de pessoas diferentes não se anulam, mas ampliam importantes debates sobre o exílio e o contexto ditatorial latino-americano. Ao mesmo tempo, as interlocuções podem suscitar questões para a própria história, uma vez que os textos apresentam uma atualidade que permite pensar o presente, sem o risco de análises com pretensões de verdades absolutas.

Em “Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida” (1983), Nietzsche, em texto originalmente publicado em 1874, traz uma crítica contundente à história como produção objetiva e posta como saber absoluto. Afirma que, em sua relação com a vida, o excesso de história pode ser danoso. Isso porque a felicidade, ou parte dela, constitui-se com certa dose de esquecimento que conduz todo agir. Nesse caso, é necessária uma parte luminosa e outra escura, sendo inteiramente impossível viver sem esquecimento.

O texto, em evidência, não afirma um esquecimento absoluto. No entanto, critica o excesso de racionalização e a criação de leis impostas pela história nos tempos modernos. Nesse sentido, “o homem moderno acaba por arrastar consigo, por toda parte, uma

quantidade descomunal de indigestas pedras de saber” (NIETZSCHE, 1983, p. 62). A crítica de Nietzsche diz respeito ao fazer histórico como imposição científica. As “pedras indigestas” são as peças do passado, erigidas e colocadas lado a lado, sem qualquer relação entre si. Assim, a noção de objetividade torna a história um conhecimento absoluto.

Assim, a imposição de um sentido histórico destrói a vida, pois o fatural está sempre à procura de justificativas. Para isso, Nietzsche (1983) cita como exemplo a morte prematura de Rafael Sâncio, aos trinta e seis anos. Em uma apologia do fatural, dir-se-ia que o artista apresentou tudo o que possuía até essa idade; se vivesse mais, teria criado coisas semelhantes, repetindo-se. A crítica aqui está não na criação de uma explicação para o passado, mas no entendimento dessa explicação como verdade concreta e absoluta. Esse excesso de racionalização torna as pessoas máquinas de pensar, escrever e falar.

Por sua vez, em *Reflexões sobre o Exílio* (2003), Edward Said sublinha um ponto em comum que permeia a obra dos exilados: as *tintas carregadas*, que consistem numa intransigência por meio da qual o exilado deseja que o mundo aceite sua visão. Essa postura advém da experiência irreparável do exílio. Um exemplo seria Dante Alighieri, que faz da própria eternidade uma forma de acerto de contas. Na *Divina Comédia* (2009), por exemplo, ele coloca seus inimigos políticos no inferno. Assim, o amargor do exílio geraria esse peso nas tintas, que se refletiria na escrita.

Argumento que as obras de Herbert Daniel, Mónica Echeverría e Carmen Castillo, aqui analisadas, não procuram essa racionalização excessiva que geram a imposição de uma verdade, nem adotam, em perspectivas de pessoas exiladas, as “tintas carregadas” ou a intransigência referida por Edward Said (2003).

Em *Passagem*, por exemplo, Herbert Daniel postula, em seu título, a *autocrítica*, deixando-a como *possibilidade*. A construção dos capítulos e a escolha de linguagens que se deslocam distanciam-se das “tintas carregadas”. Ao mesmo tempo, não se busca uma racionalização ou mesmo um juntar de peças descorrelacionadas. Não acumula “pedras indigestas”, artificialmente ordenadas, impostas como verdade. Em seus próprios dizeres, é preciso, sobretudo: “[...] evitar escrever memórias artificiais onde se prova, mesmo sem querer, que se tinha razão. Não quero ter razão. Quero conservar a lucidez” (DANIEL, 1982, p. 35, grifos meus).

As elaborações de Herbert Daniel lidam com memórias fragmentadas, sem a busca por uma explicação absoluta a respeito da ditadura e do exílio. Tanto que há uma atualidade nas questões suscitadas por *Passagem*, sobretudo no que tange ao processo de

redemocratização e a relevância das questões de gênero e sexualidade para a promoção do debate político.

Para Leandro Soares da Silva (2016), a narrativa não esconde esse caráter precário da memorização, de forma que o presente do relato procura recompor o que, em si, já é fragmentado. Isso rompe com qualquer expectativa de “verdade” que se possa esperar do texto.

A conclusão de Nietzsche é a de que se deve legitimar o sentido da existência como que a *posteriori* e não a partir de um passado imposto como verdade, sobre o qual se erige um futuro. Isenta de passado em excesso, esse sentido da existência deve mirar um “para quê” alto e nobre (NIETZSCHE, 1983, p. 70).

Ao afirmar não querer ter razão, Herbert Daniel, buscando conservar a lucidez, não propõe um excesso de passado ou a edificação de uma verdade inabalável diante da qual o leitor se mantém passivo. *Passagem* é uma construção feita pelo autor para ele próprio compreender o presente da situação vivida – o exílio em Paris. Para o leitor, torna-se uma oportunidade de construir experiências a partir de uma linguagem fragmentária sobre um contexto por si só já bastante fragmentário e marcado por rupturas.

Perspectiva semelhante ocorre em *Santiago-Paris*. No prólogo, Mónica Echeverría conta os princípios dessa empreitada da memória junto à sua filha Carmen Castillo. A mãe procura se lembrar de seu passado em um país marcado por grandes reviravoltas políticas e cortes suscitados por ditaduras. O que, num primeiro momento, pode parecer a busca pelo resgate do passado, logo enfrenta barreiras: a memória de Mónica se perde na distância do tempo, na sucessão confusa de vivências. Essa preocupação preliminar com a verdade é imediatamente quebrada por Carmen Castillo que, percebendo uma aparente angústia de sua mãe, afirma: “conte sua vida, mamãe, não importam se os fatos, vez ou outra, se exagerem, nem se seguem uma ordem cronológica exata. Além disso, *qual é a estrita realidade?*”¹⁸⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 9 grifos meus).

Ora, a questão colocada por Carmen acerca da verdade evita as construções de *memórias artificiais*, destacadas por Herbert Daniel; evita, em outras palavras, a prisão em um passado erigido como ídolo, que compromete qualquer construção de futuro. Com esse pressuposto, as memórias se tornam menos carregadas em suas tintas, menos intransigentes em suas escolhas e mais comprometidas com a vida. Tanto *Passagem* quanto *Santiago-*

¹⁸⁹ “Cuente su vida, mamá, no tiene importancia que los hechos a veces se exageren ni sigan un orden cronológico exacto. Por lo demás, ¿cuál es la estricta realidad?”

París se constroem sobre essas bases, colocando-se muito mais a serviço da vida do que das “pedras indigestas” que sofrem de excesso de passado.

Em um misto de pesquisa e testemunho, Pablo Rocca (2009), em “Tempo de Silêncio: notas sobre as letras durante a ditadura uruguaia, 1973-1984”, observa que o registro subjetivo de algum evento visto ou ouvido funciona como relato válido como fragmento de uma totalidade. Nesse sentido, não se pode confundir uma perspectiva com o todo – demasiado complexo para ser apreendido por um sujeito. Além disso, percebe que o uso da primeira pessoa assume um grau de provisoriidade e articulação individual que representa ler um passado ainda pulsante. Percebe-se, em *Passagem e Santiago-París*, esse mesmo registro acerca de uma dimensão das ditaduras brasileira e chilena – o exílio. Ao mesmo tempo, as escritas em primeira pessoa trazem articulações individuais salientadas por Pablo Rocca acerca de um passado ainda por ler.

Para os exilados aqui analisados, é uma postura que permite, ao mesmo tempo, *conservar a lucidez* e manter uma *autocrítica*. Ao discorrer, por exemplo, sobre seus tempos de criança, Mónica Echeverría retoma as memórias do *Herrera*, um espaço paradisíaco, porém perdido por conta de seu primeiro exílio nos anos 1930. Tal sensação de perda é evidenciada na escrita de *Santiago-París*. A própria autora confessa sua dificuldade de se lembrar desse lugar paradisíaco. Não pretende fazer dos tempos do *Herrera* um refúgio diante dos anos que viriam. Ao mesmo tempo, admite a impossibilidade de reviver, via memória, tempos felizes.

O mais relevante é que a sensação de perda reforça a noção de interrupção que representa o exílio. O que, a princípio, pode representar uma idealização, na verdade, reforça o entendimento do exílio como corte, algo que diz respeito a uma interligação entre a vida individual e a história política do país. A experiência do exílio é, em certa medida e dadas as suas variantes, também coletiva. Não há, no entanto, uma tentativa de estabelecer tais eventos como *verdades* inabaláveis. Tanto que, para Carmen Castillo, as memórias vêm de forma confusa, a ponto de questionar a própria ideia de verdade, a princípio desejada pela mãe.

É também possível que a formação em História da filha de Mónica Echeverría tenha pesado nessa asserção, isso porque, desde os anos 1930, a chamada *Escola dos Annales*, sobretudo com Marc Bloch, inseriu a ideia de subjetividade que, de certa forma, diluiu o anseio pela *verdade*, pulsante no século XIX e criticada por Nietzsche.

Observando o caso argentino, Beatriz Sarlo (2006) sustenta que a literatura antecipa o saber sobre o passado, ensejando seu processo de reconstrução. Com efeito, tal reconstrução se fundamenta na qualidade dos textos. Nos casos aqui estudados, observo que os textos oferecem, em sua linguagem, caminhos para se pensar não apenas o passado ditatorial na América Latina, mas também a atualidade, em seu processo de construção democrática.

Nesse prisma, *Santiago-París* traz um jogo de linguagem, no qual as vozes de mãe e filha se alternam ao longo dos capítulos. Esse deslocamento de linguagem diz respeito aos deslocamentos enfrentados por ambas. O subtítulo “o voo da memória” pressupõe movimento. A saída de Santiago e o destino em Paris é o itinerário não apenas das autoras, mas de uma geração. Ao alçar voo, suas memórias estão preocupadas não apenas com o presente, mas também com a construção de um futuro.

Da mesma forma, a construção dos capítulos do livro, de Herbert Daniel, promove deslocamentos de linguagem, pois um aparente relato (supostamente fidedigno) cede lugar aos “contos possíveis”, em que figuram personagens inventados e “fábulas”. Esses deslocamentos denotam sujeitos em movimento. O próprio título *Passagem para o próximo sonho* pressupõe um trânsito. Ao mesmo tempo, a constatação de um presente de sonhos perdidos representa esperança em um futuro de novos sonhos possíveis. A ideia de “próximo” não se refere a algo de curto prazo, mas sim à possibilidade de etapas futuras nas quais novos anseios possam ser concretizados. Assim, os textos trazem em comum a ideia de trânsito, um movimento contínuo localizado para além de suas experiências no exílio.

Segundo Julia Kristeva (1994), em sua imagem sobre o estrangeiro, há certa felicidade em se manter em fuga, em trânsito perpétuo. Trata-se de uma felicidade estranha e cabisbaixa de quem sabe estar sempre em movimento. É o caso dos autores em questão. Por mais que Mónica reencontre seu lugar no Chile e participe de organizações contra a ditadura, ela é um sujeito em movimento. O mesmo pode ser dito com relação a Carmen Castillo: sua participação na resistência à ditadura a partir da organização de clubes de apoio aos exilados em Paris é a atitude de alguém em trânsito, pois visa a contribuir com pessoas que também enfrentam o exílio. Quanto a Herbert Daniel, para além de seu retorno adiado por embargos jurídicos, seus trânsitos permanecem em um país – Brasil – ainda em construção, que deseja encontrar em um próximo sonho.

Defendo que o exílio se encontra impresso na linguagem e na forma das narrativas. Desde os deslocamentos e tensões entre as vozes de ambas autoras em *Santiago-París* até as bruscas transformações na escrita de *Passagem*, destacam-se deslocamentos, próprios de sujeitos em trânsito, sempre às voltas com a necessidade de movimento. Uma inquietude que nasce do diagnóstico da injustiça social e da necessidade de transformações. Trânsito que é também uma característica da conjuntura dos anos de 1960 e 1970. Mas mais do que isso, o exílio, em todos os casos aqui observados, vai além do cenário político em que a fuga se torna um imperativo para a sobrevivência.

Evidencia-se também uma grande preocupação com a memória. O esforço para a escrita de *Santiago-París* parte de Mónica Echeverría, que, numa lembrança conjunta com a filha, promove um diálogo a respeito de seus respectivos exílios. Herbert Daniel não hesita em enfatizar a relevância da memória acerca de eventos que não podem cair no esquecimento.

Sobre o contexto brasileiro, Renato Franco (2003) refere-se a uma “cultura da derrota”, típica do pós-AI-5, na qual os escritores se encontram diante do impasse da necessidade ou não de escrever ou fazer política. A literatura passa a tratar desses impasses diante de um ambiente de censura e violência, o que constituiria uma narrativa desiludida com as possibilidades de transformação revolucionária da sociedade.

Passagem, no entanto, é mais do que simples desilusões. Desenvolvido numa saua parisiense, não é a escrita de um Herbert subserviente às vontades de um partido que suprimia sua sexualidade. Trata-se de elaborações de um sujeito com vivências para além de seu contexto de origem. Nesse sentido, o livro procura subverter memórias voltadas para a derrota, pensando, por um viés autocrítico, em perspectivas para o futuro.

A “passagem” – a princípio, por múltiplos exílios – é, ao final, uma passagem para o próximo sonho, uma referência a futuros em que os sonhos, a princípio apagados, podem ser, em algum momento, retomados. Retomada esta que depende, em grande parte, não de uma memória artificial, ou de um solilóquio em que se prova ter razão, mas em “hipóteses para autocríticas” (DANIEL, 1982, p. 34). Autocríticas que se processam no diálogo e no desenvolvimento das hipóteses. Nesse sentido, a memória, para Herbert Daniel, não se encontra fechada. Ele busca o desenvolvimento de ideias capazes de levar a possíveis diálogos.

Algo semelhante pode ser pensado com relação a *Santiago-París*. O que, a princípio, parece uma memória familiar, circunscrita pelas vicissitudes e conjunturas de

um contexto de violências e silenciamentos, se desenvolve em formato de diálogo: mãe e filha escrevem alternadamente com base em suas lembranças. Diferente de Herbert Daniel, não principiam no momento da ditadura propriamente dita, mas trazem elementos de suas infâncias e, com eles, aspectos das sucessivas gerações chilenas. A escolha de ambas pela resistência a Pinochet e seus posteriores exílios marcados pela tragédia são o marco de cortes e rupturas em suas trajetórias.

A configuração em lamentações pela derrota ganha, assim como em *Passagem*, contornos reflexivos que permitem a revisão da história. Ambos são também manifestações de indignação diante do horror comum ao Brasil e ao Chile. Memórias que necessitam sempre ser retomadas.

5.2 Passados e futuros: entre o individual e o coletivo

Em texto, baseado na conferência inaugural do colóquio internacional “A invenção do arquivo literário II”, Ana Pizarro (2009), analisando a trajetória da escritora chilena Gabriela Mistral no Brasil, realça a pertinência do arquivo literário para a América Latina, no sentido do registro. Isso porque, há, em qualquer tipo de autoritarismo, gestos de manipulação das memórias. Trata-se de uma luta pelo poder no campo simbólico, que passa pela destruição de espaços físicos, como bibliotecas, arquivos e centros de informação. Nesse sentido: “alteram-se documentos, manipulam-se fotografias, constroem-se simuladas evidências e a invenção toma o campo da realidade. Esse foi o gesto do autoritarismo em todo o mundo” (PIZARRO, 2009, p. 353).

No caso da América Latina, há pouca disposição de enfrentamento em relação ao passado ditatorial, que dificulta qualquer processo democrático. É nesse sentido que a América Latina, como arquivo literário, necessita do registro, do testemunho da memória e do documento, dada a precariedade de sua condição histórica (PIZARRO, 2009).

Diante dessa documentação cabe, tanto ao historiador em geral quanto ao historiador da literatura, o trabalho da crítica ao documento presente nos arquivos. Há, no entanto, o perigo do culto ao documento e, por extensão, do passado ao qual ele se refere. Uma atitude, enfim, fundamentalista, que anula a crítica. Para Ana Pizarro, é necessário mobilidade do olhar que não se fixe somente no passado, mas que, num movimento pendular, se mantenha entre o passado, a atualidade e o futuro.

A noção de arquivo, ligada à ditadura, está presente no livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2017), de Eurídice Figueiredo. Para ela, o material dos escritores, ficcionais ou não, pode também ser pensado como arquivo, pois abrange um momento histórico do Brasil e faz o inventário das feridas e cicatrizes que as mortes e torturas provocaram em milhares de brasileiros. Nesse sentido, a literatura pode tanto inventariar a memória desses desaparecidos quanto, no caso das ditaduras, cumprir um papel de suplemento aos arquivos que, apesar de abertos ao público, são de difícil leitura. Assim: “o arquivo é uma estrutura aberta onde se acumulam práticas descritivas” (FIGUEIREDO, 2017, p. 31).

A partir dessas ideias, considera-se tanto *Passagem* quanto *Santiago-París* como arquivos, na medida em que se referem a momentos históricos importantes da América Latina. A promoção do diálogo entre eles reforça percepções de um contexto histórico em particular e do exílio. Ana Pizarro (2009) destaca que o arquivo é uma forma de retomada da memória e que tal ato permite a criação do presente e do futuro, ensejando reflexões que libertam do caráter estático de uma perspectiva apenas concentrada no passado. Mais do que isso, permite pensar em termos de coletividade, de forma que a experiência de um indivíduo pode ser também a experiência de vários. Tais perspectivas vão ao encontro de Lilia Moritz Schwarcz (2019), segundo a qual o enfrentamento do passado é fundamental para a construção de um futuro.

Em seu processo de volta do exílio, Herbert Daniel descobre que sua pena prescreveria em maio de 1981. Em sua carta aberta, afirma estar em questão não o EU, mas a anistia da ditadura, algo importante para toda uma geração no processo de reconstrução da democracia:

em vista das circunstâncias, escrevia na primeira pessoa, já que a continuação do exílio era uma forma ‘pessoal’ de ser discriminado pelo governo militar. E só ‘pessoalmente’ a gente sofre o problema de todo mundo. Esta é a forma de socialização do arbitrário: cada um leva sua porrada: *pessoal* (DANIEL, 1982, p. 227).

Assim, uma experiência coletiva adentra o espaço particular. Arbitrária por si só, a lei da anistia, supostamente coletiva e parcialmente cumprida, atinge individualidades e prolonga exílios. Herbert Daniel, apesar de suas expectativas, compreende a pouca repercussão de sua carta. Recebe um aviso de que pouco poderia ser feito por “seu caso”. Ele contesta, afirmando não se tratar de um “meu”, mas sim de um “nosso”, já que a ditadura é uma questão coletiva. Tal desmobilização é vista como um motivo a mais para continuar falando sobre o assunto, em tom de denúncia:

não é possível dar à ditadura uma colher de chá, para ela fazer desta lei de Anistia cafejeste uma tática vitoriosa. Denúncia, era o que eu pedia. O meu caso, repetia, é só um exemplo para denunciar o caráter desta lei de enganos (DANIEL, 1982, p. 228).

Aspectos individuais e coletivos são confundidos nesse momento. Um amigo de Herbert Daniel define a carta como demasiado “personalista”. Há, aqui, uma individualização de eventos que, na verdade, dizem respeito ao coletivo. Herbert Daniel não pretende a promoção particular de poucos, mas sim a denúncia de leis que afetam muitos, na medida em que, devido às arbitrariedades, atrasam o processo democrático. A existência de poucos “bodes expiatórios” poderia expor a problemática da lei da anistia. Por meio do exemplo de poucos, seria possível denunciar os muitos escândalos da ditadura.

É fato que, tempos depois, ele recebeu uma resposta parcial a tais questões. O *Lampião* publicou sua carta na íntegra e apresentou-a comentando um incidente do CBA (Comitê Brasileiro pela Anistia) que Herbert viria a saber pelo jornal. Um dos presentes, delegado do Ceará, opusera-se à leitura de sua carta por ele ser “apenas uma bicha” (DANIEL, 1982, p. 229). Herbert Daniel deixa claro, no entanto, que esta não é a mentalidade geral do CBA: “que ninguém critique os CBAs por esses acidentes [...] não se acusa uma garganta por causa do câncer que a corrói” (DANIEL 1982, p. 229).

A princípio, concebida para expor a problemática da lei da anistia, o incidente trouxe à tona a relevância de questões de gênero e sexualidade para o âmbito político. Com efeito, deixar o tema de lado ou mesmo reprimi-lo inviabiliza qualquer processo democrático, na medida em que exclui muitas pessoas. Em um artigo intitulado “O corpo como arquivo das repressões” (2018), Suely Quintana argumenta que o corpo traz marcas das repressões sexual e política, de forma que ambos os fatores estão intimamente ligados.

Pode-se afirmar que Herbert Daniel percebe, ainda no início dos anos oitenta, não apenas a relação fundamental entre política e sexualidade: ele intui que o tema seria preterido, no futuro, pelo debate político.

Por sua vez, a estrutura de *Santiago-París* traz uma trama que entrelaça a história familiar e os desenlaces políticos do Chile. Mónica Echeverría e Carmen Castillo evidenciam trajetórias diretamente vinculadas aos movimentos políticos. O apoio aos movimentos contra a ditadura leva, posteriormente, ao exílio de ambas.

Apesar de não se terem conhecido, o autor brasileiro e as autoras chilenas fazem parte da construção da história de seus respectivos países. Seus textos, com suas experiências particulares, são partes constitutivas de um arquivo, na medida em que a

transmissão simbólica de suas experiências permite repensar o debate político e os avanços democráticos. O olhar para o passado e o enfrentamento do mesmo permitem situar o presente e, a partir daí, edificar um futuro.

Para esse processo de enfrentamento, são fundamentais não apenas memórias construídas acerca desse período, mas também memórias que não se rendem e, como tais, formam, juntas, arquivos a respeito da ditadura. Devidamente lidos, humanamente manejados e simbolicamente assimilados podem trazer pistas para se rever, na trajetória desses sujeitos, possíveis trajetórias futuras em termos coletivos, marcadas não pela separatividade do ódio, mas pela unidade do amor que dissolve os exílios já existentes.

5.3 As dinâmicas da sobrevivência

Passagem para o próximo sonho, de Herbert Daniel, parte de 1969, momento em que a ditadura brasileira se torna mais repressiva. Assim como a clandestinidade se inicia para o estudante de Medicina naquele ano, sua narrativa tem como marco inicial a necessidade de sobrevivência: “de repente, naqueles dias, todo mundo deu de sobreviver” (DANIEL, 1982, p. 15). Palavras que surgem no início do primeiro capítulo, marcando o terreno sobre o qual se deseja discorrer. A dinâmica da sobrevivência aparece na escrita de Herbert Daniel como uma grande surpresa. O termo é traduzido como a marca de 1969, quando o estudante de Medicina entra na clandestinidade.

A dinâmica da sobrevivência refere-se ao processo de resistência a uma ditadura imposta ao Brasil com mãos de ferro. Nesse contexto, as organizações armadas se viram às voltas com a sobrevivência na clandestinidade. Essa dinâmica representa uma forma de exílio, pois implicava em deslocamentos não apenas físicos – a obrigatoriedade de, constantemente, mudar de endereço –, mas também identitários: os indivíduos necessitavam alterar o nome, forjar um novo “eu” com uma história particular convincente. Isso demandava muito da criatividade e uma boa capacidade de memorização. Nessa dinâmica da sobrevivência, há um método de ficcionalização, de concepção de “estórias” associada, também, a uma dose de esquecimento. Coisas e nomes são deixados a partir das necessidades de mudança, numa vida que passa a ser descontínua (DANIEL, 1982, p. 36).

O ato de “apagar os rastros”, presente no poema “Apague os rastros”, de Brecht, é aqui interpretado como a destruição das marcas deixadas para trás pelos sujeitos em fuga e

capazes de deixar pistas para os perseguidores. Diz respeito mais diretamente ao contexto latino-americano.

Referindo-se ao caso chileno, Carmen Castillo, em *Un Jour d'Octobre à Santiago* (1988), traz o desespero da resistência quando se sabia da queda de um companheiro. Apagar as pistas era fundamental, pois, na ausência de *qualquer assinatura* ou *retrato* de quem estava presente – um sujeito que *nada falou* –, não poderiam ser apanhados.

Huyssen (2014), ao tratar de memória e esquecimento, pensa em um binarismo, uma oposição muito desfavorável ao segundo, sempre tratado como resultado de displicência. Esquecer não seria uma atitude para metafísicos, constituindo-se em grande perigo. No caso da dinâmica aqui referida, o esquecimento ganha dimensão de condição para a sobrevivência. Herbert Daniel procurava esquecer os rastros registrados em sua memória. Isso porque os endereços memorizados poderiam ser extraídos em sessões de tortura. Para o autor de *Passagem*, tais sessões são um método não apenas de investigação, mas de produção de verdades, extorquidas com “rigor, paciência e sangue” (DANIEL, 1982, p. 39). Por isso, passou a se esforçar no sentido de esquecer, por exemplo, os dados de seus pais. Com o tempo, compreende que os mesmos dados mnemônicos facilitadores da recordação poderiam apagar dados indesejados:

assim, quando sabia, por exemplo, um número de telefone que queria esquecer, aplicava-me a confundí-lo, exatamente da mesma maneira como se decora. Por exemplo, associando entre os números operações matemáticas, ou similitudes encontradas ao azar. O resultado: acabava decorando vários números hipotéticos, inúteis. Depois de alguns dias esquecia mesmo, irremediavelmente (DANIEL, 1982, p. 42).

Santiago-París, por sua vez, não tem como ponto de partida a ditadura chilena dos anos 1970, mas sim o início da vida das autoras. Em “La cordillera de la infancia” – o primeiro capítulo –, vemos tanto descrições do Chile quanto da própria família das autoras. Embora, por exemplo, Mónica Echeverría se refira a um momento muito afastado no tempo, os anos 1920, essas memórias, aparentemente lineares, são quebradas por referências à ditadura. Da mesma forma, Carmen Castillo, ao discorrer sobre a *Quinta*, sua casa da infância, não evita referir-se aos eventos trágicos que ocasionaram seu exílio definitivo.

Nesse sentido, em *Santiago-París*, por mais que não trate, a princípio, dos eventos da ditadura chilena, seus efeitos repercutem na memória, no presente da enunciação: em

Mónica Echeverría, temos o corte representado pelo exílio, que, de certa forma, dificulta a reconstrução do passado.

O esquecimento emerge, aqui, não como uma necessidade de sobrevivência, mas como resultado de sucessivos cortes ocasionados pela trajetória política do Chile. Essa primeira parte de *Santiago-París* funciona como uma prévia daquilo que, posteriormente, se torna uma “dinâmica da sobrevivência”, conforme descrito por Herbert Daniel.

O exílio de Mónica Echeverría e Carmen Castillo começa dentro de seu próprio país, situado na angústia de uma nação tomada pela violência. Vive-se um estado de guerra, com pessoas detidas no estádio nacional e sem contato com suas respectivas famílias. Segundo Mónica Echeverría, impera o “[...] toque de recolher, a censura total da imprensa, a restrição de toda reunião com mais de cinco pessoas e nem sequer os detidos com direito a *habeas corpus*”¹⁹⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 155).

Mónica considera o isolamento e o receio de sair de casa. As esperanças de uma estratégia da esquerda para lidar com a situação logo desaparecem. Muitos líderes tinham sido expulsos e outros assassinados. Apenas o MIR (Movimento de Esquerda Revolucionário) ordena a permanência de seus membros no país para a preparação da resistência: “caro lhes custará essa estratégia, pois os aparatos de segurança destruirão esses focos e os aniquilaram algum tempo depois”¹⁹¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 159). Mónica Echeverría passa a oferecer refúgio também para pessoas perseguidas, em uma situação na qual todo latino-americano corre perigo.

Nesse sentido, a dinâmica da sobrevivência assume os mesmos aspectos, tanto no Brasil quanto no Chile. A sensação de insegurança, as perseguições, o medo da prisão, a derrota iminente, tudo se agrupa em ambos os cenários, promovendo um corte no cotidiano das pessoas. Mónica descreve a invasão dos agentes do governo a sua casa, em busca de sujeitos tidos como subversivos. O objetivo é, claramente, de intimidação. Em uma segunda invasão, um empregado da casa é levado. Dois meses depois, por intervenção de Jaime Castillo, cunhado de Mónica e advogado, é resgatado. Já em casa, relata cenas de horror, em que o levam a cavar sua própria cova.

Tal evento, aliado à certeza de que um governo autoritário e violento havia se estabelecido, leva Mónica Echeverría a decidir cooperar com a resistência. Nas semanas

¹⁹⁰ “[...] toque de queda, censura total de prensa, restricción a toda reunión de más de cinco personas y ni siquiera los detenidos con derecho al ‘habeas corpus’”.

¹⁹¹ “Caro les va a costar tal estrategia, pues los aparatos de seguridad destruirán estos focos teica y los aniquilarán algún tiempo después.”

posteriores ao golpe, ela recebe um telefonema de sua filha Carmen pedindo refúgios clandestinos para os perseguidos da ditadura. Com velhas tias dispostas a correr esse tipo de risco e das quais ninguém suspeitaria, Mónica passa a encontrar clandestinamente novas pessoas ameaçadas. Estas são encontradas na saída da escola, quando há movimentos cotidianos e sem suspeitas, em supermercados e salões de beleza. Aos poucos, com os êxitos se sucedendo, ela recebe missões cada vez mais perigosas. Nesse cenário, caem vários Miristas (componentes do grupo revolucionário remanescente), ao mesmo tempo que notícias de torturas e mortes chegam. Diante do pressentimento do pior, Mónica e Fernando decidem sair do país.

Assim como Mónica Echeverría, Carmen Castillo trata também dos encontros clandestinos com sua mãe para a transferência de dinheiro e de instruções referentes à fuga dos perseguidos políticos. Como em Herbert Daniel, há aqui a percepção da clandestinidade como espaço de sobrevivência. Tal processo, pensado como dinâmica, envolve, assim como em Herbert Daniel, uma atuação às escondidas e um medo constante da prisão.

Um aspecto, que diferencia a atuação de Herbert Daniel, Mónica Echeverría e Carmen Castillo, diz respeito às tarefas desempenhadas: enquanto Herbert Daniel atua diretamente no assalto a bancos e sequestros de embaixadores estrangeiros, Mónica Echeverría se volta para o auxílio na fuga de perseguidos políticos. Os encontros às escondidas dizem respeito àquilo que defini, a partir de Ana Maria Machado, como a “periferia dos acontecimentos”. Carmen Castillo, por sua vez, era esposa de Miguel, líder do MIR, o que a colocava em uma posição de destaque.

Ao passo que Mónica apresenta detalhes em suas descrições, Carmen Castillo evoca imagens, talvez como forma de lidar com as situações. Em meio à lembrança da dor e da clandestinidade, da necessidade de resistir e, ao mesmo tempo, sobreviver, surge a imagem de um Natal clandestino (*Noel clandestin*), momento de alegria em que o medo não existe. Carmen Castillo busca na união uma forma de afastar o medo.

Nas reflexões elaboradas junto à Mónica para *Santiago-París*, Carmen percebe que, naquele momento, a tensão que de fato tomaria conta do cotidiano chegaria mais tarde e aos poucos. Mesmo assim, sua perspectiva como militante é a de não se abater pelo desespero, posto que ainda restavam fulgores de vida, a despeito da máquina de matar que era a ditadura (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b).

As dinâmicas da sobrevivência aqui referidas assumem, num primeiro momento, um aspecto de apagamento: é o esquecimento necessário em Herbert Daniel; é a necessidade dos encontros clandestinos, em Mónica Echeverría e Carmen Castillo; é o medo permanente que ronda todas as ações, exigindo cautela. No entanto, há ainda fulgores de vida que refletem aquilo que Didi-Huberman traz em *Sobrevivência dos Vagalumes* (2014), referente a um desaparecimento aparente, porém não absoluto, seguido de uma ressurgência. Em outras palavras, o que, a princípio, soa como uma perda de esperança, o desaparecimento dos indivíduos, é, na verdade, um apagar de luzes momentâneo. As mesmas luzes têm a capacidade de ressurgir em outro lugar. É o caso dos exilados, que desaparecem de seu cenário de origem, para reaparecerem em outro espaço ainda ativos e dispostos a ressignificações.

A despeito, portanto, das ditaduras estabelecidas a partir de 1º de abril de 1964 no Brasil e 11 de setembro de 1973 no Chile, havia ainda sujeitos que, rodeados pelo medo e ameaçados de desaparecimento, continuavam emitindo seus sinais. Em todos os casos, temos o medo da morte, mais evidente em Carmen Castillo, que acaba por romper com seu país.

A re(escrita) dessa história, muitos anos depois, é uma forma de ressurgência. Percebo que os sucessivos cortes presentes na narrativa de Carmen Castillo – isto é: a sobreposição dos eventos – permitem compreender o corte que representam a violência de Estado, a clandestinidade e, sobretudo, o próprio exílio. O mesmo pode ser dito em relação a Herbert Daniel. *Passagem para o próximo sonho* é, antes de mais nada, um acerto de contas com o passado, a compreensão do corte não apenas na trajetória de indivíduos isolados, mas sim em âmbito coletivo: no fundo, uma interrupção da marcha democrática.

Em Carmen Castillo, evidencia-se a dificuldade da volta, obscurecida sobretudo pelo trauma da violência de Estado, que a atinge diretamente. Entendo que a ideia de “dinâmica da sobrevivência” não se restringe ao espaço da clandestinidade. Ela se estende para além da atuação dos sujeitos em seus respectivos países, mantendo-se mesmo no exílio. Nesse sentido, a imagem do reaparecimento dos vaga-lumes é significativa, no sentido de sugerir uma dinâmica aparentemente destruída no momento de seu apagamento. No entanto, os sujeitos prosseguem, reaparecendo em outro lugar e ainda emitindo os seus sinais. A imagem dos vaga-lumes é cara a essa perspectiva, na medida em que permite pensar o contexto do exílio como um apagamento momentâneo, porém não definitivo, da percepção do observador.

O próprio exílio, no entanto, possibilita aos indivíduos repensarem suas posições. Nesse processo, permanece a dinâmica da sobrevivência, aqui pensada não como artefato ou sinônimo de derrota, mas como *modus operandi* para a edificação de memórias que não se rendem. Trata-se, portanto, de dinâmicas da sobrevivência, com os mais diversos caminhos. Daí a importância da diversidade de experiência no exílio.

5.4 Exílios heterogêneos

De fato, há diferenças em relação aos exílios e aos exilados. Não se pode deduzir leis aplicáveis a todos os casos. Analisando as trajetórias de Herbert Daniel, Mónica Echeverría e Carmen Castillo, observam-se variáveis como gênero, classe social, formação, colocação profissional e conhecimento da língua estrangeira como relevantes para o formato da dinâmica pela qual os sujeitos exilados irão passar.

O gênero é um fator determinante para os vários exílios e para a atuação política dos sujeitos. No caso de Herbert Daniel, ser homossexual o coloca à margem da atuação política junto à militância. Isso porque há, de acordo com Susel Oliveira da Rosa (2013), uma conformação da militância ao estereótipo masculino, tornando o feminino um apêndice, ou simples auxiliar. O próprio Herbert Daniel cerceia sua (homo)sexualidade, vista como incompatível com o movimento. Em determinado momento, pondera: “não devo ser bom candidato a revolucionário já que não querem me engajar [...] às vezes é que sou homossexual e eles não aceitam gente assim” (DANIEL, 1982, p. 86).

Percebe que a condição para a militância era o esquecimento de sua sexualidade. Essa postura se dá durante sua atuação na clandestinidade, o que já demonstra uma exclusão levada a cabo pelo próprio movimento revolucionário. Para este, questões de gênero e sexualidade eram de foro íntimo e seriam imediatamente resolvidas com a revolução. Prevalecia o argumento de que o conflito empreendido visava a resolver questões práticas de ordem coletiva. Nesse caso, não caberia a presença de problemas pessoais. É nesse momento que o apelido de “pequeno-burguês” torna-se ofensa para qualquer militante, pois significava alienação e busca pela solução de questões particulares, prescindindo das práticas – verdadeiro foco da revolução.

Ao mesmo tempo, a ocultação de sua homossexualidade não deveria ser pacífica. A partir de entrevistas com ex-militantes, James Green (2018) assinala, por exemplo, uma

certa preferência de Herbert por alguns companheiros, de forma que, como líder, ele nem sempre escolhia os melhores para acompanhá-lo em uma tarefa. Fazia-o apenas para estar ao lado de alguém, uma maneira de manter um relacionamento platônico com homens pelos quais se sentia atraído. Nesse sentido, a intensa amizade dedicada a determinados militantes proporcionava uma intimidade reconfortante nos momentos de tensão, breves refrigérios para sua sexualidade reprimida. Além disso, como não queria se ver marginalizado pelos companheiros, forjava imagens cotidianas de heterossexualidade, chegando mesmo a convencer algumas pessoas.

Para James Green, há um contexto de heteronormatividade revolucionária compulsória na militância, tendo no masculino um elemento central da luta. Assim, são compreensíveis as atitudes de masculinidade de Herbert Daniel, com o fim de "afirmar a sua heterossexualidade e evitar sua marginalização pelos camaradas" (GREEN, 2018, p. 190). Essa tentativa de ficcionalização e o esquecimento de sua sexualidade são formas de exílio, que Herbert Daniel entende como o *degrado na homossexualidade*.

No espaço do exílio em Paris, Herbert Daniel se dá conta da relevância do tema e do peso do mesmo para a atuação política. A sauna para homossexuais, além de ser um lugar clandestino, acentua, no caso de Herbert Daniel, uma exclusão dupla. A mesma negligência à sexualidade permanece tempos depois. Pretendendo organizar uma discussão acerca do gênero com a militância estrangeira, o tema é recusado pela esquerda e considerado sem importância, ou mesmo irrelevante para a discussão política. O teor dos argumentos demonstra que, ao longo dos anos, poucos avanços tinham ocorrido a respeito do tema.

Situações semelhantes de marginalização podem ser observadas na trajetória de Mónica Echeverría. Sua infância e adolescência em um contexto aristocrático do Chile são marcadas por valores que delimitam os papéis masculinos e femininos, respectivamente, aos âmbitos público e privado. A trajetória feminina é previamente estabelecida, de forma que o futuro não passava pela universidade.

Nesse sentido, espera-se que as meninas sigam um caminho de boa educação e boas maneiras, aprendendo o francês (idioma dito civilizado) e, posteriormente, o inglês. Uma sólida instrução religiosa sugere uma vida pia e resignada, própria de personalidades obedientes. As ações de tocar piano e bordar dizem respeito a tarefas restritas ao âmbito doméstico, para o qual a mulher é determinada. Tudo isso deve ser alcançado aos dezoito anos, sem a continuidade de uma carreira. Nesse sentido, a educação visa a formar

mulheres para um mundo masculino. Desde a infância, no entanto, Mónica apresenta pequenos gestos de resistência no internato, passando pelo mau comportamento no colégio de freiras, pelo ódio das aulas de balé, até pela não aceitação das transformações em seu corpo na adolescência.

Segundo Guacira Lopes Louro (2008), “um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’. Isso é próprio da viagem na direção planejada” (LOURO, 2008, p. 16). Desse modo, para além dos conselhos domésticos, temos também um trabalho pedagógico inserido no cotidiano e marcado por repetições que levam o indivíduo a assimilar sua viagem como natural.

O valor dos gestos de resistência de Mónica Echeverría (por mais, que, tempos depois, haja uma conformação) está na possibilidade de se questionar esses papéis tidos como a-históricos e imutáveis. Assim, nos mesmos elementos culturais utilizados para a imposição de uma “viagem na direção planejada”, encontra-se a possibilidade de resistência: o mau comportamento no colégio de freiras, o ódio às aulas de piano e balé e a preferência por ser pirata e a busca por aventuras significa romper com o roteiro previamente imposto antes do nascimento, ou mesmo alterar a rota da viagem.

Viagem que prossegue ao final dos estudos. Já próxima aos dezoito anos, ao manifestar o desejo de ir para a universidade, a oposição das amigas é veemente, afirmando que ela se depararia com pessoas de classe baixa e que ninguém se casaria com ela. Da mesma forma, seus irmãos ignoravam-na em suas discussões intelectuais, considerando-a uma jovem frívola do colégio de freiras. Quando Mónica Echeverría manifesta seu desejo de cursar uma universidade, promove uma quebra do discurso acerca do feminino. Escolher a universidade significa, aos olhos dos demais, por em xeque a instituição do casamento, para o qual o corpo feminino é culturalmente direcionado.

A experiência posterior da maternidade não traz deslumbramento, mas sim cerceamento da liberdade. Em seguida, as obrigações de esposa e mãe são repetidas por sua família diante de uma oportunidade de aperfeiçoamento profissional, aberta pelo concurso para professores de Literatura na Espanha. A despeito das imposições, ela segue adiante em sua viagem de aperfeiçoamento, embora retorne ao final. Assim, sua resistência se confirma tanto nos desejos pessoais quanto no próprio ato de se opor ao roteiro imposto ao feminino. Tais atitudes descortinam uma lógica passível de questionamento. Os gestos de Mónica Echeverría encontram-se no cotidiano, compõem sua vida.

Na trajetória de Carmen Castillo, antes da ditadura civil-militar, chama atenção as relações de amizade por ela estabelecidas com colegas de escola. Percebendo essas relações próximas, as famílias nutrem desconfianças e criticam esse vínculo. Carmen descreve os sarcasmos de Mónica e os olhares preconceituosos das famílias. O receio de que dessas amigadas surgissem relações homossexuais compromete os laços entre as meninas. Assim, por mais que Mónica cultivasse um espírito de liberdade, trazia ainda pensamentos e atitudes que confirmam uma lógica de dominação masculina.

Isso porque a exclusão das mulheres do campo da amizade inviabiliza sua presença no âmbito público, dominado pelos homens, que, em conjunto e mutuamente protegidos, circulam e comandam. Para Susel Oliveira da Rosa (2013), tal exclusão reafirma a força masculina e patriarcal, assegurando ao homem o espaço público e confirmando a mulher no espaço privado.

A ligação de Carmen com suas amigas traz à tona a amizade feminina, sempre tida como inviável. A permanência dessas companhias funciona para ela como prazeres interditos. Cultivando a amizade ao longo de sua trajetória, Carmen se encontra, na fase adulta, com Beatriz Allende, figura que, para ela, representará apoio e guia.

O que chama atenção em seu exílio é sua situação fora do Chile, após a morte do marido Miguel Enríques, líder do movimento revolucionário. Após os eventos de 5 de outubro de 1974, Carmen se exila definitivamente. Tempos depois, na Europa, ela passa a ser conhecida como a “viúva heroica”. Requistada em vários eventos a respeito da política chilena e da resistência, está sempre à sombra da figura masculina. “O que há de heroico em ser a viúva de um herói?” (CASTILLO & ECHEVERRÍA, 2002b, p. 195), indaga ao constatar o apagamento de seu papel e de sua trajetória, de forma que sua identidade e atuação na militância são deixadas de lado. Concentrada na imagem do líder morto, a resistência preocupa-se com o padrão masculino, relegando Carmen a um lugar de marginalidade.

Os olhares de compaixão dos companheiros incomodam-na, a ponto de ela se fechar perante todos. Sua condição de mulher, nesse caso, a coloca em um lugar que inviabiliza sua atuação política, tal como procedia no Chile. Aqui, Carmem conhece um espaço de marginalização, vivendo um exílio dentro de outro.

Em todos os casos aqui observados, os papéis de gênero, as imagens por eles ditadas constituem-se, para os sujeitos, em formas de exílios que, no cotidiano, são confrontados de formas diferentes. Herbert Daniel, por exemplo, no espaço da militância,

oculta sua sexualidade, já que esta era incompatível com o movimento revolucionário. O mesmo não ocorre com Mónica Echeverría. Em sua infância e adolescência, toma atitudes que contradizem a imposição dos padrões masculinos, embora mantenha preconceitos que confirmam essa mesma imposição. Carmen Castillo, por sua vez, sente o incômodo de ver sua identidade subordinada à figura do marido morto. Sua atitude de recusar os gestos de luto representa uma forma de protesto.

Embora não trate dessas questões nos tempos da clandestinidade, Herbert Daniel passa a abordá-las nos anos 1970, em seu exílio em Paris. Ele percebe a relevância das questões de gênero e sexualidade para a discussão política, sem as quais prevalece a exclusão de certos grupos, conforme observado.

Outro fator que marca diversidades na experiência do exílio é a classe social. Herbert Daniel é oriundo do que podemos denominar como classe média, em Belo Horizonte. Antes de entrar na clandestinidade, era estudante de Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais. Sua vida antes da ditadura é de estudos constantes e participações como vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da referida instituição. Na contracapa de *Passagem*, se descreve como um sujeito dispensado do exército, estatura baixa, cabelos encaracolados, olhos castanhos e homossexual. Sua figura não condiz com a posição por ele assumida na militância.

Seu exílio em Paris é marcado por grandes problemas financeiros, tanto que trabalha como porteiro em uma sauna. Nesse lugar, sofre assédios durante a escrita de grande parte de *Passagem*. A aceitação desse tipo de trabalho se deve exatamente às suas condições financeiras. Tal situação é ilustrada pelo conto “Emprego”. Nele, figura o personagem Roberto, um exilado que busca, em solo estrangeiro, uma fonte de renda. Vivendo por um tempo em Paris e com sua bolsa de estudos acabando, procura um trabalho.

Incapaz de encontrar algo compatível com suas habilidades e diante da necessidade de sobreviver, não seleciona algo atrelado a seu campo de estudo; simplesmente precisa de salário. Naquele lugar, há apenas trabalhos manuais. No fundo, "a planificação da sobrevivência de Roberto obedece às leis da transitoriedade do exílio". Isso significa trabalhar por um período até ser demitido ou pedir demissão. Depois disso, teria direito à *securité sociale*, pela qual receberia auxílio-desemprego. Trata-se de um período de suspensão e desespero, no qual a busca por um novo trabalho é constante, uma situação em que "o dinheiro que se recebe é suficiente apenas para subsistir" (DANIEL, 1982, p. 201).

Assim, a necessidade de elementos básicos para o dia a dia, como aluguel e alimentação, tornam o exílio um espaço de poucas oportunidades de aperfeiçoamento profissional.

Mónica Echeverría, por sua vez, advém de uma família aristocrática do Chile e detentora de influências econômicas e políticas. Nos anos 1920, Eliodoro Echeverría (avô de Mónica) era dono do jornal liberal *La Nación* e presidente do senado. Em 1927, o país passa por sua primeira ditadura, com o governo de Carlos Ibañez. Isso leva à destituição de Eliodoro de seu cargo e à perda de seu jornal, que passa para as mãos do governo para ser usado como plataforma de propaganda. Incapaz de permanecer no país, a família embarca para a Europa. Apesar da tensão da mudança, não há dificuldades financeiras. A família, inclusive, nutre grandes expectativas, vendo na Europa um lugar melhor para a educação dos filhos. No processo da viagem, as crianças, dentre elas, Mónica, seguem felizes, crendo embarcar em uma grande aventura.

Já em 1974, fugindo dos riscos do governo Pinochet, Mónica se exila na Europa junto com o marido. Em ambas as circunstâncias, ela se depara com uma condição econômica confortável. Em nenhum momento de *Santiago-París* há referências a problemas financeiros. Naquele mesmo ano, seu marido, arquiteto formado e ex-reitor da Universidade Católica, recebe uma proposta para lecionar na Universidade de Cambridge. Não há, nesse caso, problemas de colocação profissional, ou mesmo de aperfeiçoamento nesse sentido.

Carmen Castillo, por sua vez, se depara com situações privilegiadas em sua trajetória no exílio. Com o governo de Salvador Allende, ocupa uma posição muito próxima ao poder estabelecido. A proximidade com Beatriz Allende confere a ela mais flexibilidade e alternativas, em comparação com a trajetória de Herbert Daniel. É o que se observa em seu traslado para Cambridge, após o ataque à Casa Azul da rua Santa Fé. A intervenção do papa pressiona a ditadura de Pinochet, viabilizando a saída de Carmem para a Inglaterra, em 1974. Dois anos depois, já em Cuba, ela se reconhece como privilegiada, pois outras mulheres, em sua mesma situação, não obtiveram permissão para deixar o país.

Outro elemento relevante é o conhecimento prévio da língua estrangeira. Herbert Daniel encontra problemas com o francês. Devido a um conhecimento escasso do idioma, vê-se inserido em um ambiente ainda mais hostil. O conto “Sexto andar” traz um jovem e suas dificuldades de lidar com vizinhos pouco dispostos a compreender sua situação de estrangeiro. A partir do conto, percebem-se as barreiras enfrentadas por Herbert Daniel em lidar não apenas com a língua, mas também com a cultura francesa. A cena cotidiana em

que a vizinha do andar inferior reclama de uma “invasão de privacidade” em que o jovem deixa cair água em sua janela é emblemática no sentido da impossibilidade de apreensão completa dos sentidos. Sem isso, o diálogo inexistente, imperando o mal estar. Nesse sentido, torna-se difícil encontrar pessoas disponíveis para uma conversação. Ele enfatiza, por exemplo, o uso do *vous*, que, para um iniciante, demanda tempo para pensar na conjugação correta do verbo. Isso leva à perda da ideia pretendida. Na situação de nervosismo, o personagem utiliza o *tu*, tido pela vizinha como ofensivo.

Em *Memórias das mulheres do exílio*, (COSTA et al., 1980), Arlete – brasileira exilada na Europa – refere-se à língua como um problema no exílio. Ela se vê limitada em suas possibilidades de expressão. Em seu caso, foi para um país que não falava uma língua latina, o que, da sua parte, exigiu grande esforço e adaptação: “viver todo tempo tão limitada e sentir-se tão tonta! A expressão da ideia que você tem se reduz ao vocabulário que você domina, e isso oprime, restringe sua liberdade. Todo esse outro mundo, o peso dessa cultura desconhecida... você se sente impotente” (COSTA et al., 1980, p. 316). Essa é a mesma sensação de impotência descrita por Herbert Daniel. A falta do vocabulário, a necessidade da busca de palavras, e a limitação do pensamento a palavras conhecidas traz uma restrição à liberdade.

Restrição que não representa embargos para Mónica Echeverría e Carmen Castillo. Na infância, Mónica Echeverría passou pela experiência do exílio, vivendo por um tempo na França e na Inglaterra. O contato com ambos os países lhe permite assimilar ambos os idiomas a ponto de, aos seis anos, esquecer parte do espanhol e, na volta ao Chile, ser motivo de vexações diante de seus colegas de escola. Falante fluente de ambas as línguas estrangeiras, as transmitiu aos filhos, que cresceram numa relação praticamente natural com essas línguas. Em *Santiago-París* não há, afora a passagem da infância citada por Mónica, qualquer problema referente ao idioma do país de exílio; tanto que, na volta para a América Latina em 1978, Mónica Echeverría se confessa bastante adaptada à Inglaterra, a ponto de não se acostumar a Caracas. O domínio da língua, nesse caso, facilita essa adaptação, ampliando sua capacidade de trânsito.

O mesmo pode ser dito com relação a Carmen Castillo. O francês lhe é tão familiar que é o idioma escolhido para a escrita de *Santiago-París*. Seus deslocamentos não esbarram na barreira da língua. Para ambas, portanto, o idioma estrangeiro não representa um empecilho.

Estamos, aqui, muito longe da “hospitalidade radical” de que discorre Jacques Derrida (2003), que, num contexto de trânsitos mais intensos, seria o ideal. A exigência de que o sujeito fale a língua estrangeira representa uma violência, na medida em que limita as possibilidades de expressão daqueles que não a dominam. O ambiente estrangeiro torna-se ainda mais inóspito quando não se domina a língua local, marcando uma heterogeneidade entre os exilados.

Assim como há uma variedade de exílios, prevalece uma heterogeneidade nas experiências dos exilados. Seu condicionante diz respeito sobretudo ao gênero, às classes sociais, às etnias e à formação e conhecimento de línguas estrangeiras. O exílio, portanto, não é uma experiência homogênea. Maria José de Queiroz, em *Os Males da Ausência* (1998), demonstra, em uma sucessão de análises acerca de exilados ao longo da história, como o exílio pode ser sentido de formas diferentes, indo da angústia e decepção para alguns, à glória para outros – a exemplo de Victor Hugo. Suas observações nos permitem perceber as variações de experiências entre exilados diferentes.

Embora encontrem muitos pontos em comum, a exemplo das questões de gênero que, em grande parte, determinam as trajetórias dos sujeitos aqui estudados, há, entre eles, sobretudo as diferenças econômicas. Por mais que todos eles optem pela resistência às ditaduras em seus respectivos países, suas atuações terão alcances diferentes, resultantes tanto da influência das famílias, quanto de suas bases educacionais.

A despeito das heterogeneidades, o ponto em comum está no entendimento a respeito tanto da política quanto da resistência. Em Carmen Castillo: “a verdadeira política deveria aceitar a existência de cada um com sua personalidade inteira”¹⁹² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 220). O mesmo é pensado por Herbert Daniel, ao associar política e sexualidade.

A resistência, por sua vez, é entendida por Carmen Castillo como pequenos gestos cotidianos acumulados. Gestos que são a tônica de *Passagem para o próximo sonho e Santiago-París* e que, muitas vezes, vão além do próprio combate às ditaduras instauradas em seus respectivos países. Os donos desses gestos, no entanto, se deparam constantemente com a solidão, que, não raro, encontra-se também atrelada à política. Expressão repetida ao longo da tese.

¹⁹² “La vraie politique devrait accepter l'existence de chacun avec sa personnalité entière”.

5.5 Solidão, política e silenciamentos

A solidão é uma das bases constitutivas de *Passagem para o próximo sonho*. Os títulos dos capítulos: “SÓ”, “S.Ó.S” e “SOLO” permitem intuir uma trajetória solitária. A organização do sumário, no entanto, gera estranhamento: não há a indicação das páginas. Isso quebra as expectativas com o que se espera de um sumário: o indicativo do início dos capítulos. Nesse sentido, ao destacar a solidão no exílio, o sumário leva a pensá-lo como falta de direcionamento ou localização, carência de pontos de partida, representado pela supressão da indicação das páginas. Essa construção imprevisível do sumário pode também apontar para a imprevisibilidade do próprio exílio, já que este envolve o contato com o desconhecido. Pode-se argumentar, portanto, que o texto de Herbert Daniel tem início em seu sumário organizado.

Segundo James Green (2018, p. 257), no capítulo “SÓ”, Herbert Daniel introduz a ideia de exílio interno, algo não pessoal, porém coletivo naquele momento. Trata-se, aqui, do isolamento político, marcado pela incapacidade da oposição radical de travar um diálogo com o povo brasileiro e de estabelecer discussões entre seus próprios membros, muito discordantes entre si. Isso leva o movimento a uma solidão do discurso, ao passo que, por sua vez, a ditadura mantinha um monólogo com a população, impondo limitações e censuras.

Herbert Daniel se refere às discordâncias entre membros da direita como um “intervalo”:

Divergências enormes sobre a preparação: uns diziam que a “preparação” era a formação de uma coluna guerrilheira no campo; outros que era a formação de destacamentos – armados ou não – junto às massas... Não importa que solução se propusesse. Havia um acordo tácito: estávamos na *preparação*. Um momento pré-político! Vivíamos um intervalo (DANIEL, 1982, p. 22).

Ao mesmo tempo, ele indaga se nessa preparação não estaria o início do verdadeiro exílio. Esse intervalo pode ser traduzido pela impossibilidade de diálogo não só com a ditadura (combate previamente perdido), mas também no interior do próprio movimento. As tantas divergências provocavam aquilo que os militantes denominavam “rachas”, separações, cismas que enfraqueciam os grupos.

James Green (2018) observa ainda que a seção “S.Ó.S.” apresenta uma guerrilha descolada da realidade. O termo do título refere-se tanto à solidão própria da esquerda,

quanto à sua necessidade de socorro, em um momento no qual a causa da luta parecia perdida. Trata-se, portanto, de uma esquerda revolucionária carente de um auxílio jamais presente. Solitários, os grupos estariam fadados ao fracasso, mantendo acesa apenas a necessidade de sobreviver.

O “S.Ó.S” remete também à solidão acompanhada do próprio Herbert Daniel, na repressão de sua sexualidade. Ocultando e fingindo sentimentos, fugindo, criando personagens e se escondendo, ele se encontra não apenas em um movimento, por si só, solitário no cenário político, mas se depara com uma solidão no interior de um movimento que marginaliza aqueles que não se enquadram no padrão de revolucionário. Trata-se, em suma, de uma solidão dentro de outra, muito mais profunda porque silenciada, aquilo que ele próprio denomina como “degrado na homossexualidade”. Tanto que Herbert Daniel afirma que “não há pior desterro do que aquele que se vive no meio duma gente que fala uma língua que parece ser a nossa” (DANIEL, 1982, p. 35).

O capítulo final, SOLO, diz respeito a uma solidão que parece aumentar devido ao adiamento da volta. A sensação de injustiça, a visão das demais pessoas retornando, a ansiedade por não poder voltar, tudo aparece nesse capítulo. A vivência em Paris, o trabalho como porteiro de uma sauna, a certeza de um ambiente inóspito onde as dificuldades com a língua estrangeira agravam a adaptação perpassam esse momento.

Por sua vez, a solidão em Mónica Echeverría evidencia-se no momento de partida do Chile, em 11 de setembro de 1974. No caminho do aeroporto, veem desfiles em comemoração de um ano da tomada do poder. A imagem de Mónica e seu marido no avião, o distanciamento do Chile é de tristeza diante de uma atitude necessária, pois a vida se vê em risco: “pela janelinha do avião, lanço um último olhar a esse Chile, outrora tão agradável, convertido, agora, em um monstro aterrador”¹⁹³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 167). A imagem de despedida sugere um caminhar, a partir daquele momento, solitário que deixa para trás um país promissor. A solidão na Inglaterra demanda um processo de adaptação acrescido da incerteza a respeito da situação de Carmen, militante e clandestina. A ideia da solidão é retomada ao final do livro. Em um natal com o marido, Mónica conclui que o Chile, postulante a país globalizado, se encontra repleto de solitários tristes, condição esta que compõe grande parte da humanidade.

¹⁹³ “Por la ventanilla del avión echo una última mirada a ese Chile, antaño tan agradable, que se ha convertido, ahora, en un monstruo aterrate”.

Em Carmen Castillo, o ponto de partida da solidão se localiza no golpe do onze de setembro. Trata-se da solidão de um país que se deparava com o imprevisível fim da democracia e o início de um governo marcado pela violência. Em sua descrição, ela evoca o barulho de helicópteros, os bombardeios, as últimas palavras de Salvador Allende e sua morte solitária. Trata-se de uma solidão sentida como parte de toda a militância: “passam-se algumas horas entre sua morte solitária [de Allende] em *La Moneda* e o momento em que a notícia nos alcança. A notícia de nossa própria solidão”¹⁹⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 156).

No exílio de Carmen Castillo, evidencia-se a figura da viúva heroica. Em um país estrangeiro, marcada pela perda do marido e do filho, ela se vê circundada por um personagem que anulava sua própria identidade. “o que há de heroico em ser a viúva de um herói” (CASTILLO & ECHEVERRÍA, 2002b, p. 195) é uma questão que marca, ao mesmo tempo, a anulação de sua atuação no movimento e uma solidão por sentir-se como não integrante de um processo histórico fundamental. Incapaz de responder aos gestos de solidariedade que lhe incomodam, Carmen decide se fechar, criando um espaço de solidão, que, conforme analisado, é também um lugar de protesto, ao não aceitar reproduzir os gestos de luto.

Carmen Castillo se refere ainda à Beatriz Allende e seu suicídio em 14 de outubro de 1977. Esse gesto extremo é entendido como um “ato político do exílio”, no sentido de engajar todas as mulheres que se encontram e sobrevivem dentro dos limites da ação e da morte: “uma mulher em meio aos homens não pode falar, porque essa solidão das mulheres, essa auto-destruição cotidiana é também uma forma de suicídio”¹⁹⁵ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 220). A solidão, portanto, constitui-se em elemento recorrente na vida política das mulheres.

Em todos os casos referidos, evidencia-se uma solidão cotidiana. Sobretudo em Herbert Daniel, ela é permanente e perpassa sua trajetória, ganhando mais força nos momentos finais de seu exílio, com o adiamento da volta. Situa-se em sua homossexualidade reprimida, em seus dias em um país estrangeiro, em seu trabalho na sauna parisiense, na burocracia permanente que atrasa sua volta. Mónica Echeverría percebe a sensação no momento da saída do Chile, em que se evidencia a certeza de uma

¹⁹⁴ “Il s'est passé quelques heures entre sa mort solitaire à La Moneda et le moment où la nouvelle nous est parvenue. La nouvelle de notre solitude à nous”.

¹⁹⁵ “[...] une femme au milieu des hommes ne peut pas parler, parce que cette solitude des femmes, cette autodestruction quotidienne est aussi une forme de suicide”.

história interrompida, e no suposto momento final de sua vida, em que conclui ser a solidão uma condição comum da humanidade. Carmen Castillo evidencia a solidão cotidiana no silenciamento das mulheres em meio a homens.

O peso dessas solidões reside no prejuízo desses silenciamentos para a história de ambos os países. Quando grupos não podem trazer suas demandas, experiências e perspectivas, perde-se grande parte da transição democrática, posto que esta deve ser pautada pela diversidade no diálogo.

Em 1982, já de volta ao Brasil e no lançamento de *Passagem*, Herbert Daniel concede uma entrevista ao jornal *Estado de Minas*. Ele é questionado do porquê da combinação entre luta armada e a discussão sobre a sexualidade. Segundo James Green, Herbert “articulou uma versão da noção feminista dos anos 1970, de que o que é pessoal é político”. Herbert Daniel afirma não ter sido ele o responsável por essa junção, mas sim a própria vida. Nesse sentido, “não há política onde não esteja presente a sexualidade e não há relação sexual onde não existam opções políticas. Um grave engano é separar questões políticas gerais e problemas de ordem íntima” (GREEN, 2018, p. 257). Essa separação seria responsável por desencadear várias formas de exílio.

Carmen Castillo traz um entendimento sobre a política não exatamente similar, no sentido de tratar da sexualidade, porém complementar ao de Herbert Daniel, no que tange à ordem íntima. Para ela, “a verdadeira política deveria aceitar a existência de cada um com sua personalidade inteira”¹⁹⁶ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 220). A política, nesse sentido, diz respeito à personalidade que deve ser pensada em sua integridade. As identidades devem se colocar a partir de suas individualidades, sem qualquer silenciamento. Não há, nesse sentido, uma separação entre política e foro íntimo.

Tanto que o livro *Santiago-París* é atravessado por um entrelaçamento entre a vida familiar e os desdobramentos no palco político do Chile. A tônica, sobretudo da escrita de Mónica Echeverría, alterna essas duas dimensões. Em vários momentos, trajetórias familiares e pessoais recebem a interferência de desdobramentos políticos. Por sua vez, Mónica e Carmen procuram, por meio de gestos particulares, contribuir com a resistência ao autoritarismo implantado no cenário político.

Por meio de *Passagem para o próximo sonho*, percebe-se o cotidiano da militância e o exílio de Herbert Daniel. Carmen Castillo reflete também sobre esse aspecto em um diálogo travado com Mónica ao longo de *Santiago-París*. Essa ênfase ao cotidiano aparece

¹⁹⁶ “La vraie politique devrait accepter l'existence de chacun avec sa personnalité entière”.

mesmo em textos anteriores, como *Un Jour d'Octobre à Santiago* (1988), no qual figura sobretudo sua vida com Miguel Enriquez.

Chama atenção nesses textos o fato de não enfatizarem o heroísmo das esquerdas, da luta armada, ou mesmo do exílio. Este é o motivo da recusa da publicação do livro, já que, naquele momento (início dos anos 1980), desejava-se a construção de uma imagem heroica do líder e da militância em geral.

Há também uma formulação a respeito da luta e da resistência bastante diferente do humor da época. Segundo Carmen Castillo: “[...] é o acúmulo de pequenas coisas que fazem uma luta, a imensidade de pequenos gestos que compõem uma resistência. Uma verdadeira vida. Como a de tantos outros” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 222). A luta, nesse caso, está no acúmulo de situações quase sempre ignoradas. A resistência encontra-se nos pequenos gestos que atravessam o cotidiano. Gestos e situações transmitidos de forma simbólica em *Passagem* e em *Santiago-París*, na medida em que os livros trazem, no âmbito da linguagem, as experiências do exílio. O ato de resistir, nesse sentido, ganha uma dimensão cotidiana, distante da construção heroica marcada pela luta direta e, muitas vezes, pela morte dos sujeitos.

Edward Said associa o trabalho do intelectual a um alcance mais humano da dor de um determinado povo ou nação como no fragmento: “penso que a tarefa do intelectual é universalizar de forma explícita os conflitos e as crises, dar maior alcance humano à dor de um determinado povo ou nação, associar essa experiência ao sofrimento de outros” (SAID, 2005, p. 53). Herbert Daniel, Mónica Echeverría e Carmen Castillo seguem essa perspectiva, ao trazer em seus textos os conflitos e as crises e como estes atravessam o cotidiano das pessoas. A escrita se torna uma forma de enfrentamento da solidão, conferindo um alcance humano ao sofrimento de um povo.

Não apenas a escrita, mas também a leitura foi um meio de combate à solidão. Herbert Daniel afirma escrever cartas para os personagens de *Grande Sertão: Veredas*, nos tempos do treinamento na Ribeira. Essas mesmas cartas eram imediatamente queimadas para outras surgirem logo em seguida. Sendo escrita e leitura formas de experiências, torna-se uma forma de aplacar a solidão já evidente naquele espaço.

James Green (2018) aventa a hipótese de a nuance homossexual da obra de Guimarães Rosa ter chamado a atenção de Herbert Daniel. É evidente que, a essa hipótese, pode-se adicionar o combate épico do grupo de Riobaldo – um dos personagens principais – contra um inimigo que, em tese, personificava o mal. O dinamismo do bando de jagunços

poderia ser interpretado como outro elemento atrativo para Herbert, dada a própria condição de dinamismo dos grupos de esquerda na época de radicalização da ditadura. Não há, no entanto, qualquer registro de Herbert Daniel de suas interpretações sobre *Grande Sertão: Veredas*.

O fato é que o livro se encontra em sua mochila e seu ato de escrever para os personagens e para Guimarães Rosa serve de mecanismo para lidar com a solidão. O mesmo processo ocorre em Paris quando, em meio ao trabalho como porteiro de uma sauna, Herbert Daniel desenvolve *Passagem para o próximo sonho*. O capítulo intitulado “SOL” trata desse contexto, no qual não há mais a obrigação de se viver na noite da clandestinidade.

Por sua vez, Mónica e Carmen parecem buscar, em *Santiago-París*, formas de enfrentar a solidão. A proposta inicial de Mónica é a de uma tentativa de, na virada do milênio, recompor, via memória, um passado perdido no tempo. Inicialmente relutante, Carmen Castillo aceita a proposta de escrita, travando a construção de diálogos acerca da trajetória familiar e do Chile, em termos históricos e políticos. Ambas as trajetórias são marcadas pelo exílio.

Nos cenários brasileiro e chileno, os autores exilados se deparam também com a possibilidade da volta, marcada por tensões, barreiras e entraves. O tópico seguinte enfatiza esses retornos difíceis.

5.6 Os retornos difíceis

Os exilados políticos trabalham com a perspectiva da volta. Embora tal sentimento nem sempre se concretizasse, José Maria Rabêlo (2001) declara que, em sua situação de exilado, percebia a saída do país como temporária. Em Herbert Daniel, Mónica Echeverría e Carmen Castillo, tal situação não será diferente. Uma vez fora de seus países, evidencia-se a problemática do retorno, sempre truncada. Se, por um lado, evidencia-se uma dinâmica da sobrevivência como elemento próprio do exílio, por outro, há também uma dinâmica da volta. Embora atravesse todos os exilados aqui analisados, essa dinâmica se apresentará de formas diferentes, o que, mais uma vez, confirma a heterogeneidade do exílio.

A volta difícil de Herbert Daniel ocorre devido a embargos jurídicos. Em 1972, ele foi condenado a uma longa pena de prisão devido à sua participação no sequestro de

embaixadores. A despeito da redução de sua pena, o risco de prisão permanecia (GREEN, 2018). Assim, apesar da Lei da Anistia, de 1978, que possibilitava a volta dos exilados ao Brasil, Herbert Daniel vê seu próprio retorno adiado, dada a necessidade de aguardar a *prescrição* das acusações.

Para Daniel Aarão Reis (2010), a Lei da Anistia representou também silenciamentos acerca das torturas e dos desaparecimentos perpetrados pelo regime. Todas as oposições suscitadas desde o início pela ditadura ganhariam muito mais força com sua derrocada. O filósofo Paul Ricœur (2007), por sua vez, aborda a proximidade entre anistia e amnésia, recusando a adoção da lei como algo eterno. No mesmo sentido, segundo Gagnebin (2020), a confusão entre anistia e esquecimento, e até perdão, deve ser vigorosamente denunciada (GAGNEBIN, 2020, p. 209).

A anistia é um gesto de interrupção (Ricœur, 2007, p. 460), de censura, que deve permitir a permanência de um grupo. A despeito das discordâncias e divisões, tal grupo é capaz de continuar uma vida em comum. Por outro lado, a anistia não abole o conflito, mas oferece uma trégua talvez necessária em determinado momento, por conta das tantas violências, mas que não deve se constituir como regra eterna. Sobre a relação entre anistia e amnésia, o autor de *A memória, a história, o esquecimento* nota: “a proximidade mais que fonética, e até semântica, entre anistia e amnésia” (Ricœur, 2007, p. 460). Uma amnésia que, se prolongada, pode comprometer os avanços democráticos.

Eurídice Figueiredo, por sua vez, argumenta que a ausência de uma memória política no Brasil decorre da identificação da anistia com a amnésia, cujo efeito é a recusa de enfrentamento com o passado. Segundo a autora, “no Brasil não se cultiva a memória política porque a anistia significou amnésia, o país se recusa e enfrentar o seu passado, a rever os crimes cometidos, a expor as atrocidades perpetradas por um regime de exceção” (FIGUEIREDO, 2017, p. 26).

É nesse cenário da anistia que *Passagem* se inicia, o que evidencia as condições de escrita do livro. Em meio à anistia e ainda em Paris, Herbert Daniel está às voltas com um retorno adiado: “nem anistiado (que sobreí, como quem é homenageado pela arbitrariedade), nem nada, dá-se que *estou* ainda, como um moicano. Minhas novelas de então já não resolvem no novelo deste degredo em prolongação de segundo tempo” (DANIEL, 1982, p. 11). Termos como “novela”, “novelo” e “prolongação de segundo tempo” sinalizam os entraves presentes em sua volta.

O termo “prescrição” é apropriado na introdução de *Passagem*, promovendo um jogo de palavras entre *prescrito* e *pré-escrito*: “mero caso de funcionamento judicial, virei *pré-escrito*” (DANIEL, 1982, p. 12). O estado de *pré-escrito* é a posição em que se encontra o livro: a introdução, a *pré-inscrição*. O jogo de palavras mostra a decisão de Herbert Daniel de se escrever e, ao mesmo tempo, refletir sobre sua condição; deve estar *prescrito* para poder voltar. Tal construção textual mostra que a experiência se dá via linguagem. A técnica de escrever é uma tentativa de traduzir, no universo da escrita, a experiência do exílio.

Mais longo do que o esperado, o processo de sua volta torna-se, para ele, fonte de grande angústia. Em uma mensagem enviada a sua amiga Lúcia, em 1980, afirma: “oi, tô aqui. Ainda, tá duro, muito duro, aguentar essa primavera de neve, esta espera de um verão que nunca me pareceu tão impossível [...] e eu que queria voltar em agosto, fazia planos” (GREEN, 2018, p. 248).

A angústia da espera prolongada torna sua volta aparentemente impossível, frustrando planos. Enquanto todos retornavam, ele permanecia. Em carta escrita para a família, em 1981, ele afirma: “não tenho o que escrever. Não tenho cabeça, nem paciência. Estou com a ‘cuca fundida’. É dureza suportar o exílio. Sempre foi, mas agora está pior [...] no exílio *nada nunca* vai bem” (GREEN, 2018, p. 248).

Mesmo com a anulação de sua pena, em maio de 1981, ele não obtém seu passaporte. Entraves burocráticos, ausência de notícias do governo brasileiro quanto à emissão do passaporte, prolongamentos e atrasos marcam uma volta truncada e, para ele, desesperadora. Após a ida de Cláudio (seu marido) para o Brasil para retirar seus pertences da alfândega, sua solidão é maior, fato este expresso em uma carta para sua mãe: “a solidão me transtorna, e eu tento conservar o maior sangue frio. Paciência porque eu sou paciente. Não é assim que eles vão me fazer quebrar. Resisto, embora me sinta completamente privado de amigos e companheiros” (GREEN, 2018, p. 251). Há, portanto, uma angústia da volta, permeada por solidão e incertezas.

O caso de Herbert Daniel, portanto, diz respeito a um retorno do país estrangeiro. O movimento Paris-Brasil torna-se um desejo não satisfeito, uma angústia crescente, um adiamento fora de qualquer previsão. Em sua biografia sobre o autor, James Green (2018) aponta essa angústia de ver todos(as) retornando ao passo que ele próprio não visualiza perspectivas nesse sentido. Uma novela, portanto, que não encontra solução para o *novelo* desse exílio prolongado.

Em julho de 1981, a *Revista Veja* lança uma publicação sobre Herbert Daniel, dando-lhe o epíteto de “o último exilado político”. A revista associa Herbert à figura de Sebá, personagem criado por Jô Soares para o programa “Viva o Gordo”. Sebá é a figura do exilado político desconectado do Brasil e sempre atrasado em relação às mudanças do país. O subtítulo da reportagem anunciava: “Sebá existe e é porteiro de uma sauna em Paris”. A combinação da permanência de Sebá no exílio com a realidade de Herbert Daniel marcou este como “o último exilado do Brasil” (GREEN, 2018, p. 249).

Embora o artigo tenha dado visibilidade a Herbert Daniel, este apresentou algumas críticas. A primeira delas diz respeito ao comentário da revista, segundo a qual ele baixava a voz ao se referir à sua participação na esquerda. Herbert Daniel desmente essa informação, ressaltando a necessidade de levantar sua voz, tendo em vista o que acontecia: “Costumo tentar elevar a voz, porque é preciso gritar para não esquecer uma época na qual nosso povo tem ainda pouca informação. Não quero ‘apagar’ nenhum passado. Quero, pelo contrário, falar muito dele, para esclarecer um dos mais terríveis momentos da história do país. Não sou eu quem quer esquecer, são os torturadores” (DANIEL, *apud* GREEN, 2018, p. 250).

Outra crítica refere-se a um suposto interrogatório do CBA (Comitê Brasileiro pela Anistia) a Herbert Daniel, o que, segundo a revista, teria gerado uma certa agressão ao entrevistado. Herbert contesta, deixando claro que houve um debate sobre a homossexualidade em que opiniões diversas foram contrastadas. Ele procura, portanto, desfazer o que seria uma difamação ao CBA, que: “[...] ofende milhares de brasileiros que se dedicaram sinceramente à luta pela Anistia e pela Democracia” (GREEN, 2018, p. 250).

Herbert Daniel transforma o tema de sua volta truncada em uma campanha política. Nesse sentido, sua experiência não é apenas um evento particular, mas sim uma situação de alerta para a coletividade de que o autoritarismo do regime não teria fim com tanta facilidade. Ele sabe que encontrará um país não muito diferente daquele deixado para trás em seu exílio. Assim, o que, a princípio, seria uma reflexão sobre seu caso particular em um exílio prolongado se torna uma análise política mais ampla: ao invés de indagar o porquê de ainda estar exilado, questiona a permanência de uma ditadura no país (ainda nos anos 1980) e o fato de a anistia ser nada mais que um arremedo. Um arremedo que, segundo Ricœur (2007), ocorre por ser praticada de forma desigual, na medida em que exclui, de forma arbitrária, alguns sujeitos e concede margem para a impunidade de outros. Para o autor, a anistia é principalmente um gesto de interrupção (Ricœur, 2007), de censura,

que permite a um grupo discordar de um regime instituído, mas, ainda assim, seguir uma vida normal.

Em seu retorno, Mónica Echeverría não enfrenta problemas de cunho legal. Junto ao marido, ela se insere no Chile em 1976, três anos após seu exílio em Cambridge. O cenário é de uma ditadura reinante com mãos de ferro. Sua dificuldade no retorno se dá muito mais num plano simbólico, no sentido de não reconhecer seu país. Ela se vê diante de um Chile transformado pela ditadura, com ruas silenciosas, programas culturais censurados e um sistema educacional vigiado. Retomando suas atividades como professora, depara-se com livros didáticos manipulados em que a história do país é escrita em favor do governo vigente. Assim, a ausência de programações culturais dificultava o diálogo e a construção do saber. Por sua vez, a manipulação dos livros didáticos atinge um país a longo prazo, em escala geracional, processo este difícil de ser revertido.

Tal situação parece ter sido a tônica das ditaduras na América Latina. Referindo-se ao caso uruguaio, Pablo Rocca (2009) observa uma decadência da cultura e da educação. A partir de 1973, ocorre a substituição de bibliotecas, a queima de títulos julgados subversivos e o fechamento do semanário *Marcha*, o que quebrou qualquer eixo de discussão cultural.

No Chile, Mónica se depara com um grande silêncio acerca do momento político. Embora confuso a princípio, o retorno de Mónica Echeverría é paulatino, na medida em que dirige organizações culturais opostas ao regime. Trata-se, aqui, de uma mulher capaz de promover o regresso, por mais truncado que possa parecer.

Posteriormente, nos anos 1980, ao longo das crises econômicas enfrentadas pelo regime de Pinochet, os protestos ganham mais envergadura e Mónica participa ativamente do processo. Por mais que lhe incomode a longa permanência do ditador, o Chile permanece como seu país; sua presença nele é de alguém que acredita promover transformações históricas. Sente-se como um sujeito inserido na história, com atitudes favoráveis ao futuro de seu país. Tal como no Brasil, há uma transição democrática truncada e marcada por tensões.

A sensação de caminhar em círculos de Herbert Daniel é também observada na volta de Mónica Echeverría. Se, em um primeiro momento, Herbert Daniel percebe sua volta como um caminhar em círculos, Mónica Echeverría, ao longo dos anos, encontra formas de se reinserir no contexto chileno. É fato que, posteriormente, Herbert Daniel, já de volta ao Brasil, irá também adentrar debates políticos importantes, como o racismo,

meio ambiente e HIV. No entanto, o momento que antecede sua volta é marcado pela angústia de estagnação individual e coletiva. O receio constante de uma redemocratização na qual a reflexão sobre o regime autoritário não acontece assombra o brasileiro.

Se Mónica Echeverría e Herbert Daniel promovem suas voltas, ainda que lentas e difíceis, o mesmo não pode ser dito sobre Carmen Castillo, que se depara com o trauma. Se, num primeiro momento, há a perspectiva da luta contra a ditadura e a favor do próprio país, por outro, a partir de 5 de outubro de 1974, ela encontra um exílio aparentemente definitivo. Desde então, ela se considera “sem país”. Sua introdução para *Santiago-París* é uma declaração de ódio ao Chile. As memórias truncadas, como ela própria descreve, bem como sua resistência em aceitar a proposta de Mónica Echeverría na escrita evidenciam uma recusa do retorno.

Argumento que tal recusa está associada ao não enfrentamento do passado. Embora se repitam tanto em seus filmes quanto em outros livros, o 5 de outubro de 1974 permanece em aberto. A morte do filho e do marido por agentes da DINA constituem-se em um corte na trajetória de Carmen Castillo. Corte que marca também sua ruptura com o Chile.

Embora aceite a proposta de Mónica Echeverría para escrever o livro, Carmen não o faz em espanhol, optando pela escrita em francês. Tal fato indica sua intenção de permanecer na Europa, daí a opção por um idioma com o intuito de ser melhor entendida. Para ela, portanto, não há uma volta ou mesmo uma sensação de pertencimento ao Chile.

A escolha pela língua estrangeira diz respeito também a uma mobilidade linguística. Para Valéria Brisolara (2010), a literatura contemporânea é marcada por essa mobilidade, que faz com que muitos escritores abandonem suas línguas de origem e adotem outras. Muitos, inclusive, se tornam escritores após a exposição ao idioma estrangeiro. Steven Kellman (2000 *Apud* BRISOLARA, 2010) compreende a situação em que um autor escreve em uma língua que não é a sua primeira como translinguismo literário. Nesse sentido, o autor vai além de suas fronteiras, adotando o idioma de seu país de exílio.

No caso de Carmen, essa mobilidade acontece não apenas em *Santiago-París*, como também em outros livros, como *Un jour d'octobre à Santiago* e *Ligne de fuite*, escritos nos anos 1980 e referentes ao episódio do 5 de outubro. Mais do que uma influência estrangeira inevitável ou mesmo uma mobilidade linguística (com base no conceito referido), entendo a escrita em francês de Carmen Castillo, além da necessidade

de ser compreendida no local em que se encontra, como um distanciamento do idioma de origem e, portanto, do Chile.

As experiências da escrita de *Un jour d'Octobre à Santiago* (1988) e *Ligne de fuite* (1988) são mantidas vinte anos depois na redação de *Santiago-Paris*, deixando claro que, mesmo com a passagem do tempo, o caminho inverso (Paris-Santiago) permanece difícil, por mais que a memória e a escrita abram tais possibilidades. A evocação das memórias se dá numa língua estranha, o que mantém o distanciamento.

Márcio Seligmann-Silva (2003) acentua a língua como sobrevivente da catástrofe e “a única que porta tanto o ocorrido como a possibilidade de trazê-lo para o agora” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 398). Em ambos os livros, percebe-se, mais do que uma articulação histórica do passado, um diálogo acerca do mesmo. Os textos ampliam sua produtividade quando, ao discorrer sobre temas comuns a partir de plataformas distintas, se complementam. O leitor que os observa a partir de suas perspectivas contribui também para essa produtividade, na medida em que percebe pontos comuns.

Fazer essas ligações, encontrar sentido nelas e, mais importante de tudo, não se levantar e ir embora diz respeito, conforme Gagnebin (2006) há uma ampliação da ideia de testemunho. É essa ampliação que possibilita uma transmissão simbólica de forma a evitar a repetição do horror.

Tal como em Herbert Daniel e Mónica Echeverría, o caso de Carmen é simbólico para se pensar na complicada transição democrática do Chile. Em seu documentário sobre Márcia Merino, uma das primeiras reflexões de Carmen diz respeito ao silenciamento reinante no Chile no início dos anos 1990 sobre a ditadura. Os casos referidos de retornos difíceis denotam também transições democráticas truncadas.

O diálogo travado entre mãe e filha representa uma tentativa de reabilitação de ambas com o Chile, pois se trata de uma reflexão e um diálogo sobre o país, assim como a escrita de *Passagem* serve como consolo para Herbert Daniel no momento de seu exílio em Paris. São formas de enfrentamento de certas lacunas do passado, aquilo que, em termos coletivos, falta sobretudo ao Brasil. Lilia Moritz Schwarcz afirma que, se a história é feita de encadeamentos de eventos que apontam para transformações relevantes, ao mesmo tempo é repleta de “lacunas, realces e invisibilidades, persistências e esquecimentos”. Mas esse mesmo passado não revisto e devidamente confrontado “vira e mexe e vem nos assombrar, não como mérito e sim tal qual fantasma perdido, sem rumo certo” (SCHWARTZ, 2019, p. 223).

Posteriormente, Herbert Daniel retorna ao Brasil, promovendo debates relacionados aos indígenas, ao racismo e ao próprio gênero. Chegou mesmo a publicar outros livros, como *Meu Corpo daria um Romance* (1984) – em que reitera suas concepções acerca da sexualidade – e *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos* (1987), que trata do preconceito contra portadores de HIV, afirmando, por exemplo, ser o pânico tão nocivo quanto a doença, na medida em que retira das pessoas a humanidade, brutalizando-as.

Herbert Daniel permanece, portanto, refletindo sobre temáticas sensíveis no âmbito do Brasil. Assim, diferente de Carmen, ele se sente integrante de seu país de origem. É possível, numa primeira leitura, compreender o “próximo sonho” como o anseio pela volta. No entanto, pode-se também perceber o “sonho” como a esperança ainda acesa em relação a uma sociedade mais justa. A melancolia do “solo” final pode muito bem ser quebrada por essa perspectiva.

Se Herbert Daniel, em *Passagem*, adia os sonhos revolucionários, aqui concebidos a nível coletivo, Carmen adia o seu retorno pessoal ao Chile. O caminho Paris-Santiago não é percorrido, assim como, no momento da escrita do livro, o caminho Paris-Brasil se vê adiado. No primeiro caso, por vontade; no segundo, por impedimento das circunstâncias. Assim, ambos os livros trazem diferentes circunstâncias quanto ao retorno do exílio.

5.7 Passagens e voos da memória: entre encontros, delusões e possibilidades

Este tópico se volta para as finalizações de *Passagem para o próximo sonho e Santiago-París*. Tais trechos são simbólicos, pois promovem apontamentos para o futuro. Postas em diálogo, as imagens evocadas permitem possíveis compreensões a respeito do futuro na América Latina, sem, no entanto, esgotar a questão.

Intitulada “samba-canção para Nádia”, a última parte de *Passagem* é escrita para uma amiga de Herbert Daniel, ex-companheira e militante presa pela ditadura. Ele relembra a importância de sua escrita: “lembra? Sempre escrevi. Era minha maneira de ser, de aguentar também, de enfrentar principalmente” (DANIEL, 1982, p. 242). Escrita que representa não apenas uma forma de consolo, mas também estratégia de enfrentamento.

Referindo-se aos tempos da clandestinidade, discorre, em rápidos *flashes*, sobre momentos da luta armada, destacando a certeza da derrota aliada à pouca propensão à desistência. Refere-se rapidamente (apenas menciona por ouvir dizer) aos horrores sofridos

por Nádía na prisão e sua tentativa frustrada de suicídio: “tua rígida matéria-prima é o que me prende a tua presença que viveu na ausência que te senti nestes dez anos de separação. Tua indestrutível matéria-prima é amor. E amor à vida” (DANIEL, 1982, 243). Amor que não permite a ela por fim à sua própria existência. Trata-se de uma passagem simbólica, pois a sobrevivência de um e sua rígida matéria-prima representam a mesma rigidez de uma geração que, por mais que se soubesse derrotada, recusava a desistência.

Ao exílio como corte e separação contrapõe o amor – a união, representada pela figura de Nádía. Ela é a amiga que ele deseja reencontrar, um encontro que significa o fim de todos os seus exílios. A despeito da angústia da volta e adiamentos intermináveis, ele ainda relembra a necessidade da caminhada, referindo-se a um trecho da música “Caminheemos”, de Nelson Gonçalves: “caminheemos/ talvez nos vejamos depois” (DANIEL, 1982, 241). Caminhada que sinaliza uma continuidade. A perspectiva da volta de Herbert Daniel diz respeito a uma continuidade e, ao mesmo tempo, se concentra na possibilidade de novos (re)encontros: “sei que ainda tem a ditadura e o que dela se segue. Mas de outro lado tem o Henfil, por exemplo. Gente assim que garante bons momentos por lá” ((DANIEL, 1982, p. 243).

Há, aqui, uma perspectiva ambivalente: apesar do contexto de exceção, no qual sujeitos são postos em perigo, há a possibilidade de encontros que restauram a esperança. Chico, amigo de Herbert, numa carta, avisa que “as coisas estavam pretas, mas...” há ainda os amigos, pessoas capazes de elevar a consciência e a potência do outro em um (re)encontro. Se, por um lado, a ditadura e sua permanência adiam sonhos, por outro, os contatos e a simples presença de alguns sujeitos viabilizam sonhos futuros, permitem essa passagem antes bloqueada, esse trânsito necessário que, no poder dos reencontros, se faz possível.

A despeito das experiências angustiosas, dentro e fora do Brasil, Herbert Daniel não traz um arrependimento na aceção de tempo desperdiçado. Na música que deseja cantar, sobressaem os versos: “começaria tudo outra vez / se preciso fosse, meu amor...” (DANIEL, 1982, p. 243). Evidentemente, não se trata de um elogio ao exílio, mas do entendimento da importância de um processo que diz respeito a uma coletividade e, ao mesmo tempo, à construção de um futuro. Se fosse preciso, recomeçaria.

Em uma jornada não terminada, percebe, ao final, estar não diante de uma volta, mas sim de uma continuidade: “porque não volto. Vou ir”. Assim, o Brasil é um lugar cuja história se encontra em andamento. Ali podem-se edificar novas possibilidades, pois ainda

há pessoas com potencialidade para tal. “Não visitarei cemitérios [prosegue ele], que os mortos sempre me frequentaram. Não falaremos da morte, quando falarmos nos pretéritos. Talvez ainda haja brechas onde a vida, por puro arrevezamento, não se arrependa”. Esse olhar em retrospecto, que recusa a morte, diz respeito a um passado que deve ser confrontado. Ele admite falas futuras sobre o passado por reconhecer que este não deve ser deixado de lado. Admite também brechas nas quais o arrependimento não tenha espaço. Ao final, arremata: “quem sabe poderemos encontrar nosso Brasil na curva do próximo sonho?” (DANIEL, 1982, p. 243). Mais do que o (re)encontro com pessoas queridas, admite um Brasil possível, em que sonhos seguintes possam acontecer.

Finalizado em maio de 1981, *Passagem para o próximo sonho* encerra concebendo o próprio país como uma possibilidade futura, em que *nosso* Brasil pode ser encontrado. Note-se que não é utilizado o termo *reencontro*, o que permite perceber que, até aquele momento, o Brasil não coincide com os tantos sonhos. Os sonhos de uma geração se desfazem naquele momento, mas isso não significa um fim absoluto, pois as páginas em branco do futuro podem ser preenchidas de outras formas.

Diferente de Herbert Daniel, que concebe a continuidade, Mónica Echeverría, ao final de *Santiago-París*, se sente próxima à morte e, ao mesmo tempo, distante do retorno de uma era otimista, tal como a dos anos 1970, quando havia o sentimento de um dever a ser cumprido. Ela traça um breve panorama de sua trajetória, relembrando a influência das freiras com as quais conviveu na infância, a relevância do avô Eliodoro, símbolo de autoridade familiar ao qual ela deve muito de sua racionalidade na fase adulta, e sua fase madura, coincidente com os anos 1970 em que ela assume uma postura favorável à revolução: “[...] durante minha madurez, vivi a época da revolução com a qual me envolvi com paixão e otimismo, mesmo após a queda de nossas utopias”¹⁹⁷. Apesar de certas decepções, indaga se não deveria cantar, nesse ocaso de sua vida, uma música de Violeta Parra, cantora e compositora chilena: “Gracias a la vida”, com o trecho “gracias a la vida que me ha dado tanto” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 290).

Mónica Echeverría deixa também registrada uma indignação: ao final do ano 2000, a ilusão de uma democracia sofre um contratempo. O juiz Juan Guzmán, encarregado da investigação de crimes da chamada “Caravana da Morte”, torna Pinochet réu e ordena sua

¹⁹⁷ “[...] durante mi madurez viví la época de la revolución en la cual me involucré con pasión y optimismo, aún después que nuestras utopías se habían derrumbado”.

prisão domiciliar. No entanto, a responsabilização do ditador por crimes, sequestros e execuções arbitrárias não é aceitável para as forças armadas.

Assim, suas pressões para anular a medida atemorizam o judiciário, que resolve postergar o caso, alegando males físicos e mentais sofridos pelo acusado. A impunidade, aliada a uma sensação de impotência, é flagrante: “como queríamos que os poderosos criminosos sofressem o castigo que merecem. Mas, dentro de nossa impotência, devemos satisfazer-nos com o obtido”¹⁹⁸. Ao mesmo tempo, Mónica confia no julgamento da história, para que o conhecimento do ocorrido e de seus culpados não seja apagado das futuras gerações: “a história futura tem claro que – castigados ou não – Pinochet e seus esbirros, internos e externos, permanecerão na galeria das bestas, junto a Nero, Calígula, Torquemada, Batista, Trujillo, Stalin e Hitler”¹⁹⁹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 291). Diante da impotência do presente, resta o bom senso do futuro.

Com base em notícias recentes, refere-se também a eventos simultâneos ocorridos na América Latina, como: a situação dos Mapuches no sul do Chile que pretendem recuperar suas terras e se deparam com homens armados; a marcha dos indígenas desde o estados de Chiapas, no México, até a capital; e as vozes dos indígenas no Equador que tomam a sede governamental por duas horas e as ocupações dos movimentos sem terra, no Brasil. Cita um verso do poeta Ramón Díaz Eterovic: “América, um vulcão de dor contida”.

Assim, Mónica Echeverría observa o surgimento de movimentos, como os ecologistas, feministas e minorias étnicas, aparentemente desaparecidos, e antes “insignificantes” pelos senhores do poder.

O último parágrafo evoca o Natal ao lado de Fernando. Percebe seu país como um vale perdido, uma terra “[...] que pretende ser globalizada, tão cheia de solitários, como nós, como a grande maioria dos humanos deste mundo”²⁰⁰ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002a, p. 291). O tom ao final é de melancolia por um país perdido de si mesmo, pelo qual ela fez o que estava a seu alcance.

Por sua vez, nas páginas finais, Carmen Castillo em *Santiago-París* discorre, primeiramente, sobre sua mãe, compreendendo-a como uma mulher que construiu o

¹⁹⁸ “¡Cómo quisiéramos que los poderosos criminales sufrieran el castigo que se merecen! Pero, dentro de nuestra impotencia, debemos satisfacer nos con lo logrado”.

¹⁹⁹ “La historia futura tiene claro que – castigados o no – Pinochet y sus esbirros, internos y externos, permanecerán en la galería de las bestias, junto a Nerón, Calígula, Torquemada, Batista, Trujillo, Stalin y Hitler”.

²⁰⁰ “[...] que pretende ser globalizada, tan llena de solitarios tristes, como nosotros, como la gran mayoría de los humanos de este mundo”.

próprio pensamento para além das fronteiras de suas origens: “Construíste um destino de mulher livre, comprometida para além de nossas fronteiras identitárias, dos muros de nossas casas, da Cordilheira e do Oceano Pacífico”²⁰¹ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 292). Trata-se de uma mulher livre, que compreende o futuro dos revolucionários e não se identifica com o da revolução.

Não há, aqui, uma promessa de futuro propriamente dita, mas sim de lutas diárias em andamento, uma resistência a ser inventada perante uma realidade de injustiças e opressões. A trajetória de Mónica é pensada por Carmen como uma linha de vida que ela própria – Carmen Castillo – recebe como herança: “sua vida traça para nós, irremediavelmente, uma linha de vida. E eu recebo essa mensagem como herança”²⁰² (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 292). Herança que se contrapõe a sensação de morte descrita por Mónica, já que ela pode continuar a viver na trajetória da filha.

Carmen Castillo refere-se ao Chile como país disfarçado no qual a democracia não vai além dos ares de transição. Descreve brevemente um reencontro com Alicia, uma amiga dos tempos da revolução, ex-exilada que trabalha para a reconstrução do Chile: “Alicia retorna do exílio para trabalhar pelo renascimento do país, as cicatrizes permanecem e, por isso, ela não deixa de doar sua energia e sua inteligência ao primeiro governo democrático pós-ditadura”²⁰³ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 293). O entendimento de algo por fazer leva Alicia ao trabalho árduo em apoio ao governo democrático.

Alicia pergunta a Carmen onde se encontra seu filho com Miguel, morto em 5 de outubro de 1974. Carmen diz estar em Cambridge, enterrado em um lugar por ela própria desconhecido. A amiga chama atenção para a necessidade de encontrar a criança como um símbolo de enfrentamento do passado: “é preciso encontrá-lo, a fuga para o futuro não acalma nenhuma dor e você já fez bastantes besteiras como essa”²⁰⁴ (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 293). Nesse momento, Carmen se sente desfalecer. Alicia insiste que irá auxiliá-la na busca da criança, que ela precisa ser trasladada ao Chile para ter seu

²⁰¹ “Ta pensée, Mónica, s’inscrit dans cet espace-temps. Tu as construit une destinée de femme libre, engagée au-delà de nos frontières identitaires, des murs de nos maisons, de la Cordillère et de l’océan Pacifique”.

²⁰² “Ta vie trace pour nous, irrémédiablement, une ligne de vie. Et je reçois ce message en héritage”.

²⁰³ “Alicia est revenue d’exil pour travailler à la renaissance du pays, les cicatrices sont là et pourtant elle n’arrête pas de donner son énergie et son intelligence au premier gouvernement démocratique post-dictature”.

²⁰⁴ “Il faut le trouver, la fuite en avant ne « calme aucune douleur et tu as assez fait de bêtises comme ça’.

enterro ao lado do pai. Naquela noite, Carmen sente o filho reviver. Há, aqui, a consciência da necessidade de enfrentamento do passado.

Por fim, Carmen Castillo parte para Paris em um dia bonito. Mais uma vez, o 5 de outubro atinge sua memória. Confessa que, ao longo das páginas de *Santiago-Paris*, conseguiu, em alguns momentos, tocar ou mesmo arrancar algumas dessas memórias movediças. Em agradecimento à Mónica pela sugestão do livro, Carmen afirma ter podido quebrar algumas linhas de fuga. Isso não significa, no entanto, que ela tenha conseguido retornar de fato ao Chile. O livro encerra com uma possibilidade futura: “um dia, farei, quem sabe em paz, o voo de retorno Paris-Santiago” (ECHEVERRÍA e CASTILLO, 2002b, p. 293).

Tanto Herbert Daniel quanto Carmen Castillo se atentam para a necessidade do confronto com o passado como forma de reconstrução de um futuro. Não falar da morte ao se referir ao passado pode significar uma percepção viva do mesmo, a ser edificada e transmitida de forma simbólica. É pertinente a retomada da reflexão de Gagnebin (2006), segundo a qual o testemunho é:

aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro:... não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a *transmissão simbólica*, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa *retomada reflexiva do passado* pode nos ajudar a não repeti-lo novamente, mas a ousar *esboçar uma outra história*, a *inventar o presente* (GAGNEBIN, 2006, p. 57, grifos meus).

Mais do que aquele que narra, o testemunho é também um sujeito ouvinte, o que permite perceber que essa transmissão simbólica encontra-se no diálogo entre as pessoas, nas trocas de experiências que permitem rever o passado. Ao mesmo tempo, o conselho de Alicia a Carmen Castillo representa um dever da memória, o mesmo dever necessário para a continuidade dos países latino-americanos assolados por ditaduras. Da mesma forma que Carmen não pode construir um futuro fugindo do passado aterrador, não se pode reconstruir um país sem um enfrentamento do passado ditatorial. Refletindo sobre o caso brasileiro, Lilia Moritz Schwarcz (2019) lembra que:

O nosso passado escravocrata, o espectro do colonialismo, as estruturas de mandonismo e patriarcalismo, a da corrupção renitente, a discriminação racial, as manifestações de intolerância de gênero, sexo e religião, todos esses elementos juntos tendem a reaparecer, de maneira ainda mais incisiva, sob a forma de novos governos autoritários, os quais, de tempos em tempos, comparecem na cena política brasileira (SCHWARCZ, 2019, p. 224).

Um passado não confrontado tende, portanto, a reaparecer sob a forma de novos governos autoritários com estratégias mais eficientes e capazes de ecoar e reproduzir velhas estruturas de injustiça e exclusão. Contra esses fantasmas que podem voltar a nos assombrar, cabem os encontros referidos por Herbert Daniel e Carmen Castillo. Encontros capazes de elevar a consciência, num diálogo perene que se contrapõe a qualquer silenciamento, pois este, de fato, é um mecanismo de estruturas autoritárias.

Diante da perspectiva de futuro e dos encontros referidos por Herbert Daniel e Carmen Castillo, Mónica Echeverría evoca imagens de solidão e indignação. É um lembrete de que o caminho encontra-se em aberto e há muito por fazer. Solidão e indignação recordam a necessidade da luta pelo aprimoramento da democracia e por sociedades mais justas.

Mónica Echeverría não evoca encontros, mas destaca a solidão como marca não apenas sua ou de seu país, mas uma condição de grande parte da humanidade. Reforça a importância da memória como aliada da justiça, ao afirmar o julgamento da história contra Pinochet, a despeito da impunidade legal. Ao mesmo tempo, a evocação do Natal pode sugerir renascimento, o mesmo que percebe em grupos aparentemente desaparecidos e que se veem presentes nos noticiários.

Assim, no que tange a um entendimento do futuro, considera-se a continuidade dos “próximos sonhos” (conforme Herbert Daniel) aliada a um enfrentamento do passado (demandado em Carmen Castillo) sem, no entanto, prescindir as tantas questões do presente (lembradas por Mónica Echeverría).

Se, por um lado, o exílio traz cortes, angústias, inseguranças e sofrimentos, abre também espaço para reconstruções. Para Maria José de Queiroz “o exílio implica também sutura, reconstrução, criação [...] à tristeza e ao sofrimento sucedem a determinação, a coragem, a fortaleza de ânimo” (QUEIROZ, 1998, p. 29-30). A mesma coragem de que todos necessitamos diante dos tantos voos e passagens que ainda virão.

Talvez as vozes desses grupos com experiências tão diferentes, aliadas a de outros sujeitos, igualmente comprometidos com uma sociedade mais justa, permitam reconstruir, no presente, um caminho viável para o futuro. Vozes, enfim, impregnadas de memórias que não se rendem e desejosos de dar continuidade à história edificada por tantos sujeitos exilados. Talvez, enfim, seja esse o preço dos voos para o próximo sonho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese trouxe reflexões sobre o exílio na América Latina, com destaque para Brasil e Chile. A partir de suas obras, os autores aqui estudados deixaram marcas de respectivas histórias individuais, entrelaçadas ao país de origem, mas também aos demais territórios em que estiveram em trânsito.

A partir do primeiro capítulo, com a abordagem de *Passagem para o próximo sonho*, concluí que há uma multiplicidade de sentidos de exílio no âmbito de um exílio. Tal experiência, longe de ser restrita a um deslocamento geográfico, é mais ampla: está ligada às exclusões políticas e à clandestinidade ocasionadas pela ditadura e pelas questões de gênero e sexualidade. Fora do país, as dificuldades dizem respeito às condições econômicas e sociais, à formação e à utilização do idioma estrangeiro que tornam o espaço do exílio mais inóspito. Demonstrei ainda que *Passagem* traz, em sua escritura, as marcas do exílio reveladas em deslocamentos e rearranjos na linguagem.

Elemento marcante tanto na dinâmica da sobrevivência quanto na narrativa é a solidão. Ela perpassa as memórias de Herbert Daniel, desde seus dias na militância até o processo de sua difícil volta. Em sua condição de sobrevivente, essas memórias ressurgem e constituem-se em um importante testemunho sobre a ditadura civil-militar brasileira, o que permite a revisão da História.

O enfoque de *Santiago-París*, tendo em vista o caminho percorrido por Mónica Echeverría e Carmen Castillo, no segundo capítulo, levou-me a evidenciar que o exílio está também presente no cotidiano das autoras, em situações de exclusão, devido às questões de gênero. Ambas procuraram formas de resistência a tais marginalizações em pequenas ações que apontam para o protagonismo feminino. A construção da obra demonstra um diálogo entre mãe e filha perpassado por reflexões que decorrem de experiências individuais diferenciadas no tempo e no espaço.

Voltando-me para o golpe civil-militar e o estabelecimento da ditadura chilena, no terceiro capítulo, salientei a pertinência das vozes femininas na interpretação de um contexto de exceção. Suas particularidades, pautadas por outras formas de exílio (conforme o segundo capítulo), trazem testemunhos cujas vozes permitem novas versões para o mesmo fato histórico.

A partir do quarto capítulo, ressaltei que o exílio, fundamentado em questões de gênero, permanece, sobretudo em Carmen Castillo, em sua trajetória no exterior. Além

disso, demonstrei que os retornos para o país de origem não representam uma restauração simbólica, no sentido do pertencimento, mas se constituem como um processo difícil. Essa dificuldade da volta do exílio diz também respeito a entraves no próprio processo democrático. Considerando o cenário pós-ditadura, destaquei ainda a força do testemunho e de sua transmissão simbólica para a continuidade da construção democrática, evidenciado no testemunho de Márcia Merino, ouvido e filmado por Carmen Castillo.

No quinto capítulo, mostrando a heterogeneidade das experiências do exílio nos autores analisados, concluí que as trajetórias, a despeito de suas especificidades, dizem respeito ao cenário político e que as dinâmicas da sobrevivência atravessam o cotidiano, emergindo em memórias que não se rendem. Além disso, resistência e política residem em pequenos atos do cotidiano, de forma que o enfrentamento do passado, uma observação acurada do momento presente e perspectivas futuras são fundamentais para o processo democrático.

As conclusões aqui delineadas abrem possibilidades para novas passagens e voos futuros. Tendo como base a produção crítica já existente a respeito de Herbert Daniel e levantada nesta tese, pode-se continuar os caminhos abertos por *Passagem para o próximo sonho* ampliando a ideia de exílio e suas interfaces. Também a produção subsequente do autor oferece outros temas como AIDS, nos anos oitenta, momento em que o olhar da sociedade, sobretudo para homens gays, tornou-se mais excludente. O ativismo de Herbert Daniel, a despeito de reportagens alarmantes, homofóbicas e repletas de desinformação (GREEN, 2018, p. 290), prosseguiu. Um estudo sobre essa estigmatização, a partir das produções subsequentes de Herbert Daniel, amplia a percepção da relevância do tema gênero e sexualidade para o debate político e para a construção democrática, aspecto enfatizado em *Passagem* e, muitas vezes, ignorado na atualidade.

Por sua vez, com base no cenário das ditaduras latino-americanas, muito pode ser explorado no que se refere aos exílios femininos. As reflexões nesse sentido podem ser estendidas para além dos tempos de exceção, pensando sua continuidade, no período pós-exílio, destacando como afetam o processo de construção democrática.

As produções cinematográficas de Carmen Castillo, a respeito do golpe civil-militar no Chile, constituem-se como importantes testemunhos que se juntam a outros sob formas variadas. Outros textos dos autores aqui estudados permitirão refletir a respeito do autoritarismo no Brasil. O seu não enfrentamento gera aquilo que Lilia Moritz Schwarcz (2018) chama de “fantasmas”. Uma vez ignoradas, as questões do passado (não apenas o

autoritarismo, mas também racismo, patriarcalismo, patrimonialismo, dentre outros) constituem-se em entraves para a construção democrática no presente.

Pensando em uma continuidade dessas pesquisas, uma revisita aos textos dos autores aqui estudados e aos textos críticos produzidos sobre eles se faz necessária. O passado brasileiro, ligado à escravidão, ao mandonismo e à intolerância, constitui um caminho a ser lembrado, sobretudo a respeito da ditadura brasileira (anos sessenta, setenta até 1984) e com os anos pós-ditadura.

O silêncio sobre o governo de Pinochet, presente no período da redemocratização chilena (início dos anos 1990), o negacionismo brasileiro a respeito da ditadura e a retomada de imagens e discursos autoritários são, no mínimo, sintomas de sociedades avessas a esse confronto. *Santiago-París*, sobretudo em Carmen Castillo, lembra da necessidade de reencontrar os mortos do passado e conceder-lhes o devido funeral. Ao mesmo tempo, os encontros do futuro aumentam a potencialidade dos sujeitos que, no compartilhamento dos próximos sonhos, extraem a força de que necessitam para prosseguir.

Segundo Eric Hobsbawm, na conclusão de *Era dos Extremos* (1995), um futuro construído pelo prolongamento do passado e do presente tende ao fracasso. Como, no entanto, alterar uma rota sem o confronto com o que foi feito anteriormente? Emerge daí a necessidade de revisão a partir de memórias antes deixadas de lado. Sem a pretensão de solucionar todas as lacunas, esta tese, no rastreio dos parágrafos a nós deixados como herança, confrontou esse passado pela ótica dos exílios, na segunda metade do século XX. Se as experiências não são idênticas, permanece a possibilidade de diálogos que, uma vez somados, enriquecem o entendimento de períodos históricos semelhantes ocorridos em nossos países.

Quais são, no entanto, os exílios de hoje? Em uma época de grande circulação de informações, há aqueles que, à sombra da desinformação, encontram-se exilados sem saber. Como se não bastasse, passam adiante conteúdos via mídias sociais que, pelo poder da repetição, ganham ares de verdade. Eles contribuem para a manutenção de lógicas ultrapassadas que, por sua vez, mantêm vivos outros tantos exílios.

Não posso deixar de enfatizar os eventos de 8 de janeiro de 2023 em que testemunhamos gestos de agressão à Democracia. A não aceitação dos resultados das eleições de 2022 levou indivíduos com posturas forjadas na desinformação a atacar o Congresso Nacional, promovendo prejuízos milionários ao patrimônio público. Talvez se

esperasse, com tais atitudes, uma revogação das eleições, o fechamento do Congresso, ou mesmo uma intervenção militar, tantas vezes aclamada.

No ano em que se completam cinquenta anos da destruição do *La Moneda*, o Chile passa por um processo de aprovação da nova Constituição, em substituição à antiga, ainda do regime de Pinochet. Iniciado em 2019, vem passando por percalços, sobretudo devido à derrota do governo no plebiscito de setembro de 2022. A historiadora Joana Salem, da Universidade de São Paulo, em entrevista ao “Brasil de Fato”²⁰⁵, avalia que a tendência é a aprovação, por uma ala ultraconservadora, de uma Constituição estruturalmente neoliberal.

Entre ganhos e perdas, avanços e retrocessos, não podemos negar a importância do legado dos exilados. O que permanece das experiências recentes é que a democracia brasileira, apesar de sua vida relativamente curta (trinta e oito anos), vem se mostrando resistente. Não sucumbiu ao radicalismo desinformado, não esmoreceu perante a ignorância, não hesitou diante da violência.

Dos anos 1970 até os dias de hoje, em 2023, percebe-se uma caminhada em termos políticos e sociais. Como membros de uma democracia em trânsito, talvez seja necessário compararmos mais uma *passagem* para nossos próximos sonhos (que não são poucos), mas o que podemos constatar para as pessoas que tanto sonharam e fizeram por seus países é que seus esforços não foram em vão.

Somos herdeiros de uma democracia construída pelas vozes e ações desses exilados. Com eles, temos uma dívida. Com uma democracia em trânsito e diante de um futuro incerto, que nossos estudos, descobertas, aprendizados e, sobretudo, práticas não esmoreçam diante de discursos retrógrados e da desinformação.

Que nossas memórias nunca se rendam e que nossos sonhos não se dobrem à vontade de *sujeitos de ressentimento*²⁰⁶.

²⁰⁵ Acesso em: <https://www.brasiledefato.com.br/2023/05/15/chile-deve-ter-uma-nova-constituicao-estruturalmente-neoliberal-avalia-historiadora>

²⁰⁶ Expressão utilizada pela historiadora Susel Oliveira da Rosa, em *Mulheres, Ditaduras e Memórias* e diz respeito aos sujeitos autoritários.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- _____. *O que resta de Auschwitz: o Arquivo e a Testemunha (Homo Sacer III)*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AINSA, Fernando. *La reconstrucción de la utopía*. México: Correo de la Unesco, 1997.
- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ALLENDE, Isabel. *De amor y de sombra*. Buenos Aires: Debolsillo; 009 Edição, 2013.
- _____. *La Casa de los Espíritus*. 7. Ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2006.
- _____. *Paula*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2001.
- AMADO, Jorge. *Subterrâneos da liberdade: Os ásperos tempos*. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- ÂNGELO, Ivan. *A festa*. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1978.
- AREDA, Felipe. A Narrativa desarmada de Herbert Daniel. In: *Caderno Seminal Digital*, ano 20, nº 21, v. 21, e-ISSN 1806-9142 Jan-Jun, 2014.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In *Estudos Históricos: arquivos pessoais*. Rio de Janeiro, vol 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- AMADO, Jorge. *Subterrâneos da liberdade I: os ásperos tempos*. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- _____. *Subterrâneos da liberdade II: agonias da noite*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- _____. *Subterrâneos da liberdade III: a luz no túnel*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- ARFUCH, Leonor. *Mujeres que Narran: trauma y memoria*. *Labrys, études féministes/ estudos feministas* janvier /décembre 2009 -janeiro/dezembro 2009. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys15/ditadura/leonor.htm>> Acesso em: 20/07/2022.
- AVARIA, Diego. *La vuelta a la democracia en Chile: La contribución de los exiliados*. *Aletheia*, Vol. 5, nº 10, 2015. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.6680/pr.6680.pdf> Acesso em 28/08/2021
- BEJARANO, Alberto. La utopía en la revista bogotana Espiral (1944-1975) de Clemente Airó. *Nómadas (Col)*, núm. 47, 2017, p. 97-106.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras escolhidas (vol. 1). Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRAGA, Ruy; BIANCHI, Alvaro. 1968 e depois: os estudantes e a condição proletária. In: *Outubro*. n. 17, 2018.

BRISOLARA, Valéria. Mobilidade linguística. In: BERND, Zilá (Org.) *Dicionário das Mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 285-300.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CANGI, Ádrian. Imagens do Horror. Paixões tristes. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTILLO, Carmen. *Ligne de fuite*. Paris: Éditions Bernard Barrault, 1988.

_____. *Un Jour d'Octobre à Santiago*. Paris: Éditions Bernard Barrault, 1988.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra, 2001.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.

COELHO, Haydée Ribeiro. Arquivos em diálogo: Nuestra América / Nossa América (Recortes) In: COELHO, Haydée Ribeiro; VIEIRA, Elisa Amorim (org.). *Modos de Arquivo: literatura, crítica, cultura*. Rio de Janeiro: Batel, 2018, p. 167-188.

_____. Interfaces latino-americanas: palavras e intelectuais em trânsito. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 281-297.

_____. Mapa, Memória, Localidade e Arquivo: diálogo latino-americano. *Caligrama*, Belo Horizonte, 13: 95-112, dezembro 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275249037_Mapas_memoria_localidade_e_arquivo_dialogo_latino-americano> Acesso em: 25/05/2022.

_____. O Exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai. *Aletria*. Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>> Acesso em: 01/05/2021

COENGA, Rosemar Eurico. *Infância e Leitura na Memória de Escritores*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

COLLINGWOOD, R.G. *A Ideia de História*. Trad. Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

COSTA, Albertina de Oliveira; MORAES, Maria Teresa Porciuncula; MARZOLA, Norma; LIMA, Valentina da Rocha. *Memórias das Mulheres do Exílio*. Vol 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DANIEL, Herbert. *Alegres e irresponsáveis Abacaxis americanos: imagens dos dias do medo* (dias, aliás, é anagrama de Aids). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

_____. *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro, Codecri, 1982.

_____. *Meu Corpo daria um Romance: narrativa desarmada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

_____. “Le siècle et le pardon”. *Le monde débats*. Paris, dezembro de 1999. Disponível em: <<http://hydra.humanities.uci.edu/derrida/siecle.html>>

DIDI-HUBERMAN, Georges. “Protestation de femmes ou comment soulever le politique”. in: *Ninfa dolorosa*. Paris: Gallimard, 2002, p. 193-238.

_____. *Quand les images prennent position: l’œil de l’histoire*, 1. Paris: Les Éditions de Minuit, 2009.

_____. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUBY, Georges; Guy, Lardreau. *Diálogos sobre a Nova História*. Publicações Dom Quixote, 1989.

ECHEVERRÍA, Mónica; CASTILLO, Carmen. *Santiago-París: el vuelo de la memoria*. Santiago: LOM Ediciones, 2002a.

_____. *Santiago-París: le vol de la mémoire*. Paris: Plon, 2002b.

ECO, Umberto. *Pós-scriptum a o nome da rosa*. Nova Fronteira, 1985.

_____. *A Misteriosa Chama da Rainha Loana: romance ilustrado*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FERNANDES, Florestan. *Brasil, em compasso de espera*. São Paulo: Hucitec, 1980.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A Literatura como Arquivo da Ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

_____. *Conceitos de Literatura e Cultura*. 2 ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

FILHO, Daniel Aarão Reis. Ditadura, Anistia e reconciliação. *Artigos • Estud. hist.* (Rio J.) 23 (45) • Jun 2010 Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/eh/a/gCspSTyRTXfzXMB6mzXND3D/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 16/02/2023.

FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). *O Século XX, o tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

FRANCO, Renato. Literatura e Catástrofe no Brasil: anos 1970. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* Curitiba: a Página, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. *Os Impedimentos da Memória*. *Cultura. Estudos avançados*. 34 (98). Jan-Apr, 2020 Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ea/a/NHCHy6vFnHnBxdP3vnmLZ8v/?lang=pt>> Acesso em 20/02/2021.

_____. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: *Pro-Posições* - vol. 13, n. 3 (39) - set./dez. 2002.

GELADO, Viviana. Arquivo e Memória. In: GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris (org.). *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Editora Letra1, 2017.

GOMES, Mércio. “Fé de Ofício”. In: RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. São Paulo: Siciliano, 1990, p. 221-262.

GREEN, James N. *Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel*. Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Trad. Marília Sette Câmara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

HERRERA, Martha Cecília; BEDOYA, Carol Pertuz. *Kamchatka: Revista de análisis cultural*. 5 JULIO 2015. ISSN: 2340-1869 Págs. 385-410. Disponível em:
<<https://saguntum.uv.es/index.php/kamchatka/article/view/4572/6596>> Acesso em: 15/04/2023.

HIRSCH, Marianne. Family Pictures: Maus, Mourning, and Post-Memory. *Special Issue: The Emotions, Gender, and the Politics of Subjectivity*. Vol. 15, No. 2, 1992, p. 3-29. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41389264>> Acesso em: 11-07-2019.

HOBBSAWM, Erick. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFFMAN, Eva. The New Nomads. In: ACIMAN, André (Ed.). *Letters of Transit*. New York: The New Press, 1999.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

IONTA, Marilda. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mario de Andrade*. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp, 2004.

KRAUSZ, Luís Sérgio. *Bazar Paraná*. São Paulo: Saraiva, 2015.

_____. *Deserto*. São Paulo: Benvirá, 2014.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Irene Ferreira; Bernardo Leitão; Suzana Ferreira Borges. 5 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____. *São Francisco de Assis*. Trad. Marcos de Castro. 10 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2011.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Ana Maria. *Tropical Sol da Liberdade: a história dos anos de repressão e da juventude brasileira pós-64 na visão de uma mulher*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

MARTINS, José Renato Vieira. *Chile*. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

MENDES, Clécio Ferreira. *Ideologia e Poder no Chile: A DINA e a repressão na ditadura do general Augusto Pinochet*. XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social. Anpuh, Natal-RN. 22 a 26 de julho de 2012. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371325378_ARQUIVO_IDEOLOGIA_EPODERNADITADURACHILENAANPUH.pdf> Acesso em 22/09/2022.

MENDES, Ricardo A. S. 40 Anos do 11 de Setembro: o golpe militar no Chile. *Revista Estudos Políticos*. nº 7, 2013.

MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. *Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda, 1983.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MUÑOZ, Heraldo. *A sombra do Ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

NERY, João W. Erro de pessoa: Joana ou João? Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo, Leya, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun ; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho ; posfácio de Antônio Candido. 3 ed. São Paulo: abril Cultural, 1983.

PALADINO, Luiza Mader. O exílio chileno de Mário Pedrosa: Solidariedade, arte popular e vocação comunitária. *MODOS: Revista de História da Arte*, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p.1431, jan.2021. DOI: 1020396/modos.v5i1.8663905. Disponível: em: <<https://>

periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8663905>. Acesso em: 22/12/2022

PECHSTEIN, Israel. *Passagem para o próximo Sonho de Herbert Daniel e seu lugar na literatura brasileira pós-regime militar*. Spanish and Portuguese Review 1, 2015, p. 78-86. Disponível em: <<https://spanportreview.files.wordpress.com/2015/08/spr-2015-pechstein1.pdf>> Acesso em: 28/08/2019.

PIZARRO, Ana. A América Latina como Arquivo Literário: Gabriela Mistral no Brasil. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 352-369.

PENNA, João Camillo. Este Corpo, esta Dor, esta Fome: Notas sobre o Testemunho Hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 297-350.

QUEIROZ, Maria José de. *Os Males da Ausência: ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

QUINTANA, Suely da Fonseca. O Corpo como Arquivo das Repressões. In: COELHO, Haydée Ribeiro; VIEIRA, Elisa Amorim (org.). *Modos de Arquivo: literatura, crítica, cultura*. Rio de Janeiro: Batel, 2018.

RABÊLO, José Maria; RABÊLO, Thereza. *Diáspora: os longos caminhos do exílio*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del Escritor exiliado. *Revista de la Universidad de México*. n. 9 maio, 1978.

REMARQUE, Erich Maria. Nada de Novo no Front. Tradução Helen Rumjanek. Porto Alegre: L&PM, 2018.

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Ensaio Insólitos*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2012.

RICŒUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Trad. Alain François [et. al]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCCA, Pablo. Tempo de Silêncio: notas sobre as letras durante a ditadura uruguaia, 1973-1984. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ROJO, Grínor. *Crítica del exilio: ensayos sobre literatura latino americana actual*. Santiago: Pehuén Editores, 1989.

_____. *Las Novelas de la Dictadura y la postictadura chilena: quince ensayos críticos*. Santiago: LOM ediciones, 2016.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre Raízes e Radares*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

ROOS, Sara. La memoria intergeneracional dialogante en el relato de filiación chileno. *Revista Nuestra América* n° 10. ISSN: 1646-5024 • enero-julio 2016. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6757/1/Nuestra%20america_nr10_7.pdf> Acesso em: 22/04/2023.

ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013.

SCARANO, Laura R. Grínor Rojo: Crítica del exilio, Ensayos sobre literatura latinoamericana actual. *Revista Chilena De Literatura*, (36), 2016. Disponível em: <<https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/40139>>. Acesso em: 22/10/2022

SEGHERS, Ana. *Transit*. Trad. by Margot Bettauer Dembo. New York: The New York Review of Books, 2013.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARLO, Beatriz. *Sujetos y tecnologías*. La novela después de la historia. Punto de Vista, Buenos Aires, n. 86, dic. 2006.

_____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o Autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEGHERS, A. *Em trânsito*. Tradução de Marijane Lisboa. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

SILVA, Leandro Soares da. *A ficção do eu e o outro na literatura da homossexualidade* [manuscrito] / Leandro Soares da Silva. – 2016. 214 f., enc. [tese de doutorado].

SIMÕES, Silvia Sônia. *O Golpe de Estado e a primeira fase da Ditadura militar no Chile*. Espaço Plural, vol. XIII, núm. 27, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944369014>> Acesso em: 21/09/2022.

SOFOCLES. *Édipo Rei - Antígona*. São Paulo: Martin Claret Editora, 2007.

STANGE, Verónica Estay. L'identité narrative en question : les zones paradoxales de l'expérience. In. *Discursos discriminatórios e crise social: rupturas, desvios e desafios de uma semiótica implicada*. Dossiê temático. USP. Vol. 18. n. 3, 2022.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a Survivor's Tale*. New York: Pantheon, 1986.

SWAIN, Tania Navarro. *Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revista "femininas"*. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, 15(3) 2001.

TOLEDO, Caio Navarro. *1964: o golpe contra as reformas e a democracia*. Rev. Bras. Hist. 24 (47), 2004. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rbh/a/YLMc8hZWZfpV4sPzsZFCkq/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 08/01/2023.

UCHÔA, Pedro Celso; RAMOS, Jovelino. *Memórias do Exílio: Brasil 1964-19??*. Vol 1. De muitos caminhos. São Paulo: Editora Arcádia S.A.R.L., 1978.

VARELLA, Raquel; DELLA SANTA, Roberto. O maio de 68 na França - estado e revolução. *Rev. Direito e Práxis.*, Rio de Janeiro, Vol. 9 N. 2, 2018, p. 969-991. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rdp/a/y3Pp9rJwh74HgTVPkxLNpFm/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 18/03/2022.

VINCENT, Gérard. Guerras ditas, Guerras silenciadas e o Enigma identitário. In DUBY, Georges; ARRIÈS, Philippe (org.). *História da Vida privada: da primeira guerra aos nossos dias* 5. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VOLPE, Miriam Lidia. *Geografias de Exílio*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

VOVELLE, M. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, H.; VERBEKE, W. *A morte na Idade Média*. Trad. Heitor Megale. São Paulo: Edusp, 1996, p. 11-26.

ZOLA, Émile. *Germinal*. Collection à tous le vents: La Bibliothèque électronique du Québec. Volume 57: Version 3.0. Disponível em:
<<https://beq.ebooksgratuits.com/vents/zola-13.pdf>> Acesso em: 08/07/2021.